DA MESMA AUTORA DE *SIMPLESMENTE ANA* E *ELA É UMA FERA!*

MARINA CARVALHO



Em vez de fugir das lembranças,
por que não ir atrás delas?

Novas Páginas

Sumário

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Iriri – ES

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Epílogo

Agradecimentos

Notas

MARINA CARVALHO




Novas Páginas

Copyright © 2014 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2014

Produção editorial:
Equipe Novo Conceito
Capa: Diogo Droschi

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

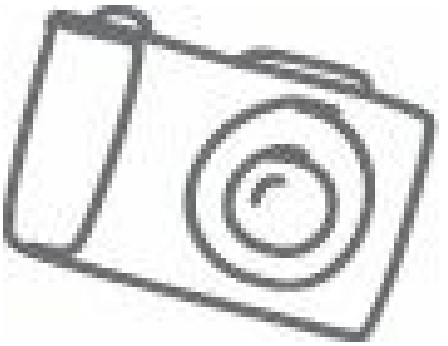
Carvalho Oliveira Rocha, Marina
Azul da cor do mar / Marina Carvalho Oliveira Rocha. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2014.

ISBN 978-85-8163-311-4
1. Ficção brasileira I. Título.

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura brasileira 869.93



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.grupoeditoralnovoconceito.com.br



Iriri – ES

Janeiro de 2001

Todos os anos, no mês de janeiro, minha família e eu passamos duas semanas em Iriri, um distrito litorâneo de Anchieta, no Espírito Santo. Meus avós paternos têm uma casa lá. É sempre muito divertido, porque meus irmãos e eu ficamos por conta do à toa, sem preocupações com escola, falta de segurança ou trânsito. Não temos hora para acordar nem para dormir. Minha mãe nos deixa comer

porcaria à vontade e não regula o tempo que perdemos na frente da televisão.

Passo os dias praticamente só de biquíni, seja na praia ou na piscina de casa. Resumindo: levo a vida que pedi a Deus, sem compromissos e obrigações. E meus irmãos cuidam do meu entretenimento — ou da falta dele. Como meninos e mais velhos, ou implicam comigo incansavelmente ou me deixam participar das brincadeiras só para me fazerem de boba. Se resolvo me rebelar, eles logo dão um jeito de tomar as rédeas da situação de volta.

Sem contar que são tão superprotetores! Mal me deixam andar sozinha e afastam qualquer outro menino que porventura pense em se aproximar de mim. Às vezes é muito ruim ser a única garota numa família de quatro filhos.

No verão de 2001 eu estava prestes a completar onze anos. Muito do que fazíamos antes não me interessava mais, como brincar de pique-bandeira na rua, fazer guerra de travesseiros de madrugada ou dar uma de pirata e sair procurando tesouros de mentira. Ricardo, Augusto e Gustavo tampouco

queriam a minha companhia. Com doze, quatorze e dezesseis anos, os interesses deles eram outros.

Vi as férias passando da janela da casa na praia, sem companheiros nem motivação para sair e procurar algo divertido para fazer. Só ficava lá, olhando o movimento do lado de fora, o vaivém animado das pessoas, que nem sequer pressentiam minha presença atrás da vidraça.

A falta do que fazer, somada à mania de ficar dependurada na janela, me fizeram vê-lo.

No princípio era só um garoto

qualquer, na faixa dos quatorze anos, que passava com sua bicicleta azul e preta, todos os dias, no mesmo horário.

Como ele estava sempre com a cabeça enterrada num boné, eu não conseguia enxergar seu rosto. Tudo o que eu via era um corpo magro, normalmente enfiado numa bermuda larga e numa camiseta sem manga, e mechas de cabelo castanho-claro escapando do boné. Ah! E uma mochila xadrez pendurada nos ombros.

Isso era o que mais chamava a

minha atenção. Eu ficava tentando adivinhar o que ele guardava lá dentro. Como era período de férias, não poderia ser o material escolar.

Quando dei por mim, estava obcecada pela figura do misterioso garoto da mochila xadrez.

Nunca tive oportunidade de falar com ele. Nunca ficamos frente a frente. Primeiro porque ele parecia ser bem mais velho do que eu. Além disso, eu era envergonhada demais para forçar um encontro "inesperado". Sem mencionar meus irmãos. Se eles imaginassem minha

obsessão pelo menino desconhecido, poderiam muito bem me trancar em casa. Eles eram assim. Ainda são, aliás.

No último dia de férias eu saí com minha avó para fazer uma caminhada à beira-mar. Começamos pela Praia da Costa Azul e seguimos pela areia até a Praia dos Namorados. Fazia um pouco de frio, já que o sol não dava as caras havia uma semana e uma garoazinha enjoada insistia em cair.

Caminhávamos em ritmo lento, de mãos dadas, falando pouco. Então

minha avó encontrou uma amiga e parou para conversar. Distraí-me das duas e fui molhar os pés na água. Até que vi o garoto misterioso a poucos metros de distância. Ele estava sentado na areia, olhando fixamente para o horizonte nublado. Parecia perdido em pensamentos.

Meu coração de criança deu um salto no peito, e eu não tive forças para desviar o olhar. Enquanto o observava, ele abriu a mochila e tirou um envelope. Então se levantou, livrou-se da camisa e correu até o mar, sumindo da minha vista com um mergulho.

Prendi a respiração e só notei que fiz isso quando o menino emergiu. Ele balançou a cabeça de um lado para o outro, feito um cachorro tentando se secar, e saiu da água. O envelope havia sumido. Ou ele o perdeu na hora do mergulho ou permitiu que fosse embora com as ondas.

Vestiu a camisa sobre o corpo molhado e pendurou a mochila nos ombros. Foi nesse momento que seus olhos se ergueram e pararam nos meus. Eram azuis. Lindos. Abaixei a cabeça, com o rosto quente de vergonha. Quando voltei a erguê-la,

o garoto da mochila xadrez já havia desaparecido do meu campo de visão.

Nunca mais voltei a vê-lo. Passei outras férias de verão em Iriri, mas jamais o encontrei novamente. Mesmo sem saber quem ele era, vivi os dez anos seguintes com aquela imagem da praia grudada na minha memória. Aquilo me marcou. Muito. Nem eu sei explicar por quê.





Capítulo 1

Um bom texto jornalístico depende, antes de mais nada, de clareza de raciocínio e domínio do idioma. Não há criatividade que possa substituir esses dois requisitos.[1]

Minhas mãos estavam frias e suarentas, como as daquelas pessoas que sofrem de hiperidrose. Mas no meu caso era nervoso puro. Fazia uma hora que eu estava sentada na sala de espera da *Folha de Minas*, o

maior jornal do meu Estado e o terceiro do País. Minha professora de jornalismo investigativo, Sandra Pires, havia agendado uma entrevista de estágio para mim simplesmente com o editor-geral do veículo, um dos caras mais respeitados do meio e mais ou menos endeusado também. Todo mundo queria trabalhar com Maurício Gusmão, mas pouquíssimos alcançavam esse privilégio.

Pelo jeito eu estava prestes a entrar para o seleto grupo de sortudos. Isso porque me dediquei

demais para conseguir a vaga de estagiária, a que quase todos os meus colegas do sétimo período de Jornalismo da PUC-Minas também se candidataram. Se obtive êxito, foi porque sou uma aluna exemplar. Não durmo no ponto nem empurro o curso com a barriga.

Faço o que gosto, contrariando as expectativas da maioria dos membros da minha família. Quando pequena, eu sonhava ser a Fátima Bernardes. Enquanto minhas amigas brincavam de casinha ou de professora, eu montava uma bancada com o aparador da sala de jantar e

colocava um dos meus irmãos para filmar minha performance como âncora de telejornal. Tenho os vídeos guardados até hoje.

Na quarta série do ensino fundamental, fundei um jornalzinho na escola. Eu era editora, repórter, fotógrafa, redatora, enfim, participava de todas as etapas do processo. Os assuntos variavam desde a divulgação de um ranking dos garotos mais bonitos do colégio até denúncias sobre a escassa variedade dos lanches da cantina. O jornal foi extinto quando passei para

o turno da manhã, ou seja, no ano seguinte.

Descobri que queria ser jornalista aos treze anos. No começo meu pai achava engraçado e dizia que eu acabaria mudando de ideia quando ficasse mais velha. Só que eu não mudei, meu pai parou de achar graça e tentou me convencer a escolher outra profissão.

— Você vai passar a vida cuspindo para o alto — profetizava ele, referindo-se à dura realidade dos profissionais da área de comunicação: normalmente são mal

remunerados e trabalham demais.

Mas eu não dei ouvidos. Ser jornalista, para mim, transcendia remuneração e reconhecimento. Era questão de escutar o chamado da minha vocação. Passei de primeira no vestibular, com uma colocação de respeito — segundo lugar —, mas nem isso animou meu pai. Enquanto meus irmãos procuraram carreiras sólidas — Gustavo fez medicina; Augusto é engenheiro; Ricardo, advogado —, resolvi trilhar um caminho mais arenoso. Resultado: de queridinha do papai, passei a filha rebelde.

Mas ele estava enganado. Meu único ato de rebeldia foi ter escolhido um curso inadequado (na concepção deturpada da minha família). Sou uma garota que anda nos trilhos. Meus professores não têm sequer uma reclamação sobre mim. Faço tudo o que mandam. Não é à toa que passei fácil pelo processo seletivo para a vaga de estagiária na *Folha de Minas*. Bom, pelo menos pelo processo no âmbito da universidade: ainda faltava a palavra final do tal Maurício Gusmão, que me deu um chá de cadeira naquela sala de espera

tumultuada. Se a recepcionista me lançasse mais um sorriso amarelo, como que se desculpando pelo patrão, juro que eu perderia a paciência. Uma hora é tempo demais.

— Ofélia, avisa o Maurício que estou entrando.

Meus olhos saltaram do caderno de moda da edição mais recente do jornal e se depararam com um homem vestido de um jeito descolado tentando furar a fila. De repente, senti o rosto arder de raiva. Só porque ainda não era formada eu

tinha que ser tratada como produto de quinta categoria?

Mas Ofélia apontou o indicador na minha direção e esclareceu:

— Já faz uma hora que a garota aqui está aguardando o doutor Maurício. E ele está numa reunião. Não posso deixá-lo entrar agora.

Suspirei de alívio. Por um momento, pensei que o cara passaria na minha frente.

Então ele se virou para mim e deu um meio sorriso, compreendendo a situação.

— Desculpe — disse. — Não tinha visto você.

— Tudo bem — respondi, sem muita convicção.

— Sou Marcelo Novais, editor de esportes.

Ele estendeu a mão e eu aceitei o gesto.

— Rafaela.

Nossas mãos se balançaram no ar por uns segundos enquanto nos estudávamos mutuamente. Ele era um bonito exemplar do sexo masculino, não pude deixar de notar:

alto, esbelto, cabelos loiros e olhos azuis.

— Candidata a estagiária — completei, procurando esconder minha admiração pelo físico do rapaz.

O sorriso dele se alargou.

— Jura? Então você deve ser uma daquelas alunas.

— Daquelas...? — perguntei, com as sobrancelhas levantadas.

— Peixinho de professor.

— Sou apenas uma aluna

dedicada — retruquei.

— É claro. Fazer estágio aqui é privilégio para poucos. Eu mesmo nunca consegui. Onde você estuda?

Aquela conversa estava se tornando um pouquinho irritante demais para o meu gosto, porque parecia que o tal Marcelo Novais queria tirar uma com a minha cara. Ou isso ou meus nervos me levaram a pensar assim.

— PUC — eu disse, sem entusiasmo.

— Também me formei lá. Turma

de 2008. Mas acho que não chegamos a ser contemporâneos. Senão eu me lembraria.

— É. Eu entrei em 2009 — revelei.

Baixei os olhos e consultei o relógio. Quase uma hora e meia! Aquilo não era possível.

De repente, a porta do escritório do editor-chefe foi aberta e um trio engravatado saiu de lá, com uma expressão mais que satisfeita no olhar.

Empertiguei-me na cadeira e senti

o coração ribombar dentro do peito. Eu estava prestes a ter a chance da minha vida.

— Pode ir tranquila. — Levei o maior susto quando ouvi o conselho de Marcelo, pois já tinha me esquecido da presença dele ali. — Ele é gente boa.

Concordei, sem saber muito bem por quê.

Ofélia me anunciou pelo telefone e fez sinal para eu entrar. Eu já estava quase na porta quando Marcelo me chamou:

— Qual é a possibilidade de você ir para a editoria de esportes?

— Nenhuma — respondi, meio ofegante. — Se tudo der certo, devo ficar com o pessoal do jornalismo investigativo.

Com uma careta de escárnio e uma frase que mais parecia uma profecia de mau agouro, Marcelo encerrou a conversa:

— Boa sorte, então.



— Seu currículo é

impressionante.

Maurício Gusmão, à primeira vista, era um cara intimidador. Do alto de seus quase dois metros de altura, ele podia reduzir um homem a poeira somente com o olhar. Sua expressão era dura, algo que só as pessoas muito confiantes conseguiam manter. De terno e gravata — e com uma barriga protuberante —, exibia a imagem de um executivo de sucesso.

Comecei a tremer ao olhá-lo. Meus vinte e um anos não me ensinaram a lidar com gente

poderosa. E se ele risse na minha cara e pedisse para eu cair fora e voltar para os bancos da universidade? Ou se dissesse que eu não servia nem para trabalhar como garota de recados?

— Você escreve para o jornal *O Marco* — observou ele, atento às informações do meu currículo.

— Escrevia — corrigi. — Para concorrer à vaga de estagiária aqui n a *Folha de Minas* eu tive que largar.

Minha voz saiu meio entrecortada, tamanha a minha insegurança.

Normalmente não sou uma pessoa de baixa autoestima. Mas aquela situação estava acabando com meus nervos.

Maurício Gusmão balançou a cabeça, sem tirar os olhos do papel.

— A Sandra Pires me enviou algumas reportagens que você escreveu — comentou ele, enquanto corrigia a posição dos óculos sobre o nariz. — Gostei muito daquela sobre as garotas de programa da Avenida Afonso Pena.

Sorri, começando a ficar mais relaxada.

— Notei que seu foco é no jornalismo investigativo. Algum motivo especial?

Respirei fundo para esclarecer, tentando me lembrar da resposta que eu havia preparado, pois já esperava essa pergunta.

— Sim. Apesar de ter tido contato com outras áreas, eu prefiro escrever sobre assuntos que envolvam um pouco de mistério, que exijam a análise minuciosa dos fatos. Gosto de estudar os ângulos da história até elucidar a verdade.

Calei-me assim que percebi que

meu discurso saiu técnico demais, como se eu tivesse acabado de ler a resposta em uma enciclopédia.

— Entendo. — Maurício Gusmão aquiesceu, um minúsculo sorriso emergindo num dos cantos da boca. Claro que ele notou minha calculada intenção de acertar, de ser precisa. — E acho bom que você seja tão bem-disposta, porque, diferentemente do que vemos por aí, estagiário aqui no jornal trabalha com vontade. E aprende.

Será que ele quis dizer que a vaga era minha?

— Estagiário da *Folha de Minas* vai para a rua, pergunta, escreve, participa de reunião de pauta, rala pra caramba. — Ele fez uma pausa. — Só não ganha como profissional. Mas se torna um profissional, de todo modo.

Eu ainda estava sem palavras, mal acreditando na minha sorte.

— Você está disposta a dar seu sangue pelo jornal? — indagou.

— Claro. Sim. Com certeza.

— Quanta convicção! — Ele riu, tirando o telefone da base e teclando

um número. — Ofélia, chama o Bernardo para mim.

Maurício Gusmão retirou os óculos do rosto e devolveu meu currículo.

— Bom, vou te enviar para a editoria de jornalismo investigativo. Sua professora me mata se eu não fizer isso. Sabia que ela é sua fã?

— Ela deve ter exagerado — justifiquei, com o coração na garganta.

— Isso nós vamos ver na prática. A editoria é pequena, mas hoje eu

posso me gabar por ter o melhor jornalista da área trabalhando aqui. Vou te colocar colada nele, seguindo todos os seus passos. Tenho certeza de que será uma experiência e tanto para você. Vou providenciar uma mesa ao lado da dele, com computador, telefone e tudo mais.

— Puxa, doutor Maurício, muito obrigada mesmo. Esta oportunidade é muito maior do que eu esperava. Nem sei como agradecer.

Ele balançou uma mão no ar.

— Agradeça trabalhando bastante. Como eu disse, dando o

seu sangue.

— Claro. Nossa!

Eu sabia que um dia seria recompensada por ter me dedicado tanto ao curso. Sabia que as horas de estudo tinham que gerar um resultado. Ser estagiária do maior jornal de *Minas Gerais* não era para qualquer um, não.

Meus pensamentos extasiados foram interrompidos por uma porta aberta de forma violenta e pela entrada de um furacão em forma de homem.

— Mandou me chamar, Maurício? — O cara se dirigiu diretamente ao editor-chefe do jornal, sem nem sequer notar minha presença. — Vai ter que ser rápido. Estou no meio de uma matéria. E vou sair daqui a pouco. Consegui uma entrevista exclusiva com a mulher do traficante.

— Boa tarde para você também, Bernardo — disse o editor, cheio de ironia. — Senta aí.

Com cara de contrariado, ele se jogou na cadeira de couro preto, bem ao meu lado. Nem assim olhou

para mim.

— Conhece a Rafaela Vilas Boas?

— Não — ele respondeu secamente. Só depois se virou para mim. — Você?

Fiz que sim com a cabeça, sentindo-me mais intimidada por ele do que pelo próprio Maurício Gusmão no início da nossa conversa. Também, né, as atitudes do tal Bernardo não sugeriam que ele fosse um sujeito muito amistoso.

— A Rafaela vai fazer um estágio

na *Folha*, mais especificamente na sua editoria.

Céus! Seria ele o cara em quem eu teria que ficar colada?

— Sei. — Ele balançou a cabeça. — Estamos precisando mesmo de alguém para servir o cafezinho.

A risada que Bernardo soltou em seguida saiu com uma dose mortal de ironia, e eu tive vontade de me levantar e sair. Odeio pessoas arrogantes.

— Escuta, Bernardo — Maurício Gusmão estava prestes a começar

uma bronca que eu desejava muito escutar —, pode parar com as brincadeirinhas. O assunto aqui é sério e eu exijo que você se comporte. Pelo que me consta, até bem pouco tempo atrás você também trabalhava como estagiário e acredito que não chegou nem perto de servir cafezinho.

Boa, Maurício!

— Acontece que a Rafaela foi indicada por uma professora muito respeitada, além de ser uma amiga pessoal — continuou ele, exaltado. — E, por confiar no julgamento

dela, acredito que o jornal não só oferecerá uma oportunidade para a garota aqui, mas também terá muito a ganhar com a qualidade dos textos dela, o que eu mesmo pude atestar.

Bernardo voltou a olhar para mim, agora com mais atenção. Ainda assim, sem um pingo de simpatia. Reparei, mesmo naquele momento tenso, que os olhos dele eram azuis — um azul meio acinzentado, emoldurado por cílios escuros. Seriam bonitos se o dono deles não fosse tão mal-educado.

— Está certo, Maurício. Já

entendi. Parabéns pela aquisição. Mas não saquei onde entro nessa história. O editor da área não sou eu, está lembrado? Não posso arranjar uma função para ela.

A palavra *ela* foi dita com um leve tom de desdém.

Maurício Gusmão riu e soltou a bomba de uma vez:

— É verdade. Você não é o editor. Porém, é o melhor repórter investigativo que conheço, o cara certo para orientar a Rafaela, ensinar as particularidades da profissão, na prática mesmo. Por

isso eu decidi implantar uma nova metodologia de estágio aqui no jornal.

Bernardo, pela primeira vez, ficou mudo, aguardando atentamente a conclusão do raciocínio do chefe.

— A Rafaela vai ser uma espécie de sombra sua. Aonde você for, ela vai junto. Quero que ela sinta a prática investigativa através de alguém como você, inquieto, questionador, cabeça-dura.

De todas as coisas que Bernardo podia fazer, nunca imaginei que ele cairia na gargalhada. Assim que

Maurício Gusmão terminou de falar, o cara até se dobrou de tanto rir, como se tivesse escutado a piada mais cabeluda do mundo.

Fiquei encolhida na cadeira, morrendo de medo de ser atacada por aquele ser desvairado.

— Você só pode estar brincando — disse ele, enxugando as lágrimas nos cantos dos olhos.

— Não mesmo. E, se eu tivesse um pouquinho mais de juízo, te daria uma advertência por desrespeito. Nunca falei tão sério, e exijo que você tenha compostura e acate minha

decisão.

O chefão do jornal usou tanto as palavras como a linguagem não verbal para expor sua contrariedade.

Eu começava a me arrepender de ter me candidatado ao processo seletivo para estagiária. Talvez pleitear uma vaga num jornalzinho de bairro fosse mais saudável.

— Maurício — Bernardo falou bem devagar, tentando segurar as emoções —, você me conhece. Não nasci para ensinar, mas para fazer. Como acha que vou dar conta do meu trabalho com essa... garota na

minha cola?

Senti o sangue subir até meu rosto, não por vergonha, mas pela raiva que me atacou de repente. Agora era eu quem não queria trabalhar com aquele ego inflado ambulante.

Levantei-me de supetão, pendurei a bolsa de couro no ombro, ajeitei a camisa e abri a boca para me manifestar. Queria gritar umas verdades para o tal Bernardo, mas só consegui dizer:

— Olha, doutor Maurício, não tem problema. Melhor deixar pra lá.

Na mesma hora, os ombros largos do reporterzinho de meia-tigela relaxaram, indicando o tamanho do alívio que sentiu. No entanto, o editor-chefe fez um gesto brusco para que eu me sentasse novamente e esbravejou:

— Deixar pra lá coisa nenhuma! Bernardo, você está avisado. A Rafaela começa o estágio na segunda-feira e encontrará uma mesa ao lado da sua. E o senhor vai recebê-la de braços abertos e também vai carregá-la para onde a notícia te levar. Vai ser educado, elegante e solícito. E, caso resolva

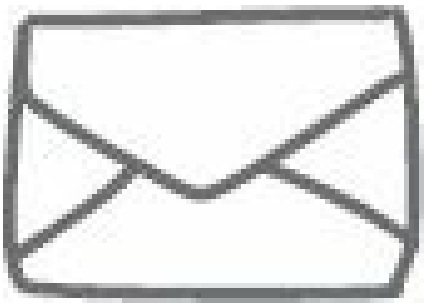
descumprir minhas ordens, acredito que a editoria de classificados vai adorar ganhar um colega novo.

Dito isso, Maurício Gusmão nos dispensou sem delongas, e tudo o que pude fazer foi apertar o passo para dar o fora daquele escritório antes que eu fosse atacada por novas ofensas do Bernardo.

Na sala de espera, enquanto Ofélia nos encarava com dois olhos esbugalhados — deve ter escutado as vozes alteradas —, Bernardo me alcançou e deu seu aviso final, segurando meu braço de um jeito um

tanto quanto rude:

— Reze para ser eficiente. Caso contrário, vai se arrepender de ter escolhido o curso de jornalismo.



Capítulo 2

Deve ser um texto claro e direto.
Deve desenvolver-se por meio de encadeamentos lógicos.
Deve ser exato e conciso.

Assim que deixei a sala de espera do jornal e atravessei a redação, Marcelo Novais, o outro jornalista — bem mais amistoso, por sinal —, apareceu e me parou no meio do caminho, querendo notícias sobre a minha contratação. Pena que eu não

estava com a menor disposição para conversar; até que ele é bem bonitinho e simpático.

Eu disse que tinha dado tudo certo e que começaria na segunda-feira. Mas não entrei em detalhes. Quanto menos chances eu tivesse de rever o candidato a troglodita do ano, melhor.

Cheguei em casa com o humor destruído. Se antes considerava um sonho fazer parte da equipe de jornalistas da *Folha de Minas*, mesmo como estagiária, naquele instante eu estava morrendo de

arrependimento. Como conseguiria passar quatro horas dos meus dias ouvindo desaforos de Bernardo Venturini, o bambambã do jornalismo investigativo?

Arrastei-me até o sofá da sala e me joguei com tudo, louca para fechar os olhos e relaxar. Só percebi que minha intenção era vã ao ouvir meus irmãos tentando se virar na cozinha. É. Eu moro com eles; digo, com Ricardo e Augusto, pois Gustavo se desgarrou cedo e trabalha em São Paulo, onde divide o apartamento com a namorada.

Sou obrigada a aguentar sozinha não apenas o humor medonho daqueles dois, como também a propensão que eles têm ao caos. Sim, porque nossos pais moram em nossa cidade natal, São Pedro dos Ferros, e ficam a uns bons quilômetros de distância da bagunça que a dupla costuma deixar pela casa. Normalmente sobra para mim a parte da organização, caso queira ter uma vida minimamente saudável.

— Ei, Rafa, você chegou na hora certa. — Ricardo apareceu com um pano de prato pendurado no ombro, exibindo um sorriso cheio de

significado. — Acabamos de fazer o jantar.

— Logo, a cozinha é minha, né? — concluí, mais morta do que viva. — Sendo assim, prefiro não comer.

O sorriso se desfez, e uma ruga apareceu no meio da testa morena do meu irmão. Já contei como os três me tratam como bebê? Pois é. Sou praticamente a Escrava Isaura deles, mas, ainda assim, a irmãzinha caçula frágil e desamparada. Como eu gostaria que tivessem arrumado emprego em outro Estado! Por que Gustavo não carregou os dois com

ele?

— O que aconteceu? — Ricardo quis saber, já armando uma carranca que dizia: "Quem ousou se meter com a minha irmã?". — Peraí! Não me diga que não conseguiu o estágio. Puxa, Rafa, eu sinto muito. Você queria tanto, estava tão confiante...

Suspirei. Antes eu não tivesse conseguido mesmo.

— Ricardo, eu consegui, ok?

— Bom, então não estou entendendo. Faz três semanas que você só fala nisso, e agora chega em

casa com essa cara? Mudou de ideia?

Céus, eu não queria relembrar o ocorrido em voz alta. Tudo era tão ridículo que parecia surreal. Eu já soube de gente que fura o olho do colega no trabalho, mas se negar a trabalhar junto era um fato inédito.

— É só que... — comecei, meio sem coragem. — Nem todo mundo ficou feliz com minha contratação.

Meu irmão soltou um riso desdenhoso e relaxou os ombros.

— É claro que não. A sua sala

inteira deve estar com vontade de te matar, inclusive aquelas suas amigas sem noção.

— As meninas não são sem noção — retruquei. — E não estou falando disso.

Já meio sem paciência, Ricardo puxou o pano de prato do ombro e começou a se esquivar. Considerando a atenção desfocada dos assuntos de natureza feminina, ou seja, de tudo o que não se referisse a futebol e à anatomia das mulheres, até que nosso diálogo estava durando demais.

Normalmente eu morro de raiva quando ele foge, mas fiquei agradecida naquele momento.

— Entendo, maninha. Você só está ansiosa. Nada que um banho e um filminho água com açúcar não resolvam. E, se quiser, tem uma pizza de calabresa prestes a sair do forno; isto é, se o Augusto não tiver feito uma das suas costumeiras besteiras.

— A pizza eu passo. Quanto ao banho... — eu disse, obrigando meu corpo esgotado a se arrastar até o quarto.

Apesar de ser a “bendito é o fruto” da casa, tive a sorte de conquistar a única suíte do apartamento. Eu não me sentiria à vontade tendo que descartar embalagens de absorventes íntimos na mesma lixeira dos meus irmãos.

Relaxei por meia hora debaixo da ducha e me enfiei num roupão felpudo depois. Embora fosse sexta à noite, para mim a única imagem da diversão era me colocar de frente para o notebook e dar continuidade a um hobby que eu cultivava desde os dez anos de idade: escrever.

Desde aqueles tempos, meus textos giram em torno de um mesmo tema: o garoto da mochila xadrez que encontrei em Iriri. A cada nova página que adiciono ao meu arquivo, dou uma interpretação diferente para a história dele. Invento um enredo conforme meu humor ou meu estado de espírito. Não sei como ainda consigo ter ideias originais; sempre acho que explorei todas as possibilidades.

Mas, ao ficar diante do computador, sei lá, por mais incrível que pareça, ainda consigo ter criatividade suficiente para pensar

em um relato inédito.

Depois do dia estressante que tive e do encontro com dois carinhas que, por coincidência, têm olhos azuis, a mesma cor dos do menino do meu passado, eu sabia exatamente sobre o quê deveria escrever. Então me deixei levar.

Naquela manhã chuvosa de verão, faltando pouco para eu voltar para a minha vida normal — escola, rotina, mesmice —, eu só conseguia pensar no azul dos olhos do garoto. Gostaria que ele tivesse um nome. Quero dizer, claro

que ele tinha, mas seria mais fácil se eu soubesse; mais pessoal.

Eu poderia inventar, dar a ele apelidos, porém estaria apenas substituindo um pneu de fábrica por sobressalentes de péssima qualidade. A analogia com carros pode ser fraca, mas serve. Um nome ao léu com certeza desvirtuaria a imagem que guardo dele.

Então, para mim, ele é só o garoto, ou, quando muito, o garoto da mochila xadrez, que, ao encontrar seu olhar com o meu, encheu meu coração de algo inominável.

A versão de hoje da minha história me ocorreu de repente. Acho que as emoções conflitantes serviram de inspiração. Pelo menos isso...

Depois que o garoto saiu do mar, sem o papel que segurava antes, em vez de desaparecer de súbito, ele caminhou na minha direção. Meu coração começou a bombear sangue de maneira frenética, e eu quase desisti de ficar parada ali, sob os chuviscos. Quase. Porque continuei exatamente onde estava, curiosa, excitada com a perspectiva de falar com ele.

Seus passos eram lentos

como os de um felino à espreita de sua presa. Lindo. Como eu, uma garotinha que nem tinha completado onze anos, poderia se sentir tão atraída por um menino? Acontece que, naquela época, meu interesse pelo garoto não tinha nada a ver com paixão ou coisa do tipo; tratava-se de um interesse pela vida dele, pelo mistério e tristeza que emanavam de seus olhos azuis, da sua solidão.

Eu queria me juntar a ele e compartilhar suas aflições. Dizer que podia confiar em mim e passar o resto dos meus dias de férias com ele, dividindo segredos, inventando

brincadeiras.

Impossível, eu sei. Eu era uma criança; ele, um adolescente que provavelmente tinha intenções muito diferentes das minhas.

Mas o garoto estava se aproximando. Ele, seus olhos azuis e seus mistérios.



Apesar dos meus textos sentimentaloides, não sou dada a fazer drama. Posso ser chamada de tudo, menos de dramática. Quem não me conhece direito costuma dizer que sou fria. Mas não se trata disso.

Eu gosto de guardar meus sentimentos comigo mesma para que não ganhem dimensões avantajadas.

Por isso, também sou conhecida como uma pessoa prática, racional e um tanto realista — embora goste de pensar que estou mais para otimista. Enquanto minhas amigas se descabelam por qualquer bobagem, eu apenas abano as mãos e digo que tudo vai se resolver. Devo esse meu jeito aos meus irmãos. De tanto ser o saco de pancadas deles, aprendi a me virar bem.

Portanto, na segunda-feira, depois

de passar o fim de semana inteiro repetindo para mim mesma que Bernardo Venturini pegaria leve comigo, cheguei ao jornal com a motivação renovada. De manhã fui à faculdade e recebi abraços e parabéns animados dos meus colegas, contentes por eu ter conseguido o estágio — bem, pelo menos eles demonstraram isso.

As aulas passaram numa boa, até porque, durante a maior parte delas, fiquei recebendo torpedos das minhas amigas, cada um mais indecente do que o outro. Acho que elas queriam me fazer cair em

desgraça diante de meus professores caso eles me pegassem lendo mensagens durante as aulas. Traidoras.

Aliás, as "traidoras" resumem-se a três amigas do peito, as quais fui conhecendo ao longo da minha vida escolar: Alice (estudou comigo desde o maternal e agora faz direito na UFMG), Gisele (conheci-a quando me mudei para Belo Horizonte, pois cursamos o terceiro ano do ensino médio juntas; ela está na minha sala do curso de jornalismo) e Sofia (mora no mesmo prédio que eu e se forma em

arquitetura no final do ano). Somos um grupo unido, mais por causa de nossas diferenças do que das semelhanças. Alice é toda séria, culta, intelectual. A gente vive pegando no pé dela, só para vê-la descer do salto. Gisele adora confusão, em todos os sentidos. A palavra *serenidade* não faz parte de seu vocabulário. Sofia é doce, meiga, sensível. Acumula todos os problemas do mundo nas costas. Não sei como aguenta. E eu sou o motivo dessa união eclética, aquela que integra, que ouve o chororô de todas, dá conselhos e não se

enverga.

Sinto-me privilegiada por fazer parte desse quarteto, exceto quando elas me tiram do sério, ou seja, quase sempre. Como mais cedo, no estacionamento da faculdade, quando eu estava prestes a sair.

— Rafa, estou muito feliz por você — disse Gisele, entrando no carro que herdei do Gustavo. — Mas será que dá para ficar amiga de uns gatinhos lá da redação? Por mim e por você?

Respirei fundo, pedindo a Deus para me dar paciência.

— Caso você não tenha reparado, meu único interesse no jornal é o estágio.

— Claro, claro. Como sempre. — Bufou ela, puxando um espelhinho da bolsa para verificar o batom. — Mas sempre é possível unir o útil ao agradável.

Suspirei. Assim é a Gisele. Um amor de pessoa, mas completamente fútil, na maioria das vezes.

Mesmo assim, com todo o seu falatório desde o estacionamento da PUC até a Avenida do Contorno, onde a deixei, consegui chegar à

redação do jornal *Folha de Minas* com o ânimo borbulhando. Não que eu nunca tivesse feito estágio na vida. Antes de trabalhar no jornal *O Marco*, do departamento de comunicação da PUC, fiquei seis meses numa empresa de assessoria de comunicação, redigindo, durante a maior parte do tempo, textos institucionais para empresas clientes. Porém nada supera o privilégio de fazer parte da equipe da *Folha de Minas*.

Primeiro passei na recepção e me anunciei. A moça me deu uma olhada por cima e me entregou um

crachá de visitante. Exibi um sorriso amarelo e expliquei que, na verdade, eu estava ali para o estágio.

— Certo, mas infelizmente vai ter que usar este por enquanto. Não temos um crachá exclusivo para estagiários.

Franzi a testa, mas acabei prendendo o cartão plástico na camisa.

— Que tal anunciar minha chegada, então? — sugeri com jeitinho, porém louca para socar a cara daquela recepcionista mal-humorada.

— E a quem eu deveria? — perguntou ela, revirando os olhos.

— Provavelmente ao editor de jornalismo investigativo.

E foi o que ela fez. Mal e porcamente, a moça digitou um número e resmungou qualquer coisa no intercomunicador, algo ininteligível. Um jornal daquele porte não podia ter uma funcionária como aquela na sua porta de entrada. Pega mal demais.

Depois de anunciada, segui sozinha rumo ao meu destino, passando por infinitas mesas e

repartições sem nem sequer ser notada. Fui me guiando por instinto, tentando enxergar ou o *agradável* do Bernardo Venturini ou alguém segurando uma plaquinha com os dizeres "Rafaela Vilas Boas", como nos aeroportos.

Acabei esbarrando no Marcelo Novais, o gatinho da editoria de esportes. Considerei o encontro um indicativo de boa sorte.

— Oi! — ele disse, amistoso. — Bom ver você, visitante.

O olhar dele parou em cima do crachá, o que o fez balançar a

cabeça de um lado para o outro, como se tivesse ficado contrariado de repente.

Toquei o cartão e dei um sorriso amarelo.

— Obrigada. Acabei de chegar e estou à procura do pessoal do investigativo. A recepcionista me indicou o caminho, mas acho que estou meio perdida.

— Totalmente. Sua editoria fica do outro lado. — Marcelo apontou a direção com o indicador. Mal me contendo de ansiedade, dei uns dois passos no sentido indicado.

— Calma. Eu levo você até lá. — Ofereceu ele, sempre simpático. — Até porque seus novos colegas de editoria são meio estressados. É melhor me usar como escudo. Já estou acostumado.

Encolhi os ombros diante da cena que vislumbrei: eu, isolada no meio de um monte de neuróticos prestes a me comer viva.

— Ei, é brincadeira. Relaxa. Você vai se divertir, no mínimo.

Eu não tinha muita certeza quanto a isso; não depois de conhecer Bernardo Venturini dias antes.

Caminhamos lado a lado, eu concentrada para decorar o caminho. Tarefa difícil, visto que o apelido "Radar de Rolinha", que recebi do meu pai, não surgiu do nada — as rolinhas são pássaros conhecidos pela falta de instinto de direção.

— Já conheceu a Lu? — Marcelo quis saber assim que paramos diante de uma porta fechada.

Só mexi a cabeça, negando.

— Ela será a sua editora. Vamos lá falar com ela.

Sem aviso prévio, o repórter

gatinho girou a maçaneta e foi entrando, como se fosse o dono do pedaço. Uma mulher jovem, bonita, surgiu de trás de um notebook, onde ela digitava algo com muita concentração. Fiquei com vergonha pela nossa interrupção.

— Marcelo, o que... Ah, você deve ser a Rafaela Vilas Boas, certo?

— Sim. Desculpe por termos entrado sem avisar — eu disse, com o rosto vermelho de constrangimento.

— Que nada! Sem problemas. A

Telma já havia dito que você estava a caminho.

Ela se levantou, revelando um corpo um pouco acima do peso, mas vestido com muita elegância.

— Sou Luciana Figueiredo, mas todos por aqui me chamam de Lu.

Trocamos um aperto de mão enquanto Marcelo se despedia, combinando me procurar mais tarde para saber como havia sido meu primeiro dia — um fofo.

— O Maurício já me deixou a par de tudo — garantiu a editora,

guiando-me até uma cadeira de frente para a sua mesa. — Confesso que ele me deixou empolgada com o projeto.

— Pro-projeto? — gaguejei, não compreendendo a que ela se referia.

— Sim, seu trabalho como sombra do Bernardo Venturini. Achei a ideia brilhante, não apenas porque é uma atividade inédita no nosso jornal, mas principalmente porque pode dar uma oxigenada na nossa editoria.

— Como assim uma oxigenada? De acordo com o Maurício Gusmão,

eu devo seguir o Bernardo por toda e qualquer parte. Mas acho que não devo interferir em nada. Devo?

Luciana abriu um largo sorriso enquanto ajeitava os óculos de grau no rosto.

— Rafa... Posso te chamar assim? — indagou.

— Claro.

— Ótimo. Bom, li seus textos e garanto que você escreve muito bem. Nossa editoria é formada por profissionais excelentes, mas também é caracterizada por uma

visão um tanto masculina demais. Todos os nossos repórteres são homens, e eu sinto falta, assim como o Maurício, de um toque feminino nas reportagens. Depois que analisei suas matérias, percebi que deixar você escrever poder ser um passo importante para nós.

— Entendo, Luciana. E, veja bem, não estou questionando meu programa de estágio, mas não é mais simples e seguro contratar uma jornalista já formada e com experiência?

— Sim, é claro. Por outro lado,

também é interessante investir na formação de uma futura profissional, desatrelada de vícios e influências adquiridos com a prática — argumentou Luciana, muito segura da opção que fizeram quanto a mim. — Espero que você esteja preparada para ralar.

Fiquei pensando se aquilo não era meio ilegal, se não consistia em uso de mão de obra barata. Afinal, eu ia trabalhar como profissional, mas com salário de estagiária.

Parece que Luciana Figueiredo teve o mesmo pensamento, pois

tratou de justificar:

— E não pense que vamos explorar você, Rafa, pois, além da carga horária reduzida, você terá direito a todos os benefícios dos funcionários, inclusive seguro de vida e plano de saúde. E, caso seus textos cheguem a ser publicados, você receberá os créditos. Parece bom?

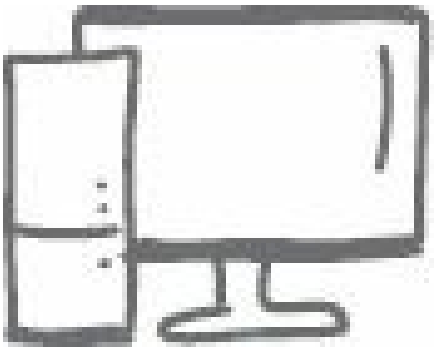
— Parece ótimo... — Suspirei aliviada. Aquela era ou não era uma oportunidade de ouro?

— Então venha conhecer a equipe. Preparamos um cantinho

especial para você.

Antes de sairmos da sala, ela completou:

— E hoje ainda te mando um crachá novo. Um absurdo desfilar por aí como visitante. Esse pessoal do RH...



Capítulo 3

Deve estar redigido em nível intermediário, ou seja, utilizar-se das formas mais simples admitidas pela norma culta da língua.

Toda redação é igual no que se refere à cacofonia das vozes que preenchem o ambiente. Como a notícia não para jamais, é impossível passar o dia na calmaria.

Na *Folha de Minas* não poderia ser diferente. Entretanto, o caos,

naquele contexto, tornava tudo perfeito, vivo, como um gigantesco coração pulsante. Adrenalina pura.

Aproximamo-nos de um grupo de pessoas, que pararam o que faziam quando viram Luciana.

— Pessoal, me dê um instante aqui.

Eram quatro homens, de idades variadas, que reagiram com respeito ao pedido da editora. Mas entre eles não havia nem sinal de Bernardo Venturini.

— Como comentei hoje de manhã,

durante a reunião de pauta, a Rafaela aqui vai trabalhar conosco por um período.

Todos sorriram para mim, e eu acenei de volta.

Ela nos apresentou formalmente, explicou minha função como estagiária e perguntou por Bernardo.

Um dos jornalistas, o de aparência mais velha, foi quem respondeu, com uma expressão entre divertida e crítica:

— Sumiu sem dar notícias já faz um tempo.

Luciana soltou um muxoxo irritado, pegando o celular do bolso em seguida, mas não antes de pedir que um dos rapazes me mostrasse a mesa onde eu trabalharia.

Parei diante de uma estação de trabalho do tipo baia, ou seja, rodeada por divisórias de fórmica que separavam as mesas umas das outras.

— Você vai ficar aqui — informou Fernando, um repórter de meia-idade com cara de intelectual. — Bem na frente do seu mentor.

— Maravilhoso — murmurei.

— Exatamente. Mas não se preocupe. No início ele é meio grosso. Depois piora.

Rimos juntos.

— Qual é o problema dele? — questionei.

— Bom, pena que não tenho tempo para relacionar todos. Mas digamos que o Bernardo prefere trabalhar sozinho. Ou talvez tenha alergia a mulheres bonitas — completou ele, lançando-me um olhar significativo.

Claro que foi uma piada, para

descontrair o clima tenso. Não que eu seja uma pessoa feia, até porque gosto bastante de me arrumar. Adoro andar na moda e nunca tiro o salto. Aprendi a ser vaidosa por insistência da minha mãe. Ela temia que eu acabasse adquirindo o jeito dos meus irmãos e me tornasse uma garota masculinizada. Resultado: não saio de casa sem dar uma boa caprichada no visual, seja para trabalhar, ir a festas ou me exercitar. Mas deixo claro que não sou fútil. Nadinha.

Espichei o pescoço para espiar a mesa do Bernardo e constatei de

imediato que ele não era muito fã de uma boa organização. Entre papéis e post-its colados por toda parte, habitavam canetas, fotos, porta-trecos, bibelôs de time de futebol e mais um monte de tranqueiras indefinidas.

— Muito organizado o amigo de vocês — observei, sem me dirigir diretamente a ninguém.

Então ele apareceu, assim, do nada, materializando-se na minha frente bem na hora em que eu tirava uma com a cara dele. Que senso de oportunidade!

— Que tal essa ser sua primeira tarefa? — Bernardo apontou para a mesa, deixando clara sua intenção.

Franzi a testa para ele, desejando que uma coisa bem ruim lhe acontecesse. Eu não costumava gerar antipatia espontânea nas pessoas que não me conheciam direito. Quero dizer, na época da escola acontecia de vez em quando. Uma ou outra menina não ia com a minha cara e tal. Mas daí a causar essa reação num marmanjo? Num repórter cheio de moral? Isso era demais.

— Obrigada pela recepção

calorosa — rebati, cheia de coragem. — E por tornar meu primeiro dia muito mais fácil. Mas, se não se importa, prefiro ir direto ao que interessa.

Escutei risadas e nem precisei me virar para descobrir de onde vinham. Os outros jornalistas da equipe, pelo jeito, foram com a minha cara.

Bernardo levantou uma sobrancelha e ignorou minhas frases malcriadas. Abriu a boca apenas para falar diretamente com Luciana.

— Nenhuma mudança nos planos

desde hoje de manhã?

— Tudo igual.

— Presumo, então, que ela vá comigo à coletiva mais tarde.

— Bingo.

Luciana piscou para mim e se afastou, deixando-nos sozinhos com nossos problemas.

Bernardo sentou-se pesadamente em sua cadeira e exalou o ar, como se estivesse muito cansado. Por não saber o que fazer, também me sentei e liguei o computador, desejando que algo mágico aparecesse na tela e

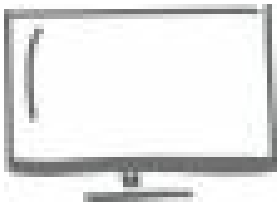
me pusesse para trabalhar.

Enquanto a máquina passava pelo cansativo processo de inicialização, arrisquei dirigir um comentário para a fera:

— Você mencionou com a Luciana uma entrevista coletiva — pigarreei, pois minha voz saiu um pouco falhada.

— Sim — Bernardo resmungou, jogando uma folha de papel por cima da divisória. — Pode dar uma lida nas perguntas que escrevi. Também fiz um resumo do caso.

Mesmo não tendo explicado do que se tratava a coletiva, achei que ele foi educado ao me abastecer de informações. Estremeci ao tomar conhecimento do assunto. Com uma letra quase ilegível, Bernardo havia sintetizado a história que estava investigando.



EMPRESÁRIO ACUSADO DE ASSASSINAR ESPOSA E ENTEADA NEGA PARTICIPAÇÃO NO CRIME

O empresário Eduardo Pimentel, proprietário da Construtora W&M,

uma das maiores do país, está sendo acusado de assassinar a mulher, Maria Fernanda Pimentel, e a filha dela, de apenas onze anos, Ana Clara Fernandes.

As duas estavam desaparecidas desde o último dia 29, quando foram vistas saindo de um shopping center da capital. No entanto, na quinta-feira passada, os corpos de mãe e filha foram localizados num matagal próximo à rodovia BR 040, rodovia que liga Belo Horizonte ao Rio de Janeiro. Eles se encontravam em adiantado estado de decomposição.

O empresário, depois de fazer o reconhecimento, saiu do IML — Instituto Médico-Legal — muito abalado, abraçado com a mãe de Maria Fernanda. "Não consigo imaginar quem possa ter cometido esse crime bárbaro", desabafou ele, que ainda afirmou que não descansará enquanto não descobrir o assassino de "suas meninas".



DESCONFIANÇA

Num primeiro momento, a polícia chegou a cogitar que o crime teria

sido cometido por algum desafeto de Eduardo Pimentel. "Um empresário do porte de Pimentel costuma despertar a ira de muitas pessoas, especialmente de ex-funcionários", declarou o delegado responsável pelas investigações, Gerson Rocha, do 3o DP. No entanto, um vizinho da família, que não quis se identificar, diz que ouviu uma briga do casal na noite do dia 29, o que levou a polícia a colocar Eduardo Pimentel no topo da lista de suspeitos.

Desde ontem está sendo

realizada uma perícia no apartamento do empresário, cujos resultados deverão ser divulgados durante uma entrevista coletiva marcada para as cinco da tarde de hoje.

Debaixo do resumo escrito por Bernardo havia algumas perguntas, todas bastante pontuais, formuladas com o intuito de sugar o máximo possível de informações da equipe de peritos. Embora ele fosse um sujeitinho extremamente irritante, eu não podia negar que demonstrava ser muito competente.

— Certo. Entendi — eu disse, com certa dificuldade. Ainda me sentia muito travada. — Estou acompanhando essa história pela mídia.

Devolvi o papel para ele e me calei, aguardando instruções. Como elas não vieram, forcei-me a perguntar:

— Bem, enquanto não saímos para a coletiva, o que sugere que eu faça?

Bernardo arqueou uma das sobrancelhas e me encarou por alguns instantes. Devolvi o olhar,

absorvendo, pela primeira vez, o impacto da aparência dele. Para um homem carrancudo e mal-educado, até que ele é bem bonitão: além dos olhos azuis — intensos e perigosos —, o cara possui rosto quadrado, de maxilar proeminente, forte, coberto por uma barba por fazer bem sutil. Sua boca não é grande nem pequena, mas reta, meio felina. Tudo isso completado por cabelos castanhos cortados curtos, um pouco arrepiados na frente, como os de um adolescente rebelde sem causa. Eu até poderia me sentir atraída *se* Bernardo não me causasse tanta

antipatia. E coloque um *se* bem grande nisso.

— Entendeu? — indagou ele, num tom de voz elevado.

Minha nossa! Eu devaneando feito uma menina de sétimo ano enquanto o cara falava.

— Desculpe. O que disse?

— Pelo amor de Deus! — resmungou ele. — Eu disse que você pode ir adiantando algum trabalho da faculdade ou até jogar paciência, se quiser.

— Rá, rá, rá. Muito engraçado.

Mas tenho certeza de que nem a Luciana nem o Maurício Gusmão (este muito menos) aprovariam qualquer uma dessas atividades sugeridas. E sabe o que mais? — Nessa hora, com a paciência praticamente esgotada, levantei o tom de voz e minha bunda da cadeira e adverti: — Acho bom você fazer um plano de estágio para mim, principalmente quando estivermos aqui na redação. Porque, se por acaso meu estágio ficar comprometido por conta da sua má vontade comigo, eu juro que vou rodar a baiana. Estamos entendidos?

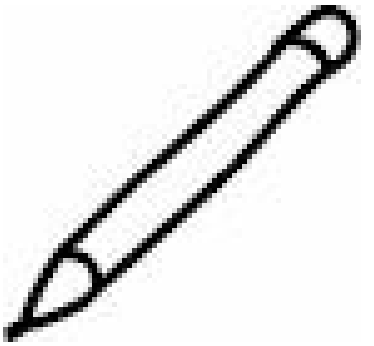
Bernardo também se levantou, com a sombra de um sorriso despontando sobre a carranca. Mas logo tratou de escondê-lo.

— Longe de mim atrapalhar seus planos. Contanto que você não atrapalhe os meus. E, já que insiste... — Uma agenda de telefone foi atirada na minha direção. — Pode começar a ligar para os números que estão marcados de amarelo e tente agendar uma entrevista com essas pessoas. Preciso falar com elas o mais rápido possível.

Ele voltou a se sentar, assim

como eu. E, antes que eu começasse a executar minha primeira função no jornal *Folha de Minas*, uma mensagem instantânea pipocou na tela do meu computador:

"Satisfeita agora?"



Capítulo 4

O tom dos textos noticiosos deve ser sóbrio e descritivo. Mesmo em situações dramáticas ou cômicas, é essa a melhor maneira de transmitir o fato da emoção.

Não. Eu não sou masoquista. Não gosto de sofrer. Se para encontrar o caminho da felicidade eu tiver que passar por uma selva cheia de monstros e obstáculos, das duas, uma: ou arrumo um helicóptero e

sobrevoo os perigos, ou vivo na tristeza eterna. Prefiro facilitar as coisas a complicá-las. Portanto, se eu soubesse que concorrer ao estágio iria me dar tanta dor de cabeça, juro que teria aberto mão dessa oportunidade.

Sim, porque meus primeiros dias n a *Folha de Minas* foram um verdadeiro inferno. Eu pensei que, com o tempo, a tendência seria melhorar, mas como estava enganada! Eu chegava ao jornal por volta da uma da tarde, cheia de expectativas com o dia, louca para botar a mão na massa. Mas nem

sempre Bernardo estava por lá. Na maioria das vezes ele saía cedo para fazer as investigações e só voltava quando não dava mais para eu acompanhá-lo.

Nesse meio-tempo, eu ficava na redação estruturando as anotações que ele deixava para mim; uma forma de me manter ocupada e quieta. Normalmente, eu recebia todas as atenções dos demais membros da equipe — uns fofos que só queriam ajudar. E olha que todos eles tinham muito mais anos de profissão do que Bernardo.

Eles se aproximavam, liam meus textos, elogiavam quando achavam bons e me davam dicas sempre que encontravam algum defeito. Fui me entrosando com eles, enquanto ficava cada vez mais distante de Bernardo.

Este, por sua vez, quando não estava sendo grosseiro, me ignorava deliberadamente. Voltava de suas buscas com a cara amarrada — só para mim, porque arreganhava os dentes para o resto do mundo — e jogava suas anotações em cima da minha mesa, esperando que eu organizasse as ideias para ele. Um

folgado, isso sim.

No final da primeira semana de trabalho, resolvi dar um basta em tudo. Estava disposta a virar o jogo.

Assim que Bernardo chegou e fez menção de me jogar seu bloquinho, saltei da cadeira e o encarei. O bloco acabou caindo no chão, bem ao meu lado, e eu fiz questão de deixar onde estava.

— Você saiu sem mim de novo — acusei, sentindo um calor que subia e descia descontroladamente pelo meu corpo. Pura raiva.

— O que eu posso fazer? — Ele deu de ombros. — Você nunca está por aqui.

— Nunca? Nunca? — gritei. Meu coração começou a dar pancadas no peito, deixando-me meio sufocada. — Eu fico sentada nesta cadeira durante seis horas do meu dia. Como você pode dizer que nunca estou aqui?

Respirei fundo para recuperar o fôlego, mas não o deixei retrucar.

— Você, Bernardo, marca as entrevistas para a parte da manhã só para escapar da sua obrigação

comigo. Isso é ridículo, completamente idiota e infantil.

Bernardo avançou na minha direção, contornando nossas mesas, e ficou a um passo de mim. Inclinei a cabeça para continuar encarando-o, uma vez que ele é bem mais alto que eu — mesmo eu estando de salto.

— Ridículo, idiota e infantil é o fato de você achar que marco as entrevistas de manhã para fugir. Ninguém te avisou que o universo não gira em torno do seu umbigo?

Várias cabeças se voltaram para

nossa discussão, mas não vi um olhar assustado sequer. Parecia que todos estavam se divertindo com o bate-boca.

Falei asperamente.

— Você não precisa gostar de mim.

— Certo.

— Não precisa ser simpático.

— Ufa!

— Mas é obrigado a me incluir nos seus planos.

— Opa! Que tal participar de uma

festinha particular no meu apartamento hoje à noite?

— Cretino! — bufei, louca para atingir sua linda carinha com um tapa estalado. Mas isso só faria com que eu fosse desligada da empresa com as piores referências possíveis.

Girei para me afastar depressa, porém senti uma mão grande agarrar meu braço.

— Não quer saber o que temos para segunda? — A voz dele saiu suave, quase meiga.

Suspirei. De repente, um cansaço

me atingiu em cheio. Descobri que era inútil tentar persuadir aquele tipo arrogante a baixar a guarda. O que foi que eu fiz para ele?

— Se for me insultar, não.

Pela primeira vez desde que o conheci, Bernardo abriu um sorriso verdadeiro. Soltou meu braço e esclareceu, com toda a calma do mundo:

— Vamos acompanhar o julgamento daquela menina acusada de assassinar os pais.

Meus olhos brilharam. — Bom,

eu acho, porque isso eu não vi.

— Isabela Santana?

— Exatamente. Temos credenciais — informou ele, retirando dois crachás do bolso. Neles estava escrito "imprensa". — A partir das duas horas, lá no Fórum Lafayette. Satisfeita agora?

Não respondi. Claro que fiquei supersatisfeita, mas não quis dar a ele o gostinho da vitória. Voltei a me sentar e a trabalhar no texto que eu escrevia antes do embate. Assim que o perdi de vista para a divisória que nos separava, deixei um sorriso

glorioso escapulir para os meus lábios.



Como era sexta-feira, à noite saí para jantar com minhas amigas. Eram raros os momentos em que podíamos ficar as quatro juntas, de bobeira: uma de nós sempre tinha um compromisso ou outro que impossibilitava a reunião do quarteto. Mas não naquela noite fria de final de junho. Fomos a um restaurante japonês para colocar em dia os assuntos atrasados.

Temos o péssimo hábito de falar todas ao mesmo tempo. Meus irmãos costumam desaparecer do apartamento sempre que estamos por lá. Eles dizem que não temos ideia de como incomodamos com nossas conversas altas e desorganizadas.

Portanto, ao nos juntarmos em torno da mesa no Rokkon, desligamos o desconfiômetro e disparamos com o falatório. Entre um sushi e outro, passávamos o relatório da nossa semana.

Apesar das rotinas diferentes, todas nós combinávamos em um

quesito: o estresse. Por motivos variados, o resultado era esse.

— Que bom que viemos aqui... — Suspirou Sofia. — A gente está mesmo precisando relaxar. O pior é que nem nos formamos ainda, mas já sofremos dos males que atingem a classe trabalhadora. É impressão minha ou esses estágios chegam bem perto da escravidão?

Rimos, embora concordássemos.

— Nem me fale. Estou com os dedos dormentes de tanto digitar processos para o meu chefe. — Alice olhou para as pontas dos

dedos e apertou-as com a unha do polegar. — E na semana que vem vou a São Paulo conversar com um cliente. Volto no mesmo dia.

— Pior acontece comigo, que sou tratada como um burro de carga na redação. Trabalho como os jornalistas contratados, mas meu salário é de operário — reclamou Gisele, de boca cheia. — Outro dia fui parar no aeroporto de Confins para cobrir um evento. Tive que usar vestido, meia calça e scarpin. Sabem como cheguei lá? De van.

Caímos na gargalhada. Desabafar

fazia parte do escopo da nossa amizade. Para que servem os amigos senão para compartilhar alegrias e tristezas?

— E você, Rafa? Como anda o seu trabalho? — indagou Sofia, piscando inúmeras vezes, como se estivesse enfeitiçada por minha sorte. Que tolinha...

— Difícil. Muito mesmo — confessei. Remexi os hashis, os famosos palitos japoneses, aleatoriamente em meu prato, revivendo em minha memória cada dissabor daquela minha semana dos

infernos.

Minhas amigas me encararam com surpresa. Sei que elas esperavam um discurso apaixonado sobre as maravilhas de estagiar no maior jornal do Estado, com jornalistas superprestigiados. Mas infelizmente as notícias se revelaram o oposto do que desejavam.

— Está duro, gente. Imaginem o Batman e o Robin. Pois bem. Eu sou o Robin, mas não tenho nada de prodígio, se é que me entendem.

— Não. Não entendemos — Alice retrucou, largando seu saquê sobre a

mesa. — O que quer dizer com isso, amiga?

Contei para elas tudo o que ocorreu desde o meu encontro com Maurício Gusmão até a discussão com Bernardo mais cedo. As meninas ouviram com atenção, espantadas. Detalhei tudo, com o máximo de precisão.

— Nunca vi nada assim na vida real. Isso parece coisa de novela.

— É, mas acredito que o clima vai melhorar um pouco a partir de segunda. Pelo menos vou poder sair da redação e praticar. Não aguento

mais passar a limpo as anotações daquele sujeito insuportável.

Sem querer, deixei uma porção de yakisoba escapar dos palitinhos e cair no meu colo. Porcaria! Como sempre, minha coordenação motora resolveu pifar.

Levantei com a intenção de me limpar no toalete, mas acabei trombando com Marcelo Novais, o repórter esportivo *e* gatinho.

— Uau, que coincidência! — exclamou ele, todo lindo. — Quase não te vejo no jornal e olha só onde acabamos nos encontrando.

Marcelo se curvou e me deu um beijo no rosto. Fiquei meio constrangida, mas senti minha pele formigar.

— Pois é. Estou com minhas amigas — eu disse, apontando as meninas, que acenaram em conjunto para ele. Notei que a curiosidade delas ficou aguçada. Eu passaria o resto da noite dando explicações; disso eu tinha certeza.

— Bom. Também vim me encontrar com uma turma. Não estou de plantão esta noite — ele explicou, sorrindo de modo muito

sensual.

Marcelo era um pedaço de mau caminho, e só uma pessoa muito cega não notaria. E eu não deveria ficar pensando nisso bem na frente dele. Caso contrário, acabaria dando bandeira.

— Vamos, Marcelo?

De repente, meio que do nada, uma garota apareceu na nossa frente. Imediatamente ela se apoderou da mão esquerda do cara e se pôs a me olhar de um jeito meio maligno. Namorada dele, só podia ser.

Sem graça, Marcelo foi obrigado a apresentar a figura.

— Rafaela, esta é a Bianca, minha prima.

— De segundo grau — ela completou, esforçando-se para deixar o grau de parentesco (distante) bem claro.

Se eles não namoravam, não era por culpa dela.

Estendi a mão e a cumprimentei.

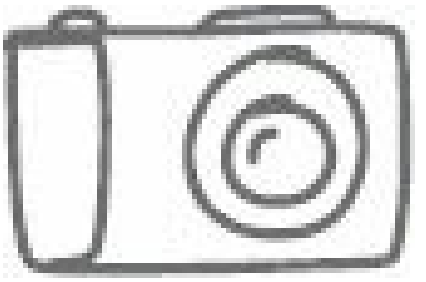
— Olá — eu disse. — Trabalho com o Marcelo no jornal.

— Ótimo. — Bianca acariciou o braço do primo e pediu, com uma voz suplicante: — Podemos ir? Estou morrendo de fome.

Envergonhado, Marcelo deu um suspiro e se despediu. Porém, embora estivesse numa mesa um pouco distante da nossa, vi que os olhos dele se desviavam o tempo todo e pousavam onde estávamos. Antes disso, ele acompanhou meu trajeto de volta do toalete e sorriu para mim quando me sentei novamente.

Deixei minhas amigas

especularem à vontade, mas evitei fazer muitos comentários. Na verdade, eu mal havia pensado no Marcelo ao longo da semana, exceto quando cruzava com ele rapidamente pelos corredores do jornal. Eu não o conhecia direito e nem sei se queria que isso acontecesse. Qualquer relacionamento com um homem bonito como aquele era sinônimo de dor de cabeça, problema que eu queria evitar a todo custo. Bastavam os que eu já tinha.



Capítulo 5

Deve evitar fórmulas
desgastadas pelo uso e cultivar
a riqueza dos vocábulos
acessíveis à média dos leitores.

O *garoto* já significou várias coisas para mim. Aos dez anos de idade ele era apenas um enigma, um mito, talvez um símbolo de liberdade para uma menina praticamente enclausurada. Eu não pensava nele com sentimentos românticos.

Isso não impediu que, aos doze,

ele aparecesse como o mocinho perfeito de quase todos os meus sonhos, o personagem principal de todas as minhas redações do colégio. Eu o imaginava chegando de surpresa na escola, matriculando-se em alguma série mais adiantada que a minha e me reconhecendo assim que desse de cara comigo no recreio.

Aos dezesseis, eu reparava em qualquer garoto que fosse uns quatro anos mais velho que eu e tivesse olhos azuis. Devaneava se finalmente era ele, o meu *garoto*, e de vez em quando perguntava para

um e outro se ele costumava passear em Iriri. A resposta? Não, não e não.

No meu aniversário de dezoito anos, ganhei uma mochila xadrez. Foi Gustavo quem me deu, alegando ter certeza de que eu adorava a estampa quadriculada. O que eu adorava mesmo era a imagem do meu *garoto* carregando nos ombros sua mochila xadrez.

Desde então, costumo usá-la bastante. Já viajei com ela, levo-a para a faculdade. Ninguém entende meu apego à mochila. Mas o fato é que, usando-a, sinto-me próxima do

garoto, como se eu fosse uma simples mortal e ele, um anjo que se esconde, mas me protege há dez anos.

Deus, quando vou deixá-lo em paz?

"Você ligou para o celular de Bernardo Venturini. No momento não posso atender, pois estou bastante ocupado — ou com preguiça mesmo. De qualquer forma, deixe seu recado. Se for importante,

retornarei a ligação.”

Bufei. Fazia sentido um troglodita gravar um recado desaforado daquele. Resolvi não deixar mensagem alguma, mas fiquei plantada na portaria do jornal, batendo meu pé calçado numa bota de salto agulha e ponta fina no piso de granito.

Fazia um frio cortante, e eu procurei me proteger da temperatura me enfiando num jeans justo e num suéter de lãzinha. Cobri meu corpo com um casaco preto comprido e enrolei um lenço no pescoço. As

botas de salto me deixavam alta, e eu adorava isso, já que me sentia meio baixinha com meu um metro e cinquenta e nove.

Voltei a consultar o relógio só para ficar ainda mais apreensiva. Passava de uma e meia da tarde, e Bernardo combinou me pegar por volta de uma e quinze. Ah se ele tivesse me deixado para trás!

Olhei através da porta de vidro e fiquei de olho nos carros que estacionavam na frente do prédio. Bernardo estava fora da redação desde cedo, resolvendo um

problema pessoal. Por isso ficou de me encontrar na portaria. Antes eu tivesse ido por conta própria. Assim ele não escaparia, como nas outras vezes.

Prestes a dar meia volta e subir marchando para o meu andar, ouvi uma buzina estridente — e insistente. Gesticulando com impaciência, Bernardo abaixou o vidro do banco do carona e me chamou.

Ajeitei a alça da minha bolsa estilo carteiro no ombro e saí. Puxei a maçaneta da porta para entrar no

carro, mas ela não abriu. Estava travada. Olhei para ele de cara fechada, e o trinco levantou num estalo.

Ouvi uma risadinha enquanto prendia o cinto de segurança, mas resolvi ignorar. Um de nós dois precisava manter uma postura madura, e tudo indicava que esse papel seria meu.

— Você está atrasado — comentei.

— Fiquei preso no trânsito — Bernardo justificou, abandonando o minúsculo sorriso e preparando-se

para arrancar o carro.

Ele tinha permissão para dirigir os veículos do jornal, e, pelo jeito, já estava acostumado a enfrentar o tráfego pesado da capital.

Recostei-me no encosto para a cabeça e fiquei atenta às notícias veiculadas pela Rádio CBN, com os olhos voltados para minha janela. Não estava sendo muito confortável dividir aquele pequeno espaço com um homem que a todo momento parecia querer me assassinar. Deixei minha mente vagar até o Fórum Lafayette e a situação que nos

aguardava lá.

— Por que você usa sapatos tão altos?

Dei um pulo. A pergunta me assustou por dois motivos:

1. Eu estava distraída.

2. Não entendi o porquê daquele questionamento.

— Como é?

Bernardo tirou a mão direita do volante e apontou para os meus pés.

— Como você consegue se equilibrar sobre esses saltos tão

altos e finos?

— Eu já me acostumei — respondi de má vontade, corando até o mindinho.

— No seu lugar, eu já teria quebrado o pescoço. Não sei por que vocês, mulheres, precisam se torturar para ficar atraentes.

— Andar de salto não é tortura — protestei. — Quero dizer, não na maioria das vezes. E eu não faço isso para ficar atraente. Eu *gosto* de sapato alto. Entendeu?

Bernardo balançou a cabeça, mas

não ficou convencido, pois continuou argumentando:

— Na verdade, não. Acho que deve ser um desconforto.

Não retruquei. Melhor ficar calada e deixar o assunto morrer. Pelo jeito, Bernardo e eu não concordávamos em um assunto sequer. Mas ele não quis largar o osso.

— Apesar de dizer que não, acredito que você gosta, sim, de se torturar. Ninguém em sã consciência aguentaria passar o dia com os dedos apertados num troço desses,

muito menos se equilibrando sobre dois palitos.

Virei totalmente no banco para encará-lo, mas antes engasguei com a saliva que descia por minha garganta. Indignada, não consegui me expressar.

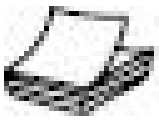
— Só quando se é muito louco — continuou. — Ou masoquista. Fico me questionando: onde as mulheres estão com a cabeça quando compram sapatos que poderiam facilmente ser confundidos com ferramentas de tortura? Claro que na ideia de pareceram mais atraentes.

— Você é louco — quase gritei. — Ou muito machista. Ou só admira mulheres barangas. E eu definitivamente não preciso me explicar para você.

Voltei à minha posição inicial, com a testa quase colada no vidro. Pensei seriamente em abrir a porta e saltar do carro em movimento. Mas, como minha vida é real, e não um filme cheio de efeitos especiais estrelado pela Angelina Jolie, permaneci grudada no banco.

Passamos o resto do trajeto em silêncio total, o que me ajudou a

retomar o controle dos nervos. Sinceramente, se as coisas continuarem desse jeito, vou terminar meu estágio ensandecida.



O movimento nas proximidades do Fórum Lafayette era intenso. Havia carros de polícia, imprensa de todos os veículos nacionais e muitos, mas muitos curiosos. Bernardo estacionou numa vaga destinada aos jornalistas credenciados e desceu do carro. Fiz o mesmo, mas tive que apressar o

passo, já que ele se adiantou na minha frente. Até pensei que ele queria fugir de mim, dando-me um perdido no meio da multidão.

Como sou enfezadinha, corri com a intenção de ultrapassá-lo. Teria sido um plano perfeito se, de repente, eu não tivesse enfiado a ponta da bota num desnível da calçada, o que me fez perder o equilíbrio e iniciar uma descida rumo ao chão.

Caí de joelhos, com as palmas das mãos abertas, diante de uma infinidade de colegas da imprensa.

Meus olhos imediatamente se encheram de lágrimas, tanto pela vergonha quanto pelo fato de ter ralado as mãos nos pedregulhos. Doeu de verdade.

Fiquei travada naquela posição constrangedora, até que fui puxada de volta para cima. Todo mundo — graças a Deus — resolveu fingir que nada houve, exceto Bernardo, que balançava a cabeça desaprovando minha falta de sorte. Gente, que culpa eu tinha?

— Machucou? — ele perguntou, enquanto segurava minhas mãos e

avaliava o estrago. — Está sangrando.

— Estou bem. — Funguei. Puxei as mãos de volta e bati uma contra a outra para afastar a sujeira.

Bernardo retirou um lenço do bolso do casaco e me entregou.

— Eu sabia que essas botas não eram confiáveis — resmungou ele, carrancudo. — Vê se da próxima vez calça alguma coisa mais apropriada.

— Meu filho, você reparou na situação da calçada? — questionei,

decidida a não me deixar afetar por seu mau humor. — Eu poderia ter caído até se estivesse de tênis.

— Sei. — Ele me olhou com o rabo do olho.

Prosseguimos nossa caminhada até a área destinada aos jornalistas credenciados. Ao nos juntarmos a eles, Bernardo foi cumprimentado por quase todos, que ficaram por perto, batendo papo, mas discutindo principalmente o caso prestes a ser julgado.

Apesar de ficar quietinha na minha, quase invisível, meus

ouvidos estavam atentos. Eu queria obter o máximo de informações possível, pois pretendia redigir minha própria versão dos fatos.

Eu soube que nem todo profissional da imprensa poderia acompanhar o julgamento. Houve uma inscrição prévia, e, dos quase três mil cadastrados, foram sorteados cerca de oitenta sortudos. Fico me perguntando como meu nome foi parar no meio dos escolhidos.

Para não perder o fio da meada, peguei meu bloco de anotações e

rascunhei todas as informações que consegui captar.

O médico Paulo Henrique Santana e sua esposa, a arquiteta Helena Santana, foram assassinados enquanto dormiam em sua mansão no condomínio Alphaville, na madrugada do dia 15 de fevereiro de 2008. O casal levou vários tiros de revólver calibre 22, em todas as partes do corpo. De acordo com o promotor, o motivo da tragédia foi o dinheiro da família. A única filha deles, Isabela Santana, na época com 19 anos de idade, é a assassina confessa.

No dia do crime, a estudante de medicina veterinária foi para a faculdade, onde passou a maior parte do dia. Assim que as aulas terminaram, ela se encontrou com o namorado, o músico Gabriel Duarte. Eles foram ao cinema e, por volta das onze horas da noite, seguiram para a mansão dos Santana.

Ao chegarem lá, os pais de Isabela já estavam dormindo, o que facilitou a ação. Ela e o namorado invadiram o quarto do casal, e a filha disparou alternadamente contra Paulo Henrique e Helena. Segundo a própria garota, Gabriel, embora não

tenha participado da execução, foi quem conseguiu a arma para Isabela.

Depois que os pais morreram, a estudante e o músico passaram um bom tempo desorganizando os objetos da casa, de modo a aparentar se tratar de um latrocínio.

Isabela dormiu no apartamento do namorado, e, na manhã seguinte, os empregados da mansão ligaram para a polícia informando sobre o crime. Demonstrando uma frieza incomum, Isabela chorou durante o velório dos pais, abraçada aos tios, e chegou a declarar que viver seria

insuportável daquele dia em diante.

Algumas horas depois, a jovem foi apontada pela perícia como principal suspeita dos assassinatos. Intimada a depor, acabou confessando o crime e chocando o país inteiro. Gabriel foi indiciado como cúmplice. Desde então, os dois estão presos em penitenciárias de Belo Horizonte, esperando o julgamento.

Mesmo não tendo assumido que estava de olho na herança, tudo leva a crer que Isabela agiu motivada pela ganância. Usuária de drogas,

ela e o namorado fizeram dívidas com traficantes e estavam sendo ameaçados de morte.

A defesa da estudante, por outro lado, alega que Gabriel coagiu Isabela, que, por possuir uma personalidade frágil, deixou-se influenciar por ele.

Já os advogados de defesa do músico apresentam outra versão dos fatos. Segundo eles, Isabela sempre foi mimada pelos pais e não estava acostumada a ouvir não. Quando souberam do namoro, tentaram impedi-lo, pois, além de mais velho,

Gabriel passava a imagem de um jovem sem limites. A proibição do namoro e as brigas constantes levaram a estudante a planejar o crime, sem o conhecimento do namorado, que foi pego de surpresa no momento em que se deparou com o revólver nas mãos de Isabela.

Bem, diante de tantas controvérsias, e devido à repercussão da tragédia, o julgamento prometia. Pelo que escutei dos jornalistas ao meu redor, ele estava previsto para durar dias. Sentime privilegiada por poder acompanhar o desenrolar da história

de perto.

No meio das conversas sussurradas, escutei uma música tocando baixinho, quase imperceptível. Mas o som foi aumentando gradualmente, e as pessoas começaram a olhar em volta, procurando a origem do barulho. Então duas coisas aconteceram ao mesmo tempo: reconheci a canção — o tema do musical *O fantasma da ópera* — e constatei que ela vinha do meu celular, chamando com insistência.

Corei de vergonha enquanto

procurava feito uma louca o telefone dentro da bolsa. O "taaam... tam, tam, tam, tam, tam..." já parecia estar saindo de um alto-falante quando finalmente consegui alcançar o aparelho e calar o barulho.

Falei "alô" baixinho, evitando deliberadamente o olhar desaprovador de Bernardo.

— Pode fazer um favor para mim? — Augusto foi logo pedindo, sem nem me dar "boa tarde". Típico.

— Estou trabalhando agora, Augusto, prestes a cobrir um julgamento — expliquei, nervosa.

Bernardo não tirava os olhos de mim. Tudo levava a crer que me achava uma idiota. Com mais aquela cena, agora eu era idiota *e* pouco profissional.

— Não precisa ser agora — insistiu meu irmão. — Só queria que você pegasse meu terno na lavanderia. Não vou ter tempo hoje.

E eu vou, por acaso? Mas não adiantava começar uma discussão naquele momento. O local não era adequado — muito menos a situação.

— Não vou prometer, Augusto.

Nem sei se vou conseguir sair daqui antes de a lavanderia fechar. Mas se der busco, sim.

Desliguei o telefone e tratei de colocá-lo no silencioso para o caso de ele resolver dar sinal de vida no meio da audiência.

Bernardo se aproximou assim que recoloquei o celular na bolsa. Preparada para tomar uma bronca em público, encolhi os ombros. Mas, em vez de xingar, ele disse, chegando bem perto do meu ouvido:

— *O fantasma da ópera*, hein? Pensei que você curtisse Avril

Lavigne e Britney Spears.

— Eu, não — retruquei. — Mas aposto que você adora.



Voltei para casa bem tarde naquele dia. Às oito da noite o juiz decretou um recesso de doze horas. Até então, ele ouviu depoimentos apenas das testemunhas arroladas pela defesa, que reforçavam o argumento de que Isabela havia sido vítima de um jogo de sedução.

Apesar do teor trágico do julgamento, achei minha situação

emocionante: eu ali, no meio de profissionais respeitados da imprensa, acompanhando o desenrolar dos fatos em tempo real. Fiquei me sentindo a verdadeira Lois Lane: elegante, competente e arrojada. E, se era para começar a fazer comparações, até que eu podia dizer que Bernardo tinha um quê de Superman — exceto pelo temperamento, claro.

Não perdi uma fala, um ponto de vista; nada. Anotei em meu bloquinho tudo o que foi possível transcrever. Eu queria escrever uma matéria a partir da minha ótica desta

vez, e não com as anotações de Bernardo. Obviamente eu não esperava que ela fosse publicada, mas não custava praticar.

Depois do episódio do celular, eu não agi mais como uma idiota. Bem, isso se eu não mencionar a crise de espirros que me atingiu no meio da audiência. De uma hora para outra, meu nariz começou a coçar. Agora me lembro de que alguém usava um perfume muito forte, causando uma reação imediata em minhas vias respiratórias.

Foi um pouco constrangedor,

porque o juiz interrompeu a sua fala e ficou encarando a plateia, à procura da fonte geradora de espirros irritantes. Bernardo, mais que depressa, empurrou minha cabeça para baixo e me entregou o lenço novamente. Pressionei-o contra o nariz, apertando bastante para conter a crise. Ainda bem que ela passou logo.

Assim que me recompus, tentei devolver o lenço para o dono, que recusou com um abano desdenhoso de mãos. Aposto que ele pensou: "Eca". Então guardei o pequeno pedaço de pano dentro da bolsa e

fiquei paradinha, quase estática, até o final do julgamento.

Eu quis voltar à redação com Bernardo, mas ele rejeitou minha companhia de modo bastante enfático. Esclareceu que passaria boa parte da noite escrevendo e que não teria hora para ir embora. No entanto, pela primeira vez — ou seria a terceira? — ele cometeu um ato de bondade. Desviou seu trajeto para me deixar em casa.

Como em toda segunda-feira, encontrei o apartamento deserto. Meus irmãos costumam trabalhar até

muito além do horário de expediente nesse dia e sempre dão uma passadinha na academia quando estão liberados. Assim como eu, eles adoram cultivar a boa aparência.

Agradeci por estar sozinha. Ainda com as palavras borbulhando no cérebro, abri meu notebook e tratei de redigir a matéria. Nem pensei em comer ou tomar banho antes. Fiz um texto de quase três mil caracteres, rico em detalhes sobre o julgamento e respaldado por algumas fontes de peso, já que tínhamos conseguido falar rapidamente com o promotor e

com um dos advogados de defesa de Isabela Santana.

Satisfeita com o resultado, decidi arriscar. Que mal tinha submeter minha matéria à análise de Luciana Figueiredo, minha editora? Eu só queria a opinião dela sobre o meu trabalho. Mais nada.

De: Rafaela Vilas Boas

Para: Luciana Figueiredo

Assunto: Texto para análise: julgamento de Isabela Santana

Boa noite, Lu!

Se não for pedir demais, gostaria que fizesse uma revisão no meu texto. Escrevi sem a pretensão de ele ser publicado, até porque não tenho experiência suficiente para isso. Mas sua opinião é muito importante para mim e vai me ajudar a adquirir a confiança necessária para crescer na profissão.

Agradeço imensamente.
Um abraço,
Rafaela Vilas Boas

Enviei o e-mail e não pensei mais nele. Passei o tempo que me restava antes de ir para a cama fazendo

coisas frugais, como navegar na internet em busca de boas resenhas literárias e bater papo com minhas amigas no Facebook.

Já estava aconchegada sob as cobertas quando meus irmãos chegaram em casa. Com seu barulho costumeiro, pude adivinhar todos os movimentos que faziam. Eu soube que comeram e que depois disputaram o banheiro quase aos murros — Ricardo ganhou a parada. Em seguida, ouvi passos pelo corredor, que pararam no mesmo instante em que minha porta foi escancarada.

Dei um pulo e segurei o edredom firme sobre o peito.

— Rafa, você fez o que te pedi? — Augusto andou até a beirada da minha cama, vestido com roupas de ginástica e exalando suor.

— Não encosta! — ordenei. De forma alguma eu admitiria que ele tocasse na minha roupa de cama limpinha; não enquanto estivesse todo suado.

— Não buscou meu terno, né? — insistiu ele, já prevendo a resposta.

— Como, se trabalhei até tarde?

Além do mais, não sou sua secretária. — Acomodei-me novamente sob a colcha e dei um suspiro longo, de modo a deixar bem claro como eu me sentia cansada.

— Deixa de ser grossa, garota! Eu só pedi um favor, nada de mais — justificou ele, com cara de poucos amigos.

Todas as minhas amigas vivem suspirando por causa do Ricardo e do Augusto. Sobra até para o Gustavo quando ele está por perto. Talvez por eu ser irmã deles e por ter sofrido todo tipo de agressão

verbal e física ao longo da vida, não consigo enxergá-los como exemplos de beleza masculina. Ainda mais quando armam uma carranca medonha, igual à que Augusto exibia para mim naquele momento.

— Beleza. Mas infelizmente eu não pude resolver seu problema. Acho melhor pensar numa outra maneira de pegar seu terno na lavanderia. Pelo jeito, o dia de amanhã não será mais calmo que o de hoje.

— Nem de manhã?

Meu Pai, na próxima encarnação

quero ser filha única.

— Estarei na faculdade.

— Ué, pensei que estivesse de férias.

— Só na semana que vem. — Afofei meu travesseiro e ameacei fechar os olhos, mas antes sugeri: — Agora você poderia me dar licença? Preciso dormir.

Augusto bufou. No entanto, em vez de me obedecer, ele se aproximou de mim e esfregou o rosto suado no meu. Esperneei de raiva, enquanto ele se dobrava de

rir.

— Para você aprender a ser mais educada.

Então ele saiu todo empinado, levando a melhor sobre mim pela enésima vez.



Capítulo 6

O autor pode e deve interpretar os fatos, estabelecer analogias e apontar contradições, desde que sustente sua interpretação no próprio texto.

Acordar cedo não é uma atividade tranquila para mim. Faço porque preciso, mas primeiro sigo todo um ritual: coloco o relógio para despertar meia hora antes do horário-limite, ou seja, ele me dá sinal às cinco e quarenta e cinco; cochilo por mais quinze minutos e

espero outros quinze até a segunda chamada do despertador.

Sigo cambaleante até o banheiro e tomo um banho correndo. Demoro cerca de vinte minutos para me arrumar — escolher uma roupa, fazer uma maquiagem ligeira — e saio de casa com o café na mão (normalmente, uma fruta ou um pão dormido) e bem acordada. Se por qualquer motivo essa sequência for interrompida, custo a entrar no ar para receber o novo dia que se inicia.

Estou explicando minha rotina

matinal porque, pela primeira vez desde que comecei a faculdade, ela foi alterada — e de uma forma bastante brusca, se querem mesmo saber.

Eram pouco mais de seis e meia quando meu celular tocou ao mesmo tempo que a campainha do apartamento. Atendi os dois simultaneamente, e ambas as pessoas traziam a mesma notícia.

— Rafa, que surpresa boa! — exclamou meu pai do outro lado da linha. — Imagina que abri o jornal para ler as notícias, como sempre

faço, e quase caí pra trás quando li seu nome assinando uma matéria no caderno "Brasil". Que novidade é essa?

Escutei cada palavra de olho nas mãos de Sofia, que entrou feito um foguete na minha sala, sacudindo a *Folha de Minas* freneticamente e exibindo um sorriso que ocupava toda a largura do rosto dela.

— Rafa, sua danada! Ficou bem caladinha, hein! — disse ela.

Fiquei um bom tempo sem compreender do que aqueles dois estavam falando. Primeiro porque

eles falavam juntos, confundindo minha cabeça. Além disso, por mais que meu pai não escolha muito bem a hora de me ligar, e mesmo eu sendo vizinha de Sofia, não era comum eles darem o ar da graça tão cedo, principalmente por conhecerem meus hábitos matutinos.

— Do que vocês estão falando? — perguntei para os dois e para ninguém em específico.

— Filha, sua matéria sobre o julgamento da Isabela Santana foi publicada na primeira página do caderno "Brasil" — explicou papai,

enquanto Sofia abria o jornal e exibia, cheia de orgulho, o meu texto (que eu julgava ser experimental) estampando a sessão.

Não podia ser. Não. Podia. Ser. Mas era. Meu nome, Rafaela Vilas Boas, estava mesmo escrito abaixo e à esquerda do título da matéria, numa letra inclinada, com ar de profissional. Semicerrei os olhos e fixei-os na página à procura de outra assinatura, que deveria estar, no mínimo, dividindo o espaço com a minha.

Meu corpo gelou diante daquela

constatação. O nome de Bernardo Venturini não havia sido sequer mencionado.

Chocada, despedi-me do meu pai, que ficou sem entender minha reação, e me sentei no sofá com a *Folha de Minas* no colo. Li e reli meu texto, desnorteada com a dupla emoção que me consumia: euforia e medo.

— Você não sabia... — Não era uma pergunta. Sofia, só de acompanhar meu estado emocional, percebeu.

— Não. Escrevi a matéria e

mandei para a Lu, a editora, a título de análise. Nem me passou pela cabeça que ela pudesse gostar a ponto de publicar.

Sofia me abraçou, toda animada e carinhosa.

— Parabéns, amiga! Estou tão orgulhosa! Arrebentando de cara.

Não mencionei, mas a expressão mais adequada para aquela situação poderia muito bem ser "Alguém vai arrebentar a sua cara". E nem preciso me dar ao trabalho de informar quem teria motivos para fazer isso. Senti meu corpo esfriar

de ponta a ponta. Se Bernardo já tinha seus porquês obscuros para me odiar, imagine depois dessa.

— O que foi? Não está feliz? — Sofia franziu a testa. — Não era esse o seu sonho, Rafa?

Sim, em condições normais. Não sob pressão.

— O Bernardo vai me matar — gemi. — Ele vai achar que agi de má fé, pelas costas dele. Ai, meu Deus! Onde fui me meter?

— O jornalista que você está acompanhando? A matéria era para

ser dele?

Confirmei com um movimento de cabeça. A essa altura, eu já havia me esquecido da faculdade e de que minha primeira aula começaria em quarenta minutos. Senti um bolo se formar no meu estômago, provocado pela descarga de adrenalina que eu vinha recebendo a cada segundo.

— Ele pode complicar sua vida? — Sofia perguntou cautelosamente, para não me apavorar ainda mais. Não funcionou.

— Não sei se tem como complicar ainda mais, mas pode,

sim. — Encarei minha amiga e desabafei: — Ele me odeia, Sofia! Mal consegue tolerar minha presença. Tudo em mim o incomoda: minhas botas, minha maneira de vestir, os foras que às vezes dou. É claro que ele vai surtar quando ler o jornal. Se é que já não leu. Neste exato momento, Bernardo pode estar espetando um alfinete num boneco vodu. Consigo até sentir umas fincadas aqui nas costelas.

Sofia riu e se levantou do sofá.

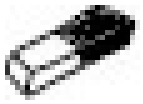
— Não exagera, Rafa. Vai ver ele nem se importou. Vocês cobriram o

julgamento juntos. O importante é que a notícia foi dada. Não é essa a maior realização do jornalista? Levar informação de qualidade aos leitores?

Dei uma risada irônica. Até parece que Bernardo pensaria desse jeito. Enfiar a mão num moedor de carne seria menos doloroso para ele do que ver sua matéria ser preterida pela da estagiária.

Eu disse isso para Sofia, mas ela só revirou os olhos e sorriu. Disse mais uma ou duas palavras de consolo e incentivo, como sempre

faz, e se despediu, deixando-me sozinha com minhas aflições.



Não fui à faculdade. Eu sabia que tinha uma prova de telejornalismo, mas, por causa dos meus temores, não fazia diferença realizá-la ou não naquele dia. O resultado, de qualquer forma, seria o mesmo: zero.

Gisele me ligou no meio da manhã, desesperada porque eu não apareci e já imaginando mil motivos para eu ter matado aula — todos

trágicos. Não abri o jogo com ela por pura falta de energia. Inventei uma enxaqueca e pedi a ela que avisasse a professora. Depois eu imploraria para Gustavo me passar um atestado médico justificando minha ausência. Ele detesta fazer isso — eu também —, mas para o que mais serve um irmão mais velho médico?

Voltei para o quarto assim que Sofia foi embora e me fingi de morta até ter certeza de que Ricardo e Augusto já tinham ido para o trabalho. Posso não ser dramática, mas, quando estou nervosa, costumo

recorrer a atitudes antissociais.

Não consegui ficar muito tempo em casa. Se fugir não era a solução, melhor encarar a fera de uma vez. Tomei um banho demorado e escaldante — sei que é ruim para a pele, mas eu adoro — e vesti uma roupa bonita, para levantar o astral. Em qualquer outra ocasião que não envolvesse Bernardo Venturini, eu estaria exultante. Afinal, eu havia acabado de assinar minha primeira matéria num veículo de circulação nacional. Se isso não fosse um incentivo e tanto, não sei o que mais poderia ser.

Mas, em se tratando daquele ser volúvel travestido de Clark Kent, sem os óculos e o cabelo preto, eu só esperava o pior.

Dirigi até a redação com a sensação de mil dançarinas de cancã ensaiando no meu peito. Chegava a doer. E a dor piorava à medida que eu me aproximava do meu destino.

Fernando me avistou de longe. Abriu um sorrisão maior que a cara e se levantou para me cumprimentar. Discretamente, procurei Bernardo, só com os olhos. Para não dar bandeira.

— Ele não está aqui.

Está certo. Acho que não fui tão discreta assim.

Fernando me tascou um beijo na bochecha e bagunçou meu cabelo. Será que alguém poderia avisar a ele que sou uma estagiária, não uma garotinha de sete anos? Meu Deus, a gente perde um tempão ajeitando a cabeleira antes de sair de casa e o outro acaba com tudo em dois segundos? Que coisa!

Penteei com as mãos os fios fora do lugar enquanto ouvia meu colega de trabalho tagarelar como a

maritaca que viveu na minha casa quando eu era criança. Coitada! Foi comida por um gambá no meio da madrugada.

— Esta é a menina prodígio, a estudante cheia de atitude! Fico me perguntando como uma garota de São Pedro dos Ferros consegue desbancar um repórter experiente como Bernardo Venturini. Quem esperava por isso?

— O que a cidade onde nasci tem a ver com minha competência, Fernando? — perguntei, meio chateada. O problema de nascer no

interior é que somos postos à prova o tempo inteiro pelos nativos da capital. Na faculdade, meus colegas costumam me chamar *carinhosamente* de "da roça".

— Absolutamente nada. Só estou brincando, porque está escrito na sua cara o tamanho da sua preocupação.

Ele deu batidinhas leves no meu rosto e voltou a se sentar de frente para o computador.

— Não se preocupe com o neandertal. Aquilo é um bebezão. Fala demais, reclama demais, mas

também sabe ser um sujeito legal. Quando quer.

Suspirei, buscando energia para acreditar naquilo.

— Ah! Quase me esqueci. A Lu quer ver você. Está te esperando na sala dela.

Assenti e dei meia-volta, desejando que meu encontro com Bernardo acontecesse logo. Já que não dava para escapar, preferia encará-lo de uma vez. Até porque passaríamos a tarde toda juntos, cobrindo o segundo dia do julgamento da Isabela Santana.

Bati na porta da sala da minha editora e a abri de mansinho, mostrando meu rosto primeiro. Ela estava sozinha, mas falava ao telefone. Fez um gesto para que eu entrasse.

Tentei não prestar atenção na conversa, distraindo-me com os quadros pendurados em uma das paredes da sala. Eram todos de imagens de premiações conquistadas pelo jornal — especificamente pela editoria investigativa. Luciana aparecia em várias fotos, segurando troféus ou abraçada a personalidades. Mas também

distingui colegas meus em uma ou outra imagem sendo reconhecidos pela qualidade de seus textos.

Passei os olhos em todas elas de maneira imparcial, sem me deter em nenhuma de forma específica. Porém, num canto menos favorecido da parede, um quadro me chamou a atenção. Aproximei-me dele para ler a legenda:

“Revelação do jornalismo investigativo, Bernardo Venturini recebe maior prêmio da categoria.”

E lá estava ele, de camisa preta e terno grafite, posando para a foto ao

lado de Caco Barcellos, com um sorriso sutil, mas muito charmoso. Sem aquele olhar de traficante colombiano, Bernardo podia facilmente ser enquadrado no grupo dos homens mais sexy do mundo — do mundo que eu habitava, pelo menos. Como não éramos amigos, eu não poderia afirmar, mas apostava todas as minhas fichas na certeza de que ele devia ser bastante cobiçado pelas mulheres, novas ou velhas.

Ainda bem que eu não estava interessada. Já afirmei antes e repito: homens bonitos demais não foram feitos para relacionamentos

promissores e seguros.

— Ele é mesmo muito bom.

Dei um pulo para trás e imediatamente levei as mãos ao peito. Virei-me depressa e encontrei o olhar de Luciana admirando a imagem que, segundos antes, eu avaliava.

— Um repórter e tanto. Tem um texto excelente e uma paixão pela profissão que poucos possuem. Não demora a bater as asas.

Minha ficha custou a cair. As palavras da editora até entraram no

meu cérebro, mas não consegui processá-las de imediato. Luciana quase precisou desenhar para eu entender. Ainda bem que recuperei a voz a tempo.

— Ele está indo embora? — eu quis saber, no íntimo desejando que a resposta fosse sim.

Ela riu.

— Não, não. *Ainda* não — frisou. — Mas é questão de tempo. Tem muito jornal graúdo de olho nele. O garoto é um dos melhores.

Movi a cabeça, num gesto de

concordância. Se Bernardo era tudo isso, então por que a minha matéria havia sido publicada, e não a dele?

Como se tivesse lido meu questionamento, Luciana tratou de esclarecer:

— Chamei você aqui para falar sobre o seu texto. — Ela se dirigiu à mesa e pediu que eu me sentasse de frente para ela. Depois pegou o jornal e o abriu na página da minha reportagem. — Você tem muito potencial, Rafa. E possui um entusiasmo pela profissão que chega a ser visível.

Estufei o peito, toda orgulhosa. Quem não gosta de receber elogios?

— Quando recebi sua matéria, ontem à noite, a matéria do Bernardo estava prestes a ser diagramada — continuou ela, tamborilando na mesa, as unhas pintadas de vermelho beliscão. — Pedi que ele viesse à minha sala e lhe mostrei seu texto.

Cada minúsculo pelo do meu corpo se arrepiou. Ele sabia da troca desde a noite anterior!

— Ele leu tudo, depois releu. Em seguida olhou para mim e disse: "Publica".

Não consegui esconder o choque. Partiu dele a ideia de publicar meu texto! Por quê?

Já que eu havia perdido a capacidade de articular as palavras, Luciana manteve as explicações.

— Bernardo pode ser meio intratável, mas não é injusto. Ele viu que sua visão dos fatos era mais, digamos... envolvente que a dele, ainda que imparcial. Também achei isso. E agora me sinto feliz, porque parece que nossos planos para você vão mesmo dar certo, o que será ótimo para a nossa editoria.

Finalmente temos o tal olhar feminino de que tanto precisávamos!

— Ele sabia — foi só o que consegui dizer. — E não se importou — consegui falar mais um pouquinho. — E agora?

Luciana riu e dobrou o jornal.

— Agora, mãos à obra. Esperamos que essa parceria renda muitos frutos.

— Mas quem vai escrever?

— Ora, Rafa, os dois. Vamos variar. Um dia um assina, no outro, os dois. E assim por diante.

Assenti. De repente eu não sentia mais um peso sobre os ombros, e as dançarinas de cancã foram bater as pernas em outro corpo atormentado.

— Parece que vamos construir uma nova identidade para a nossa editoria — disse Luciana. Eu já estava prestes a sair.

— Tomara.



Voltei para minha baia e encontrei um envelope cor de goiaba sobre a mesa. Sem remetente. Estranhei, pois não estava lá quando cheguei.

Olhei para os lados, certificando-me de que ninguém prestava atenção, e verifiquei o que havia dentro dele: um papel branco, simples, dobrado ao meio.

Li o que estava escrito, sentindo uma onda de prazer ao reconhecer a assinatura do autor do bilhete:

As pessoas de sucesso são facilmente reconhecidas, porque parecem transmitir um brilho incomum, como acontece com você. Desde que a vi sentada na sala de espera do Maurício, sabia que era uma

delas.

Parabéns pela publicação da matéria.
Sua proeza é digna de respeito.

A propósito, que tal um café, mais tarde, para comemorar? Conheço um lugar ótimo aqui perto.
Se a resposta for sim, dê um sinal.

Um beijo,
Marcelo Novais

Um sorriso ligeiro escapou dos meus lábios. Fazia tempo que eu não era paquerada por um homem bonito

como Marcelo. Bem, pelo menos eu supunha que era uma paquera. Afinal, por que outro motivo ele se daria ao trabalho de escrever um bilhete, deixá-lo sorrateiramente na minha mesa e, ainda por cima, chamar-me para sair? Tudo bem que não chegava a ser um encontro declarado, mas havia algo no ar.

Não que eu estivesse cogitando um compromisso. O último que tive deixou sequelas: meu ex-quase-namorado não entendia bem o significado da palavra *fidelidade*. Vacinada contra homens espertinhos, acabei adquirindo uma resistência

contra todos. Devo admitir que minha fixação com *o garoto* também atrapalha bastante. Querendo ou não, acabo projetando minhas ilusões em todos os caras por quem me interesso, o que resulta em expectativas não alcançadas, claro.

Mesmo assim, quando dei por mim, estava digitando uma resposta para Marcelo, e enviei-a pelo sistema de comunicação on-line do jornal.



"OBRIGADA PELO INCENTIVO. PODE APOSTAR QUE FUI PEGA DE SURPRESA.

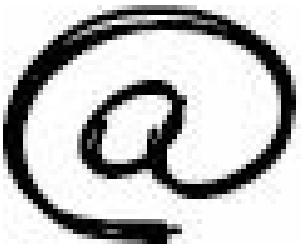
BEM, GOSTARIA MUITO DE ACEITAR SUA PROPOSTA, JÁ QUE NÃO RESISTO A UM BOM CAFEZINHO, MAS TENHO QUE VOLTAR PARA O FÓRUM À UMA DA TARDE.

VAMOS DEIXAR PARA UMA PRÓXIMA VEZ?"

Eu não quis parecer muito afoita, nem demonstrar frieza. Precisava ser educada, pois Marcelo vinha evidenciando ser um cara superlegal, e eu não tinha nada a

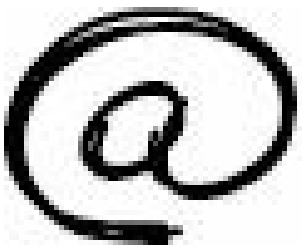
perder. Boas amizades devem ser incentivadas, não é?

Instantaneamente, recebi uma resposta:



"UMA PRÓXIMA VEZ É UMA DATA MUITO VAGA. COMO FALTA MUITO PARA A UMA HORA, QUE TAL SE FORMOS DAQUI A... QUINZE MINUTOS? ESTOU COM UMA FOLGUINHA E ACHO QUE, TECNICAMENTE, SEU HORÁRIO DE EXPEDIENTE AINDA NÃO COMEÇOU."

Um riso bobo ficou dançando no meu rosto. Eu não deveria ficar dando trela para um sujeitinho bonito como o Marcelo. Fora o fato de que eu pouco o conhecia. Mesmo assim, não hesitei em dar continuidade àquela conversinha mole:



"TEM RAZÃO. TECNICAMENTE, EU NÃO ESTOU AQUI. DEIXA SÓ EU CONSULTAR MINHA AGENDA...

BRINCADEIRINHA. VAI SER LEGAL TOMAR UM CAFÉ DAQUI A QUINZE MINUTOS.”

— Veja só que novidade!

Tomei tamanho susto ao escutar essa frase que pulei da cadeira e meti o cotovelo no seu encosto. Levei um choque que fez meu corpo inteiro tremer de dor e fiquei dando pulinhos para tentar dissipar o desconforto.

Assim que recuperei a razão, dei de cara com Bernardo me olhando com uma expressão bem carrancuda — só para variar —, de braços

cruzados e com uma camisa xadrez que imediatamente fez com que eu me lembrasse do *garoto*.

Ele apontou para a tela do computador e disse, de um jeito bem irritante:

— Chegando cedo ao trabalho para ficar batendo papo. Não vejo nenhum sentido nisso; ainda mais quando a conversa é de caráter pessoal. Muito bonito.

Meu sangue ferveu, e eu tive vontade de gritar um monte de palavrões, para ele, o que apenas serviria para arruinar minha

reputação. Respirei fundo várias vezes antes de responder:

— Como você bem observou, *não estou* no meu horário de trabalho. De mais a mais, você não tem nada com isso.

— É verdade. Mas aposto que você não gostaria de ser atrelada, tão prematuramente, ao grupo de pessoas que gostam de morcegar e usam os recursos da empresa para resolver assuntos não profissionais. Não vai pegar nada bem para a menina de ouro.

Ignorei o sarcasmo e voltei a me

sentar, sem parar de massagear meu cotovelo avariado. Como alguém podia ser tão chato, meu Deus? Coitada da namorada dele — se é que tinha uma. (Lembrar de perguntar isso para alguém, só a título de curiosidade.)

Uma nova mensagem de Marcelo pulsava diante de mim, mas fiquei com vergonha de abri-la na frente de Bernardo, que demonstrava não querer sair da minha baia tão cedo.

— Tem mais alguma coisa a dizer? — indaguei sem me virar para ele, enxergando-o pelo reflexo

na tela.

— Sim. — Bernardo se agachou e me olhou diretamente nos olhos. — Da próxima vez que resolver enviar uma matéria para a avaliação da Lu, tenha a decência de me avisar antes. Assim eu posso ir para casa mais cedo.

Ele se levantou rapidamente e contornou minha mesa. Fiquei um tempão procurando as palavras certas para me justificar, mas, no fim, não saiu nada muito coerente:

— Mas foi você que mandou publicar. E eu não tive a intenção de

roubar seu espaço.

Estremeci com a risada maquiavélica que Bernardo soltou. Eu começava a desconfiar de que ele não podia ser normal.

— Está certo. Acredito em você tanto quanto no Coelhinho da Páscoa. — Ele não olhava mais para mim. Estava concentrado nos post-its colados na sua mesa. — Mesmo assim, segundo a Lu e não porque eu quero, somos parceiros, como aqueles policiais dos enlatados americanos idiotas. Portanto, sua imagem de estagiária perfeita vai

ficar imaculada se você aprender a dividir, a compartilhar as informações. Só um conselho de... amigo.

Amigo! Pois sim. Eu preferiria comer vidro a ter um amigo como Bernardo.

Com os nervos em frangalhos, uma constante na minha vida ultimamente, abri a mensagem de Marcelo e digitei a resposta o mais rápido possível. Nada melhor do que um café para acalmar meu espírito.



Fomos ao Kahlúa Café, um espaço agradável na rua dos Guajajaras, aonde eu ia pouco porque não costumava frequentar aquelas bandas. Mas tudo indicava que passaria a ser um reduto constante, por ser bem próximo da sede do jornal.

Sentamos numa mesinha redonda, um de frente para o outro, o que me causou certo desconforto, já que o cenário lembrava bastante um encontro. A sorte foi que Marcelo tratou de descontrair o clima,

contando histórias sobre o pessoal d a *Folha de Minas*, quase todas muito engraçadas, e eu acabei relaxando.

Ele disse que demorou muito para conseguir o emprego. Passou por três processos seletivos e acredita que só conseguiu porque, na última hora, uma candidata acabou desistindo da vaga para trabalhar numa revista no Rio de Janeiro.

Ao contrário de Bernardo, Marcelo não tinha nada de esnobe, e o assunto com ele fluía de modo natural, gostoso.

De tanto que gostava de esportes, acabou caindo nessa editoria, e vivia viajando pelo Brasil afora, a qualquer hora, em qualquer dia da semana.

— Essa é a minha sina: trabalhar quando a maioria das pessoas está se divertindo. Mas fazer o quê? Eu adoro o que faço.

Falei um pouco sobre a minha vida, principalmente sobre meus três irmãos e nosso relacionamento de amor e ódio. Marcelo riu de rolar das histórias que envolviam nós quatro e da capacidade que temos de

trocar farpas e amenidades ao mesmo tempo. Nessa hora, senti uma saudade de Gustavo... Fazia meses que não nos víamos, e, embora os irmãos mais velhos tenham nascido para infernizar as pobres irmãs caçulas, gosto demais daquele trio.

Acabei aproveitando a oportunidade para contar que, quando criança, eu costumava passar as férias em Iriri, só para ver o que ele ia dizer, se ia comentar: "Puxa, que coincidência. Eu também". Não custava nada fazer mais uma tentativa de achar *o garoto*. Mas Marcelo afirmou que Vitória, Vila

Velha e Guarapari eram as únicas cidades do Espírito Santo que ele conhecia.

Que pena! Se ele fosse *o garoto*, juro que pularia no pescoço dele na mesma hora. Veja só como sou ridícula.

Terminei meu *cappuccino* lamentando que o tempo tivesse passado tão depressa. Mas claro que não disse isso em voz alta: Marcelo não precisava saber que a companhia dele havia me agradado tanto.

— Precisamos repetir a dose —

ele disse, depois de pagar a conta; não me deixou nem chegar perto da notinha. Morri de vergonha, mas fazer o quê?

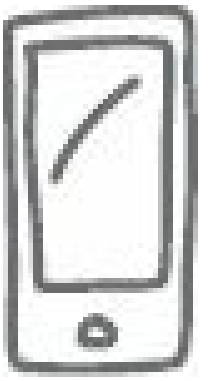
— É verdade. Adoro este lugar.

Marcelo olhou para mim de um jeito novo, totalmente desconcertante, e acrescentou:

— Mas a companhia é melhor ainda.

Sorrimos um para o outro, mas acabei desviando o olhar depressa demais. Marcelo é um homem bonito, interessante, provavelmente

disponível, mas eu não estava certa se queria investir, naquele momento, num relacionamento, principalmente com um colega de trabalho.



Capítulo 7

A crítica deve ser fundamentada em argumentos claros. Quando escrita por especialista, deve permanecer acessível ao leigo, sem ser banal.

Já que, tecnicamente, posso ser considerada uma jornalista investigativa, por que não uso minhas técnicas de investigação para encontrar o garoto? *A resposta principal é que agora eu*

sou adulta e não posso ficar brincando de procurar um sujeito sem nome, sem história, do passado. Adolescentes fazem essas coisas; uma pessoa da minha idade, não.

Mas bem que eu queria dar uma de Lois Lane e seguir pistas — algumas delas ínfimas, mas, ainda assim, importantes, até conseguir achá-lo, só para olhar para ele e dizer: "Vai, segue a sua vida". Ou: *"Procurei por você a vida toda"*. *Bem,* não toda, mas praticamente a metade dela.

Ah, se fosse fácil! Se eu tivesse oportunidade de vê-lo, talvez conseguisse me desligar de seus mistérios de uma vez por todas — depois de ele me contar o que estava escrito naquele papel. Será que era uma carta de amor? De despedida? O boletim escolar? Uma nota fiscal?

Acho que nunca vou saber. Minha curiosidade sobre a vida do garoto *jamais será satisfeita, porque hoje eu sei, no auge dos meus vinte e um anos, que essa busca é infrutífera. E sempre será. Por isso preciso esquecer.*

— Vocês não têm noção do que estão dizendo.

Nosso apartamento havia sido invadido por meu trio de melhores amigas. Elas chegaram por volta das oito da noite, com os braços cheios de sacolas do supermercado Verde Mar e promessas de uma sexta-feira regada a conversas e comida boa.

Com uma eficiência digna de cerimonialista, Alice tomou conta da minha cozinha, espalhando sobre a bancada de granito os ingredientes para o preparo de um espaguete à carbonara. Ainda bem que ela tinha

dotes culinários, porque, se dependesse de mim, comeríamos pizza ou, no máximo, comida do China in Box.

Gisele exibiu, cheia de orgulho, duas garrafas de vinho tinto, cuja marca me passou despercebida, e encheu nossas taças. Fizemos tim-tim, como se fôssemos muito elegantes.

Como Ricardo e Augusto não estavam em casa, pudemos falar no nosso tom de voz habitual, ou seja, bem alto, e sobre todos os assuntos possíveis.

Porém, de uma conversa gostosa e animada, de repente fui obrigada a escutar Gisele declarar a todas nós que tinha visto uma foto de Bernardo Venturini e constatado imediatamente que ele não era de jogar fora.

— Por que você nunca contou que ele é um tipão, Rafa? — perguntou ela, cutucando minhas costelas com o indicador. Mania mais chata. — Nossa, tão charmoso!

— E você acha que uma foto é capaz de mostrar isso? — argumentei, revirando os olhos com

o maior desdém.

— Claro que não — concordou Gisele, o que me causou estranheza. Mas ela logo tratou de se justificar: — Uma foto só, não. Eu procurei no Google, e apareceram várias. E todas elas me mostraram isso. Esse tal de Bernardo é bem gostoso.

Alice e Sofia me encararam, esperando que eu dissesse algo que respaldasse as afirmações de Gisele, mas eu preferi ficar calada. Primeiro porque falar sobre Bernardo na minha noite de sexta-feira, depois de uma semana de cão

ao lado dele, não era do meu interesse. Em segundo lugar, sinceramente, não dá para enxergar qualidades num cara que só me maltrata. Ele até podia ter a beleza dele, mas eu, graças a Deus, estava vacinada contra ela.

— Querem ver?

Era só o que me faltava. Gisele tirou o iPhone da bolsa, conectou a internet e exibiu as fotos de Bernardo para todo mundo.

— Uau, Rafa! Ele é mesmo uma coisa! — Alice comentou, sem conseguir despregar os olhos da tela

do celular.

— Parece com aquele ator... Como ele chama, gente? — Sofia estalou os dedos, pensativa. — Aquele que fez o Thor.

— Isso mesmo! Chris Hemsworth — gritou Gisele, mais eufórica do que nunca.

Foi aí que eu resmunguei: "Vocês não têm noção do que estão dizendo". Como podiam comparar Bernardo, o indivíduo mais intratável da face da Terra, com um homem tão lindo e sedutor? Provavelmente elas tinham

combinado aquela palhaçada só para me azucrinar. Isso! Matei a charada. Era tudo encenação. Zero de espontaneidade. Sendo assim, resolvi entrar na delas.

— Bom, se acham isso, posso apresentá-lo para vocês.

As três se entreolharam, cúmplices.

— Jura? — Gisele bateu palmas, deixando respingar um pouco de vinho no chão.

— Você faria isso, Rafa? — indagou Alice, cheia de esperanças.

Que bando de traidoras! Eu já tinha confessado minha raiva do Bernardo, elas estavam cansadas de saber o quanto o cara me dava nos nervos, mas estavam lá, bobas, parecendo três donzelazinhas de romance de banca.

— Bem — eu disse —, no dia em que eu for capaz de fazê-lo me ouvir por pelo menos cinco minutos, quem sabe? Ou se eu conseguir amarrar e arrastar o grandalhão escada acima. Porque, não sei se vocês já perceberam, nós dois não nos damos bem.

Fiz uma expressão de desgosto, com o intuito de deixar claro o meu descontentamento. Por que a maioria das mulheres fica tão desmiolada diante de um homem bonito?

O assunto foi interrompido pelo toque peculiar do meu celular. Pelo menos ele era inconfundível. Não conheço ninguém que use a música-tema de *O fantasma da ópera* como alerta de chamada.

Corri para atender. Olhei para o visor, mas não reconheci o número. Como sou curiosa, não me importei com isso e atendi depressa.

— Alô?

— Rafaela, é o Bernardo.

Tirei o telefone da orelha, como se ele estivesse pegando fogo, e chequei o número novamente. Definitivamente, eu esperava que fosse qualquer pessoa do outro lado da linha, menos aquele indivíduo. Nem o Neymar teria me deixado tão nervosa.

Acho que perdi a voz, pois Bernardo insistiu:

— Ei, você está aí? Sou eu, Bernardo Venturini, seu colega de

trabalho.

Como se eu não soubesse.

— Claro que sim. É o único Bernardo que conheço — repliquei, com uma dorzinha de cabeça querendo aparecer. O pouco vinho que bebi começava a cobrar seu precinho.

Bernardo não demonstrou o menor senso de humor com minha piadinha e prosseguiu:

— Ótimo. Sei que não é uma boa hora, mas estamos em pleno fechamento aqui no jornal e a Lu

quer que você venha para cá.

Fiquei muda de novo. Primeiro porque eu nunca havia participado do fechamento. Sem contar que Bernardo no papel de menino de recados da editora não combinava com seu estilo troglodita.

— E fique sabendo que não é uma ideia minha — ele fez questão de esclarecer.

Óbvio que não foi. Desde quando minha presença era bem-vinda para ele?

Alice, Gisele e Sofia continuavam

na cozinha, de onde saía um cheirinho sedutor de comida sendo preparada. Meu estômago faminto deu sinal, roncando feito meu pai quando cochila na frente da televisão.

— Pela sua economia de palavras, deduzo que sua resposta seja não. Vou avisar para a Lu que você já tem compromisso.

— Você não vai fazer nada disso! — ordenei, ignorando o aroma do molho do macarrão. — Estou indo. Só preciso de uns minutinhos para me trocar.

Bernardo soltou uma risadinha irônica, mas poupou meus ouvidos de qualquer comentário maldoso.

— Vou pedir ao motorista do jornal para te pegar. Está tarde para vir dirigindo sozinha até aqui.

Certo. De vez em quando ele parece um ser humano.

— Não precisa. Eu pego um táxi.

— Como quiser. — E desligou, sem a menor cerimônia.

Corri para o quarto, arranquei rapidamente as roupas velhas e confortáveis que eu costumava usar

dentro de casa e coloquei outras, bonitas e profissionais. Conferi minha aparência no espelho do armário e concluí que, apesar da pressa e da falta de tempo para fazer um trabalho melhor, até que não fiquei nada mal. Passei um gloss transparente nos lábios e só depois de pronta fui avisar às meninas que teria de sair.

Elas receberam a notícia numa boa, principalmente quando eu garanti que poderiam continuar a noitada ali mesmo.

— E se os seus irmãos chegarem?

— perguntou Sofia, insegura.

— Eles não vão se importar, ainda mais se estiverem com fome — assegurei. — E guardem um prato pra mim, hein?

Já estava girando a chave na fechadura quando Gisele gritou:

— Dê um beijo no gostoso do Bernardo por nós!

Nem respondi.

O táxi que chamei já estava me esperando em frente ao meu prédio, por isso cheguei rapidinho ao jornal. Estranhei o clima calmo da redação,

mas também eu jamais havia ficado por lá depois do meu horário de expediente. Não fossem alguns plantonistas, o ambiente ficaria bem sombrio.

Em compensação, o pessoal do investigativo estava a todo vapor. Ouvi o falatório antes de vê-los. Eu não sabia se aquele cenário era normal, mas senti um frenesi assim que cheguei. Era emocionante fazer parte daquilo.

— Olha ela aí! — Fernando, o rei da simpatia, levantou-se e me deu um abraço, como se não nos

víssemos há uma semana. — Bem-vinda ao hospício.

— Obrigada.

Olhei para os lados, à procura da Lu, mas acabei dando de cara com Bernardo, que me encarava com seu costumeiro olhar de tigre com dor de dente.

— Bem, estou aqui — eu disse, um pouco sem jeito por ser o centro das atenções. — O que devo fazer? Alguma recomendação especial?

Antes de responder, Bernardo bagunçou os cabelos com as mãos,

como se estivesse tentando organizar os pensamentos na marra. Notei que ele usava um aro de metal prateado no dedo médio de cada mão. Eu não tinha percebido até então.

— A Lu precisou ir embora, mas pediu para revisarmos a matéria sobre a creche. Ela não gostou do tom. Achou duro demais — Bernardo informou, mas não com tranquilidade. É claro que foi ele quem a escreveu.

— E o que ela quer que eu faça? — eu quis saber, embora pudesse adivinhar a resposta.

Bernardo deu uma risadinha.

— O tal do toque feminino que ela vive proclamando pela redação nos últimos tempos. Não posso fazer nada, já que não possuo esse... toque.

Ignorei a ironia e retruquei:

— Mas a matéria está pronta, e ficou enorme. Não posso reescrever tudo de uma hora para outra, até porque o texto original não é meu.

Bernardo deu de ombros.

— Ordens da chefe. Agora senta aí e vai ligando o computador.

Bufei. Nunca fui boa nessa história de mexer no texto dos outros. Sempre acho que o resultado fica vago, como se as palavras não combinassem. Naquele caso, o ideal seria refazer a matéria. Toda. Mas não havia tempo para isso.

Pendurei minha bolsa no encosto da cadeira e suspirei. Vida de estagiário não é fácil.

Bernardo me enviou a reportagem e eu fiquei olhando para ela, mexendo o cursor do mouse para baixo e para cima, sem decidir o que fazer. Realmente, o tom era

acusatório demais, e ainda não tínhamos prova do envolvimento da dona da creche no escândalo do tráfico de crianças. Nem a polícia havia chegado a uma conclusão ainda.

Criei um arquivo paralelo e comecei a organizar as informações segundo meu ponto de vista. Depois tentaria unir as duas versões. Não sei se isso seria melhor do que deixar a matéria como estava. Mas, enfim, ordens são ordens, e estagiário não discute.

Apesar da situação, concentrei-

me rapidinho. No momento em que meus dedos dispararam sobre o teclado, esqueci tudo ao meu redor, como sempre acontece.

Foi por isso que levei o maior susto quando uma cadeira de rodinhas bateu na lateral da minha e me tirou do lugar. Perdi não apenas minha posição, mas também o rumo da história.

— Mas o que...

— Desse jeito você vai mudar completamente o enfoque da matéria.

Assim que me recuperei do encontrão de cadeiras, dar de cara com Bernardo sentado diante do meu computador, lendo meu texto incompleto, deixou-me em choque. Que sujeitinho atrevido!

— E não foi para isso que eu fui chamada? — argumentei, ficando de pé para me impor mais.

— Para suavizar a informação, não mudá-la totalmente — esclareceu Bernardo, enquanto selecionava algumas linhas do meu texto, prestes a deletá-las.

Nem pensei direito no que estava

fazendo, mas, quando dei por mim, agarrava o braço esquerdo dele, impedindo-o de cometer aquele disparate.

Não sei quem se assustou mais: o próprio Bernardo ou os demais jornalistas da editoria, que ficaram olhando para mim como se eu fosse uma fugitiva de manicômio.

— Não ouse apagar as minhas palavras! — ameacei, ouriçada como uma galinha choca.

— Então não mude o sentido — rebateu ele, também de pé.

Assim que Bernardo se levantou, fiquei meio apreensiva. Sua estatura, somada à raiva que exalava de seus poros, fez com que eu me sentisse um pouco diminuída. Mas não recuei.

— Não mudei nada!

— Como não? Você desviou o foco da creche, como se ela fosse um exemplo, e não a personagem principal! — Bernardo suspirou com força e deu uma volta em torno de si mesmo. — Estamos discutindo a possibilidade de a dona da creche ser membro de uma rede

internacional de tráfico de crianças. O assunto é esse, não o tráfico de modo geral.

— Mas não temos provas. Então podemos ser mais abrangentes — justifiquei. Minha cabeça doía num nível quase insuportável.

— Não estamos acusando ninguém, Rafaela. São conjecturas, respaldadas pela polícia. E vamos combinar que aquela velha lá não engana.

— Mas...

— Pare com essa mania de querer

aparecer.

Sim, eu estava nervosa. Meu rosto chegou a esquentar no calor da discussão. Entretanto, aquela última frase teve o efeito de um balde de água fria sendo despejado sobre minha cabeça. Eu posso ser vaidosa, todo mundo sabe disso, mas não escrevo minhas matérias com tanta paixão para aparecer. Isso, não. De jeito nenhum.

Recuei um passo e voltei a me sentar.

— A única pessoa que faz tudo para aparecer neste jornal é você,

Bernardo. Essa fachada de sujeito arrogante não me engana. Você é tão cheio de si que não sabe trabalhar em equipe, tem dificuldade para escutar as pessoas e não consegue conviver em harmonia — cuspi tudo de uma vez, feito uma metralhadora.

— Então não me chame de aparecida, porque, nesse caso, quem acusa é que é.

Bernardo não respondeu. Ficou parado na minha frente, olhando para mim de um jeito estranho, enquanto Fernando batia palmas e gargalhava da mesa dele.

— Dá-lhe, Rafa! Acaba com a pose do bebezão.

Pensei que Bernardo fosse virar bicho, mas me enganei. Ele fez um sinal para que eu me aproximasse e eu obedeci, como se há poucos minutos não estivéssemos quase nos matando.

— Seguinte — disse ele, a uma distância mínima de mim —, refaz o texto do jeito que achar melhor e depois a gente vê. De qualquer forma, quem vai aprová-lo ou não é a Lu, de onde quer que ela esteja. Não vou me intrometer mais.

— Ótimo.

— E depois os pombinhos estarão livres para curtir o resto da noite de sexta — Fernando acrescentou, cheio de graça.

— Rá, rá, rá! Muito engraçado — eu disse, mas sem coragem de olhar para Bernardo. Este, em contrapartida, nem abriu mais a boca.



Capítulo 8

O jornalista deve se abster de opinar ou emitir juízos de valor ao relatar um fato ou redigir uma notícia.

Num dia como o de hoje, quando nada funciona do modo como planejamos, no meu mundo imaginário, minha noite teria terminado assim:

Cansada por causa da semana agitada, pensando em cair na cama e só levantar de lá três dias depois,

eu seria surpreendida pelo garoto *me esperando na portaria do jornal. Com um lindo sorriso, ele me diria que havia preparado uma surpresa para mim.*

Claro que eu insistiria em saber do que se tratava, mas ele negaria, prometendo que tudo seria revelado no momento certo.

Sairíamos de carro, só nós dois, ouvindo um CD da Paula Fernandes — só para me agradar, pois ele saberia que sou fã dela. *De vez em quando — a cada três minutos — ele beijaria a minha*

mão e diria que, mesmo depois de um dia de trabalho, eu estava linda e cheirosa. Eu agradeceria o elogio, meio sem jeito, mas morrendo de felicidade.

Durante o trajeto, conversaríamos sobre nossa rotina, nossos problemas, mas um confortaria o outro. Seríamos companheiros, como um casal perfeito dos romances água com açúcar. Eu revelaria que não suportava meu colega de trabalho Bernardo Venturini, e ele se ofereceria para dar uma surra nele. Eu acharia graça, mas negaria,

pois sou uma moça bem-educada, apesar de querer muito aceitar a oferta.

Pararíamos no apartamento dele, onde um jantar tailandês maravilhoso estaria esperando por nós — só porque comida tailandesa é chique, pois nunca experimentei de fato.

Durante o jantar, ele me daria uma caixinha de veludo azul, que eu receberia com muita surpresa e empolgação, principalmente quando descobrisse o que havia lá dentro: um solitário de ouro

branco incrustrado de minúsculas pedras de brilhante — verdadeiras. Por dentro estaria gravado: o garoto ama Rafaela.

Tomaríamos um banho de banheira, com muita espuma, depois ele diria que me ama e que sou a mulher da vida dele e que nunca pensou em mais ninguém desde que me viu em Iriri, mesmo eu sendo uma criança magricela na época.

Eu quase morreria do coração, mas não antes de beijá-lo muito e de ter a melhor noite da minha

vida.

Mas isso tudo só aconteceria se existisse um universo paralelo, onde a dura realidade não tivesse lugar.

Porque, na *minha* realidade, as coisas foram bastante diferentes.

Depois de passar mais ou menos uma hora compenetrada na reestruturação do texto — sem interferências, diga-se de passagem —, eu finalmente terminei e pedi ao Bernardo que desse uma olhada. A essa altura, não havia mais ninguém

do nosso setor na redação, e eu estava louca para ir embora, por motivos bem óbvios: (1) não era confortável ficar sozinha com Bernardo depois da nossa quase briga de tapa; (2) eu começava a ficar com medo do silêncio e da quietude do lugar.

Enquanto meu colega de trabalho lia a matéria, retirei uma barra de cereais da bolsa com a intenção de acalmar os rugidos do meu estômago faminto. Fiquei pensando se minhas amigas haviam ou não deixado uma quentinha de espaguete à carbonara para mim. Tomara. Tudo o que eu

queria era ir para casa, jantar — se bem que, pelo horário, seria cear — e cair na cama. Eu não via a hora de encerrar definitivamente aquela sexta-feira sem fim.

— Ficou bom — foi a única frase que Bernardo disse assim que terminou a leitura. Entendi que ele mesmo enviaria o texto para a Lu, então me levantei, pendurei minha bolsa nos ombros e fiz menção de sair. — Aonde você vai?

— Ué, para casa. Terminamos por hoje, não é?

Bernardo desligou rapidamente

seu computador e num instante estava parado ao meu lado.

— Eu levo você. Já está muito tarde.

— Não precisa. Eu pego um táxi lá na porta. Mesmo assim, obrigada. — Só agradeci a gentileza forçada porque minha mãe me ensinou a ser educada com as pessoas; até com as mais irritantes.

— Pega táxi nada. Você sabe como é difícil achar um nesta cidade, ainda mais a esta hora — retrucou Bernardo, sempre me contrariando.

Fui obrigada a ceder, só para não ser acusada de intransigente.

Pela primeira vez não saímos juntos num carro do jornal, o que fez parecer que estávamos num passeio, e não unidos por motivos profissionais. Isso me deixou desconfortável, pois em circunstância alguma eu gostaria de estar com Bernardo fora do contexto de trabalho. Nós dois éramos como água e óleo, não conseguíamos nos misturar numa boa.

Fizemos o trajeto em silêncio. Sem as costumeiras alfinetadas, não

sobrava assunto para conversarmos.

Por outro lado, tudo seria bem diferente se no lugar de Bernardo estivesse Marcelo. Não éramos muito próximos, mas não deixávamos a conversa minguar.

— Gutierrez, né?

— Oi? — Não fui capaz de associar a pergunta de Bernardo com algo coerente. Minha cabeça estava longe.

— Seu bairro — explicou ele.

— Ah, sim. Rua Marechal Hermes.

— Eu me lembro.

Então por que perguntou? Isso eu só pensei, não falei em voz alta. Mas acho que deixei transparecer meu pensamento, pois Bernardo acabou emendando:

— Acabei de me lembrar.

As ruas de Belo Horizonte estavam quase desertas. Num instante chegamos a minha casa. Contrariando todas as expectativas, Bernardo estacionou o carro paralelo à calçada e desligou o motor. Eu podia jurar que ele mal pararia para eu descer.

Fiz cara de agradecida e balbuciei qualquer coisa, mas fui impedida de abrir a porta e sair por uma voz sem o costumeiro tom de impaciência.

— Desculpe por eu ter estragado seus planos.

Congelei meus movimentos e voltei para encarar Bernardo. Desde quando ele se preocupava em agir como gente? Devia estar com febre.

— Foi só um jantar — esclareci, sem apresentar muitos detalhes. Ele que tratasse de interpretar do jeito que melhor lhe conviesse.

— Só um jantar? — repetiu, analisando a informação. Esse é o mal dos jornalistas: sempre consideramos os fatos a partir de vários ângulos. — Então não era importante?

— Era muito importante — respondi, com ar de mistério. — Mas pode ser remarcado. Em compensação, hoje participei do meu primeiro fechamento. No final das contas, acabei ganhando.

Bernardo sorriu... um sorriso verdadeiro, sem nuances de ironia e mau humor. Achei-o terrivelmente

atraente naquele momento. Por isso, tratei de encerrar a conversa. Não dava para, de repente, passar a ser afetada pela aparência daquele homem das cavernas moderno.

— Você é uma fanática — tripudiou ele, ainda bem-humorado.

— Eu amo o que faço — justifiquei, já com uma perna fora do carro.

Então saltei para a calçada, com a intenção de parecer sofisticada e dona da situação. Entretanto, eu não contava com o azar de ficar presa ao freio de mão pela alça da bolsa.

Entendo muito pouco — ou quase nada — de física para explicar o que houve. Só sei que, com o impulso dado para sair do carro, ao se sentir preso, meu corpo voltou com tudo para dentro do veículo. Desequilibrada, claro que não consegui cair com graça. Acabei estatelada entre os dois bancos da frente, com metade de mim caída no colo de Bernardo. E ainda soquei as costelas na alavanca de câmbio. O maior vexame.

Não preciso nem mencionar que Bernardo caiu na gargalhada. Aliás, ele quase perdeu o fôlego à minha

custa. Eu também, mas de pura vergonha. Como eu poderia querer transmitir uma imagem positiva se vivia dando motivos para ser avacalhada?

— Não tem jeito com você, né? Como consegue ser tão descoordenada?

Tentei me levantar, mas estava difícil. A posição não ajudava, e eu não queria apoiar minhas mãos em qualquer parte do corpo do meu colega metidão. Isso elevaria meu constrangimento ao cubo.

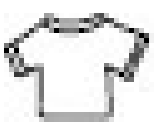
— Não sou assim... sempre —

protestei, debatendo-me feito um peixe fora da água.

— Claro que não. — Com um empurrão, Bernardo me ajudou a me livrar do embaraço. — Só meia dúzia de vezes por dia.

Vermelha como uma cereja de bolo de aniversário, armei a maior expressão de desdém e finalmente desci do carro, não antes de ainda ter que escutar:

— Não vai ficar presa no elevador, hein?



Tive um fim de semana tranquilo, afinal de contas. Apesar de minha sexta-feira — o dia da semana do qual mais gosto — não ter dado em nada, consegui relaxar no sábado e no domingo. Acabei indo para a casa dos meus pais, em São Pedro dos Ferros, e fiquei bem quietinha, curtindo o aconchego do lar, a comida boa da mamãe e simplesmente vendo o tempo passar.

Não sou uma pessoa de grandes agitos, embora não curta a vida excessivamente pacata das cidades pequenas. Mas, para descansar, não existe nada melhor. Longe dos meus

irmãos e das obrigações domésticas que sempre sobram para mim, quase acreditei que estava no paraíso.

Meus pais me cercaram de mimos e ficaram por minha conta, fazendo todas as minhas vontades, como se eu fosse o bebê deles novamente. Foi gostoso dormir no meu antigo quarto, rodeada por todos os meus bichinhos de pelúcia. Fiquei com a sensação de que a vida real só existia fora dali e com os outros.

Pena que passou depressa. Num piscar de olhos eu já estava colocando minha mochila xadrez no

banco de trás do carro e dando a partida para voltar à realidade. Como sempre, minha mãe chorou e armou a maior cena, "porque é muito triste ver a nossa menininha partir, assim, toda adulta".

Apesar de essa atitude me irritar um pouco, senti pena dela. Minha mãe leva uma vida muito calma, mesmo trabalhando como diretora escolar. Acredito que, sem os filhos barulhentos e brigões, seus dias sejam meio monótonos.

Quanto ao meu pai, sinceramente penso que ele adora o silêncio

proporcionado pela nossa ausência. Ele costumava ser bem carrancudo quando éramos pequenos — ainda mais na hora do seu precioso futebol — e ficávamos gritando pela casa. Claro que papai nos ama, mas ele não abre mão do sossego de uma casa sem filhos.

Acenei para os dois, depois de muitos beijos e abraços apertados, e segui viagem, embalada pelo som romântico de Paula Fernandes.

Ainda bem que tirei esse tempinho para mim no fim de semana, pois a segunda-feira

começou brava, desde o momento em que abri os olhos e me deparei com o caos instalado na minha cozinha. Malditos irmãos que não sabem comer sem deixar vestígios!

Passei parte da manhã limpando tudo, da cozinha aos banheiros. Na minha concepção, férias não são sinônimo de escravidão doméstica. Por outro lado, eu me recusava a viver como um suíno.

Acabei fazendo uma faxina completa, com direito a espanador e muito Veja.

Quando cheguei ao jornal, sentia-

me um trapo. Nem consegui caprichar na aparência. Vesti um jeans básico, uma camisa branca e calcei uma sapatilha azul brilhante, dessas revestidas de purpurina. Meus músculos não aguentariam um salto. O único detalhe um pouco mais sofisticado era o lenço azul e verde que amarrei no pescoço. E só. Nem me maquiei direito. Só contornei meus olhos escuros com lápis preto, um pouquinho de blush nas bochechas e gloss nos lábios — indispensável. Qualquer um que me visse assim saberia que eu não estava no meu normal. Mas quer

saber? Eu estava me lixando.

— Boa tarde, baixinha! — Fernando exclamou, não conseguindo despregar os olhos dos meus pés. — O que houve com seus costumeiros sete centímetros a mais?

Fiz biquinho, fingindo ultraje.

— Não sou baixinha. Tenho um metro e cinquenta e nove, cinco a mais que a média de altura das brasileiras.

Bernardo, que digitava algo no computador, ergueu o rosto da tela para me olhar. Coloquei as mãos na

cintura, agora sim indignada, e o encarei.

— Fala. Sua vez de fazer uma piadinha.

Ele deu de ombros e se espreguiçou, com os braços esticados por cima da cabeça. Devia estar naquela posição havia horas.

— Nada a declarar — disse Bernardo, com os cantos da boca um pouco para cima.

— Ótimo! Porque hoje meu humor não está dos melhores.

Puxei minha cadeira e sentei com

força, fazendo barulho. Fernando e Bernardo se entreolharam, claramente segurando o riso.

Enquanto lia os bilhetes deixados na minha mesa — alguns da Lu, outros de Bernardo —, fiz um coque frouxo no meu cabelo escuro e ondulado. Não tive tempo de cuidar dele de manhã, e só quem tem ondas sabe quão difícil é lidar com elas de maneira amistosa. Mas ele é bonito, de todo modo, principalmente quando bem tratado. Eu gosto do meu cabelo.

— Não vamos sair hoje? —

perguntei para Bernardo, de olho nos bilhetes.

— Por enquanto, não. Ainda não conseguimos marcar a entrevista com o Biju.

Estremeci, de certa forma até feliz com aquela notícia. Fazia dias que o jornal estava tentando uma entrevista exclusiva com o líder do tráfico de drogas do Aglomerado da Serra. Lá. No morro.

Sei que jornalistas fazem essas coisas o tempo todo, mas eu estava morrendo de medo. Portanto, quanto mais adiassem essa entrevista,

melhor. Só que eu jamais assumiria isso, por questões bastante óbvias.

Liguei o computador e já ia começar minha primeira tarefa do dia — escrever a conclusão do caso Isabela Santana — quando meus olhos foram tapados por duas mãos fortes e masculinas. Meu coração disparou, pois, mesmo sem enxergar, eu podia imaginar quem era, e isso me animou. Bastante.

— Se adivinhar quem é, ganha uma surpresa.

Não dá para detalhar o frio que atravessou minha coluna vertebral

ao escutar essa frase sussurrada bem próxima do meu ouvido.

Virei-me na cadeira, torcendo para não estar vermelha, e sorri para um Marcelo muito sexy, com os olhos azuis segurando os meus. O frio na espinha se transformou em hipotermia.

— Marcelo — eu disse, igual a uma boba sem cérebro.

— Não valeu — protestou ele. — Tinha que ter falado antes de ver quem era. Mas vai ganhar a surpresa assim mesmo. Se você quiser, é claro — acrescentou ele, meio

constrangido.

O clima mais ou menos de paquera foi interrompido bruscamente por uma limpada de garganta fenomenal. Da sua mesa, não se importando nem um pouco em parecer um idiota, Bernardo deu aquela pigarreada, igual a um pai enfurecido com o namorado novo da filha adolescente. A única diferença, aliás, as duas únicas, eram que Marcelo não era meu namorado e eu estava longe de ser uma adolescente.

— De folga, Marcelão? — quis saber meu colega intrometido,

sentado todo relaxado em sua cadeira giratória, como se estivesse num boteco, tomando uma gelada. Por que ele tinha que ser tão entrão?

Marcelo fez um aceno parecido com uma continência e ignorou solenemente o sarcasmo. Engraçado, eu nunca havia estado com aqueles dois bonitões ao mesmo tempo, por isso não sabia que não se topavam muito bem. Pelos olhares fulminantes, a antipatia mútua ficou bem explícita, se querem saber.

— Só dei uma escapada para fazer um convite a você — Marcelo

respondeu, olhando para mim.

— Um convite? — repeti, feito um papagaio adestrado.

Acho que Bernardo notou minha ansiedade, porque pude ouvir uma bufada emitida por trás da baia dele. Será que o título Cria de Satanás fazia jus à sua personalidade demoníaca? Desculpem-me a comparação, mas não havia analogia mais apropriada do que aquela.

Se Marcelo percebeu a intenção de Bernardo, fingiu que não entendeu.

— Você gosta de vôlei?

— Vôlei? — Ai, de novo! Controle-se, Rafaela. — Sim, é claro. Quem não gosta de vôlei? É meu esporte favorito. Acompanho todos os campeonatos, dos times masculinos e femininos. Inclusive tenho ido a alguns jogos da última liga nacional.

Olha eu tagarelando. Já contei que sou péssima nesse negócio de xaveco? Acho que projetar uma situação fictícia com um cara desconhecido acabou dando nisso. Nota zero em traquejo social com

seres do sexo oposto.

— Que ótimo! — Marcelo ria, todo animadinho. Certamente estava se sentindo o rei da cocada preta, já que eu dei todas as bandeiras possíveis. — Hoje à noite a seleção masculina vai jogar no Mineirinho, contra a Polônia, e eu tenho duas credenciais para a ala da imprensa, embora eu não vá trabalhar. Ainda bem, porque assim posso levar você comigo.

Ele parou de falar e ficou olhando para mim.

— Caso você queira, é claro —

completou depressa.

Por um momento, todo mundo parou o que fazia para ouvir minha resposta. Por "todo mundo" entenda-se Bernardo, Fernando e um ou outro jornalista do setor. Bando de alcoviteiros!

— Eu sei que hoje é segunda-feira e tal e que amanhã é dia de trabalho, mas o jogo nem é tão tarde, e eu levo você pra casa logo depois — Marcelo disparou a explicar, acho que com medo de eu dizer não.

— Não, eu quero ir, sim. Como eu disse antes, adoro vôlei, ainda mais

em se tratando da seleção masculina. — Opa! Será que passei uma ideia errada, como se eu gostasse do esporte só por causa dos atletas? Tratei de me corrigir: — Eles são mais ágeis, mais vigorosos e gritam menos em quadra.

Nossa Senhora, como sou tapada! Agora as pessoas iam pensar mal de mim. Iam achar que sou uma tarada. A risada mal disfarçada de Bernardo era prova disso.

Marcelo deixou passar, como o cavalheiro que demonstrava ser. Mais um ponto a favor dele. Por

sinal, ele vinha acumulando um crédito de respeito, exceto pela prima Bianca no restaurante japonês.

— Então está combinado. Se me der seu endereço, passo na sua casa às sete.

— Rua Marechal Hermes, no Gutierrez — anunciou Bernardo, como se fosse um frequentador assíduo do meu apartamento.

Marcelo fez cara de interrogação, e eu soube que estava se perguntando como Bernardo possuía essa informação. Afinal, não éramos amigos. Pior ainda: mal nos

tolerávamos.

— Isso. E às sete está ótimo, a não ser que o meu monitor aqui resolva me mandar fazer serão.

— Longe de mim. — Com as mãos para cima, Bernardo deu de ombros e voltou a se concentrar na tela do computador.

— Vou contar os minutos — Marcelo avisou, com a boca bem próxima ao meu ouvido.

Gelei. As segundas intenções do meu colega de esportes estavam bastante claras. Eu só não sabia se

queria pagar para ver.

Ele já tinha sumido do meu campo de visão quando a cabeça de Bernardo surgiu por cima da baia, com aquela expressão de anjo caído. Fingi que não percebi, mas ser ignorado não estava nos planos dele. Nunca.

— Toda derretida pelo Tiago Leifert de araque — ele zombou, referindo-se ao famoso apresentador d o *Globo Esporte*, conhecido por suas tiradas descontraídas e irreverentes, principalmente durante as transmissões da Copa do Mundo

de 2010. — Cuidado. Ele costuma ser bem cafajeste, se é que vocês me entendem. O Marcelo, não o Tiago.

Senti o sangue ferver — na verdade, borbulhar — dentro das veias. Agora mais essa. Cria de Satanás era um elogio para Bernardo. Ele era o próprio Satã, camuflado com uma linda pele de cordeiro.

Não deixei barato. Se ele queria melar meu programa por pura implicância, ficaria só na vontade.

— Não pedi sua opinião sobre o Marcelo, mas não precisa se

preocupar. Sei me cuidar direitinho.

Dito isso, voltei para o meu texto. Pena que minha criatividade havia ido embora.



Capítulo 9

O jornalismo crítico não depende da opinião de quem escreve: o simples registro ou confronto de dados, informações e opiniões alheias pode ser muito mais contundente que a opinião de um jornalista.

Para uma segunda-feira que havia começado com o pé esquerdo, até que terminou bem interessante. Tanto que acordei no dia seguinte animada a sair cedo de casa e fazer

as unhas dos pés, das quais eu não cuidava já havia algum tempo. Bem, por ser inverno e por estar sempre de sapato fechado, eu não via necessidade de gastar dinheiro com a pedicure. Até então, porque a coisa estava feia no andar de baixo. E se eu quebrasse o pé — o que não era difícil, considerando meu histórico — e tivesse que ficar descalça na frente do ortopedista? Eu morreria de vergonha.

Sendo assim, às nove e meia da manhã de terça, enfiada num jeans, numa blusa de malha de manga longa e calçada com Havaianas, decidi

fazer uma visitinha ao salão de beleza que costumava frequentar e pus minha manicure para trabalhar.

— Hoje eu quero vermelho — informei, de olho nas notícias transmitidas pela televisão instalada bem na minha frente.

Mas não consegui me concentrar nelas, novidade das novidades, já que fiquei repassando inúmeras vezes os acontecimentos da noite anterior.

Marcelo foi me buscar exatamente no horário combinado. Bom sinal, porque sou muito pontual e detesto

ficar esperando. Ele estava lindo, de calça jeans clara e camisa de malha azul-marinho, o que ressaltava a cor de seus olhos. Fiquei meio besta com a visão, mas dei um jeito de disfarçar. Aquela saída juntos não era um encontro, e eu não devia ficar imaginando coisas.

Conversamos banalidades durante o trajeto, mas o que eu queria mesmo saber não tive coragem de perguntar em voz alta: o que havia entre ele e sua prima Bianca. Até porque poderia indicar que eu estava interessada nele, e disso eu não tinha certeza. Admito que

gostava da atenção que Marcelo me dispensava, do clima de paquera entre nós. Afinal, que mulher não curte um cara bonito arrastando as asas para ela? Só que não sei direito o que dá em mim em se tratando de relacionamentos amorosos. Claro que eu já namorei, já saí com alguns caras, mas nunca consegui me envolver totalmente. Devo ter algum problema psicológico; só Freud mesmo para explicar minha fixação pelo *garoto*, o que me impede de ser livre para me apaixonar por quem quiser.

Ao contrário do que a Cria de

Satanás insinuou, não acredito que Marcelo seja um cafajeste. Porque ele foi um fofo comigo durante todo o tempo que passamos juntos.

Quando chegamos ao ginásio, ele segurou minha mão e me guiou no meio do mundaréu de gente que resolveu assistir à partida. Fomos direto para a ala da imprensa, onde encontrei vários colegas de profissão — alguns deles até bem famosos, como o Tande, que não é jornalista, mas pertence ao meio. Fiquei animada, principalmente porque ele foi nos cumprimentar.

Quase pedi para tirar uma foto, mas me segurei.

Ganhamos uma camisa amarelinha da torcida organizada — que arruinou meu visual esporte-fashion — e nos sentamos numa posição bastante privilegiada. Dava para ver nitidamente os jogadores, que se aqueciam em lados opostos da quadra. Faltou pouco para eu começar a babar. Jesus, de onde tinha saído tanto gato?

Então eu me lembrei do meu gato, ou melhor, do que estava ao meu lado, e segurei a onda. Mas acredito

que meu estado de encantamento não tenha passado batido, pois percebi que Marcelo tentou segurar um sorrisinho de deboche. Pelo menos ele não era tão explícito quanto Bernardo.

O jogo foi demais: emocionante demais, difícil demais, enervante demais. Por pouco não roí as unhas. O time da Polônia não deu sossego.

— Não acredito! — gritei quando os poloneses fecharam o quarto set, levando a partida para o *tie-break*. — Querem me matar do coração?

— Com esses aí é sempre assim

— Marcelo comentou, esfregando uma mão na outra. — Quer tomar alguma coisa? Um refrigerante? Posso buscar para você.

— Não, obrigada — respondi, nervosa demais para conseguir engolir.

O último set foi tenso, não só por causa do jogo, mas porque o celular de Marcelo não parou de tocar um minuto sequer. Fiquei com a atenção dividida entre as jogadas e a curiosidade de saber quem estava do outro lado da linha.

— Estou de folga — foi a única

frase que consegui distinguir, o que não revelava absolutamente nada.

Por fim, o Brasil acabou ganhando e eu até esqueci aquelas ligações insistentes. Pulei e gritei junto com a torcida e só não despenquei arquibancada abaixo porque Marcelo me segurou na hora agá. Ufa!

Mas o melhor da noite ainda estava por vir. Quando pensei que era hora de ir embora, Marcelo me levou até os jogadores e me apresentou para eles. Só então me dei conta de que eles eram bem

chegados — o Marcelo e os jogadores, quero dizer.

Não tive vergonha de pedir para tirar uma foto com o time. Não desta vez. Tudo bem que fiquei parecendo uma anã ao lado dos atletas. Quase tive um torcicolo enquanto batia um papinho com o Wallace. Meu Deus, ele é enorme!

— Nossa, sou sua fã — revelei, nem me importando se pareceria pouco profissional.

Acabei ganhando uma camisa oficial autografada. Viram como é bom ser amiga de jornalistas bem

relacionados?

Na saída, Marcelo gaguejou um bocado antes de perguntar:

— Sei que amanhã é terça-feira, dia de trabalho pesado, mas que tal se a gente esticar um pouquinho? Não sei você, mas eu estou faminto.

Esse foi o jeito dele de me convidar para jantar. Sinceramente, eu não estava com a menor disposição, mas fiquei sem graça de negar.

— Um lanchinho rápido? — sugeri, com os dedos cruzados atrás

das costas.

— Tudo bem... — Ele suspirou, meio decepcionado.

Comemos numa lanchonete perto do Mineirinho — eu morrendo de medo de o Marcelo avançar o sinal, ou seja, tentar me beijar ou dizer algo que modificasse a estrutura da nossa recente amizade. Ainda era muito cedo.

Meus temores foram em vão, pois, ao chegarmos ao meu prédio, ele estacionou o carro, afagou meus cabelos — sim, ele fez isso, igualzinho a meus irmãos — e disse:

— Adorei a noite. Precisamos repetir a dose.

— É claro. Eu também gostei muito.

— Principalmente do Bartman, não é? — brincou ele, referindo-se ao atacante polonês. — Não precisa ficar vermelha. Como diz a minha sobrinha de doze anos, as mina pira.

Soltei uma gargalhada, mesmo estando constrangida por ter dado tão na cara.

— É verdade — concordei. Então senti que deveria demonstrar meu

sentimento de gratidão. Inclinei-me até Marcelo e lhe dei um beijo. No rosto, é claro. — Obrigada. Foi uma noite maravilhosa.

Dormi conjecturando se eu não estava jogando uma oportunidade fora. Mas me acalmei ao concluir que era apenas um adiamento.



Tam. Tam, tam, tam, tam, tam.

A manicure estava prestes a aplicar uma camada de extrabrilho sobre o esmalte quando meu celular

tocou. Chequei o visor, mas aquele número não era mais desconhecido.

Respirei fundo antes de atender.

— Alô.

— Onde você está, Rafaela?

— Bom dia para você também — impliquei.

— Sim, bom dia! — repetiu Bernardo, bastante impaciente. Grande novidade! — Onde você está?

— Bem, como ainda não deu a minha hora de ir para aí, estou

aproveitando para resolver um problema pessoal — enrolei, temendo confessar a verdade e ser chamada de patricinha.

Bernardo demonstrou preocupação:

— É sério? Precisa de alguma coisa?

— Não. Não é nada ruim? — assegurei, de olho na precisão da manicure.

— Ah, pelo amor de Deus! Então me diga logo onde está para que eu possa te buscar! — Bernardo

explodiu do outro lado da linha. — Acabamos de conseguir a exclusiva com o Biju, e ele não vai nos esperar o dia todo.

— Conseguimos a entrevista? — estremeci. — Para hoje?

— Para ontem, sua lerda. O que houve com você? Estou saindo do jornal, e, se não me disser onde está, vou deixar você para trás — ameaçou ele. Pude sentir que nesse momento Bernardo esfregou o cabelo com uma das mãos e o deixou bagunçado, como sempre faz quando perde a paciência — se é

que algum dia ele teve alguma.

— Estou num salão de beleza — admiti, baixinho.

— O quê? Mas hoje é terça-feira, e são nove e pouco da manhã. Não é possível que você seja vaidosa a esse ponto — alfinetou ele, sem dó nem piedade. — O que está fazendo aí? Mudando a cor do cabelo para um tom que realce seus olhos?

— Estou fazendo o pé. E não é uma questão de vaidade, mas sim de necessidade. — Eu tinha que me defender.

— Fala sério — caçoou ele. — Mas você vem ou não?

— V-vou. Só que não estou vestida para uma entrevista. Preciso passar em casa primeiro.

— Rafaela, o cara mora no morro. Não estamos indo a uma festa — esclareceu ele. Ouvi uma buzina acionada de modo indelicado. Só podia ser Bernardo fazendo loucuras no trânsito.

— Mas estou de chinelo. E meu esmalte está fresco. — De repente me dei conta disso. — Como vou fazer?

— Escuta, se estiver mesmo interessada em me acompanhar nessa investigação, vai ter que se virar. E me dê logo o endereço desse salão antes que eu desista de você.

— Fica na pracinha do Gutierrez — informei derrotada. — Basta procurar o Femme Fatale. É o nome do salão, quero dizer.

Bernardo soltou uma risada que quase estourou meus tímpanos.

— Está de brincadeira. Femme Fatale? É para combinar com você?

Juro que não entendi a comparação. Mas eu também não perguntaria. Além do mais, aproveitei para raciocinar como eu resolveria meu problema, isto é, como calçaria o sapato sem estragar minhas unhas lindamente manicuradas.

Disparei a sacudir os pés, presumindo que o ventinho secaria o esmalte mais rápido. Que nada! E Bernardo acabou chegando muito mais depressa do que eu calculava.

Assim que ele apareceu na entrada do salão, todas as cabeças

se viraram para o cara. Aquilo é o que eu chamo de entrada triunfal.

Minha manicure sussurrou:

— Que gato!

Pelo sorrisinho safado dele, acredito que Bernardo escutou perfeitamente.

Calcei minhas Havaianas e fui ao encontro dele, desesperada para sair dali e evitar um possível embate diante de uma plateia. Do alto de seu um metro e qualquer coisa perto de noventa centímetros, a Cria de Satanás me olhou de cima a baixo,

detendo-se nos meus pés quase descalços.

— De uns dias para cá eu só te vejo assim. — Bernardo apontou para o chão. — Sem aqueles saltos famigerados. Como está o clima aí embaixo?

— Devo achar graça? — questionei.

— Seria bom, sabe? Só para parecer que sou engraçado.

Revirei os olhos. Bernardo era um sujeito estranho.

— E *eles* são uma graça. Os seus

pés.

Por essa eu não esperava. Receber um elogio do mestre da insensibilidade. Bom, não eu, mas meus pés. Ninguém jamais havia dito que eles eram bonitos.

Um silêncio constrangedor pairou sobre nós.

— Er... Preciso passar em casa — avisei, acabando com a falta de palavras. — Não posso ir trabalhar assim.

— Certo. Vamos rápido, então.

Pensei que eu fosse subir sozinha,

mas, quando dei pela coisa, Bernardo já estava dividindo o elevador comigo.

— Para o caso de você resolver demorar — explicou.

Pedi que ele esperasse na sala e voei para dentro do quarto, onde me troquei em tempo recorde. Podia até estar indo a um lugar que não exigia trajes melhores, mas eu jamais sairia de casa a trabalho, como se fosse uma mendiga.

Como minhas unhas não estavam cem por cento secas, voltei a calçar as Havaianas, mas levei um par de

sapatilhas dentro de uma sacola. Lógico que eu não pagaria o mico de descer do carro sem elas.

Quando voltei a me encontrar com Bernardo, peguei-o analisando as fotos expostas na estante da sala. Assim que me viu, ele comentou:

— Sua família é bem grande, hein? — O indicador dele apontava para um retrato em que eu aparecia entre meus três irmãos, tirada há uns sete anos na Praia da Costa Azul, em Iriri. — Presumo que sejam seus irmãos.

— Sim.

— Puxa! Só você de garota no meio de três meninos... — Bernardo parecia verdadeiramente admirado. — Não deve ser fácil.

— Às vezes, não — concordei, ajeitando minha bolsa nos ombros. Mas não espichei a conversa. — Vamos?



Chegamos ao Aglomerado da Serra em poucos minutos, e o tempo que gastamos até lá usei para tentar secar o esmalte das minhas unhas. Lembrei que tinha um ventilador

portátil dentro da bolsa, desses de mesa, bem pequenos e a pilha, e joguei o vento sobre os dedos. Para isso precisei apoiar os pés no painel do carro, o que deixou Bernardo no auge da irritação.

— Pelo amor de Deus! — resmungou ele. — Calça logo esse sapato e esquece suas malditas unhas!

— Meu filho, paguei vinte e cinco reais por elas. Não pretendo jogar meu suado dinheirinho fora.

Bernardo revirou os olhos, mas não fez outro comentário. Antes de

sair do carro, ele apanhou uma bolsa no banco de trás e tirou dela uma câmera fotográfica.

Normalmente um fotógrafo do jornal costumava aparecer para fazer as imagens enquanto ficávamos recolhendo as informações. No entanto, estávamos numa situação bastante complexa, e Bernardo explicou que, quanto menos pessoas estivessem envolvidas, melhor. Não sei se me senti confortável com essa declaração.

Fomos recepcionados pelo presidente da associação de

moradores do Aglomerado, um senhor de cabelo e bigode brancos, até bem simpático, que ficou jogando conversa fora enquanto caminhávamos pelas ruelas estreitas. Por mais que a intenção dele fosse nos deixar bem à vontade, meu coração martelava no peito em sinal de alerta.

As pessoas na frente das casas ficavam nos olhando, algumas querendo chamar atenção, principalmente no momento em que descobriram que éramos da imprensa.

Fiz de tudo para não encarar, para não me sentir perplexa. Mas só consegui parecer um robô sem cérebro, seguindo Bernardo como se fosse o cãozinho de estimação dele. Em compensação, ele parecia membro da comunidade, com seu jeitão descontraído e relaxado. Tirei meu chapéu para Bernardo. Eu ainda tinha muito o que aprender.

O presidente relatou que estávamos sendo esperados pelos principais representantes do tráfico, todos devidamente encapuzados e cientes de que não revelaríamos, em hipótese alguma, a identidade deles.

Detalhe que não passou despercebido por mim: como poderíamos saber quem eram se não nos deixariam ver o seu rosto?

Subimos uma vida até chegar ao local do encontro. De repente, o cenário mudou bruscamente. Senti o clima tenso; aliás, não só o clima, mas as pessoas que esperavam por nós. Ainda que a entrevista tivesse sido combinada e todas as exigências, cumpridas, os rapazes do tráfico exibiam, além das sinistras balaclavas — aqueles capuzes pretos que cobrem toda a

cabeça, exceto pelos furos nos olhos e no nariz —, armas pesadas, como metralhadoras, eu acho.

Todos os pelos do meu corpo se eriçaram de pânico. Eu queria sumir, sair correndo ou me teletransportar para o shopping mais próximo, onde eu afogaria meu estresse numa boa e velha manhã de compras.

Contei uns quinze caras sentados na escadaria que levava a um barraco bem no alto. E não é falta de modéstia contar que eles olhavam para mim — todos. Não me senti lisonjeada. Nem um pouco.

Um deles ficou de pé, ainda com os olhos pregados em mim, e disse, com uma voz cheia de gírias:

— E aí, chegado? Tô vendo que trouxe um filé. O barão vai se amarrar na patricinha.

Eu devia ter tomado um Rivotril. Pelo menos a metade ou um quarto de comprimido. E se aqueles caras resolvessem... Sei lá! Descumprir o combinado e me pegar de jeito? Sei de alguns jornalistas que desapareceram em muito morro por aí.

Bernardo fez o gesto universal

que indica “calma aí” e tomou a palavra para si:

— A moça aqui trabalha para o jornal. É jornalista também. E só veio porque o Biju autorizou. Acho que não teremos problemas em relação a isso, não é?

Parei de respirar. E se ele dissesse que teríamos problema, sim? Por favor, nem me despedi da minha família!

— Claro que não, bacana. Nóis aqui é tudo gente boa. Fica tranquilo que nóis é de paz. Sua mina tá com a gente, tá com Deus. Né não,

rapaziada?

Fui exalando o ar devagarinho, para ninguém perceber. Eu não diria que estar com aquela galera era o mesmo que estar com Deus, mas pelo menos eles haviam garantido minha segurança.

— Ótimo — disse Bernardo. — E agora já podemos ver o Biju?

— Rato, capa o gato[2] e vai chamar o chefia. Avisa ele que os repórter tá aqui.

Um menino magricela, esquelético até não poder mais, obedeceu à

ordem daquele que provavelmente devia ser meio que o braço direito do traficante-mor e subiu voando as escadarias.

Baixinho, fiquei repetindo uma oração que minha avó me ensinou quando meus irmãos e eu éramos crianças: "Anjinho da guarda, doce companhia, não me desampare nem de noite nem de dia".

— O que você está fazendo? — Bernardo sussurrou praticamente dentro do meu ouvido, para eu e ninguém mais escutar a pergunta.

— Rezando para a gente sair

dessa do jeito que chegou.

Bernardo bufou e puxou a manga da minha blusa assim que recebemos autorização para subir, escoltados pelos capangas do chefão.

Sem pensar, acabei perguntando

— Qual é a potência dessas armas? — Para o caso de eu precisar me desviar da munição se os donos delas resolvessem fazer uma demonstração.

— Que que cê disse? — quis saber um dos mascarados, sentindo meu medo exalando pelos poros.

— É a primeira pergunta. Da entrevista — interferiu Bernardo, de cara fechada. Para mim, obviamente.

— Preocupa não, dona. Se nóis resolver atirá, a gente avisa antes. E só se os cana[3] aparecer.

— Ah! — balbuciei, como se aquela resposta tivesse me tranquilizado muito.

A escadaria — que mais parecia uma parede de treinamento de escalada — terminou num barraco, desses bem precários que estamos acostumados a ver em filmes como

Cidade de Deus. Fiquei me questionando por que um traficante, o líder deles, preferiria viver assim a gastar o dinheiro sujo melhorando sua qualidade de vida.

Obtive o esclarecimento da minha dúvida assim que entrei no casebre. Lá dentro não havia móveis, a não ser que possamos chamar engradados de cerveja de cadeiras e uma tábua manca, visivelmente sustentada por um caixote, de mesa.

Em compensação, eram tantas armas e celulares espalhados pelo cômodo que cheguei a engasgar.

Uma coisa é tomar conhecimento dessa realidade pela televisão; outra, completamente diferente, é presenciar esse lado degradante da vida ao vivo, sem cortes ou edição.

Embora carente de mobiliário, tinha muita gente naquele barraco. Ah, se minha família fizesse ideia de onde eu me encontrava! Eu estava literalmente no centro do fogo cruzado, quero dizer, não que as pessoas estivessem atirando, mas o risco era enorme. Minha mãe morreria se soubesse, e meus irmãos dariam um jeito de acabar com minha vida, caso eu voltasse para

casa com ela.

Um homem robusto, alto e atlético ficou de pé quando entramos. Ele segurava algo parecido com uma escopeta — desculpe, não entendo de armas o suficiente para saber nomeá-las — e exibia uma postura bastante intimidadora. Mas quem ali não tinha?

Entretanto, assim que escutei a voz dele, constatei que, por trás da aparência feroz, havia um sujeito que se esforçava muito para esconder quem realmente era.

— Sejam bem-vindos ao nosso

quartel-general — ele disse, sem empregar gírias nem cometer erros grosseiros de português.

Ah! Quartel-general! Então o casebre inóspito não funcionava como residência. Inteligente da parte dele não nos levar até sua casa. Longe dos olhos, longe do caminho da polícia.

— Conforme expliquei por telefone, o jornal está preparando uma edição especial sobre o tráfico de drogas no Aglomerado da Serra. Nós não temos a intenção de denunciar vocês. Não somos

parceiros da polícia. Como jornalistas, queremos apresentar a verdade para os leitores, ouvindo todos os lados da história. — Bernardo encarou os traficantes que permaneceram no barraco e eu admirei a segurança dele. Esperava chegar a esse ponto um dia. — Tudo bem se fotografarmos?

— Sem problemas, parceiro. — Biju fez um gesto para que nos sentássemos de frente para ele, sobre os engradados vazios. — Nem sempre temos a oportunidade de mostrar a nossa versão. Espero que tenha chegado a hora.

Impressionante como o chefão do morro era habilidoso com as palavras. Muito diferente dos demais. Talvez, se tivesse nascido em outro universo, pudesse se destacar num emprego digno.

Bernardo, como repórter oficial da *Folha*, fez a primeira pergunta, depois de ligar o gravador e posicionar a câmera no ângulo certo.

— Biju, você é o líder do tráfico de drogas no Aglomerado da Serra há um bom tempo; cinco anos, para ser mais exato. Como consegue se esquivar da polícia a ponto de

jamais ter sido preso?

Juro que vi um sorrisinho orgulhoso brotar nos lábios quase ocultados pela máscara preta e intimidadora.

— Sou esperto, escorregadio como quiabo — gabou-se ele. — Os canas nunca viram a minha cara. Sou anônimo, um fantasma. Melhor: uma lenda.

— Quer dizer que os moradores te protegem? — Essa fui eu quem fez. Não resisti. Bernardo não pareceu se importar.

Biju deteve o olhar sobre mim por um ou dois segundos. Parecia estar se decidindo sobre o tipo de resposta que deveria dar.

Fiquei tensa, mas sustentei olhar dele.

— Eu sou filho da comunidade, e ela não tem nada a reclamar de mim. — Biju apoiou os cotovelos nos joelhos e fez um barulho estranho. Soou como um deboche. — Não sou uma ameaça para as pessoas do Aglomerado. Pelo contrário: se precisam de qualquer coisa, a quem vocês acham que elas recorrem? —

Com os dois dedos indicadores voltados para o seu peito, o traficante apontou para si. — Com o salário de fome que a maioria do pessoal ganha, o mês se torna longo, dona. Se precisam de remédio, Biju arranja. Botijão de gás, comida, roupa? É só procurar o Biju. Então, por que iriam me entregar para a polícia? Nós aqui não somos vistos como bandidos. Somos os heróis.

Mais uma para eu anotar no meu caderno de máximas (se eu tivesse um, claro): toda história tem dois lados, mesmo a mais improvável.

— Quer dizer que os moradores não têm medo de você? Ou de serem mortos por alguém da sua gangue? — emendei logo outra pergunta, antes que Bernardo falasse e cortasse meu pensamento.

— Nós não tocamos o terror, se é isso que quer saber. Não matamos ninguém à toa.

— E matam por quê, então? — Dessa vez Bernardo me lançou um olhar de advertência. Não me intimidei. Por favor! Eu não estremeceria pela cara assassina do meu colega agora que estava diante

de vários assassinos de verdade.

— Por vários motivos. — Biju olhou para o alto e pôs-se a listar as justificativas para um homicídio, contando cada uma delas nos dedos. — A gente mata traidor, X9, maus pagadores, policial metido a besta e... Deixa eu pensar...

Jesus, e ainda tinha mais?

— Ah! E membros do Comando Mineiro, sempre — completou. — Neles a gente passa o cerol mesmo[4]. Faz tempo que estão tentando tomar o nosso lugar, mas a

gangue do Biju é como o reinado da rainha Elizabeth da Inglaterra: não tem fim.

Todo mundo gargalhou, até Bernardo. Menos eu. Para alguém hipoteticamente sem estudo, o tal Biju até que tinha conhecimentos gerais.

Tamanho era meu espanto que acabei expondo-o em alto e bom som:

— Biju, você não é uma pessoa sem instrução. Por que escolheu essa vida?

— Por quê? — repetiu ele, com os ombros meio caídos. Suspirou. — A gente não escolhe essa vida, dona. A própria vida nos leva a ela. Meu pai morreu quando eu tinha sete anos. Ele era frentista e foi assassinado por policiais depois de um dia de serviço. Até hoje ninguém sabe por quê. Deixou minha mãe com cinco filhos para criar. Todos os meus irmãos são mais novos que eu. Eu tive que começar a trabalhar muito cedo para ajudar. Fui vender bala no sinal, depois entreguei jornal, mas tudo que conseguia era um trocado filho da p* que não dava

pra nada.

Biju se levantou e tirou um maço de cigarros do bolso. Acendeu um e deu uma tragada profunda. Foi soltando a fumaça aos poucos.

Ninguém se mexeu. Todos aguardavam o desenrolar da história.

— Um dia um cara me abordou na porta da escola, quando eu conseguia frequentar, e perguntou se eu queria ter uma vida melhor. Ele disse que, se eu trabalhasse para sua gangue, minha família nunca mais

passaria necessidade. Tudo o que eu precisava fazer era me tornar um vapor, ou seja, um vendedor mirim de drogas. Não pensei duas vezes. Eu estava para completar nove anos de idade. Claro que não contei para a minha mãe. Apesar da nossa situação financeira, ela sempre abominou o crime. Queria que eu me tornasse um doutor. Rá! Até parece que isso poderia acontecer.

Só percebi que o cigarro havia chegado ao fim quando Biju jogou a guimba pela janela. O ar, já bastante fétido, ficou impregnado com o cheiro da fumaça.

— Mas a dona Efigênia sacou logo que filho mais velho dela estava metido em coisa errada e me deu uma surra que eu nunca mais vou esquecer. Fiquei uns três dias sem poder me sentar. — Nessa hora Biju riu, de um modo melancólico. — E, acreditem se quiserem, ela fez o mesmo com o dono da boca na época, o cara que me recrutou.

Tampei a boca com a mão, horrorizada com a coragem daquela mãe.

— Não precisa ficar assustada, dona. Ninguém pode com a minha

mãe. Foi por isso que fiquei um tempo longe do tráfico, só estudando e agindo como uma criança normal. Prometi a ela que não me envolveria com o crime de novo, pelo menos enquanto fosse menor de idade. E, cara, que período do c*. Opa! Falei um palavrão. Vai ficar registrado nesse troço.

Bernardo e eu demos de ombros juntos. Queríamos ouvir mais.

— Bom, resumindo: foram anos difíceis. Então, assim que eu fiz dezoito anos, disse para dona Efigênia que voltaria a trabalhar

para os traficantes, com ou sem a aprovação dela, e guardei meu diploma de ensino médio na gaveta. E aqui estou, até hoje. Então, senhorita — disse Biju, com ironia —, não posso dizer que tive escolha, não é?

Movimentei a cabeça de um lado para o outro, e esse gesto só fez Biju pegar mais um cigarro no bolso da camisa e recomeçar o procedimento "traga-solta".

— Mas hoje os meninos entram para o tráfico cada vez mais novos. Sei de garotos de nove anos

trabalhando como avião. Isso não deveria ser controlado por vocês?

Fiquei quietinha, só ouvindo a progressão da pergunta feita por Bernardo. Como já havia assistido a um documentário sobre os jovens traficantes do Morro Dono Marta, no Rio de Janeiro, antes de ele ser pacificado, eu já previa a resposta.

— Controlar o quê, meu camarada? Os pais desses garotos, se não estão mortos, trabalham por um salário de fome que mal dá para comprar comida. E eles querem mais. Muito mais. Querem o tênis de

marca, o boné da moda, a camiseta descolada. O gosto do pessoal aqui é caro, como o seu e o da sua garota aí.

Exatamente como eu tinha imaginado.

A entrevista se estendeu por mais um tempo. Cheguei até a relaxar, considerando que a tensão havia se dissipado pouco a pouco. Bernardo tirou muitas fotos e atendeu ao pedido de todos que quiseram aparecer nas imagens. Eles riram juntos, como velhos amigos. Mais uma vez invejei a cuca fresca do

meu colega.

Para mim, aquele trabalho foi uma lição de vida. É engraçado como nos acostumamos com determinadas situações a ponto de parar de refletir sobre elas. Na nossa concepção — pré-concebida a partir dos estereótipos definidos pela sociedade —, bandido é bandido, mocinho é mocinho. Bem assim, separados, em lados opostos.

Mas a linha divisória entre esses dois mundos é tênue, permitindo muitas outras classificações. Portanto, cada vez mais entendo que

o papel do jornalista extrapola a transmissão de notícias. Temos o dever de mostrar a realidade do jeito que ela é, sem subterfúgios.

Conversar com Biju, entrar na favela, ser espectadora da vida de uma parcela da população que passa despercebida quase sempre — exceto quando é protagonista de tragédias —, mexeu comigo. Muito.

Desci o morro com a cabeça a mil e o coração apertado, sentindo pena da criança que Biju foi e do adulto que ele foi obrigado a se tornar. E também de todas as gerações que já

passaram e ainda vão passar por isso.

O presidente da associação de moradores nos acompanhou na descida. Ficou batendo papo com Bernardo; uma conversa descontraída, cujo conteúdo eu ignorei por completo. Não consegui me concentrar neles. Eu sou assim. Muito suscetível às injustiças sociais.

De volta ao carro, descalcei rapidamente as sapatilhas, um pouco receosa de estar com chulé, e chequei as condições das minhas

unhas.

Ufa! Não estragaram. Movimentei os dedos, permitindo que tomassem um pouco de ar, e me perdi nas imagens que passavam por minha janela. Queria ir para casa, tomar um banho e ter uma crise de consciência pelas inúmeras vezes que reclamei da vida, especialmente quando pedia um brinquedo ou uma roupa nova e meus pais diziam não.

— Você está tão calada... — Bernardo observou, tentando desviar a atenção do trânsito para me olhar. — O que aconteceu com a sua

eloquência?

Ai, Bernardo, agora não. Pensei. Tudo menos iniciar a nossa guerrinha de nervos particular.

Respirei fundo. Oxigenar o cérebro ajuda muito num momento de estresse iminente. Já li isso em algum lugar.

— Estou cansada. — Um carro lá fora fez uma manobra perigosa. Afundei o pé direito num freio imaginário. Sempre tenho esse ato reflexo quando estou no banco do carona.

— É a nossa vida. Vai se acostumando.

— Não estou reclamando, estou? — retruquei, com a testa franzida, pronta para o ataque dele.

— Ei, não foi uma crítica, colega — defendeu-se ele. — Pelo contrário. Achei que você mandou muito bem lá em cima.

Não, eu não estava ouvindo aquilo. Bernardo. Me elogiando.

— E também acredito que ganhou o coração de Biju. — Pronto. Agora sim era ele de volta. Que susto! Por

um momento pensei que havia sido possuído por um espírito bondoso.
— Pena que você não faça o tipo mulher de malandro.

Sem o menor humor, limitei-me a revirar os olhos.

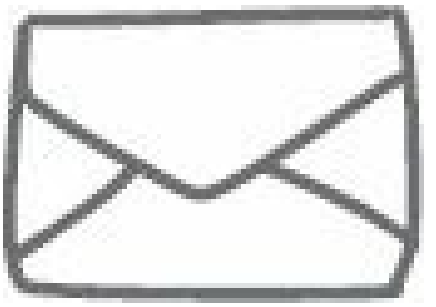
— Para entrar no critério deles, você teria que ser mais... maleável, menos respondona. E, definitivamente, precisaria abandonar de vez esse ar superior, sobretudo quando revira os olhos. Senão viveria tomando uns tapas.

— Ah! — Meu choque era tão grande que não consegui me

expressar. — Seu, seu, seu... Argh! Você é um demônio. Cria de Satanás!

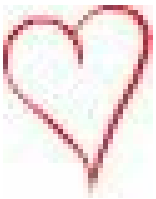
Com uma gargalhada medonha, dessas de amedrontar criancinhas e estagiárias estressadas, Bernardo continuou dirigindo rumo ao jornal, sem dar bola para os meus xingamentos.

Não tinha jeito mesmo. Com ele eu sempre levava a pior.



Capítulo 10

Quando uma notícia envolve opiniões divergentes, o jornalista tem obrigação de relatar essas diversas versões ao leitor.



Garoto da mochila xadrez,

o que esconde sob o mar?

Daria um dente para saber,

ou um braço, meus cabelos.

Tudo!

O que há naquele papel?

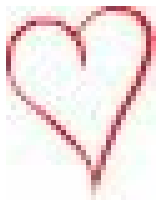
Atrás do seu límpido olhar?

Eu morreria para descobrir

E acabar com meus anseios.

Juro!

Reviraria o mundo para alcançar você.



Passamos a semana preparando a matéria sobre o Aglomerado da Serra, que ganharia destaque num caderno especial da edição de domingo, sobre criminalidade e tráfico de drogas. Ou melhor, *eu*

fiquei concentrada nisso. Até para dar um tempo da guerra de nervos promovida por Bernardo, preferi me manter na redação, revisando os textos, acompanhando o trabalho de diagramação, escolhendo as fotos mais impactantes e conversando bastante com Luciana.

Ela tinha muito a me ensinar. Por mais que na faculdade eu também aprendesse, a prática e a vivência da minha editora surtiam muito mais efeito em mim. Sem contar os inúmeros toques dados diariamente por meus colegas de editoria.

Fui ficando menos insegura, mesmo estando sob o título de estagiária, que, por princípio, soa meio pejorativo.

A permanência na redação também foi positiva no lado pessoal. Sempre que dava, eu recebia uma visitinha "despretensiosa" de Marcelo, o que enchia meu dia de empolgação. Ele costumava aparecer como quem não quer nada, alegando estar por perto ou de folga no momento. E sempre dava um jeitinho de ficar a sós comigo, levando-me para um café rápido na cozinha ou pedindo para eu dar uma

olhadinha na matéria dele. Tudo muito amistoso, diga-se de passagem. Em nenhum momento ele avançava realmente o sinal. Isso ao mesmo tempo me frustrava e me deixava aliviada. Sem pressão, sem tomada de decisão.

Mas não saímos juntos de novo. Quero dizer, não houve mais cafezinho no Kahlúa nem partidas de vôlei. Se ele notou minhas reticências em relação a nós dois, eu não saberia dizer. Ou talvez Marcelo só não estivesse interessado mesmo. Quem sabe ele

era um daqueles caras que adoram cultivar possibilidades? Até porque o "Caso Bianca" ainda não havia sido desvendado.

Na sexta-feira, combinamos fazer um *happy hour* depois do expediente. A sugestão foi de Fernando, e, a princípio, tentei me esquivar. Porque:

> *Eu não sabia se seria uma boa ideia sair para confraternizar com Bernardo.*
>
> *Eu não queria ser a única mulher do grupo.*
>
> *Meus cabelos estavam meio*

oleosos, e não era do meu feitio ficar à vontade numa situação como essa.

Só que eu não tive escapatória. Todos os colegas usaram bastante persuasão, tipo: "Se você não for com a gente, será obrigada a passar a próxima semana na máquina de xerox, sem computador". Diante de um argumento tão contundente, não pude escapar.

Quando deram seis e meia da tarde, fugi até o banheiro e fiz o máximo que pude para dar um *up* no meu visual, prejudicado pelo dia

movimentado. Primeiro retirei a maquiagem leve que passei de manhã com meu removedor magnífico da Revlon. Lavei o rosto com sabonete industrial — socorro! — e tornei a me maquiar. Desta vez pus um pouco mais de cor.

Joguei o cabelo para baixo e o sacudi para tentar espalhar a oleosidade. Eu não queria prendê-lo, afinal, era sexta-feira, minha gente!

Dei uma boa olhada na minha roupa. Ainda bem que resolvi usar meu jeans novo, justinho e *fashion*.

Coleção nova da Diesel — uma fortuna que me custou algumas parcelas do meu suado salário de estagiária. A blusa é que não era lá grande coisa: preta, lisa, sem graça, mas o fato de eu estar de salto valorizou o conjunto.

— Fiu, fiu! — assoviou Fernando assim que saí do banheiro. Na mesma hora senti o rosto queimar.
— Está de carro, coração?

— Não. Tenho preferido vir de ônibus. Sabe como é, né? Dióxido de carbono, meio ambiente, camada de ozônio...

Não teve um que não riu. Correção: Bernardo estreitou os olhos e me fuzilou, para variar.

— Pode vir comigo, então.

Numa boa, que alívio! Tudo menos ter que aceitar a generosidade de Bernardo.

Descemos todos juntos para o estacionamento — eu querendo saber por que a Lu não iria conosco.

— Hoje o plantão é dela.

Ossos do ofício.

Ajeitei-me ao lado de Fernando,

que ligou o rádio na Jovem Pan só para escutar um programa desses em que os apresentadores ficam falando besteiras e curtindo com a cara uns dos outros.

Aproveitei para entrar em contato com meus irmãos e avisar que estava viva, embora presa no trânsito.

— Um *happy hour*, hein? Sozinha com os caras? — Impressionante como meus irmãos conseguem ver maldade em tudo. Nesse caso era Augusto, todo machão, bancando o protetor. — Não vai facilitar as

coisas para eles. Vê se lembra: homem não gosta de mulher fácil.

— Augusto, faça-me o favor! E dobra a língua para falar comigo, porque eu não sou uma das suas amiguinhas não, viu?

Escutei Fernando dar uma risadinha.

— Só estou avisando. Você é muito ingênua, Rafa. Os homens podem ser bem ardilosos.

— Ardilosos? Onde aprendeu essa palavra, senhor engenheiro? Por acaso anda saindo com uma

professora de português?

— Isso, Rafaela, vai tripudiando. Depois não diga que não avisei.

— Pode deixar, maninho. Caso os meus colegas motoqueiros cheios de testosterona resolvam me atacar, dou um grito, certo?

Não esperei a resposta dele. Sei que deixei meu irmão irado.

— Menininha da casa?

— A vida inteira.

— Muitos homens?

— Três. Todos mais velhos. Já

me acostumei com o jeito deles. Ou me escravizam ou tentam me dominar. Coisa de macho, se é que vocês me entendem.

Fernando riu novamente e completou:

— Assim como nosso colega, não é mesmo?

Puxei o ar com força. Comparar meus irmãos com Bernardo não fazia muito sentido. Gustavo, Augusto e Ricardo tinham lá o jeito deles, aquele estilo protetor de irmão mais velho, conquistado por direito adquirido. Bernardo era

simplesmente um troglodita de marca maior, sem a menor intenção de desejar meu bem-estar ou coisa parecida.

— Ele não é tão mau assim. Já falei isso — contemporizou Fernando. — Mas não consigo compreender o problema dele com você. O cara é durão, meio ranzinza, cheio de verdades, mas nunca foi tão relutante com alguém.

— Nossa! Obrigada por esclarecer isso — ironizei. — Quer dizer que eu sou o único foco de antipatia gratuita dele?

Tranquilizador.

Eu não falei, mas meu ego sofreu um abalo sério.

— Bernardo tem lá os problemas dele. Não sei bem o que é, já que nosso colega não é muito de se abrir com as pessoas. Só sei que existe uma história obscura em torno dele, o que pode explicar o seu jeitão.

— Mas isso não justifica, não é?

Nesse momento, um dos locutores do programa no rádio disse algo tão absurdo que desviou o rumo da nossa conversa. De repente

estávamos discutindo a profundidade do seu pensamento à Jece Valadão[5]. Foi o suficiente para nos entreter até chegarmos ao nosso destino.

Fomos os últimos da turma a aparecer no bar. O pessoal já tinha se apropriado de uma mesa bem no canto e se afogava nas canecas embaçadas pelo chope geladinho. Não sou muito de beber, mas, sério, minha boca chegou a salivar. E ressecou todinha quando me deparei com Bernardo e sua cara de quem comeu e não gostou.

Tive vontade de dar meia-volta e sair dali. Afinal, o que eu queria com aquilo? Como confraternizar se uma pessoa no meio do grupo era a personificação de todos os últimos tormentos da minha vida? Além do mais, não fiquei confortável sendo a única menina entre cinco representantes imponentes do sexo masculino.

Mas, enfim, já que estava lá, não podia voltar atrás e dar uma desculpa qualquer para fugir. Armei um sorriso amarelo nos lábios e segui Fernando até a mesa dos nossos colegas.

Fui recebida com assovios e saudações calorosas, o suficiente para fazer meu rosto ficar da cor de um tomate maduro. Bernardo foi o único que não aderiu às demonstrações efusivas de felicidade por minha presença. Preciso confessar que isso feriu um pouco meu ego. Só um pouquinho.

Márcio, o mais velho da equipe, levantou-se e me ofereceu sua cadeira. Não pude recusar, embora quisesse, pois a bendita cadeira ficava colada na de Bernardo.

— É uma honra compartilhar com

você nosso momento mais descontraído — declarou o sempre taciturno William. — Normalmente somos só nós, esse monte de homem barbado. Com certeza o grupo está mais belo hoje.

Não prestei atenção em palavra alguma que os demais proferiram. Só tive ouvidos para escutar Bernardo bufar. Credo! Até parecia que eu era portadora de uma doença venérea.

Sorri timidamente e dei uma olhada no ambiente a minha volta. Nunca havia estado naquele bar. Era

um típico reduto de jovens trabalhadores reunidos depois do expediente. Muito barulho, tudo bem informal. E não faltava gente bonita; um bônus para os frequentadores assíduos do local.

Para completar, havia até uma pequena pista de dança para os mais extrovertidos, apesar de estar deserta naquele momento. Mas o melhor de tudo, que me fez relaxar de vez, eram as músicas. Nada de axé, nada de pagode nem de sertanejo universitário. Só um bom e velho pop-rock nacional e baladinhas contemporâneas

internacionais.

Pedi um chope para acompanhar os rapazes. Quase babei na primeira golada. Adivinhem por quê?

— Pensei que garotas como você só bebessem Ice. Sabe como é. Para não dar barriguinha de cerveja.

Nem me dignei a olhar para a cara da Cria de Satanás. Também preferi não responder. Mas só porque eu não tinha uma boa resposta na ponta da língua, como meu pai, que sempre soube colocar as pessoas inconvenientes em seus devidos lugares.

Acho que meu silêncio foi bom, porque ele bufou de novo.

Ignorei Bernardo solenemente e engatei uma conversa animada com Fernando e Márcio sobre a novela *Que rei sou eu?* — que, mesmo não sendo da minha época, estava sendo reprisada pelo canal Viva e eu, assim como eles, adorava.

— Você não tem idade para curtir um clássico desses — pontuou Fernando, muito satisfeito consigo mesmo. Eu que não ia lembrá-lo de que quem estava na flor da mocidade ali era eu. — Aposto que

adora *Malhação*.

— Rá, rá, rá. Posso não ter idade, mas sei reconhecer o que há de bom, antigo ou não.

De repente, senti meu celular dar sinal de vida dentro da bolsa. Não que eu tenha escutado o infalível toque de *O fantasma da ópera,* — é que a bolsa começou a tremer no meu colo.

— Alô? — quase gritei, com o indicador enfiado num dos ouvidos para conseguir escutar a pessoa do outro lado.

— Rafa, onde você está? — Gisele berrou. — Pensei que íamos fazer a noite das garotas hoje.

— Ué, mas não combinamos nada... Nenhuma de vocês deu notícias — justifiquei, com a cabeça abaixada quase até o meu colo, procurando manter o máximo de discrição. — Então saí com o pessoal do jornal.

— Ah! Fazendo um *happy hour*, hein? — Alguém, um dia, ainda ia ter que dar limites a Gisele. — Por que não chamou a gente? Eu e a Alice estamos aqui, de bobeira. Diz

onde está que iremos até aí.

Não sei se seria uma boa ideia. Quero dizer, reunir minhas amigas e meus colegas numa noitada em comum — que também poderia ser caracterizada como incomum. Mas, se eu dissesse não, Gisele reviraria a cidade até me encontrar.

Revelei o nome do bar, rezando para que Alice, a sensata do quarteto, preferisse não aparecer, atrapalhando os planos de Gisele. Desejo não satisfeito, infelizmente.

— Beleza! Daqui a meia horinha, no máximo, estaremos aí. — Gisele

deu uma pausa e falou num tom menos elevado: — O gostosão do Bernardo está aí?

Céus. Era isso o que eu temia.

— Sim — eu disse entredentes. — Mas não se anime demais. Você sabe bem por quê.

Quando desliguei o telefone, todos olhavam para mim. Dei de ombros, como quem não se importa, e avisei calmamente:

— Fui encontrada por duas amigas. Elas estão vindo, tudo bem?

Com uma animação mal

disfarçada, meus colegas responderam que sim.

Por que os homens são assim, hein? Solteiro ali era apenas Bernardo, digo, não casado. Os outros quatro possuíam uma argolazinha dourada no anelar da mão esquerda, muito brilhante, por sinal. Então por que diabos tinham que se empolgar com a chegada de mais mulheres ao grupo?

Elas não demoraram a aparecer. Ficaram na porta com o pescoço esticado, à minha caça no meio daquele mar de rostos. Espichei o

braço e acenei para minhas amigas, que abriram um sorrisão assim que me avistaram.

Meus cinco colegas ficaram de pé para recebê-las. Quanto a mim, cumprimentei-as com beijinhos no rosto e fiz as devidas apresentações.

Não preciso nem mencionar que, enquanto Alice se comportou como a garota séria que era, Gisele só faltou dar um selinho em cada um para mostrar como podia ser descolada. Estava deslumbrante — acredito que de propósito — num vestidinho floral curto e justo, com todas as

suas curvas realçadas.

— Que legal conhecer vocês! — Ela vibrou, jogando o longo cabelo loiro para o lado. — Também faço jornalismo e sempre achei o pessoal da *Folha de Minas* o máximo!

Troquei um olhar com Alice e voltei a me sentar, só que em outra cadeira, já que a minha antiga havia sido ocupada pela entusiasmada Gisele. Em poucos segundos a atenção dela se concentrou em Bernardo, claro, com quem ela não parou de tagarelar dali em diante.

— Que ideia foi essa de virem

para cá? — sussurrei para Alice.

— Até parece que é possível mudar as estratégias da Gisele quando a louca enfia uma coisa na cabeça. — Alice moveu as sobrancelhas na direção de Bernardo. — Ela quis vir só para conhecer o gatão ali.

Sem brincadeira, gente. Subitamente, uma onda de tremor percorreu meu corpo, como se uma britadeira ligada morasse dentro de mim. Foi uma sensação de posse, uma coisa meio irracional que acendeu um alerta no meu cérebro,

tipo: *Não mexam com o que é meu.* Não fazia o menor sentido, porque eu nem simpatizava com Bernardo nem nada.

Mas eu não conseguia parar de tentar captar o teor da conversa entre eles, o que me levou a ter uma raiva danada de mim. Pedi mais uma caneca de chope e bebi numa talagada só.

— Epa! Tem gente querendo ficar bêbada — Fernando brincou. Já Bernardo levantou os olhos e me encarou por sobre a cabeça de Gisele.

Tive que dar uma escapada. Puxei a manga da camisa de Alice e a arrastei para o banheiro.

— Por que está tão chateada, amiga? — ela quis saber.

Fingi indiferença, espremida dentro da cabine.

— Aqueles são meus colegas de trabalho. A Gisele não pode simplesmente aparecer e queimar meu filme. Reparou no modo como ela está se jogando para cima do Bernardo? Ridículo.

— Você a conhece melhor do que

eu. Mas relaxa, Rafa. Hoje é sexta-feira. Ninguém está pensando em trabalho.

Ajeitei a roupa e me olhei no espelho. Perto da minha amiga florida, eu mais parecia um zumbi novato.

Voltamos para a mesa e não encontramos os dois. Márcio deu uma risadinha e apontou para a pista de dança. Chocada, eu me deparei com Bernardo e Gisele no que poderíamos muito bem chamar de dança do acasalamento. Abri a boca e me esqueci de fechar.

— Parece que sua amiga é bem... quente.

Quente? Gisele era uma... uma... exibida. Isso, sim.

Tocava *She will be loved*, do Maroon 5, e, por mal dos pecados, parecia que Bernardo sabia a letra. Então começou a cantá-la no ouvido de Gisele — deu para notar — de um jeito tão sensual que ela deve ter ficado arrepiada, porque *eu* fiquei!

Beauty queen of only eighteen, she had some trouble with herself. [6]

Bernardo afundou as mãos no cabelo de Gisele e inspirou. Meu Deus, o que estava acontecendo ali?

> *I drove for miles and miles/And wound up at your door/I've had you so many times/But somehow I want more.*[7]

Movimentando-se no ritmo da canção, Bernardo foi empurrando minha amiga para fora da pista. Havia um nicho escuro nos fundos. Então ele a guiou até lá. Quando

Gisele encostou as costas na parede, ele a encarou.

Comecei a sentir calor e a entrar em pânico. Como Zora Yonara, a maior astróloga do Brasil, eu sabia muito bem como aquela cena terminaria.

> ***Look for the girl with the broken smile/ Ask her if she wants to stay a while/And she will be loved.*** [8]

Ele já não cantava mais para Gisele. Apenas olhava intensamente

para ela. Os polegares dele desenhavam círculos no rosto de Gisele. Ela fechou os olhos e inspirou pesadamente. Bernardo colou os lábios nos dela, sem medo nem hesitação. Gisele recebeu-o com prazer, ajeitando-se para ficar ainda mais grudada nele.

Cretina!

— Minha nossa! — Alice balbuciou do meu lado. — Que rápidos.

Abaixei a cabeça, meio tonta, buscando o ar como se ele fosse um item raro. Não que eu estivesse com

ciúmes de Bernardo ou com inveja de Gisele. Não era isso. Eu só achava estranho o modo como eles se comportavam. Nem se conheciam! Como podiam estar se agarrando no canto de um bar lotado, sob os olhares de desconhecidos e dos nossos? Nunca pensei que, além de emburrado, Bernardo fizesse o tipo galinha. Quanto à Gisele, sem comentários.

— Vamos embora? — pedi a Alice. — Nossa amiga vai depois com o novo namorado.

— Tem certeza?

— Alice, por favor. Não estou a fim de fazer parte dessa palhaçada.

— Tudo bem. — Ela levantou as mãos e pegou a chave do carro na bolsa.

Avisei aos rapazes que estávamos de saída. Fernando franziu a testa.

— Ué, Rafa? Tão cedo? Suas amigas mal chegaram...

— Desculpe, mas estou muito cansada — inventei. — Alice vai me dar uma carona. Vejo vocês na segunda, meninos.

Joguei beijinhos descontraídos no

ar, tentei deixar dinheiro para inteirar a conta — que não foi aceito — e saí, tropeçando em pés de cadeiras ao longo do trajeto até a porta, minha marca registrada.

No meio do caminho, Gisele nos alcançou. Exibia o rosto marcado pela eterna barba por fazer de Bernardo e uma cara de boba ridícula. Nunca tive tanta vontade de esbofetear alguém como naquela hora.

— Já vão, meninas? — perguntou ela, toda serelepe. — Podem ir. Depois o Bernardo me deixa em

casa.

Rugi baixinho, como uma leoa ameaçada. Virei as costas sem dizer uma palavra, mas Gisele segurou meu braço e me fez voltar um passo.

— Obrigada, amiga. Mil vezes obrigada. Se não fosse você, eu jamais teria conhecido aquele deus grego.

Tudo o que fiz foi dar um sorriso amarelo. Se eu abrisse a minha boca, aquela garota iria escutar o que não queria. Quando necessário, eu também sei baixar o nível.



— Eu não entendo.

Pedi a Alice que dormisse na minha casa. Sendo ela a minha amiga mais antiga, eu poderia falar mal de Gisele à vontade, sem medo de ser dedurada depois.

Deitada num colchão inflável aos pés da minha cama, ela olhava para mim com os olhos semicerrados. Sua expressão revelava dúvida e desconfiança.

— Você nem gosta do cara. Sempre que fala dele usa os

adjetivos mais pejorativos do Aurélio — observou Alice. — Então por que está tão nervosa, tão ofendida?

— Não é isso. — Suspirei, afundando nos meus travesseiros. — Não estou ofendida, mas, sim, decepcionada. — Tentei explicar. Porém, na verdade, eu queria ver se convencia a mim mesma. — A Gisele sabe o que sinto pelo Bernardo. Somos quase inimigos declarados. O que ela fez foi uma traição.

— Não seja dramática, Rafa. Não

combina com você, amiga. Deixe a Gisele beijar quem ela quiser. A garota sempre foi assim.

— Ela pode beijar até o príncipe Harry, Alice. Menos o Bernardo. Se eles começarem a namorar, vou ter que conviver socialmente com ele. Já pensou?

Alice riu.

— Sabe de uma coisa? Sinto informar, mas acho que está com ciúmes.

— Quê?! — engasguei. Joguei a coberta para o lado e me sentei na

beirada da cama.

— Isso mesmo. Não digo que está apaixonada pelo Bernardo. Não é isso. Mas acredito que, pelo fato de estarem sempre juntos, talvez você tenha desenvolvido um sentimento de posse ou coisa parecida.

— Rá! Era só o que me faltava. — Caí de costas no colchão e fechei os olhos com força, encerrando aquele assunto sinistro na marra.


01 :30

Capítulo 11

Quanto mais fundamentada e sustentada por fatos e dados exatos e comprovados a opinião estiver, maior será sua credibilidade.

Tentei começar a semana com o pé direito. Passei o sábado e o domingo ignorando as ligações de Gisele e me fingindo de morta. Pedi aos meus irmãos que dessem uma desculpa sempre que ela telefonasse. Sabem o que eles inventaram? Que eu tinha ido fazer uma entrevista com índios

de uma tribo no Mato Grosso do Sul, onde não chegava sinal de celular. Se a intenção era passar despercebida, creio que o efeito foi justamente o oposto.

Mesmo assim, mantive-me firme. Eu não queria falar com ela, ouvi-la debulhar as qualidades inatas de Bernardo, uma vez que eu só enxergava defeitos, tanto no físico quanto no caráter dele. Ah, está certo! O físico era perfeito, sem defeitos. Pronto, falei.

Na segunda-feira, até que eu já estava mais controlada. Como não

tinha intimidade com meu parceiro de investigação jornalística, claro que não ouviria nada a respeito dos seus amassos com minha amiga. (Ou seria ex-amiga?)

Cheguei ao meu reduto de trabalho com a maior cara de paisagem, como se não tivesse passado os últimos dois dias remoendo o espetáculo quase pornográfico protagonizado por Gisele e Bernardo no bar da Savassi.

Para me proteger de possíveis interpretações erradas quanto aos

meus sentimentos, caprichei no visual, de modo que minha aparência chamasse mais atenção dos colegas do que meu rosto cheio de olheiras. Desta vez fui trabalhar de saia, ao estilo executiva da Avenida Paulista.

Assim que apontei no corredor da editoria, todas as cabeças se voltaram para mim. Sentime a própria Alessandra Ambrósio, toda poderosa na passarela. Inconscientemente — mas nem tanto —, movimentei o quadril daquele jeito que as modelos profissionais fazem.

— Assim você mata o papai — Fernando debochou, com as mãos pousadas teatralmente sobre o peito, na direção do coração.

Para complementar minha fachada descontraída, acenei para meus colegas como as candidatas a Miss Brasil fazem. Arranquei risos, exatamente o que eu queria.

Depois do espetáculo de bom humor, assumi meu posto e pus o computador para funcionar. Nem me dei ao trabalho de olhar para meu vizinho de frente. O máximo que fiz foi balbuciar um bom-dia bem

econômico, que foi respondido da mesma forma.

Abri meu gerenciador de e-mails e dei de cara com uma mensagem de Gisele. Fiquei na dúvida se lia ou não, mas acabei cedendo à curiosidade.

De: Gisele Nunes Brandão

Para: Rafaela Vilas Boas

Assunto: Está fugindo de mim?

Amiga,

O que houve com você? Estou preocupada. Você não atende

as minhas ligações e ainda mandou aqueles lesados dos seus irmãos inventarem a desculpa mais absurda do mundo para não falar comigo.

Prefiro acreditar que não está zangada porque fiquei com o Bernardo. Afinal, como resistir a um homem tão lindo, tão sexy e tão gostoso como ele? Não sei como você consegue. Sério mesmo. Porque eu não fui capaz de resistir. Ele é tão... persuasivo. Nossa, e como beija bem!

Na verdade, não é só o beijo dele que é bom. Melhor eu contar de uma vez, já que você

vai acabar sabendo mesmo. Depois que vocês foram embora, nós também não demoramos muito. Deixamos seus outros colegas para trás e esticamos a noite. Sabe onde? No apartamento dele. Minha amiga, foi incrível! Ele mora sozinho numa espécie de loft lá no Sion. Uma graça. Casa de homem com H, sem muita cor e cheia de objetos cromados. Da sala mesmo a gente enxerga o quarto, pois, como você deve saber, lofts não costumam ter paredes entre os cômodos.

A cama dele estava desarrumada, como se o Bernardo tivesse acabado de

acordar naquele exato momento e não tivesse tido tempo de ajeitá-la. Aquilo me empolgou, de uma maneira sensual, quero dizer. Ele perguntou se eu queria beber alguma coisa. Aceitei, só para relaxar mais um pouquinho.

Enfim, o fato é que acordei fora da minha cama no sábado, e não foi porque dormi na casa de uma amiga. Foi demais!

Portanto, se está chateada, confesso que não entendo. Rafa, você detesta o Bernardo. A não ser que esteja mentindo sobre isso.

Vê se me liga, tá legal?

Beijos, Gi

Juro, li e reli a mensagem de Gisele umas vinte vezes para ter certeza de que não imaginei aquela história. Minha nossa! A coisa foi pior do que pensei. A doida dormiu com Bernardo! Na primeira vez que saíram juntos! Pior ainda: no dia em que se conheceram!

Puxa! Quem sou eu para julgar as atitudes das pessoas, mas o que Gisele fez não foi legal. Fiquei até com um pouco de náusea. Aproveitando meu estado de incredulidade, decidi responder o e-

mail dela e não poupei seus sentimentos. Gisele precisava criar juízo.

De: Rafaela Vilas Boas

Para: Gisele Nunes Brandão

Assunto: O que você fez?!

Você dormiu com ele? Como pôde me envergonhar tanto assim? Caso não tenha prestado atenção, aqueles caras são meus colegas de trabalho. Eu sempre soube que você era louca, mas subestimei sua insanidade.

Aff!

Mal cliquei em enviar, recebi a réplica, tão ou mais desaforada que a minha mensagem.

De: Gisele Nunes Brandão

Para: Rafaela Vilas Boas

Assunto: Como é? Repete.

Rafaela,

Não seja ridícula e pare de achar que tudo gira ao seu redor. Qual a relação entre o Bernardo ser seu colega de trabalho e eu ter passado a noite com ele? Nenhuma. Quem dormiu com o cara fui eu e não você. Portanto, ninguém vai

ficar falando de você pelas costas.

Deixa de ser paranoica!

De: Rafaela Vilas Boas

Para: Gisele Nunes Brandão

Assunto: Até parece

Conhece aquela frase "Diga-me com quem andas que te direi quem és"? Pois é. Admita que agiu como uma... qualquer. O que vão pensar de mim, já que ando com você? Faça as contas.

De: Gisele Nunes Brandão

Para: Rafaela Vilas Boas

Assunto: Inacreditável

Estou sem palavras. Quer saber? Fique aí com seu puritanismo de quinta categoria. Não faz mal. Ah! E mande um beijo para o meu gostosão. Na boca.

Fechei o Outlook com a raiva transbordando do meu peito. Gisele e eu tínhamos mesmo discutido a ponto de cortar relações? Bem, pelo menos eu não queria falar com ela tão cedo. Ainda bem que estávamos de férias.

Bernardo se pendurou na

divisória entre nossas baias e avisou, depois de ficar alguns segundos inerte, tentando interpretar minha expressão:

— Vamos sair daqui a quinze minutos. Prepare-se para passar o dia espiando a Lucinha Marinho.

Só para atualizar, Lucinha Marinho é uma ex-dançarina de boate — para não dizer *stripper* — que teve a "sorte" de se casar com um empresário muito bem de vida; para ser mais precisa, o dono de uma das maiores redes hoteleiras do Brasil. Há alguns meses o cara foi

encontrado morto num motel, sem nenhuma marca de violência no corpo, mas com uma altíssima taxa de um tipo de veneno na corrente sanguínea. Não se sabe com quem ele esteve. As câmeras de segurança só conseguiram registrar o vulto de uma mulher toda de preto, com o cabelo escondido sob um chapéu panamá. Podia ser qualquer uma, mas, não se sabe por quê, tudo leva a crer que a esposa está por trás do crime.

— A Lucinha Marinho vai falar com a gente? — indaguei, esquecendo instantaneamente os e-

mails desaforados de Gisele.

— Não é bem assim. — Bernardo tamborilou os dedos na divisória de madeira, enquanto olhava para as suas argolas de prata nos dedos. — Você sabe que a mulher corre da imprensa feito o diabo da cruz. Mas uma fonte acabou de me contar onde ela vai estar durante uma boa parte do dia de hoje.

— E?

— Como assim "e"? Rafaela, vamos ficar de butuca, como quem não quer nada, na porta do salão de beleza, ou day spa, ou seja lá o que

for. Quando ela apontar, nós a pegamos de jeito.

— Essa técnica não é meio primária, não? — eu quis saber, só para constar. — Quem garante que ela vai falar só porque foi pega desprevenida? Que eu saiba, outros jornalistas já tentaram isso.

— Mas não conseguiram — frisou Bernardo, exasperado. — Podemos sair de lá com as mãos vazias, Rafaela, mas, se tivermos sucesso, teremos um furo.

Comecei a me empolgar. Um furo! Seria o primeiro da minha vida.

— O que a Luciana pensa sobre essa ideia?

— Ora, assim como nós, ela tem o vírus da inquietação nas veias.

— Como nós? — Ser incluída naquele pacote me deixou envaidecida. Sou muito boba, né?

— Ué, é o que parece, ainda mais depois da entrevista com o Biju. Outros menos corajosos não teriam encarado.

Tentei não sorrir. Eu não poderia dar nenhum gostinho de vitória para Bernardo.

— Agora, mexa-se! Estamos de saída.

Péssimo dia para ter escolhido vestir saia. Se eu soubesse que ficaríamos horas de plantão dentro do carro, teria vestido uma calça. Sem dúvida. Fiquei um pouco incomodada quando me sentei no banco do carona e a barra da saia subiu um pouco, expondo minhas coxas mais do que eu gostaria. Procurei me ajeitar da melhor maneira possível, mas foi um esforço em vão. Então suspirei e optei por ignorar a situação embaraçosa.

Pus a bolsa sobre o colo, com a certeza de que ela resolveria meu problema. Pelo menos eu esperava que sim.

Meu humor, que já tinha se esvaído há tempos, finalmente nublou-se de vez. Portanto, mantive a boca fechada, evitando qualquer tipo de interação com meu parceiro de investigação.

No entanto, embora eu não quisesse conversa com ele, meu cérebro tratou de me trair, pois eu não conseguia parar de pensar em Bernardo e Gisele juntos,

agarrando-se na pista de dança do bar e depois, pior ainda, no apartamento dele.

Por que, minha Nossa Senhora Desatadora de Nós, eu não podia esquecer essa história e seguir em frente, sem olhar para trás? Afinal, além da minha fixação no *garoto*, eu tinha Marcelo. Quero dizer, não o tinha no sentido literal da frase, mas poderia ter, se quisesse.

Já Bernardo não significava nada para mim, além de ser meu mentor no estágio.

Meus questionamentos aos meus

botões foram interrompidos no momento em que o carro parou na frente de uma espécie de shopping no bairro Belvedere. Usávamos a Santa Fe preta de Bernardo, nem um pouco discreta, mas, ainda assim, menos óbvia do que os veículos com o logotipo do jornal.

No rádio tocava U2. Então deixei-me embalar pela voz emocionante de Bono Vox e permaneci calada, evitando embates desnecessários.

Lembrei-me do meu bloquinho de anotações, o de capa dura com desenho de coala. Ainda bem que o

deixei na bolsa. Retirei-o de lá ávida para preencher algumas de suas páginas com meus devaneios sobre *o garoto*.

> *Se hoje eu tenho 21 anos, você deve estar perto dos 25; quem sabe 26? Pode estar casado, embora eu não acredite realmente nisso. Os homens, nos últimos tempos, fogem de compromissos duradouros antes de completarem, pelo menos, 30 anos. Se bem que você pode ser diferente. Vai ver é romântico, daqueles que se lembram de todas as datas que partilharam com suas amadas.*

Quem sabe é do tipo que prefere viver uma única — mas plena — história de amor a ficar saltando de galho em galho, como uns e outros por aí?

Sabe, garoto, se fosse possível, juro, eu caçava você, nem que tivesse que percorrer cada canto deste mundo. Porque alguma coisa me diz — sempre disse — que você é uma pessoa incomum, capaz de amar intensamente e se permitir ser amado da mesma forma.

Como eu sei disso? Não sei. Apenas sinto. E, quanto mais

forte fica essa certeza, mais difícil se torna acreditar que existem outros seres assim.

Não fique triste comigo, mas às vezes tenho vontade de transferir o que sinto pela ideia que faço de você para um cara normal, de carne e osso. Fico querendo viver uma história verdadeira com alguém. Ando pensando seriamente nessa possibilidade. Desculpe. Não sei... Tem o Marcelo. Ele é um cara legal, bonito, engraçado. No entanto, sei lá! Gostaria que ele fosse você.

— O que tanto você escreve nesse caderno, Rafaela? — Bernardo

invadiu meu espaço, ficando com a cabeça bem próxima da minha a fim de espionar. Fechei meu bloco na mesma hora.

— Não é da sua conta.

Ainda muito perto, ele desviou os olhos para os meus e fez uma careta impertinente.

— Hoje você está mais irritadiça que de costume. Alguém pisou no seu calo? — Ele riu. — Ou os seus saltos estão apertados demais?

— Não estou irritada — defendi-me.

Bernardo baixou o olhar, que se deteve por um tempo longo demais nas minhas pernas. Incomodada, coloquei uma sobre a outra. Mas foi uma péssima ideia, pois a saia subiu mais um pouquinho.

— Você me deixa frustrado, Rafaela — declarou ele, retornando a sua posição original, isto é, bem longe de mim.

Eu o deixo frustrado? O que ele quis dizer com isso?

Guardei o bloquinho na bolsa e peguei uma barra de cereais. Não consegui abrir a embalagem sem

fazer estardalhaço.

— Com fome, é?

— Só estou com o café da manhã no estômago, e já passa da hora do almoço. — Olhei-o com o canto dos olhos. — Tenho outra. Quer?

— Obrigado. Não costumo comer ração.

É. Não tinha jeito. Eu jamais teria uma conversa civilizada e despreocupada com a Cria de Satanás.

Relaxei no encosto do banco e deixei o movimento do lado de fora

da janela prender minha atenção. Estávamos diante de um prédio muito chique, frequentado só pela alta sociedade belo-horizontina, de acordo com o que pude constatar pelo entra e sai de mulheres cujos estilos variavam de elegante a perua à Narcisa Tamborindeguy. Aquilo devia ser um spa de altíssimo luxo — algo que eu nem em sonhos teria condições de frequentar.

Distraidamente, comecei a tamborilar os dedos no encosto de braço da porta do carro, no ritmo de *With or without you*. Lembrei-me de Marcelo e lamentei sumiço dele.

Fazia dias que a gente não se via, e só nos falávamos esporadicamente pelo Facebook. Eu precisava me decidir a respeito dele, pois queria muito ser beijada. Já havia passado tanto tempo desde a última vez... Quem foi mesmo? Ah! Tiago Lessa. Um colega da Publicidade. Ficamos num lenga-lenga durante uns três meses, mas não chegou a ser namoro. Não deu certo porque não estávamos na mesma sintonia. Ou seja, Tiago não tinha olhos azuis nem uma mochila xadrez, se é que vocês me entendem.

— Tenho medo dos seus

pensamentos quando está tão calada — admitiu Bernardo. — Prefiro seu falatório desenfreado.

— Não tenho nada a dizer.

— Mas eu tenho muito a perguntar. — Bernardo girou o corpo e dobrou um dos braços para apoiar a cabeça na mão. Foi aí que eu reparei no tórax dele. Uau! Como era bem esculpido. Só que todo mundo sabe quão belo pode ser o diabo. Desviei o olhar e pousei-o no freio de mão. Bem mais seguro.

— De onde você é, Rafaela? — Para ele eu nunca era só Rafa.

— São Pedro dos Ferros — respondi, de má vontade.

— São Pedro da onde? — indagou ele, cheio de malícia.

— Dos Ferros. Vai me dizer que nunca ouviu falar. Você não é tão esperto?

— Sim, muito esperto. Na maioria das vezes. Mas confesso que não decorei o mapa com a localização dos 853 municípios de Minas Gerais. Ainda.

Fiz cara feia. Não gosto que debochem da minha cidade. Ela

pode ser pequena, não ter rodoviária, mas é onde vivi por dezessete anos, e as pessoas são agradáveis e amistosas, como a família de dona Vanda Vieira, uma senhora simpática, de fala mansa e olhar angelical.

— Bem, ok — continuou ele. — Prometo pesquisar no Google toda a história de... São Pedro dos Ferros, se isso lhe agradar. Pode até me sabatinar depois. Não vou errar nada.

— Combinado. — Puxei o quebra-sol e verifiquei minha

aparência no espelhinho.

— E o que leva uma menina do interior a fazer jornalismo e viver nesta selva que Belo Horizonte se tornou? Pensei que as mocinhas das cidades pequenas estudassem para se tornar professoras.

— Pensei que os sujeitos arrogantes como você possuíssem cargos mais importantes no meio jornalístico. Você precisava ser, no mínimo, um William Bonner da vida.

Bernardo fingiu estar magoado e pôs as mãos no peito.

— Ui! Essa doeu.

Entreolhamo-nos.

— Mas... sério agora. Por que jornalismo?

Desta vez, não notei ironia no tom de voz de Bernardo. Só por isso, decidi baixar as armas também. Por ora.

— Porque eu amo escrever. E ler. E descobrir coisas novas, investigar, ser porta-voz das notícias. Acho que é porque eu sou curiosa.

— Percebe-se. E um tanto quanto estabanada.

— Só quando fico nervosa — defendi-me.

Bernardo, astuto, levantou uma sobrancelha.

— Então eu devo te deixar nervosa, já que vive se metendo em encrencas perto de mim.

— Não é bem assim.

— Ah, não?

Novamente, o silêncio dominou o interior do carro. Porém, desta vez, o clima pesou. Sabem aquela sensação ruim que dá quando estamos com alguém com quem não

temos intimidade e o assunto não rende? Pois é. Acrescente-se a isso uma boa dose de animosidade.

— Então. Já sei que você não é filha única. O que seus irmãos fazem?

— Me irritam.

A intenção era manter essa resposta só para mim, mas ela saiu sem querer, surtindo mais ou menos o efeito de uma piada.

— Vamos combinar que isso não é difícil de fazer. Você é uma pessoa altamente irritável.

— Sou nada — retruquei, que nem uma garotinha birrenta.

— É, sim. E tenho várias provas. A mais recente foi sua reação na noite de sexta.

— Que reação?! — engasguei.

— Ah, tenha paciência, Rafaela! Você sabe exatamente do que estou falando.

Pausa. Ficamos mudos.

ELE: porque aguardava minha justificativa.

EU: porque fiquei em choque.

Como eu não disse nada, Bernardo continuou:

— Confessa que não engoliu o fato de eu ter ficado com a Gisele.

— O quê?! — gritei. A bolsa escorregou do meu colo e caiu aos meus pés. Como ela estava aberta, todas as minhas coisas (celular, batom, caixa de óculos, comprimidos, spray de pimenta) se espalharam.

Enfiei tudo de volta, sem prestar atenção. Meu coração parecia um bumbo.

— Você ouviu muito bem. Se não tivesse se importado, não teria fugido do bar às pressas.

— Bernardo — tentei demonstrar indiferença, quando o que eu sentia era uma convulsão de sentimentos —, alguém precisa esclarecer para você que o universo não gira ao seu redor. Se fiquei irritada, pode ter certeza de que não tem nada a ver com a sua charmosa pessoa.

Os lábios dele se curvaram para cima, revelando dentes muito brancos.

— Então o que te tirou do sério,

doce menina de São Pedro dos Forros?

— Ferros! É dos Ferros. E, para seu governo, não gostei do que aconteceu, mas não foi por sua causa.

— Ficou com ciúmes da Gisele? Quem diria, hein!

— Não seja idiota, Bernardo — rebati, exaltada. — Pouco me importa quem a Gisele beija ou deixa de beijar. Contanto que não me embarace na frente das pessoas com quem trabalho, agindo como uma qualquer, para não dizer coisa

pior. — Você acaba de ferir meus sentimentos... — Bernardo suspirou, com um fingimento não disfarçado. — Pensei que tivesse se roído de ciúmes.

— Rá, rá, rá! Por mim você pode agarrar quem bem entender, de mulheres a orangotangos. Homens como você não fazem o meu tipo.

Bernardo franziu a testa e abriu a boca para protestar. Porém o toque do celular dele o desviou de sua intenção.

— A Lucinha Marinho está prestes a sair. Vamos!

Foi uma mudança de rumo tão brusca que não tive tempo de raciocinar. Desci do carro feito um foguete, imprimindo o máximo de velocidade possível, considerando a altura dos meus saltos.

Mas, daí em diante, não me lembro de mais nada. Só sei que meu dia acabou com uma barreira na minha frente e um galo enorme na cabeça.



Capítulo 12

O leitor compra o jornal para se informar, não para se comover.
O texto noticioso deve ser direto, preciso, sucinto e exato.

Abri os olhos devagar. Olhei para um lado. Em seguida, para o outro. Não reconheci o lugar. Apertei os olhos com força e resolvi tentar de novo. Ops! Tudo na mesma.

Eu estava deitada numa cama que não era a minha, coberta por um

lençol grosso, estampado com desenhos de cruz verdes. Abaixo das cruzes, um nome: Mater Dei. Eu estava num hospital!

A constatação chegou mais rápido quando olhei para meu braço esquerdo e me deparei com um cateter enfiado na veia mais visível, por onde entrava um líquido translúcido, num ritmo monótono.

Como fui parar ali? Eu só me recordava de estar no carro com Bernardo, tendo uma discussão acalorada, só para variar. E por que não havia alguém comigo?

Pelo menos esta última pergunta foi respondida de imediato. Sem que eu pudesse prever, uma porta foi aberta e meu querido e amistoso colega apareceu, ajeitando o zíper da calça jeans. Não consegui desviar o olhar da visão de uma minúscula área de barriga dele que se insinuou por baixo da camisa. Era um tanquinho dos mais rígidos. Eu acho.

Primeiro Bernardo esboçou um sorriso. Mas não demorou a armar sua velha e amedrontadora carranca.

— O que houve? — perguntei,

com a voz rouca. Pus a mão na testa, pois, ao falar, senti uma dor aguda. Encontrei um galo do tamanho de uma bolinha de pingue-pongue.

— Tinha uma porta no meio do caminho... — Bernardo suspirou e sentou-se na pontinha da cama. — Você se chocou com a porta de vidro Blindex na entrada do prédio, dura feito pedra. Com a pressa, não viu que estava fechada. Acho. Desmaiou na hora.

Tapei minha boca, assustada.

— Desmaiei? Co-como cheguei aqui?

— Ué, como? De carro, claro.

— Você me... carregou? — senti o rosto corar.

— Tive que fazer esse sacrifício.

Ai, meu Deus! Que situação! Eu, caída no chão, sabe-se lá em que posição, e de saia ainda por cima! Depois fui carregada no colo. Por Bernardo! Que calcinha eu estava usando? Rezei para que fosse a nova, de renda azul-marinho, da Valisère.

Discretamente, espiei por baixo do lençol. Onde estava a minha

roupa? Que camisola verde horrorosa era aquela?

— Não fui eu quem despiu você. — Ele captou minha angústia. — Pode relaxar.

Recostei-me nos travesseiros, ainda incrédula.

— Estraguei tudo, não é? — lamentei, muito envergonhada por minha falta de jeito.

— Rafa, escuta só... — Rafa? Ele me chamou de Rafa? Será que eu estava tão mal assim? — Você desmaiou. Ficou desacordada por

quase duas horas, está com um hematoma enorme na cabeça, vai ficar afastada do trabalho um dia ou dois. Portanto, a que estrago está se referindo? Se estiver falando do seu lindo rostinho, eu concordo. Porém, quanto à matéria...

Uma enxurrada de sensações me atingiu, pois: 1. Bernardo foi legal. 2. Ele agiu como gente. 3. Disse que meu rosto era lindo. Bem, foi. Não devia ser mais.

— Perdemos a Lucinha — grunhi.

Bernardo me olhou de uma forma tão diferente que fiquei perdida. Eu

não sabia se era pena, ou realização, ou superioridade.

— Eu não diria que perdemos a moça.

Ele se levantou, retirou um gravador do bolso e apertou o botão "play". Uma voz aguda irrompeu pelo aparelho.

"Fui casada com o Alfredo durante dez anos. Tínhamos uma vida maravilhosa. Nossa diferença de idade nunca foi um problema. Pelo contrário. Meu Alfredo era um homem ativo, bem disposto,

saudável mesmo. Vivíamos como num conto de fadas. Ele era gentil e me fazia feliz. Fui criticada e estou sendo acusada de um crime por causa do meu passado. Não é segredo que fui dançarina de várias casas noturnas, não só daqui, mas também do Rio, de São Paulo e até de Nova York. A família dele me odeia. Os filhos do primeiro casamento dele querem ver a minha caveira. Não sou uma assassina. Nem nunca fui prostituta. Eu amava, ainda amo, meu marido e desejo, tanto quanto todo mundo, saber quem fez essa crueldade com ele."

“Mas, se a senhora não estava com seu marido naquele motel e afirma que viviam muito bem, por que ele procurou a companhia de outra mulher?”

“Eu não sei. Não faço a menor ideia. Alfredo não era esse tipo de homem. Ele não me traía. Isso tudo só pode ser uma farsa. Alguém armou essa emboscada para nós.” Ela começou a chorar. “Tiraram o meu amor de mim.”

Bernardo desligou o aparelho, com um sorriso triunfal.

— Como você conseguiu? — eu quis saber, admirada.

— Bem, ela viu o acidente. Correu até você e quis ajudar. Não tinha a menor noção de quem éramos. Pensou que estávamos, você sabe, como se fôssemos... Bem, um casal. — Bernardo olhou para os seus próprios pés, meio encabulado. — Eu precisei te carregar, e a Lucinha se ofereceu para dirigir o carro. Solidária ela é. Enquanto os médicos te examinavam, aproveitei para trocar umas palavrinhas com a viúva. Não revelei que sou jornalista. O gravador ficou ligado e

ela foi falando, bancando a vítima. Só quando a Lu apareceu aqui, usando o crachá do jornal, a ficha da Lucinha caiu. Mas aí já era tarde, não é?

— Eu vim deitada no seu colo? — Foi só o que eu quis confirmar.

— Alguém precisava segurar você.

Assenti. Sob pressão, até que Bernardo demonstrava ser humano. De repente, uma camadinha de gelo começou a se derreter no meu peito.

Não tive tempo de falar,

agradecer-lhe pelo que fez ou qualquer coisa assim. A outra porta que ficava no quarto foi escancarada subitamente. Por ela entrou o que se pode chamar de comitiva do desespero: Ricardo, Augusto, Alice, Sofia e... Gisele! Quem foi que convidou essa garota?

Meus irmãos passaram na frente de todos e se debruçaram sobre mim. Cada um pegou uma das minhas mãos.

— Você está bem? Está com dor? Precisa de alguma coisa? — Ricardo, perguntando e cuspindo ao

mesmo tempo. É nessas horas que vejo o quanto sou querida por eles.

— Consegue enxergar quanto dedos tem aqui? — Augusto, como se fosse um médico muito experiente.

Desta vez não me incomodei com o excesso de preocupação. Eu precisava de colo; não o colo físico do meu colega infernal, mas sim o colinho quente e seguro da minha família. Tampouco me preocupei em não parecer dramática. Não desta vez. Quando dei por mim, lágrimas grossas e quentes escorriam pelo

meu rosto.

Resultado: todos pensaram que eu estava morrendo.

— Rafa! O que foi? — Alice.

— Vou chamar um médico — Sofia.

— Fale com a gente, Rafa! — Ricardo.

— Eu falei que esse lance de ser jornalista era perigoso demais — Augusto.

— Ela está bem. Só ficou emocionada ao ver vocês —

Bernardo?

— Olá! Que coincidência boa encontrá-lo aqui! — Gisele!!!

Será que a pancada foi tão forte a ponto de me fazer imaginar coisas? Porque, pelo que me constava, Gisele e eu havíamos tido uma briga feia por e-mail. Então, para quê ir me ver no hospital? Se ela queria demonstrar solidariedade por mim, decididamente não teve êxito algum. Assim que percebeu a presença de Bernardo no quarto, nem sequer fingiu preocupação pela amiga acidentada — no caso, eu.

Então, várias coisas aconteceram ao mesmo tempo:

Gisele praticamente pulou no pescoço do meu colega — agora salvador.

Meus irmãos o viram e dirigiram a ele vários olhares assassinos.

Alice e Sofia se entreolharam e encolheram os ombros, demonstrando ansiedade.

Eu quase saltei para fora da cama.

— Oi, bonitão. Quer dizer que esta mocinha aqui por pouco não

matou você de susto? — Se fizessem uma eleição da pessoa mais ridícula da cidade, Gisele não serviria, porque estava além desse adjetivo. Superaria, portanto, todos os demais candidatos.

— Sim, é verdade — Bernardo concordou. Engraçado que ele não olhou para ela ao responder, mas sim para mim. — Felizmente não foi nada grave.

Ricardo, com suas pernas gigantes, deu dois passos à frente. Adotou rapidinho uma postura de galo de briga, prestes a atacar

Bernardo, verbalmente ou não. Vai saber.

— O que exatamente aconteceu com a minha irmã?

— Calma, Ricardo — Augusto pediu, indo até ele. — Você conhece a Rafa, e sabe que os acidentes são constantes no dia a dia dela.

Bernardo riu e estendeu a mão para Augusto. Os dois se cumprimentaram polidamente.

— Conheço pouco a irmã de vocês, mas já estou bem por dentro desse lado... Bem, instável dela.

Rangi os dentes. Alice e Sofia me olharam com condescendência; Gisele, de uma forma semelhante à inveja, raiva, algo assim.

Eu ia retrucar. Já tinha até preparado minha resposta, mas Ricardo resolveu engatar uma conversa que se centrava apenas nos três homens do recinto. Quanto a mim, de vítima, passei a ser personagem de um conto muito injusto.

— É verdade. A Rafa é bem propícia a acidentes — ressaltou Ricardo.

— Mas nada nunca muito grave — frisou Gisele. Ninguém lhe deu atenção.

Que espécie de amigas nós éramos, afinal?

— Mas desta vez cheguei a ficar com medo — Bernardo confessou, sem se dirigir a mim. — Foi tudo tão rápido. Num instante ela estava fazendo o que podia para correr com aqueles saltos do terror. No outro, era um corpo estendido na calçada.

Encolhi-me sobre a cama. Alice e Sofia puseram as mãos sobre meus ombros, dando-me conforto.

Augusto e Ricardo franziram a testa para mim. Senti-me como uma menininha muito arteira. Depois, lembrei que eles não eram meus pais e empinei o queixo, num gesto de desafio descarado.

— Ela não aprende, sempre afobada — Augusto declarou, só que, agora, com muito afeto. — Nossa irmãzinha nasceu com dois pés esquerdos. Essa sempre foi sua marca. E seu charme também.

Vou te contar. O que puseram naquele soro? Meus olhos se encheram de lágrimas novamente.

Desde quando eu fiquei tão emotiva?

Graças a Deus fui poupada de uma vergonha maior quando um médico apareceu no quarto: uns trinta e poucos anos, bonitão, sorriso franco no rosto. Resumindo: um charme.

Vi que os olhos de Alice e Sofia quase saltaram da órbita.

— Como está a Bela Adormecida?

Hum... Tão clichê! Mas até que era bem fofo, de certa forma.

— Minha cabeça dói um pouco.

Só isso.

— Foi uma pancada e tanto — admitiu o médico. — Outra pessoa talvez não tivesse suportado.

— Isso prova a tese de que a Rafa é uma cabeça-dura — brincou Bernardo, arrancando risadas de todos (sendo as de Gisele as mais exageradas).

— Ainda bem, não é, Rafaela? — O médico checou meus batimentos cardíacos, depois de dar uma piscadinha cúmplice para mim. O nome dele era Daniel. Doutor Daniel. Li no crachá. — Está tudo

certo com você. Vai poder ir para casa, contanto que fique quietinha, sem se esforçar demais.

Minhas amigas suspiraram. Os rapazes torceram o nariz. Gisele se aproximou de Bernardo. Eu dei de ombros.

— Que ótimo! — vibrei.

— Mas nada de trabalhar amanhã. Nem depois. Aliás, fique esta semana longe do jornal. O Clark Kent aqui não vai se importar, não é mesmo?

— Uma semana?! — Bernardo e

eu indagamos e exclamamos juntos, ignorando a alusão ao *alter ego* do Superman: um jornalista certinho e gato.

— É tempo demais — completei.

— O suficiente para você se recuperar — concluiu o doutor Daniel, imediatamente assinando uma receita e providenciando um atestado.

— Então, vamos para casa, maninha? — Ricardo puxou o lençol, exibindo a horrenda camisola verde-vômito.

Não houve um só olhar que deixou de pousar sobre mim. Meu rosto adquiriu um tom vermelho-melancia, um contraste terrível com a cor da camisola.

Para crédito de todos, cada um procurou disfarçar o embaraço: o doutor Daniel fingiu checar o soro, meus irmãos fizeram uma pergunta qualquer ao médico, Bernardo olhou pela janela, Alice e Sofia me cobriram de volta.

— Amiga — disse Gisele —, no seu lugar, eu desejaria perder a consciência de novo se estivesse

vestida desse jeito.

Com uma risadinha, ela enganchou a mão no braço de Bernardo e o arrastou do quarto.

— Eu vou matar essa garota — murmurei, desejando ter um estilingue para lançar uma pedra na testa dela.



Capítulo 13

Todo texto deve ser redigido a partir do princípio de que o leitor não está familiarizado com o assunto. Explique tudo de forma simples, concisa, exata e contextualizada.

Até que ficar de molho em casa a semana inteira não foi de todo mau. Quando o doutor Daniel exigiu que eu evitasse fazer estripulias, sem querer acabou promovendo um efeito cascata, isto é, tanto o jornal quanto meus irmãos ficaram

excessivamente preocupados, a ponto de o primeiro me mandar flores e chocolates da Kopenhagen e os segundos me cobrirem de paparicos.

Passei os dias deitada, assistindo às bobagens da TV, colocando em dia as leituras que adoro (li três livros do Nicholas Sparks!) e recebendo minhas amigas esporadicamente — exceto a Gisele, que parecia estar ocupada demais com seu plano de fisgar Bernardo de vez.

Sim, eu soube por Alice e Sofia

que as investidas dela estavam pesadas. Era marcação cerrada mesmo. E parecia que Bernardo não vinha se esforçando muito para se livrar da minha ex-amiga oferecida. Não que eu estivesse interessada nessa história. Não mesmo. Eu queria mais que aqueles dois fossem para o quinto dos infernos, sem escalas, ou que se afogassem na própria saliva.

Eu tinha muitos outros motivos para ficar feliz, uma vez que Marcelo se encheu de atenção por mim. Ele até veio me visitar! Tudo bem que eu quase morri de susto,

especialmente por causa da minha aparência nada atraente. Ora, o cara me pegou de pijama, cabelo enrolado no alto da cabeça e com a testa colorida pelo hematoma causado pela pancada. Então ele riu, mas de um jeito tão charmoso que quebrou minhas defesas.

Escancarei a porta para Marcelo e o convidei a entrar. Ele deu uma escapada do jornal só para me ver e me presentear com um vaso de gérberas. Achei as flores lindas e exóticas. Mais tarde, fuçando a internet, descobri que elas atraem coisas positivas, como energia,

alegria e amor nobre. Muito sugestivo esse significado.

Enquanto eu escolhia um local perfeito da sala para expor meu vaso, Marcelo se sentou no sofá e riu ao olhar para a televisão.

— Meg Ryan? — admirou-se, com o indicador apontado para a tela.

Encolhi os ombros e admiti, meio acanhada:

— Sim. Eu adoro esse filme.

Selecionei *Mensagem para você* depois de zapear os canais para

cima e para baixo em busca de algo interessante para assistir. O filme é meio antigo, mas sou fã dele, principalmente por causa dos atores — além da Meg, tem também o Tom Hanks — e da temática em si: a história de duas pessoas que se correspondem por meio de um *site* de relacionamentos, mas nunca se encontraram na vida real. De repente eles se tornam adversários no campo profissional, sem saber que são os apaixonados amigos virtuais.

— Desculpe se estou interrompendo seu momento água com açúcar — Marcelo brincou —,

mas eu precisava conferir seu estado de saúde. Lá no jornal, sua peripécia já virou lenda.

Tampei o rosto com as mãos, imaginando o monte de absurdos sobre mim inventados pelas pestes da minha editoria.

É claro que eles devem ter arquitetado uma porção de mentiras, exagerando bastante, só para zombar da minha cara. E eu não me chamo Rafaela Vilas Boas se Bernardo não estiver por trás da mentirada.

— Mas você está bem? — quis saber Marcelo, deslizando um dedo

sobre meu hematoma, depois que me sentei ao lado dele.

— S-sim — respondi, meio engasgada, completamente ciente do trajeto percorrido pelo dedo dele.— Faz tempo que a gente não se vê. Nem parece que trabalhamos no mesmo lugar. Por que você sumiu assim?

— Eu não sumi — retruquei. — Só ando trabalhando demais, assim como todo mundo, não é?

Marcelo concordou, admitindo que vida de jornalista não é fácil.

Eu queria pedir licença para ele, correr até meu quarto e vestir uma roupa mais apresentável. Nos últimos dias, minha reputação de mulher fashion andava de mal a pior.

Entretanto, eu não conseguia encontrar coragem para fazer essa cena, temendo demonstrar interesse pelo meu colega. Era isso o que ele pensaria caso eu fosse dar um *upgrade* na aparência.

Então me conformei em continuar parecendo a Gata Borralheira e mantive a dignidade.

Mas Marcelo demonstrava não se

importar, e estava cada vez mais empolgado com a nossa conversa.

— Precisamos repetir nosso último programa, quando fomos assistir ao jogo da seleção brasileira de vôlei, você não acha?

— Claro. Temos que combinar — eu disse, meio da boca para fora, pois não pensei que o convite fosse para, tipo, logo. Mas era.

— Ótimo, porque estamos com sorte. Os meninos vão jogar no sábado e no domingo no Mineirinho. Topa?

O olhar do Marcelo estava transbordando expectativa, e eu não pretendia desapontá-lo. Porém, no momento em que eu ia concordar, lembrei-me do aniversário de casamento dos meus pais. Eles fariam trinta anos de casados no fim de semana e dariam uma festa para a família e os amigos em São Pedro dos Ferros.

Toquei o ombro do meu colega de espetaculares olhos azuis e suspirei:

— Sinto muito, Marcelo. Vou para casa nesta sexta. Meus pais vão comemorar o aniversário de

casamento.

— Então fica para uma próxima vez — Marcelo parecia conformado. Deu uma olhada na tela da televisão e pegou o controle remoto. — Quer terminar de ver o filme? Se não se importar, posso lhe fazer companhia.

Numa boa: *Mensagem para você* deve ser assistido ou sozinho ou com alguém muito íntimo. Tenho vergonha das passagens muito românticas. Ou seja, a presença de Marcelo só me deixaria ainda mais constrangida. Porém, não tive como negar. Ele estava sendo tão legal...

Permiti que ele ficasse e preparei uma bacia de pipoca. Acompanhamos juntos as peripécias de Kathleen e Joe — ele bem mais animado do que eu. A certa altura, minha mão esquerda foi capturada pelos dedos firmes do meu colega. Bem na hora em que Joe descobria que sua amada virtual era, na verdade, a própria Kathleen. Parei de respirar. Eu não estava preparada para os avanços dele. Ai, papai, onde fui me meter?

Marcelo chegou mais perto, mais, até precisar passar o braço por trás da minha cabeça e apoiá-lo no

encosto do sofá. De repente a temperatura da sala subiu uns cinco graus, fazendo-me transpirar de aflição.

Endureci feito uma estátua de mármore. Qualquer movimento meu poderia ser interpretado de maneira equivocada, como se eu estivesse permitindo a aproximação de Marcelo, o que eu não sabia se queria ou não. Ou melhor, eu não queria mesmo.

Em poucos segundos, o rosto dele se distanciava minimamente do meu, e eu só conseguia pensar em correr e

me trancar no banheiro. Por que eu não podia me deixar levar, gente?

— Rafa...

Marcelo segurou meu queixo e me fez olhá-lo nos olhos. A expressão dele denotava esperança. Já a minha devia exprimir todo o pavor que eu sentia.

Baixei as pálpebras. Que ideia péssima! Óbvio que dei a entender que desejava ser beijada. Sendo assim, Marcelo chegou a encostar seus lábios nos meus. Foi apenas um selinho. Só que meu choque me impediu de aproveitar. Afastei-me o

mais rápido possível, ficando de pé, de costas para ele.

Que vexame!

— Que foi, Rafa? — Marcelo estava perplexo. Acho que ele nunca tinha levado um fora na vida. — Pensei que estávamos caminhando nessa direção, quer dizer, que ficarmos juntos era só uma questão de tempo.

Balancei a cabeça de um lado para o outro, o que fez o meu cabelo desabar nas costas.

— É cedo demais — justifiquei,

com o coração aos pulos. — Desculpe, Marcelo.

Ele também se levantou e me virou até estarmos de frente um para o outro.

— Por que cedo demais? Você está envolvida com outra pessoa?

Pensei no *garoto*. De certa forma, estava, sim, mas minha fixação por ele nunca me impediu de beijar e namorar, muito embora de uma forma bastante superficial.

Mas neguei.

— Não é isso. Também não

consigo explicar muito bem o porquê — tentei justificar.

— Eu não desperto nada em você? — arriscou ele, inseguro.

— Desperta muitas coisas: amizade, sensação de segurança, carinho... — Enumerei com os dedos.

— Então presumo que não haja química. Da sua parte — Marcelo apressou-se em acrescentar.

Baixei a cabeça. Ele estava certo. Faltava um pouco de química mesmo. Apesar de o problema ser

só meu: a garota problemática em se tratando de relacionamentos. Se eu fosse normal, teria aproveitado o momento e até tentado começar algo com aquele homem maravilhoso plantado na minha frente, esperando eu dizer que gostava dele. Isso SE eu fosse, não é mesmo?

— Posso ter um pouco de esperança de que sua opinião vai mudar? — Ele parecia um adolescente se aventurando pela primeira vez no campo amoroso.

— Juro que eu gostaria de dizer que sim — sussurrei. — Mas não é

justo fazer você esperar. Eu sou muito complicada.

Um sorriso se abriu na face angustiada de Marcelo. Ele segurou minhas mãos e entrelaçou nossos dedos.

— Rafa, você é uma criatura incrível. Feliz o homem que conseguir te conquistar. Mesmo não querendo nada comigo, não vou abrir mão da nossa amizade.

Marcelo deu uma piscadinha e falou no meu ouvido:

— Quem sabe o cenário acabe se

tornando favorável para mim?

Dito isso, ele se afastou e me beijou na bochecha. Saiu pela porta da frente sem esperar que eu o acompanhasse.



SOFIA: Não acredito que você teve a coragem de dispensar um gato daquele sem nem ao menos experimentar para ver se era bom!

ALICE: Concordo com a

Sofia, Rafa. Qual o problema em tentar?

Estávamos as três no Facebook, na mesma tarde da visita do Marcelo. Assim que ele partiu, tive que dar um jeito de desabafar, pois a noção de que eu havia jogado fora uma chance de ouro me atingiu em cheio — embora não a ponto de eu me arrepender.

RAFA: Gente, vamos por partes. Primeiro: fui pega de surpresa, afinal, ele sempre me tratou

como uma amiga. Segundo: meu coração não dispara por ele. Entendem?

SOFIA: Na real? Não. Se um homem lindo, charmoso e claramente interessado em mim me desse mole, eu não pensaria duas vezes.

ALICE: Só para ver no que ia dar, Rafa.

RAFA: Gente, mas eu

não sou assim.

ALICE: É verdade, Sofia. Nossa amiga jornalista da Folha é muito pé no chão. Vamos deixá-la em paz.

SOFIA: Por falar em amiga jornalista, sabem o que a outra aprontou?

ALICE: Não...

RAFA: O quê?

SOFIA: Convidou o

gostosão do seu colega, Rafa, para passar o final de semana numa pousada romântica em Lavras Novas.

Agora, sim, meu coração disparou. Que descarada!

ALICE: Você está de brincadeira!

RAFA: Não acredito nisso! Eu sempre soube que a Gisele era inconsequente, mas não

a esse ponto. Meu Deus, não tem nem uma semana que aqueles dois se conhecem e já vão viajar juntos? Estou com tanta raiva daquela garota! Como ela ousa xeretar fora da alçada dela? Foi se intrometer justo na minha? Nem quero pensar no que vai ser quando as aulas voltarem. Vai ser difícil conviver com ela.

SOFIA: Já terminou o

discurso? Colocou para fora? Sente-se melhor?

RAFA: Sofia, você está sendo irônica.

SOFIA: Claro, Rafa. Embora eu também não concorde com os mecanismos de conquista nada ortodoxos da Gisele, não entendo o motivo da sua ira.

RAFA: Ora, ela...

SOFIA: Caladinha agora. Só me escute (ou leia — rs). Gisele não é você. O fato de ela ser assanhada não faz de você uma pessoa igual só porque são amigas. Portanto, seus colegas de jornal não estão fazendo mau juízo de você.

RAFA: Mas...

SOFIA: Espera. Ainda não terminei. O Bernardo não é uma

criança influenciável, sendo seduzida por um maníaco. Se está caindo na da Gisele, é porque quer. Logo, não há razão para pirar, Rafa.

RAFA: É que...

SOFIA: A menos que...

ALICE: Sofia...

SOFIA: Não, Alice, eu vou falar, sim. Porque, Rafa, só existe uma explicação para a sua

atitude. O nome disso, minha filha, é paixão, das bravas.

Engasguei, não sei se com o ar ou com a saliva.

RAFA: Alice, você também acredita nisso?

ALICE: Bem, para falar a verdade, amiga, tudo indica que o diagnóstico seja esse mesmo. Porque a sua raiva não faz sentido. Ela é totalmente

despropositada. Sempre soubemos que a Gisele é atirada, e isso nunca incomodou você a esse ponto.

RAFA: Vocês estão enganadas. Eu não estou apaixonada pelo Bernardo. Ele nem faz meu tipo, além de ser uma das pessoas mais insuportáveis do mundo. Como eu poderia gostar de uma pessoa que me provoca o tempo todo?

SOFIA: Não adianta, Alice. Ela vai negar mil vezes se for preciso.

ALICE: Rafa, em nós você pode confiar. Não vamos contar para a Gisele. Pense direitinho e, quando se sentir à vontade, estaremos bem aqui para escutá-la.

RAFA: Ai, Senhor! Onde fui amarrar minha égua?

SOFIA: Está vendo? Não vai rolar. Negue mesmo, Rafaela. Continue tentando se convencer de que nós não temos razão. Mas depois, quando a Gisele tiver fisgado o gatão de vez, não vai adiantar chorar o leite derramado.

RAFA: Obrigada pelo apoio, meninas. Agradeço de coração. Porém, sinto muito ter que contrariar vocês.

Agora preciso sair. Tenho retorno com o doutor Daniel.

ALICE: Own... Posso ir também?

SOFIA: Também quero.

RAFA: Nada disso. Crianças que se comportam mal ficam de castigo. Fui!



Por favor, garoto, *eu imploro:*

não fique chateado comigo. Nem com minhas amigas. Elas não sabem o que dizem. É óbvio que não estou apaixonada pelo Bernardo. Isso é impossível; nem se ele fosse o último representante masculino da face da Terra. Para que fique claro o que eu digo, vou listar todas as características que me incomodam nele:

Arrogância: Bernardo se acha o cara mais incrível do mundo. O profissionalismo dele beira o narcisismo. Está na cara que ele pensa ser uma estrela do porte do Evaristo Costa. É ruim, hein?

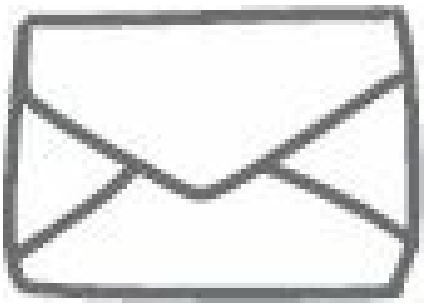
Ignorância (comigo): ele não mede as palavras para me atacar, mesmo não me conhecendo nem um pouco. Aliás, isso me leva ao terceiro motivo.

Implicância: Bernardo implica com minhas roupas, com o tamanho dos meus saltos, com o fato de eu gostar de me produzir, até com as minhas unhas feitas! Se eu não tivesse presenciado de camarote o esfrega-esfrega entre ele e a Gisele, poderia até pensar que o negócio dele não é mulher. Quero dizer, isso mais o fato de andar por aí exalando testosterona. Bom, retiro o que disse. Jamais pensaria que o

Bernardo joga no meu time.

Falta de bom-senso: *para o meu colega — e mentor —* não existe meio-termo. Tudo tem que ser preto no branco. E vamos combinar que comigo é quase sempre tudo preto.

Portanto, *garoto*, esqueça esse papo furado de que eu sinto algo pelo Bernardo. Alice e Sofia podiam muito bem arranjar alguma coisa construtiva para fazer, como adotar animais abandonados, e me deixar em paz.



Capítulo 14

Editar é escolher os temas mais importantes da pauta, organizar o material jornalístico com o objetivo de explicitar essa hierarquia ao leitor, conceber as páginas e seu conjunto de forma a apresentar de maneira lógica e harmônica as notícias do dia.

Não esperei o sábado para viajar com meus irmãos. Como o doutor Daniel me liberou para sair do repouso, decidi ir para casa no dia

seguinte mesmo. Fui de ônibus, com o objetivo de não me estressar com o trânsito na estrada.

Aproveitei o tempo para pensar. Eu não queria aceitar — nem para mim mesma —, mas o bate-papo com minhas amigas mexeu muito comigo. Por mais que eu insistisse na negação, elas não estavam de todo erradas.

Não que eu estivesse admitindo, mas já era hora de refletir sobre os sentimentos conturbados que Bernardo despertava em mim. Bastava fazer um retrospecto: em

menos de um mês ele me fez passar por de tudo um pouco. À primeira vista, fui uma pedra no seu sapato: ele mal conseguia olhar para mim. Nunca vi tanta falta de paciência numa pessoa só.

Para piorar, essa minha mania de viver tropeçando, batendo nos móveis, falando coisas sem pensar, fez a antipatia dele triplicar. Se já era difícil ter uma estagiária nas costas, imagina uma toda descoordenada como eu.

Bernardo nunca proferia uma palavra amiga para mim, exceto se

levarmos em conta algumas situações pontuais, como quando escrevi minha primeira matéria (caso Isabela Santana) e quando fomos ao Aglomerado da Serra. Não fosse por esses casos isolados — e pelo incentivo dos demais colegas e da Lu —, hoje eu estaria com a autoestima no fundo do poço.

Por outro lado, de vez em quando ele deixa seu lado humano transparecer. E é nessas horas que Bernardo meio que me fisga. Oferecer-se para me deixar em casa, emprestar seu lenço, até me carregar no colo e me manter sobre ele de

modo que eu não me sacudisse demais no banco de trás da sua Santa Fe, todos esses gestos provam que ele tem um coração.

É por ser, como definiu Raul Seixas, essa metamorfose ambulante, justamente por causa de sua ambiguidade, que o charme de Bernardo impera. Claro que também pela beleza — o homem é uma coisa. Portanto, se eu me sinto mexida, tenho inúmeros motivos para estar assim, ora bolas. Mas não se pode traduzir isso como paixão. Concordam?

Eu sou uma mulher moderna, cosmopolita, urbana, livre. Não posso me contentar com um tipo troglodita que me trata como se estivéssemos na era dos homens das cavernas. Bem, de todo modo, nos últimos tempos não tenho me contentado é com nada mesmo, pois Marcelo é o oposto de Bernardo e, no entanto, também o deixei escapar.

Enfim, foi ótimo passar a viagem devaneando sobre meus supostos sentimentos por Bernardo, pois a conclusão estava clara: minhas amigas não tinham razão.

Portanto, eu podia voltar a respirar aliviada e desencanar de vez da minha birra — infundamentada — por Gisele. Se ela queria agir como uma periguete, o problema não era meu.

Fechei os olhos e concentrei minha atenção na música que saía dos fones do meu iPod. Mas, para minha infelicidade, era *She will be loved*, do Maroon 5, a mesma que tocava quando Bernardo e Gisele se beijaram naquele bar. Senti a mesma raiva que me atacou naquela noite, levando-me a titubear quanto à certeza de não estar interessada no

meu colega volúvel.

Ai, Jesus! Eu daria tudo para voltar a ter um pouco de paz.

Ainda bem que meu destino estava próximo. Quando o ônibus entrou na minha querida cidade, uma sensação de bem-estar, de acolhimento, invadiu meus sentidos. Tomei uma decisão: enquanto estivesse em solo ferrense[9], não deixaria minha mente vagar na direção de Bernardo.

Contudo, o destino não estava muito a fim de facilitar.

Taaam... tam, tam, tam, tam, tam...

O fantasma da ópera começou a estremecer e gritar do bolso de trás da minha calça. Meu vizinho de viagem, um senhor de chapéu de palha e bigode manchado por anos de nicotina, olhou para mim com cara de desentendido.

Ergui o bumbum e puxei o aparelho, sem checar o número no visor. Eu presumia que fosse alguém da família conferindo minha posição geográfica naquele momento.

Enganei-me redondamente.

BERNARDO: Graças a Deus que atendeu! Pensei que tivesse sido sequestrada.

As palavras fugiram de mim. Ao ouvir a voz de Bernardo, petrifiquei no assento do ônibus. O que ele queria comigo?

BERNARDO (elevando o volume da voz): Ei, Rafa. Consegue me ouvir?

EU (procurando reencontrar as palavras

— mas não obtendo muito sucesso): Sim. Estou ouvindo.

BERNARDO (aliviado): Ainda bem. Foi difícil achar você, sabia? Liguei na sua casa umas dez vezes e ninguém atendeu. Seu celular vem dando fora de área nas últimas três horas. Quase chamei a polícia.

Sei que ele estava brincando, mas isso não me impediu de ficar

vaidosa. Pelo jeito Bernardo passou a manhã pensando em mim. Bom, por motivos profissionais, óbvio, mas, ainda assim...

EU (com a língua ferina): Por que não ligou para a Gisele?

Deixei escapar, desejando engolir cada palavra daquela frase.

BERNARDO (rindo): Duvido que ela conheça seu paradeiro. Eu soube que vocês duas andam

meio brigadas.

Gente, eu vou matar aquela garota. Sei que já fiz essa ameaça antes, mas agora ela extrapolou. O que Bernardo iria pensar? Em boa coisa é que não seria.

EU: Não sei o que ela disse, mas não acredite sempre em tudo. A Gisele adora aumentar os fatos, como aqueles jornalistas de caráter duvidoso, se é que você me entende.

BERNARDO (rindo mais um pouco — o que me levou a visualizar sua charmosa boca): Bom, sua amiga não entrou em detalhes, mas deixou escapar que você está parecendo uma puritana do século dezenove.

EU (rangendo os dentes): Espero que ela se afogue no próprio veneno.

Falei tão baixo que Bernardo não

escutou. Acho. Mas resolvi, de todo modo, mudar o rumo daquela conversa.

EU: Não deve ter sido para falar da Gisele que você me ligou. Algum problema?

BERNARDO: Problema? Não posso sentir saudade da estagiária mais irritável do mundo? Por acaso sou tão mau assim?

Oi? Saudade? Bernardo sentiu saudade de mim?

EU: ...

BERNARDO: Preciso assumir: essa redação está muito sem graça sem você. Os meninos mal conseguem suportar. Precisa ver a cara do Fernando.

EU (toda sem graça): Sei.

BERNARDO: É sério.

Sinto falta de alguém para descontar meu mau humor.

EU (querendo rir, mas segurando): Pois eu me senti no paraíso longe daí esta semana. Foi como se estivesse num retiro espiritual.

BERNARDO: Que venha a segunda-feira, então.

Rimos juntos. Não sei se Bernardo notou, mas era nosso

primeiro bate-papo descontraído. Olhei pela janela e verifiquei o céu para ver se iria chover. Sim, conversar numa boa com Bernardo chegava a ser um milagre.

BERNARDO: Afinal, onde você está?

EU: Neste exato momento, estou chegando a São Pedro dos Ferros.

BERNARDO (destilando ironia): Jura? Já passou

pela placa "Seja bem-vindo/Volte sempre"?

EU (sem humor): Rá, rá, rá.

BERNARDO: Brincadeira. Vi sua cidade pelo Google Maps. Até que ela é bem grandinha. Já chegou a 13.599 habitantes, segundo o último censo do IBGE. Quase 13.600, hein?

EU (de pé, pois o ônibus já manobrava para estacionar no ponto): Sem contar os ferrenses ausentes. Mas tenho certeza de que você não me ligou para falar da população de São Pedro.

BERNARDO: É verdade. Como você está sumida, preciso te colocar a par das últimas notícias sobre a nossa viúva.

EU (confusa): Como?

BERNARDO: Lucinha Marinho, lembra? O caso sobre o assassinato do marido deu uma reviravolta e o assunto está bombando. Ela topou falar com a imprensa, mas com uma condição.

Bernardo parou de repente, exagerando no suspense. Tirei minha mochila xadrez do bagageiro acima das poltronas e pendurei-a no ombro, quase me roendo de curiosidade.

EU: Que condição?

BERNARDO (com o peito estufado — acredito eu): O repórter tem que ser alguém da Folha de Minas. Ou melhor, ela foi ainda mais específica: quer que seja eu.

EU: Hum... Acho que a viúva gostou de certas pessoas que conheço, hã?

BERNARDO (irritado): Pode ser. Mas o que vale é que ganharemos uma exclusiva. Graças a você.

EU (admirada): A mim? Duvido muito. Nem cheguei a ver o rosto da mulher.

BERNARDO: Por isso mesmo. Seu desmaio valeu mais que mil palavras.

Rimos novamente. Com certeza

nós dois não estávamos no nosso normal.

Avistei meus pais parados ao lado do carro deles, de olho nas pessoas que desciam do ônibus.

EU: Preciso desligar agora, Bernardo. Mas quero que saiba que estou muito contente por você ter conseguido a exclusiva e também por ter se dado ao trabalho de me avisar.

BERNARDO: Ah, mas

você não vai se livrar de mim assim tão facilmente. Eu avisei porque não vou dispensar sua revisão. Sei que está de folga, mas amanhã mesmo, logo depois da entrevista, envio para você o texto. A Lu faz questão.

Ele fez uma pausa.

BERNARDO: E eu também.

Meu coração se encheu com uma coisa nova; uma espécie de emoção incomum na minha vida até então. Por isso ficava difícil até nomeá-la. Só sei que gostei.

EU: Pode mandar. Vai interromper minha festa, mas... fazer o quê?

Um silêncio constrangedor dominou nosso diálogo, até então bem animado. Peguei minha mala no compartimento para bagagens maiores enquanto tentava pensar em um assunto para encerrar a conversa

de um jeito natural. Mas não foi preciso.

BERNARDO: Adoro cortar seu barato. É o meu esporte favorito. Não vá se distrair do seu e-mail. Temos prazos a cumprir. Certo?

EU: Claro, chefe.

BERNARDO: Até amanhã, então. E vê se olha por onde anda. Não estou aí para salvá-la

desta vez.

Depois dessa fala, que só fez injetar adrenalina nas minhas veias, Bernardo desligou. Apesar de estar sendo abraçada por meus pais, perder o contato com ele deixou uma ligeira sensação de vazio no meu peito.

Admito que deva ser piração da minha cabeça absurdamente imaginativa, mas, por um momento, um clima de flerte enrustido surgiu entre nós. Não entendo bem por quê; só sei que ele estava lá, espreitando o diálogo.

Mesmo aquecida com a sutil mudança em nosso relacionamento, não pude deixar de perceber um fato: se Bernardo tinha uma entrevista com Lucinha Marinho no dia seguinte — sábado — e ainda redigiria o texto para me enviar até a noite, bem, os planos de curtir uma lua de mel ridícula com Gisele deviam ter entrado pelo cano. Bem-feito!



Capítulo 15

Os fatos contemporâneos cada vez mais exigem a análise do noticiário. A análise dá ao leitor a oportunidade de se aprofundar nos eventos, questões ou tendências.

Festa em família é sempre igual, acho que em qualquer lugar do mundo. Em cidades pequenas elas costumam ser ainda mais caricatas: família grande, uma abundância de tios e tias-avós que surgem nem sei bem de onde, primos com os quais

não nos encontramos há milhões de anos, casos sobre pessoas de quem não nos lembramos, apertos nas bochechas e interjeições exageradas, tipo: “Nossa, como você cresceu!”, ou “Está tão magrinha!”, ou ainda “Já arranjou um namorado?”.

Não vejo problema em passar por tudo isso. Sou uma garota do interior e já lidei com situações verdadeiramente embaraçosas, como quando meu tio mais novo, irmão da minha mãe, chegou de um período longo no exterior e se encontrou com uns parentes distantes num casamento. Animado pelo

reencontro, a conversa entre eles surgiu fácil.

A certa altura, meu tio resolveu perguntar pelo pai do primo:

— E o tio Mundico, como está?

Esse era um daqueles nomes que rolam pela família em toda reunião. Tio Mundico era quase um ser mitológico, uma divindade: vivia na boca do povo, mas pouquíssimos o conheciam pessoalmente.

— Deve estar bem — respondeu o primo, com os cantos da boca levantados. — Depois de trinta anos

vivendo do outro lado, Deus já deve ter encontrado um cargo tranquilo para ele lá no céu.

Claro que meu tio desejou cavar um buraco no chão e desaparecer como num passe de mágica. Mas a história, bem, virou lenda na família.

Para comemorar suas bodas, meus pais não foram econômicos em se tratando da qualidade da festa e muito menos quanto ao número de convidados. Como São Pedro dos Ferros não tem hotel — mal e mal umas hospedarias de quinta categoria —, a maioria foi recebida

na casa dos parentes: outra amostra de como são as celebrações no interior.

Desta vez fui direto para a fazenda com meu pai e minha mãe. Como a festa aconteceria lá, não fazia sentido dormir uma noite na casa da cidade e partir no dia seguinte de mala e cuia para outro lugar. Além do mais, eu amava o clima pacato da propriedade, o cheiro de terra, o barulho dos animais do campo. Não havia nada melhor para realinhar os chacras e eliminar o estresse acumulado dia após dia na cidade grande.

Meus irmãos chegariam no sábado. Portanto, pude desfrutar de uma tranquilidade rara enquanto eles não estavam por perto.

Quem não ficou muito animada com isso foi minha mãe. Coruja como ela só, queria todos os quatro filhos debaixo das suas asas, juntos, pelo maior tempo possível. Se pudesse, ela acorrentaria os quatro nos pés de sua cama e só nos soltaria no domingo depois do almoço.

Mas ela acabou se contentando só comigo, até porque ainda não tinha

engolido o fato de eu ter ido parar no hospital e ela não ter sido avisada.

— Seus irmãos podiam ter me ligado — ela choramingou. — E se tivesse acontecido coisa pior?

— Eles não queriam preocupar vocês, mãe — contemporizei, de olho na decoração feita pela equipe de organização da festa.

Passei a sexta-feira assim, xeretando o cerimonial, comendo feito uma retirante e lutando para não pensar em vocês sabem quem. Para alcançar esse objetivo, tive que

recorrer a diversas estratégias, que me ajudaram bastante, no final das contas. Andei a cavalo, joguei conversa fora com a cozinheira da fazenda e suas ajudantes, escrevi sobre *o garoto* no meu diário, li um romance bem melado — uma terapia excelente para quem anda com os nervos meio abalados.

No fim do dia, dei uma lida nos meus e-mails — nada importante — e fui dormir embalada pela sinfonia de sapos e grilos, residentes tradicionais do brejo atrás da sede da fazenda.



Como mencionei antes, festa de família é tudo igual. No começo, todo mundo tenta manter a linha, principalmente quando há uma celebração religiosa antes. Meus pais mandaram celebrar uma missa na capela da fazenda, por volta das cinco da tarde, início oficial das bodas. O pároco da cidade, muito amigo da minha mãe, conduziu uma cerimônia simples, mas muito bonita. Vi várias pessoas com os olhos cheios de lágrimas, e confesso que até eu deixei escapar uma ou

duas.

Ricardo, Augusto e eu ficamos bem ao lado deles no altar, e a ausência de Gustavo não passou despercebida. Muitos queriam saber por que meu irmão mais velho ainda não tinha aparecido. Nem eu sabia direito. Ouvi por alto que ele se atrasaria por causa de um plantão de emergência no hospital onde trabalha.

Eu estava louca para vê-lo. Fazia meses que não nos víamos, e eu sentia a falta dele, pois, dos três, Gustavo era o irmão mais próximo

de mim, com quem eu possuía mais afinidade.

Assim que a missa terminou e o povo pôde finalmente encher a cara, todo mundo começou a soltar a franga rapidinho. Nem o frio conseguiu impedir as pessoas de se divertirem.

Como filha do casal, passei parte da festa sendo arrastada de um lado para o outro, conversando com os parentes distantes, recebendo os parabéns pelas matérias publicadas na *Folha de Minas*. Mas no íntimo eu desejava que Alice e Sofia

estivessem ali para me fazer companhia e dividir comigo as atenções.

Discretamente, quando consegui dar uma escapulida à francesa, tirei meu celular da bolsa de mão e enviei uma mensagem para as duas.

"Estou cansada de ser abraçada e apalpada pelos convidados dos meus pais. Queria que vocês estivessem aqui. Só assim eu estaria me divertindo de verdade."

Fiquei esperando a resposta, por isso me afastei um pouco e fui me refugiar numa antiga casa na árvore onde meus irmãos e eu passamos boa parte da nossa infância. Estava do jeito como a deixamos quando pequenos: cheia de brinquedos e com desenhos colados por toda a parede.

Não pensem que fugi porque me sentia triste ou melancólica. Não foi por isso. Eu só queria dar um tempo e respirar um pouco, uma vez que ser atacada pela parentada cansa demais.

Joguei-me sobre um pufe antigo, mas ainda bem fofo, e permiti me desligar da festa que acontecia a todo vapor do lado de fora.

Como alegria de pobre dura pouco, ouvi os passos de alguém sobre os degraus da escada de madeira que levava à casinha. Respirei fundo, preparando-me para mais uma conversa vazia, mas acabei sendo surpreendida pela carinha enrugada e escura de um cachorro pequeno. Eu não sou expert em raças caninas, porém tinha quase certeza de que aquele cãozinho simpático era um pug.

— Ei — cumprimentei-o, agachando-me para acariciá-lo atrás das orelhas.

Ele era tão fofo e tão pequeno que fiquei me perguntando como havia conseguido subir até ali. A resposta veio na forma de uma figura muito familiar e querida: Gustavo. Primeiro vi a cabeça castanha dele emergir no alçapão da entrada. Meu peito disparou de alegria. Dei um pulo tão inesperado que assustei o pobre filhote.

Joguei-me com tudo no pescoço do meu irmão mais velho,

maravilhada com a presença dele. Ele se afastou de mim e limpou as lágrimas que escorriam dos meus olhos. Só então notei que eu estava chorando.

Não sei como, mas Gustavo estava ainda mais bonito do que da última vez em que nos encontramos. Ao contrário de todos nós, os olhos dele eram de um verde cor de folha seca, o que dava um charme todo especial ao seu rosto moreno e másculo.

— Que saudade! — ele sussurrou no meu ouvido, depois de me

presentear com um estalado beijo na bochecha.

— Nem me diga! Por que deixamos você ir embora para tão longe? Sou a favor de um rodízio: vai o Ricardo, quem sabe o Augusto? E você fica em Belo Horizonte comigo.

Gustavo achou graça, exibindo sua covinha única no lado esquerdo do rosto.

— E como fica a Clarissa nessa história? — questionou meu irmão, referindo-se à namorada que dividia o apartamento com ele.

Simulei uma expressão contrariada, mas logo me esqueci de fazer cena, principalmente por culpa do cachorro, que cismou de lamber os dedos dos meus pés.

— Quem é? — Apontei para o bicho, dividida entre empurrá-lo para acabar com as cócegas ou abaixar e pegá-lo no colo.

— Bem, a princípio é o Dom. É um nome provisório, já que ainda não tem um dono definitivo.

Enruguei a testa.

— Ué, como não? De quem é ele,

afinal?

Gustavo apertou o cãozinho com carinho antes de esclarecer:

— Dom é filho do pug da mãe da Clarissa, o único macho da ninhada. Todas as fêmeas foram vendidas. Ele sobrou, coitado. Pensamos em adotá-lo, mas nossa vida é muito louca para isso. Então...

Gustavo fez uma pausa bastante reveladora, a qual interpretei de forma equivocada.

— Você o trouxe para dar de presente aos nossos pais? Ô-ou.

Tem certeza disso?

— Você está louca? — Meu irmão revirou os olhos, caindo na risada. — O pobre coitado não duraria nem um mês sob os cuidados da nossa mãe. Ela não suporta animais por perto.

— Exatamente.

— Rafa, este pequeno aqui é para você.

Abri a boca, cem por cento chocada, e me esqueci de fechá-la. Gustavo pôs a mão no meu queixo e o empurrou de volta para o lugar.

— Para mim? Sério? Nossa!

Preciso fazer uma confissão por demais vergonhosa. Gosto de bichos. Gosto mesmo. Mas nunca levei muito jeito para cuidar deles. Já tive uma maritaca morta por um gambá no meio da madrugada; criei um jabuti, Ulisses, cuja vida não durou mais que um ano (ele foi atropelado ao fugir do jardim para a garagem); fui dona de um coelho, Sigmund (levado por um gavião). Sem contar os peixes e um porquinho-da-índia, que também não tiveram longevidade morando comigo. Por tudo isso, meus pais

desistiram de vez dos animais de estimação em nossa casa e eu me conformei com a minha falta de talento, para não dizer insensibilidade, em se tratando de bichos.

Portanto, não vou negar: o presente de Gustavo me pegou de surpresa. Como eu poderia cuidar de um cachorro se minha incompetência me fazia falhar até com peixes?

— Fique calma, Rafa. Você vai tirar de letra com esse aqui — garantiu Gustavo. — O Dom é dócil, calmo, silencioso e adora fazer

companhia.

— E quando eu não estiver em casa? — argumentei, desconfiada. — Nossos dois outros irmãos não contam nessa equação.

Gustavo deu uma pancadinha no meu nariz e passou o pug para os meus braços.

— Ele vai esperar você chegar, como um companheiro fiel e muito pouco exigente.

— Ah, tá — resmunguei, vencida pela fofura do filhote. Está certo que eu precisaria me adaptar. Mas fui

tomada de amor pelo Dom assim que o recebi em meu colo.

Afaguei o pescoço dele com meu nariz, já me sentindo uma autêntica criadora.

— De onde surgiu esse nome, Dom? — Eu quis saber, encantada com a cara preta e enrugada do meu novo animalzinho.

— Ele era o filhote mais mal-humorado da ninhada, bem casmurrão. Não tivemos como não associá-lo ao Dom Casmurro.

— Só você mesmo.

— Fique à vontade para trocar. Ele é muito novo para ter se acostumado com o nome.

— Não. Acho que Dom é perfeito.

Sorri, torcendo para conseguir tomar conta dele direitinho. Sentei-me novamente no pufe, sem soltá-lo, apertando-o como se ele fosse um ursinho de pelúcia.

Gustavo deu uma passeada pela nossa antiga casa na árvore, tocando um ou outro objeto e certamente deixando muitas lembranças de antigamente virem à tona.

Distraída com Dom, não ouvi a pergunta que meu irmão me fez.

— O quê?

— Perguntei por que você fugiu da festa e veio se esconder aqui em cima.

Suspirei. Eu podia alegar um monte de coisas: que estava cansada, com saudade da casa, com dor de cabeça. Entretanto, não sei por que motivo, minha boca deixou escapar aquilo que eu vinha lutando para não admitir em voz alta:

— Estou sufocada, Gustavo.

Muito.

Meu irmão franziu a testa, surpreso com a resposta que dei. Ele se abaixou a fim de ficar com o rosto nivelado com o meu.

— Por quê? Excesso de abraços? Muitos beliscões das tias-avós na bochecha? Questionamentos além da conta sobre a sua vida pessoal?

Balancei a cabeça de um lado para o outro, negando.

Descobri que eu necessitava pôr para fora a bola de boliche que se instalou na minha garganta desde que

conheci Bernardo. Não consegui fazer isso com as meninas. Eu deveria ter desabafado com Alice e Sofia. Já que perdi essa chance, olhei para Gustavo, elegendo-o meu confessor.

— Não. O problema está longe dos mimos excessivos da nossa família, Gu. — Inspirei fundo para articular coerentemente meu desabafo.

E então falei. Fiquei admirada com a facilidade com que me expressei. Contei sobre o dia da minha entrevista com o presidente

d a *Folha*, Maurício Gusmão, e a disparidade entre o tratamento dispensado a mim: legal da parte dele, inominável no que diz respeito a Bernardo. Disse que esse primeiro contato me abalou a ponto de eu questionar a eficiência de um estágio realizado nessas condições, mesmo sendo no maior jornal do Estado.

Nesse momento, Gustavo soltou um palavrão — que não posso reproduzir por causa do baixíssimo nível do termo — para descrever meu colega e mentor. Pedi a ele que deixasse disso e continuasse me escutando.

De boca fechada, mas meio emburrado, Gustavo me ouviu relatar cada passo desse relacionamento conturbado entre Bernardo e eu, desde nosso primeiro trabalho juntos até a conversa quase amistosa que tivemos pelo celular no dia anterior.

Percebi uma mudança sutil na opinião do meu irmão mais velho quando narrei o episódio do acidente na porta do spa luxuoso no Belvedere. A partir desse ponto da história, captei uma ligeira simpatia por Bernardo brotando em Gustavoo.

Enquanto fiz a exposição dos fatos, ele evitou me interromper. Isso me induziu a ser bastante sincera e precisa, evitando deixar de lado detalhes que poderiam fazer toda a diferença no julgamento dele. Porque eu não precisava apenas desabafar; eu também queria muito ouvir alguns conselhos. Só assim para saber se estava enlouquecendo ou não.

Aluguei os ouvidos e a atenção do meu irmão por quase meia hora. Se estivesse escrevendo um livro, teria um material bem substancioso.

Minha relação com Bernardo chegava bem perto dos enredos açucarados de filmes da Sessão da Tarde. Imaginei até o título: “Como água e óleo”.

Deixei a parte que mais me incomodava para o fim. Senti que atingi o clímax daquela novela quase mexicana no momento em que mencionei a participação de Gisele. Desandei a falar mal da pessoa que costumava ser minha amiga do peito até poucos dias atrás, buscando a empatia de Gustavo a qualquer custo. Queria que ele sentisse tanta raiva dela como eu estava sentindo.

Queria que ele se unisse a minha mágoa, que reforçasse minha ira, que me absolvesse da culpa que no fundo eu sentia por ser tão possessiva.

Mas Gustavo não fez nada disso. A expressão dele não demonstrou o menor sinal de solidariedade. Ele simplesmente balançou a cabeça e esfregou o cabelo com uma das mãos, seu gesto mais usado para indicar reprovação.

— Rafa, depois de tudo o que você me contou, só encontro uma explicação para dar. — Gustavo fez

uma pausa e me analisou demoradamente. — Resta saber se você está a fim de escutar.

Com ele era assim: nunca jogava as coisas na cara sem pedir licença. De certa forma, surtia mais efeito do que falar de supetão.

— Estou ficando maluca, não é? — concluí no lugar dele.

— Nada disso. Você está apaixonada por esse cara.



Ainda bem que na fazenda eu

tinha um banheiro só para mim. Logo que tive uma chance, escapei da festa com a desculpa de estar muito cansada — e estava mesmo — e me enfiei debaixo da ducha de água escaldante, onde permaneci por longos minutos.

Eu precisava colocar meus pensamentos em ordem. Mais uma vez, aliás.

Depois da sessão de seriados com meu irmão mais velho na casa da árvore, meus nervos ficaram ainda mais abalados. Embora eu tenha contestado a alegação de Gustavo,

ele continuou afirmando que meu problema era estar apaixonada por Bernardo, o que não me deixava raciocinar com lucidez.

Acontece que eu não estava gostando do meu colega; não de um jeito romântico, e ponto final. Achei que Gustavo apareceria com uma teoria diferente para justificar meu comportamento. Mas, assim como Alice e Sofia, ele teve uma conclusão equivocada, fazendo-me retornar à estaca zero.

Pelo jeito, meu momento de epifania teria de surgir de forma

solitária, ou seja, quando eu parasse para ter um papo sério e definitivo comigo mesma.

Já que não tive paciência para ouvir a tese de Gustavo, nós dois deixamos a casa na árvore meio que de nariz torcido um para o outro. Ele logo achou Clarissa, que me cumprimentou toda animada, e eu fiquei com Dom, explicando para os curiosos quem ele era e para onde iria.

Até que dei de cara com Ricardo e Augusto. Eles ainda não sabiam da existência do cachorro, muito menos

que ele moraria conosco, em nosso apartamento em Belo Horizonte.

Fui obrigada a escutar todo tipo de xingamento, até que meu pai entrou no meio e encerrou a discussão. Mas antes fez questão de nos chamar de crianças, bem na frente de alguns convidados xeretas.

Por tudo isso, a festa terminou mais cedo para mim — um verdadeiro alívio, pois pude tirar o vestido justo e a sandália apertada, além de ser recompensada com um delicioso silêncio.

Saí do chuveiro muito bem

embalada por um roupão felpudo e macio. Ainda bem que resolvi colocá-lo na mala na última hora. O inverno na fazenda costuma ser rigoroso.

Tirei meu notebook da mochila e posicionei-o no colo, depois de me aconchegar sob as cobertas. A essa altura do campeonato, Dom dormia feito um bebê em cima do tapete de barbante ao pé da minha cama. Sorri para ele, como se eu fosse uma mãe novata embevecida por sua criança.

Abri o gerenciador de e-mails, resolvida a passar algumas horas

lendo e respondendo minhas mensagens ou, quem sabe, jogando conversa fora com as meninas pelo msn. Porém, quase caí para trás ao visualizar o nome Bernardo Venturini quatro vezes na minha caixa de entrada, nesta ordem:

✉ **Bernardo Venturini** Estou perdendo a paciência 23:14

✉ **Bernardo Venturini** Dê um sinal de vida ou vou atrás de você 22:37

✉ **Bernardo Venturini** Cadê você? 21:12

✉ **Bernardo Venturini** Matéria

Lucinha Marinho 19:23

Meu sangue gelou nas veias. Santíssimo Sacramento. Eu tinha me esquecido completamente do texto que Bernardo me pediu para revisar!

Passei a mão na testa, limpando um suor imaginário e desejando que um disco voador me abduzisse de vez.

Cliquei na primeira mensagem da lista, que na verdade foi a última enviada, e fui obrigada a conhecer os mais variados sinônimos da palavra irresponsável. Por impulso,

apertei o ícone de resposta e escrevi (detalhe: meus dedos frenéticos e revoltados quase afundaram as teclas do meu notebook Dell novinho):

De: Rafaela Vilas Boas

Para: Bernardo Venturini

Assunto: Calma, estressado.

Bernardo,

Por acaso você não tem coração? Puxa vida! Hoje é aniversário de casamento dos meus pais. Acabei de sair da festa. Não

deu para escapar antes. Por isso, só agora vi seus e-mails, bem desaforados, por sinal.

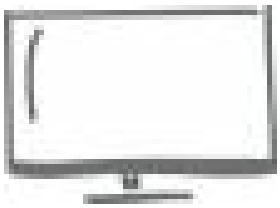
Sendo assim, caso meus serviços ainda sejam necessários, vou revisar a matéria. Só não me faça perder tempo, diminuindo minha noite de sono, se não for dar bola para o meu trabalho.

Neste momento, enquanto lê esta mensagem, provavelmente já estarei quase no fim do processo de revisão. Mando para você assim que terminar. Aguente firme aí.

Até logo.

Rafaela Vilas Boas
Escrava e estagiária do jornal
Folha de Minas

Com o orgulho meio ferido, abri o anexo e dediquei cem por cento da minha atenção à matéria, até chegar à última palavra.



MULHER DO EMPRESÁRIO ALFREDO MARINHO CONFESSA CRIME

Lucinha Marinho, viúva do executivo da rede hoteleira

Paradise Alfredo Marinho, assumiu neste sábado (23) que participou do assassinato do marido. O empresário foi morto por uma substância tóxica, e seu corpo foi encontrado dentro de um quarto do Motel Flashdance, na BR 040, próximo ao bairro Jardim Canadá, em Belo Horizonte.

Em entrevista exclusiva ao jornal Folha de Minas, *Lucinha disse que misturou cianureto, um dos venenos mais letais conhecidos pelo homem, à bebida que serviu ao marido antes de levá-lo para a cama. Ela também afirmou ter feito*

tudo sozinha: encomendou o veneno, matou o marido e eliminou as provas para não ser identificada pela perícia.

Segundo a mulher do empresário, a motivação do crime foi o ciúme. Ela afirmou ter contratado um detetive particular para seguir o marido, pois desconfiava de que ele tivesse outra mulher.

No dia 17 de maio, Lucinha convidou o marido para ir ao motel a fim de "apimentar a relação". Lá, ela preparou uma dose de

uísque para Alfredo Marinho, que não percebeu a adição da substância química. "Ele já estava meio bêbado quando chegamos", relatou ela. Assim que o empresário morreu, Lucinha tratou de eliminar as pistas e pegou um táxi até a casa de uma amiga, para não chamar a atenção.

Antes de a ex-dançarina de casas noturnas assumir o crime, a polícia já a tinha como principal suspeita. "Os filhos do primeiro casamento do empresário revelaram ter presenciado brigas homéricas entre o casal", revelou Juarez Barbosa,

diretor do Departamento de Homicídios e de Proteção à Pessoa de Minas Gerais.

Alfredo e Lucinha estavam juntos havia dez anos. "Sempre foi difícil. Alfredo era ciumento e controlador; às vezes até violento. Descobrir que ele tinha uma amante foi a gota d'água", declarou a viúva.

Depois da entrevista ao jornal, Lucinha Marinho, acompanhada de seu advogado, Marco Aurélio Cardoso, entregou-se para a justiça, que determinará os

próximos passos da investigação.

Por essa eu não esperava. Depois da demonstração de solidariedade a mim, juro que passei a acreditar na inocência daquela mulher. Mas ela era culpada, agora confessa, e não apenas na suposição da polícia. Meu Deus!

Do ponto de vista jornalístico, achei que a matéria não precisava de revisão. Para mim, ela estava ótima e cumpria seu objetivo: tínhamos um furo!

Diante dessa constatação, muito

mais animada do que antes, voltei a escrever para Bernardo.

De: Rafaela Vilas Boas

Para: Bernardo Venturini

Assunto: Estou chocada :O

Bernardo,

Acabei de ler a matéria. Nossa, então a viúva é mesmo culpada! Que grande surpresa para nós, hein?! E que safada! Deu cabo do marido e ficou posando de inocente, derramando todas aquelas lágrimas como se tivesse

algum sentimento.

Como o ser humano me decepciona às vezes! A palavra confiança *está ficando cada vez mais rara, e isso é muito triste. Será que o tal "amor verdadeiro" é agora um artigo em extinção?*

Desculpe. Estou extrapolando meus limites. Sobre o texto, bem, ele está ótimo, na minha humilde opinião. Não deve mudar nada; nem uma vírgula. No seu lugar e no da Lu, eu mandaria agora mesmo essa matéria para a gráfica e ficaria só esperando, cheia de

expectativa, os cumprimentos pelo furo.

Preciso dizer: você mandou bem.

Agora, já que cumpri meu dever, mesmo que com atraso, vou dormir um pouquinho. Estou um bagaço e tem um garoto muito mal-humorado implorando por sossego aqui no quarto.

Vejo você na segunda.

Até lá!

Rafaela Vilas Boas

Escrava, pau para toda obra e estagiária do jornal *Folha de Minas*

Desliguei o computador com aquela sensação gostosa de dever cumprido. Eu nem quis esperar pelo retorno de Bernardo, mesmo que fosse só para me agradecer, coisa que eu julgava humanamente impossível da parte dele.

Mas, enfim, quem faz algo de coração não espera gratidão.

Sem um pingo de dor na consciência, guardei o notebook na pasta estampada com bolas coloridas — um luxo que comprei na Verde Amarela do Pátio Savassi — e coloquei-o sobre o criado-

mudo, ao lado do celular. Desliguei o abajur, já gemendo de satisfação por finalmente poder desfrutar de um sono mais que merecido, quando o alerta de mensagem do telefone deu sinal de vida. Mas que caramba!

Nem precisei olhar o visor para sacar de onde vinha. Claro que Bernardo não me deixaria sossegada enquanto não sugasse toda a minha paz (ou o que restava dela).

"Está pensando que vai fugir de mim assim tão fácil? Por que não esperou minha resposta? Depois de um e-mail como aquele, achou

mesmo que eu fosse me contentar em ficar calado até segunda-feira? Espero que esse seu celular esteja ligado, senão vou procurar o telefone da casa dos seus pais só para te atormentar. Você tem trinta segundos para dar sinal de vida."

Que sujeitinho audacioso e sem noção! Claro que ele ficaria esperando sentado a minha resposta. Eu não lhe daria o prazer de obedecer-lhe. Onde Bernardo pensava que eu estava, afinal? No Afeganistão?

Ajeitei o travesseiro sob a cabeça

e fechei os olhos, acreditando de verdade que cairia no sono automaticamente. Ledo engano. Depois de umas vinte reviradas na cama, engoli meu orgulho e abri a tela de mensagem do iPhone.

"Em primeiro lugar, não estou na casa dos meus pais, e sim, na fazenda, onde não temos telefone fixo. Quanto aos demais desaforos que recebi, quero que saiba que não estou nem aí. Meu trabalho era ler o texto. Feito. O que mais espera de mim? A Gisele não está fazendo o dever de casa

direitinho?”

Assim que enviei o texto, arrependi-me amargamente. Por que tive de mencionar Gisele? Com certeza Bernardo interpretaria mal.

“Quem é Gisele?”

“Se for para agir como um cafajeste, vou desligar meu celular. Diga logo o que quer e me deixe dormir. Tive uma noite de cão (literalmente)”.

Não resisti a fazer uma piadinha. Adoro trocadilhos.

"Quero entender melhor sua mensagem. Você leu o texto e não mexeu em nada. Isso é inédito! Se existe alguém que adora uma revisão textual, essa pessoa é você. Deve estar com muita preguiça mesmo para deixar passar a oportunidade."

"Bernardo, o que é isso agora? Desde quando precisa de elogios? Não mexi na matéria porque não foi preciso. Manda logo para a gráfica, senão vai perder o furo. Boa noite."

Apesar de ter recolocado o

telefone sobre o criado-mudo, mantive-o ligado. Muito embora não quisesse admitir, falar com Bernardo àquela hora da noite, em pleno sábado, me deixou muito poderosa. Torci para que o alerta tocasse mais uma vez.

"Estou enchendo sua paciência. A matéria, neste exato momento, deve estar saindo do forno. Mas tenho outra dúvida. Ou melhor, são duas. Por que está tão desiludida com o amor verdadeiro? E quem é o cara mal-humorado deitado aí no seu quarto?"

Dom me encarou assustado com a gargalhada que soltei. Escrevi aquilo de propósito, só para mexer com a imaginação de Bernardo. E não é que deu certo?

"Os seres humanos vivem dando prova de que o amor é passageiro, até mesmo inexistente. Conheço poucas pessoas que conseguem viver um grande amor, desses que duram e mantêm a chama acesa por muito tempo. Quanto ao cara aqui do meu lado, o nome dele é Dom. Estamos atrapalhando o sono dele."

Sabia que iria morrer na conta de celular no fim do mês, mas não podia negar que estava me divertindo com nossa conversa sem nexo.

"Dom? Que nome é esse? Por acaso ele é espanhol? Não sabia que namorava um estrangeiro nem que seus pais fossem tão avançadinhos, a ponto de permitir que a única filha durma em casa com um cara. Acho que São Pedro dos Ferros não é tão arcaica assim."

"Pode apostar, meus pais não são nem um pouco avançados. E, para seu governo, Dom não é espanhol. Na verdade, a origem dele é chinesa."

"Jesus! Onde foi que você o conheceu, afinal?"

"Meu irmão mais velho trouxe-o hoje para mim de São Paulo."

"Como é que é? Conheceu o cara hoje e..."

"Pode parar. A atirada do grupo é a sua digníssima Gisele. Na

verdade, Bernardo, Dom é um pug, um presente que ganhei do Gustavo. O cãozinho mais estranho e lindo que já vi."

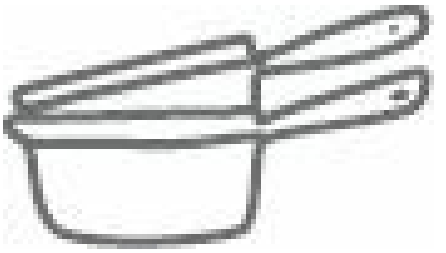
"Um pug. Bem, para quem costuma bancar a seriazinha, até que você sabe fazer piada. Por um instante, pensei que meus instintos tivessem falhado. Agora sei que não errei com você. Vou te deixar dormir. Sonhe com... os anjos. Beijo!"

Não errou comigo? Como assim? Bernardo havia feito julgamentos

sobre a minha pessoa e eles batiam com meus atos? E desde quando ele se despedia de mim com um beijo? Está certo que aquele era virtual. Mas mesmo assim...

Nossa, quanta mudança! Era mais fácil compreender o Bernardo carrancudo.

Dei um tchau muito seco, por falta de palavras para me expressar melhor, e tentei dormir. Uma pena que fiquei só na tentativa, pois tudo o que fiz foi pensar e matutar para tentar entender os conflitos que fixaram residência em minha cabeça.



Capítulo 16

O jornalista só deve tentar escrever uma análise depois de checar se dispõe de informações suficientes para sustentar suas conclusões.

Gente, eu jamais pensei que fosse tão fácil amar um cachorro. Nunca fui adepta a manifestações entusiasmadas de amor a animais de estimação, mas o pequeno Dom me pegou de jeito. Mesmo com todos os avisos da minha mãe de que bicho em apartamento não é uma boa ideia,

não arredei o pé de ficar com aquele cãozinho para mim. Dom arrebatou meu coração e só pediu em troca meu carinho, coisa nem um pouco difícil de ceder.

Como ele me ajudou a esquecer Bernardo naquele domingo! Nossa troca de mensagens no começo da madrugada do dia anterior nem passou pela minha cabeça — quero dizer, só um pouco.

Junto com Clarissa, Dom e eu tivemos uma manhã de pura diversão. Minha cunhada me explicou como os cachorros gostam

de ser tratados e até me deu umas dicas de adestramento, já que ele precisa aprender, o quanto antes, a acertar o lugar de fazer suas necessidades. Sim, porque eu não me vejo limpando cocô de cachorro em tudo que é canto do apartamento. Eca!

Infelizmente o comércio estava fechado e eu não pude comprar umas coisinhas básicas para o meu bichinho, tipo caminha acolchoada e ossinho de borracha. Ainda bem que Gustavo me presenteou não só com o pug, mas também me deu um pacote de ração para filhotes e uma casinha

de madeira ao estilo Pluto, além de uma coleira para passeio, indispensável para minhas intenções de promover a interação social do Dom com os outros cachorros da praça do Gutierrez.

Até Ricardo e Augusto acabaram se rendendo aos encantos do novo membro da família e pararam de reclamar no meu ouvido.

No início da tarde, seguimos os quatro — meus dois irmãos, Dom e eu — para nosso lar em Belo Horizonte, muito embora a partida tenha demorado mais que o

necessário devido ao chororô da nossa mãe.

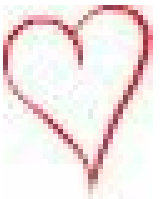
Até que eu não me importaria de ficar mais um pouquinho em São Pedro dos Ferros, mas meu sangue de jornalista inquieta latejava por ação, detalhe inexistente em minha vida na última semana.

Sem contar que as aulas estavam para voltar e eu só tinha mais sete dias de descanso da faculdade. Queria ter um jeito de escapulir da minha sala na PUC, uma vez que encarar Gisele diariamente não fazia parte do meu ideal de diversão.

Ainda bem que, por eu estar prestes a me formar, o número de aulas havia diminuído bem, pois precisaríamos nos dedicar ao projeto experimental de final de curso. Uma chatice.

Com o carro de Augusto em movimento e Dom dormindo feito uma pedra ao meu lado, tive vontade de atacar meu bloquinho de coala. Eu não costumava passar tanto tempo sem escrever sobre *o garoto*. Deixar de "falar" com ele fazia falta em meu dia a dia. Aproveitei a quietude do momento para estruturar um texto sobre o meu *garoto da*

mochila xadrez.



Olá! Como vai?

Eu vou indo. E você, tudo bem?

Tudo bem! Eu vou indo, correndo pegar meu lugar no futuro... E você?

Tudo bem! Eu vou indo, em busca de um sono tranquilo...

Quem sabe?

Quanto tempo!

Pois é, quanto tempo!

Me perdoe a pressa — é a alma dos nossos negócios!

Qual, não tem de quê! Eu também só ando a cem!

Quando é que você telefona? Precisamos nos ver por aí!

Pra semana, prometo, talvez nos vejamos... Quem sabe?

Quanto tempo!

Pois é... quanto tempo!

Tanta coisa que eu tinha a dizer, mas eu sumi na poeira das ruas...

Eu também tenho algo a dizer, mas me foge à lembrança!

Por favor, telefone — Eu preciso beber alguma coisa, rapidamente...

Pra semana...

O sinal...

Eu procuro você...

Vai abrir, vai abrir...

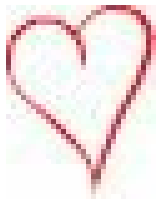
Eu prometo, não esqueço, não esqueço...

Por favor, não esqueça, não esqueça...

Adeus!

Adeus!

Adeus![10]



Pela primeira vez desde que vi *o garoto*, não consegui escrever um texto original para ele. De repente, parecia que tudo ficava muito ridículo, que "conversar" com um

desconhecido era sinal de insanidade adiantada.

De tanto que meu pai gostava de escutar quando eu era criança, a letra da música “Sinal fechado”, de Chico Buarque, veio-me à cabeça. E, para não deixar um espaço em branco no meu bloquinho, transcrevi a canção para o papel e me dei por satisfeita. De certa forma, ela traduzia bem meus atuais sentimentos, ou seja, minha completa falta de noção do que vinha sentindo.

Numa boa, até que procurar um

psicólogo num futuro próximo poderia ser uma boa ideia no meu caso. O jornal deveria ter um disponível para os funcionários surtados. Eu precisava checar meu plano de saúde, de todo modo.



Muito estranho. Cheguei à redação no meio da manhã de segunda-feira e não havia uma alma viva sequer no departamento de investigativo. Os monitores estavam ligados, a máquina de xerox trabalhava freneticamente num canto. Vi até uma caneca de café soltando

fumaça sobre a mesa do Fernando.

Porém, como num filme *trash* da década de 1980, desses bem fajutos mesmo, tudo dava a entender que meus colegas de trabalho haviam sido teletransportados para outra dimensão. Tive até medo de pendurar a bolsa no encosto da cadeira e me sentar. Talvez fosse melhor pedir socorro na editoria vizinha ou, quem sabe, ligar para a polícia.

Cheguei a dar meia-volta e abrir a boca para gritar por ajuda. Mas foi sorte minha não ter pagado esse

mico. No instante em que resolvi tomar uma atitude, fui surpreendida por todos os meus colegas, que saíram gritando e agitando balões da sala da Luciana.

Dei um salto para trás, estalando o solado da minha sandália de plataforma da Carmen Steffens no piso de porcelanato, ato que produziu um som parecido com o trote de cavalos no asfalto. Meu bumbum pouco avantajado se chocou com a quina de uma mesa e eu dei um grito de dor misturada com susto. Meus olhos chegaram a soltar algumas lágrimas, mas,

acreditem, não por emoção.

A Lu se adiantou a todos os homens do grupo e me deu um abraço apertado, depois de enfiar um cacho de balões coloridos e metálicos na minha mão. Nem consegui ler o que estava escrito neles; só sei que eram todos em formato de estrela e coração.

— Que bom ter você de volta! — ela exclamou, batendo palmas. Os dedos dela mal apareciam de tanto anel. — Quase não dá para notar o galo na sua cabeça.

Por instinto, toquei o local da

pancada, onde agora só existia uma ligeira elevação. O doutor Daniel disse que a marca desapareceria por completo em no máximo duas semanas. Ainda estávamos dentro do prazo.

As palmas da editora-chefe foram reforçadas pelas de meus colegas, que de repente me sufocaram debaixo de seus braços. Todos falavam juntos, e eu só entendia uma frase ou outra. Eu me sentia muito perdida para aproveitar aquela manifestação explícita de carinho por mim.

Ao ser libertada, avistei a figura de Bernardo um ou dois passos atrás do local onde fui atacada. Nenhuma palavra seria capaz de explicar o que senti quando o vi. Foi um misto de descarga elétrica com um aperto no peito, uma sensação tão nova e avassaladora que cheguei a perder a firmeza das pernas. Bem, pelo menos por um segundo.

Ele caminhou até mim, devagar, como se soubesse o efeito que causou. Vestia jeans escuro e camisa xadrez, aberta, sobre uma camiseta de malha branca. Nunca esteve tão bonito, com o azul de seus olhos

combinando com o tom da blusa. Engoli em seco.

O olhar dele demorou um pouco no meu, mas depois o deixou para conferir minha aparência de cima a baixo.

Com um sorriso torto no rosto, Bernardo segurou minhas mãos e me puxou para um abraço. O choque foi tão grande que não consegui retribuir de imediato. Bernardo e eu jamais havíamos nos tocado voluntariamente. Os contatos só ocorriam quando eu precisava de ajuda para sair de uma situação

embaraçosa. Abraços não faziam parte da nossa rotina.

Mesmo sem eu reagir ao toque dele, meu colega continuou me apertando, como se eu pudesse escapar caso ele me soltasse. E, no instante em que ameacei esboçar uma reação, ele me petrificou de novo, sussurrando no meu ouvido:

— Jamais pensei que fosse dizer isso, mas senti sua falta, lerdinha. Muita.

Foi durante aquele abraço que minha ficha caiu. Na verdade, parecia que uma tela de proteção

bem opaca havia sido retirada abruptamente dos meus olhos. Até que eu tinha resistido bastante a me permitir enxergar. Contudo, naquele momento, eu soube: estava apaixonada.

Diante dessa constatação, afastei-me dos braços de Bernardo, com medo de que meu corpo confessasse para ele o que meu coração sentia. Para não dar bandeira — pois nem em mil anos eu teria coragem de admitir —, empinei o nariz e optei por adotar a minha já conhecida postura impertinente.

Por fora, eu podia até parecer a mesma de sempre. Entretanto, só Deus conhecia o turbilhão de emoções que atravessava meu corpo por dentro.

Como fui cair na besteira de me apaixonar por Bernardo? Aquela Cria de Satanás sem coração, que se contentava em se divertir levianamente com as mulheres — Gisele — e a tratá-las como seres inferiores — eu.

Só que paixão não é sinônimo de escravidão. Logo, com muita força de vontade, eu poderia me livrar

dela, não poderia?

Fernando me tirou dessa autorreflexão ao contornar meus ombros com um braço e puxar meu cabelo de um jeito descontraído.

— Você fez falta, Rafinha. Até o durão do seu colega aqui andou meio cabisbaixo nos últimos dias — revelou Fernando, referindo-se a Bernardo.

— Fiquei meio perdido sem ter em quem mandar — disse ele, com um ar de "tô nem aí".

— Todos sentiram saudade da sua

energia — completou William.

— E alguns da sua beleza. — Lu deixou no ar.

Todo mundo fez cara de desentendido. Quanto a mim, precisei me policiar para evitar pensar besteira, tipo: "Será que foi o Bernardo?".

— Bom, já que não perguntou, vou dizer assim mesmo. O Marcelo andou dando as caras por aqui, como quem não quer nada, mal conseguindo disfarçar sua frustração por não encontrá-la.

A Lu me contou o fato de uma forma tão inocente que provavelmente nem notou os conflitos pelos quais eu passava.

— Mas ele sabia que eu estava fora de BH — soltei sem querer, o que foi um erro enorme.

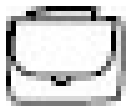
Fernando, todo engraçadinho, começou a repetir, como uma criança do ensino fundamental: "Tá namorando! Tá namorando!". E todos os outros, criançõ es de uma figa, acompanharam o coro. Exceto Bernardo, que me pareceu bem inquieto, para falar a verdade.

Eu já ia afirmar que Marcelo e eu éramos apenas bons amigos, mas me segurei a tempo. Que mal havia fingir que meus colegas estavam certos? Pelo menos Bernardo poderia ver que eu não estava jogada às traças, não é mesmo?

— Vamos trabalhar, gente? — Bernardo bateu as mãos uma na outra e tomou seu rumo.

Dei de ombros e fiz o mesmo. Tentei me concentrar nas minhas coisas. Mas que injustiça! Só os lindos olhos azuis de Bernardo me vinham à cabeça.

Prendi o cabelo num coque frouxo e inspirei com força. Estava mais do que na hora de rever meus conceitos.



Foi uma semana de cão, tendo que equilibrar minha recém-descoberta paixão por Bernardo com uma postura desinteressada para não levantar suspeitas. Melhor passar por fria do que revelar meu segredo mais secreto.

Mas foi difícil, viu? Meu Deus! É duro não olhar para uma pessoa quando a gente faz disso o nosso

propósito número um. Tipo, quanto mais eu repetia para mim mesma: "Não levante a vista para o sujeito à sua frente", mais fazia justamente o oposto.

Então eu ficava toda desconcertada e incoerente, como quando fomos à coletiva com o delegado responsável pelo caso Lucinha Marinho.

Primeiro, fui obrigada a ficar o maior tempão ao lado dele no carro. Que desconfortável! Até minha respiração parecia esquisita, entrecortada. E Bernardo não ajudou

nem um pouco, perguntando a cada cinco minutos se eu estava gripada, com febre ou até com dor de barriga.

Bufei, por falta de iniciativa para agir de maneira diferente. Eu queria voltar a ter ilusões com *o garoto* para assim, quem sabe, largar essa paixonite por Bernardo.



Encontramos um ótimo lugar no auditório da coletiva, embora não tão na frente, o que teria sido bem melhor. Mas foi bom, de todo modo,

porque estávamos no meio e com uma visão bastante privilegiada do lugar que o delegado ocuparia.

Depois que me sentei, tirei meu bloquinho da bolsa a fim de anotar tudo o que fosse falado. Bernardo se distraiu batendo papo com uns colegas de outros veículos. Como eu não estava muito a fim de me socializar, fiquei fazendo uns desenhos aleatórios nas folhas em branco do pequeno caderno, como espirais, estrelas de todos os tamanhos e vários modelos, suásticas nazistas (não que eu seja uma militante — Deus me livre!) e

traseiros de elefantes que Ricardo me ensinou a fazer quando eu tinha sete anos, mas não de um jeito fofo. Para um menino da idade dele, ensinar a irmã caçula a desenhar o bumbum de paquidermes tinha uma conotação bem sacana.

Mas, enfim, eu aprendi e virou meio que uma mania minha rabiscá-los sempre que não tenho nada para fazer.

Enchi uma página inteira, absorvida nessa atividade mecânica, até ser interrompida pela voz sensual de Bernardo reverberando

no meu ouvido. (Será que ela sempre foi sensual ou passou a ser depois que me apaixonei?)

— Em vez de rabiscar essas apologias ao nazismo e mais esse monte de bunda de elefante, por que não está escrevendo perguntas para fazer ao doutor Nascimento?

Indignada com sua indiscrição, fechei o bloco com exagero, fazendo questão de exibir a minha ira. Franzi a testa e o encarei, com uma resposta atrevida na ponta da língua:

— Porque o jornalista aqui é você. Eu sou apenas a estagiária.

Ele riu com maldade e eu pude reparar melhor em sua arcada dentária. Havia um sutil apinhamento nos incisivos centrais; nada exagerado, mas o suficiente para deixá-lo ainda mais charmoso.

— Uma estagiária cheia de moral, diga-se de passagem — comentou Bernardo, ajeitando um de seus anéis prateados. — Por isso vou deixar o trabalho todo para você hoje. Quero só assistir.

— O quê?! — engasguei. — Não, de jeito nenhum! Vou travar, ficar tímida. Não.

Bernardo se mexeu na cadeira. Chegou mais próximo de mim.

— Jornalistas não podem ter vergonha. Já passou da hora de você se assumir, de sair de trás dos textos.

— Oh, pelo amor de Deus! Eu não estou preparada. Por que não me avisou antes? — reclamei. — Parece que você gosta de me jogar no fogo.

— Não sou maquiavélico. — Bernardo se defendeu, nem um pouco comovido. — Só estou te ajudando, ora.

Nossa discussão à meia-voz teve que terminar, porque o delegado, o tal doutor Nascimento, assumiu seu lugar na tribuna, obrigando-nos a fechar o bico.

Para falar a verdade, eu nem consegui focar minha atenção nele, pois a adrenalina dominou meu corpo. Disparei a sentir tremores — péssimo sinal para quem precisaria adotar uma postura profissional e segura a qualquer momento.

Um assessor de imprensa da polícia civil abriu a entrevista coletiva lendo o relatório do

inquérito, explicando os detalhes mais importantes, sem deixar de mencionar o papel da *Folha de Minas* na confissão de Lucinha Marinho. Bernardo se empertigou todo ao meu lado, estufando o peito em sinal de orgulho.

Quanto mais o assessor falava, maior ficava meu nervosismo, a ponto de eu não saber nem por onde começar a perguntar. De repente, só vinham à minha cabeça coisas do tipo: "Quantos anos o senhor tem?", "Onde se formou?", "Qual o número do seu sapato?". Meu Deus, o que eu deveria falar, afinal?

— Quando o cara terminar a leitura do relatório, você se levanta rápido para ser a primeira. Se deixar para depois, pode perder a chance — instruiu Bernardo.

Balancei a cabeça com tanta força para protestar que meus brincões de pingente quase se soltaram das orelhas. Ainda bem que as tarraxinhas eram das boas.

— Vai, sim, senhora — Bernardo insistiu. — E pode ir formulando uma pergunta. Desta vez é por sua conta.

Não dá nem para descrever a

raiva que senti. Não sei onde eu estava com a cabeça quando deixei meu coração se amarrar no da Cria de Satanás. Precisava consertar aquilo outra hora.

Senti uma fincada no peito assim que o assessor concluiu o discurso e passou os microfones para o delegado: doutor Helvécio Nascimento. Analisando-o do meu ponto de vista — já bastante desestabilizado por causa da pressão —, ele parecia muito intimidador. O rosto dele lembrava vagamente as feições de uma carranca com dor de dente.

Encolhi-me na poltrona, desejando fervorosamente que um feitiço caísse sobre mim e me fizesse desaparecer. Ou, melhor até, que desintegrasse Bernardo do universo.

Quando o doutor Nascimento liberou as perguntas, formou-se um mar de braços levantados, todos ávidos pela oportunidade de falar. Cheguei a ter um pouco de esperança. Eu jamais seria vista atrás daquele paredão.

Entretanto, como alegria de pobre dura pouco e a malvadeza de

Bernardo não tem limites, minhas esperanças se estilhaçaram no momento em que um objeto fino e pontudo espetou minhas costelas mal protegidas por uma camisa de seda fina. Eu me levantei num pulo, soltando um gritinho de surpresa.

Com todo aquele estardalhaço, claro, não teve um que não olhou para mim.

Como as coisas sucederam dali pra frente:

Os braços para o alto abaixaram numa sincronia idêntica à da equipe russa de nado sincronizado, campeã

nas Olimpíadas de Londres. E os donos deles passaram a me encarar como se eu fosse uma fugitiva do hospício. Senti minhas bochechas ardendo. Devem ter adquirido o tom berrante do vermelho beliscão.

Bernardo abafou uma risada e se abaixou para pegar um objeto imaginário caído no chão. Nem se preocupou com meu constrangimento ou com o fato de que eu estava prestes a enfartar.

Quase chorei. Perdi a voz, a capacidade de articular frases coerentes, o domínio da minha

pulsação. Enquanto o doutor Helvécio Nascimento olhava para mim com aqueles olhos de hiena diante de um filhote de leão, eu só pensava na minha mãe e no seu colinho macio e bondoso.

Bernardo ordenou, num sussurro, que eu me apresentasse e acabasse logo com o vexame. Muito fácil para ele me obrigar a agir. Afinal, quem estava numa situação confortável ali? Quem?

Então eu disse:

— O-oi. M-eu nome é...

Parei. Deu um branco total, que nem roupa lavada com Omo. As pessoas começaram a cochichar, a rir e a apontar. O delegado se remexeu e aprofundou o olhar.

— Rafaela Vilas Boas — Bernardo soprou e eu copiei. — De São Pedro dos Ferros.

Não vi, mas escutei direitinho o barulho do tapa que meu colega *novo amor* futura ex-paixão deu na própria testa.

Ninguém segurou o riso.

— Quem é essa maluca? — Ouvi

alguém questionar.

Antes que eu me corrigisse, o doutor Helvécio Nascimento puxou um dos microfones até bem próximo da sua boca e comentou, acho que para aliviar a tensão — a minha, quero dizer:

— De São Pedro, é? Minha família é de Rio Casca. Mundo pequeno.

E então a carranca se desfez e dela brotou um sorriso complacente. Ainda assim, meu cérebro permaneceu congelado.

Bernardo me cutucou outra vez. Ele não disse nada, embora eu soubesse muito bem o que se passava na cabeça dele. Procurei controlar minha insegurança e parti para uma segunda tentativa.

— Desculpe. Na verdade, sou Rafaela Vilas Boas, do jornal *Folha de Minas* — frisei.

— Muito bem. Pode fazer sua pergunta — autorizou o delegado.

Bem, naquele momento eu já havia me tornado a personagem coadjuvante — palhaça — que rouba a cena. Tive essa certeza

quando reparei nas câmeras apontadas para mim com seus flashes pipocando. A constatação tirou meu chão. No dia seguinte eu me tornaria a piada mais bizarra do meio jornalístico. O jeito era dar a volta por cima.

— Doutor Nascimento, o senhor... Digo, a Lucinha... Marinho... Está presa, né?

Não consegui. Acho que, pela primeira vez na minha existência, as palavras me deixaram na mão. Meus olhos foram nublados por uma cortina de lágrimas. Só faltava eu

chorar para fechar com chave de ouro minha atuação não planejada naquela coletiva dos infernos.

No entanto, antes de fazer algo que me arruinasse de vez, Bernardo se levantou. Com uma mão no meu ombro, pressionou-me para baixo. Sentei na cadeira sem reclamar e, muito menos, sem entender.

— Desculpe, doutor Nascimento, mas o que a *Folha de Minas* gostaria de saber é o seguinte...

Não escutei a pergunta feita por Bernardo. Ou melhor, até ouvi. Porém, não tive condições de

prestar atenção. Sei que ele ficou alguns minutos de pé, ora falando, ora ouvindo e gravando as explicações do delegado.

Enquanto isso, eu, bem, curtia calada a minha humilhação. Talvez eu devesse seguir os conselhos do meu pai e escolher outra profissão. Ou pelo menos mudar de área, procurar outra editoria. Quem sabe o jornal tinha vaga na seção de obituários?

Não que eu estivesse sendo dramática ou me autoflagelando desnecessariamente. É que é fogo

pagar mico, ainda mais na minha idade e posição.

Eu bem que poderia marcar uma reunião com Maurício Gusmão e tentar persuadi-lo a arranjar outra função para mim. Mas, desde aquele primeiro dia, quando fui entrevistada por ele, nunca mais trocamos uma só palavra. Também, né, eu queria o quê? Que tipo de assunto o editor-chefe do maior jornal do Estado poderia ter com uma reles estagiária?

Voltei a rabiscar no meu bloquinho. Eu preferiria fugir dali,

mas me fingir de morta também era uma boa. Senti quando Bernardo voltou a se sentar, só que fiz questão de nem olhar. Fiquei repetindo para mim mesma: "Não vou mais falar com ele. Não vou mais falar com ele". Contudo, ele, o demônio personificado, queria falar comigo.

— Aprendeu a lição?

Não respondi. Intensifiquei a produção de desenhos abstratos.

— Uma jornalista de verdade não treme na base. Ou, pelo menos, não demonstra isso.

Continuei calada. Se eu abrisse minha boca, só sairia besteira.

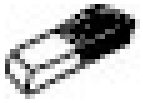
Mas vocês já conhecem Bernardo a essa altura do campeonato. Claro que ele não se fez de rogado. Tomou o bloco e a caneta das minhas mãos e escreveu numa folha em branco.

"Você está sendo infantil."

Apertei os olhos com força. Sim, vai ver fui mesmo atacada por uma crise de imaturidade. No entanto, eu até podia lidar com quedas em público, trombadas durante o expediente e desmaios súbitos. O que eu não conseguia de jeito

nenhum era ficar numa boa depois de ter visto minha competência ser colocada em dúvida na frente de toda aquela gente.

Então, senhor Bernardo, sinto muito. Você poderia falar, escrever, fazer sinal de fumaça, qualquer coisa, menos me obrigar a responder. Porque, naquele momento, eu o odiava com todas as minhas forças.



Retornar ao jornal foi um martírio. Nunca me senti tão

inadequada, malquista, humilhada. Minha vontade era pegar um ônibus, mas eu já tinha sido chamada de criança. Não queria piorar as coisas.

Sendo assim, calcei a cara e segui em frente, acomodando-me no banco do carona e encarando a difícil tarefa de dividir o espaço com Bernardo. Como eu não podia fugir, dei graças a Deus por ter levado meu iPod dentro da bolsa. Ignorando solenemente a companhia do meu colega gostosão/Cria de Satanás, enfiei os fones nos ouvidos e procurei me concentrar na música. Por ironia do destino, *Dreams*, do

The Cranberries, uma música do filme *Mensagem para você* — é, aquele da tarde com Marcelo na minha casa —, começou a soar, provando para mim quão desenganada andava minha vida.

And now I tell you openly

You have my heart so don't hurt me

You're what I couldn't find[11]

Recostei a cabeça no banco, fechei os olhos e suspirei, permitindo-me momentaneamente um

ataque de autopiedade. Até ser distraída por um cheiro muito gostoso. Vinha do meu lado esquerdo, do lugar onde Bernardo estava. Com medo de me virar para ele, passei a imaginar o que seria, pois o aroma era exótico e sedutor.

Quando esgotei mentalmente as possibilidades de adivinhação, abri os olhos devagar e olhei de relance para Bernardo. E esse foi o meu grande erro. Lívida e boquiaberta, não acreditei no que vi. Precisei piscar umas mil vezes para me certificar de que não se tratava de uma miragem.

Sem camisa, Bernardo exibia, sem o menor pudor, um peito esculpido por mãos de artista renascentista. A camisa, arrancada do corpo não faço ideia como, descansava toda embolada sobre o freio de mão. Deduzi que o cheiro gostoso vinha dela, principalmente do momento quando foi atirada para o lado.

— Mas o quê... — Lembrei que prometi não falar com ele e parei a frase no meio.

Bernardo me deu uma olhada desdenhosa, mas permaneceu

impassível. Quero dizer, ele até mexeu a boca, só que não ouvi uma palavra sequer. Estranho.

Com cara de desgosto, meu colega aproximou uma mão do meu rosto. O que ele tencionava fazer?

— Será que dá para tirar isso? — rosnou ele, enquanto arrancava os fones dos meus ouvidos com a maior agressividade.

Então foi por isso que não ouvi. Credo! A que nível de distração cheguei.

— Ei! — protestei. — O que

você pensa que está fazendo?

— Estou falando com você. Não gosto de ser ignorado.

Inspirei com força, pedindo aos céus para me dar paciência — e sanidade mental para não pirar diante daquele tanquinho.

— E eu não gosto de ser humilhada. Nesse caso, estamos quites.

Recoloquei os fones nos ouvidos, um gesto muito mais de protesto que de vontade de ouvir música.

Bernardo puxou-os de novo, com

tanta força que me deixou com ódio.

— Quer parar com isso? — gritei.

— Quer deixar de ser criança? — urrou ele, do outro lado.

Não consegui evitar que meus olhos se enchessem de lágrimas. Quando dei por mim, meu rosto pingava feito telhado com goteira.

Acho que, desta vez, choquei Bernardo. Meu choro era o resultado de tudo por que passei naquele dia. Deixei rolar.

— Você não está chorando... — declarou ele, incrédulo.

Virei o rosto, fazendo questão de escondê-lo atrás do cabelo.

— Quer parar? Não tem necessidade disso.

Quem sabe das minhas necessidades sou eu. Portanto, chorei mais ainda — não um chorinho bonito, delicado, igual aos das ladies inglesas, personagens das irmãs Brontë; que nada! Abri a torneira mesmo, com direito a soluço e tudo mais.

Descrente, Bernardo tratou de encontrar uma vaga no meio da rua e estacionou o carro. Tive muito medo

da reação dele, por isso me encolhi toda.

— Rafa — ele começou, bagunçando o cabelo —, por favor, não chore. Vamos conversar direito, certo? Tome.

Olhei para ele com cautela. A camisa retirada estava estendida para mim. Acho que Bernardo queria que eu enxugasse os olhos com ela. Fiquei na dúvida se aceitava a gentileza, mas acabei cedendo. Afinal, eu precisava mesmo secar o rosto.

E foi meu erro número dois.

Assim que meu nariz entrou em contato com o tecido que vestiu a pele de Bernardo por boa parte daquele dia, meu corpo reagiu de um modo completamente inédito para mim. Eu queria ficar com a camisa para sempre e dormir com ela todas as noites, porque, por mais que um leve cheiro de suor estivesse impregnado nela, o aroma me lançou num transe inebriante. Até me esqueci de continuar chorando. Na verdade, eu passei a ter vontade de gritar, bater palmas e cantar Aleluia. Deus do céu, eu queria aquele homem para mim, apesar de toda a

empáfia e da falta de trato social.

Com o rosto ainda enterrado na blusa, dei um sorrisinho frustrado, pensando em como eram vãos os meus desejos.

Mesmo a contragosto, tentei devolvê-la a Bernardo, sem coragem de encará-lo. Mas ele fez um gesto cauteloso com as mãos e disse:

— Fique com ela, por enquanto. Não pretendo vesti-la de novo. Não agora.

Devo ter feito cara de interrogação, pois ele se sentiu na

obrigação de complementar.

— A malha não é das boas. Está me espetando.

Sem saber o que fazer com ela, pousei a blusa sobre o meu colo. Se pudesse, eu a enfiaria sorrateiramente na bolsa.

— Vai falar comigo agora? — ele indagou.

Balancei a cabeça, negando.

Bernardo não recebeu bem esse meu gesto. Bateu os punhos no volante uma, duas, meia dúzia de vezes. Acabei perdendo a conta,

porque fiquei em pânico.

— Você está magoada comigo — esbravejou ele —, mas não vê que tudo o que eu fiz foi para o seu próprio bem? Você vai se formar no final do ano e tudo o que faz é revisar textos, acrescentar ou suprimir informações, ou seja, faz o serviço interno, praticamente burocrático. Se o seu objetivo era esse, parabéns! Conseguiu alcançá-lo.

Entre outras "qualidades", a ironia devia ser o carro-chefe de Bernardo.

Por mais incrível que pareça, continuei com a boca fechada, por dois motivos: a) senão eu acabaria chorando de novo; b) porque escaparia muita barbaridade de dentro dela.

Isso irritou Bernardo mais que tudo. O cara simplesmente soltou o cinto de segurança e agarrou meus ombros, sacudindo-os um pouco, mas o suficiente para fazer minha cabeça chacoalhar. Será que ele esperava me fazer mudar de atitude revirando meus neurônios?

— Qual é o seu problema?

Com um vulcão prestes a entrar em erupção dentro de mim, coloquei para fora o que mais me incomodava.

— Meu problema é você! — Apontei o dedo para o peito de Bernardo. — Você e suas ambiguidades, sua grosseria, sua mania de se achar o máximo. — Respirei fundo, mas não parei. Já tinha começado mesmo. — Desde que conheci você, não tenho um só dia de paz, de normalidade. Venho para o trabalho me perguntando o que devo esperar. Bernardo, você me trata mal, como se eu fosse um

estorvo, uma peste. Eu nunca passei por isso na vida. Nunca!

Fiz uma pausa para tomar fôlego. Como Bernardo optou por não interferir no meu discurso, continuei:

— Eu até pensei que as coisas estavam progredindo, que você já não me odiava tanto. — Dei uma risada desiludida. — Mas, depois de hoje, do que você fez comigo, perdi totalmente as esperanças. Eu só tolero esse *bullying* constante porque preciso dessa experiência para me formar bem.

— *Bullying*? *Bullying*? — repetiu

Bernardo, incrédulo. — Tenha paciência, Rafaela! Isso é ridículo. Será que você não percebe que tudo o que faço é para te ajudar?

— Ah, claro. Você ajuda muito quando critica meus sapatos ou faz piada com minha falta de coordenação. Também ajuda demais ficar exposta ao ridículo na frente de uma multidão, assim como ser tratada com a casca e tudo, o tempo inteiro. Tenho certeza de que essas "lições"... — Fiz o sinal de aspas no ar. — ... vão acrescentar muito ao meu currículo.

— Você está de brincadeira!

— Eu pareço estar brincando?

Nossos olhares se encontraram e decidiram entrar num duelo. Eu estava bem certa de que as faíscas trocadas entre eles poderiam queimar o banco do carro, de tão intensas.

— Você entende tudo errado. Para uma futura jornalista, é péssima em interpretação.

— E você *faz* tudo errado. Não sei onde eu estava com a cabeça quando...

Pus uma mão na boca, segurando-a para não completar aquela frase reveladora. Ainda bem que consegui me interromper a tempo.

— Quando o quê? — Bernardo estreitou o olhar. Ficou parecendo um dos felinos do Animal Planet.

— Quando me candidatei à vaga de estagiária na *Folha de Minas* — improvisei, tremendo. — Não vejo a hora de ficar livre de você — menti.

— E eu, de você.

Pronto. Bem-feito para mim. Para completar meu dia terrível, nada

como a constatação daquele velho ditado: “Quem fala demais dá bom-dia a cavalo”.



Capítulo 17

O jornal não existe para adoçar a realidade, mas para mostrá-la de um ponto de vista crítico.

— Oi, Marcelo! É a Rafa. O que você vai fazer hoje à noite?

Meu último embate com Bernardo serviu para me mostrar que meu amor platônico por ele não daria em nada, já que ele me odiava tanto e queria me ver pelas costas o mais rápido possível. Tudo bem que *eu*

disse isso primeiro. Eu não esperava que ele fosse espelhar minhas intenções. As palavras dele — aquelas quatro únicas: "E eu, de você" — me magoaram de verdade. Muito mais do que o drama da entrevista coletiva com o delegado Helvécio Nascimento.

Naquele dia, voltei para casa decidida a me acabar numa panela de brigadeiro. Meus irmãos, que sabem muito bem como eu evito chocolate, quiseram saber o motivo da gulodice. Fiquei de bico fechado, até porque não era comum na nossa relação falar de decepções

amorosas uns com os outros.

Enfim, dei uma desculpa qualquer e carreguei a panela para o quarto, onde, a cada colherada, eu me deixava afundar numa depressãozinha acolhedora.

Acho que não nasci mesmo para me envolver num relacionamento normal e saudável. Tudo culpa do *garoto*. Bem, a culpa é só minha mesmo. Quem mandou eu cismar com o menino desse jeito?

Agora, mais essa. Se já não bastasse cultivar um sentimento não correspondido por uma pessoa,

tratei de arranjar mais um para completar minha vida nada romântica.

Então me lembrei de Marcelo. E uma lampadazinha incandescente brilhou dentro do meu peito. Nem tudo estava perdido, afinal. Marcelo era um cara bonito, interessante e parecia a fim de mim. Bem, pelo menos ele deixou suas intenções bem claras quando veio me visitar.

Por que não abrir uma exceção e dar uma chance a ele? Eu poderia estar errada e acabar me apaixonando, só que, desta vez, pelo

cara certo.

Ponderei as implicações de uma atitude precipitada, mas resolvi agir por impulso. Passava da hora de eu dar um jeito na minha vida pessoal.

Com o coração aos pulos — e a cabeça cheia de dúvidas —, busquei o número do Marcelo na agenda do celular e liguei para ele. Só chegou a tocar duas vezes.

— Rafa? — Marcelo parecia surpreso.

— Oi, Marcelo! É a Rafa. O que vai fazer hoje à noite? — Meu

nervosismo era tanto que acabei dizendo o óbvio: meu nome. Ele já sabia que era eu.

— Hoje à noite? Bem, nada. Nenhum plano.

— Não está de plantão? — Tentei ganhar tempo. Quando eu o chamasse para sair, estaria dando uma reviravolta no meu destino.

— Não, não. Amanhã e no final de semana.

— Que bom! — Minha voz saiu num fiapo. — Porque eu gostaria de convidar você para um cineminha

mais tarde. — Pronto. Falei.

Acho que Marcelo sorriu. Bem, foi o que pareceu. E um *frisson* invadiu meu corpo. Percebi que eu queria mesmo sair com ele.

— Um cineminha seria ótimo. — Acertei na mosca, porque a fala dele soou alegre. — O que está em cartaz?

— Não sei. Vou dar uma olhadinha na internet.

— Nem precisa — assegurou ele. — Qualquer filme com você fica bom.

Nossa! Essa cantada foi demais. Eu achei.

— Pego você às oito? — Marcelo sugeriu.

— Combinado.

— E, Rafa? Será um encontro de amigos?

— Vamos ver — respondi, sem pensar muito nas consequências daquela resposta vaga. Naquele momento, eu estava a fim de pagar para ver.



Fomos ao Cine Belas Artes, na Praça da Liberdade. Nem Marcelo nem eu conseguiríamos enfrentar o terror de uma sessão no cinema de um shopping: excesso de pessoas, filmes comerciais sem graça (a maioria), estacionamento entupido. Escolhemos *A tentação*, o novo longa-metragem da Liv Tyler, atriz que eu adoro desde *Armageddon*.

A escolha do título foi bem providencial, já que eu estava prestes a ceder a uma. Já o conteúdo... Bem, digamos que as cenas mais *calientes* me deixaram bastante sem graça, se é que vocês

me entendem. Fiquei com cara de paisagem — a mesma que uso quando enfrento uma situação dessas ao lado do meu pai ou do meu avô, por exemplo.

Várias vezes, na minha infância, eu me sentava para fazer companhia aos meus avós na sala, diante da televisão. Aí, na novela, aparecia a imagem de um casal se beijando ou nas preliminares de uma cena de amor. Nessa hora, eu quase abria um buraco no chão para me esconder, tamanha minha vergonha. Depressinha, vovô dava um jeito de

mudar de canal, parando num programa mais confortável, como futebol ou o Canal do Boi.

Foi assim que me senti ao lado de Marcelo: completamente constrangida. Quase me levantei com a desculpa de ir ao banheiro, mas daria na cara a minha real intenção. Portanto, eu fiquei firme — por fora, pelo menos.

Por outro lado, Marcelo demonstrava estar adorando tudo, tanto o suspense da trama quanto as partes acima de 40 graus. Ele até se animou a largar o copo de guaraná

só para segurar a minha mão, de bobeira no descanso de braço.

Gelei. Mas não retirei a mão. Afinal, eu o chamei para sair, acabei dando esperanças no telefone, escolhi o filme, ou seja, preparei o cenário, consciente ou não, para que, no final, chegássemos àquele ponto. Pegar na minha mão, eu imaginava, era só o primeiro item da lista de sedução de Marcelo.

Como se tivesse lido meus pensamentos, ele aproximou a boca do meu ouvido e sussurrou:

— Muito bom esse filme.

Balancei a cabeça, concordando, muito embora eu tenha parado de prestar atenção no instante em que nossos dedos se entrelaçaram. Aquilo estava ficando muito íntimo, e eu não sabia dizer se aprovava ou não.

— Rafa — Marcelo murmurou, quase num gemido. Os dedos dele foram subindo por meu braço, fazendo cócegas e me hipnotizando ao mesmo tempo. — Nada mudou desde aquela vez no seu apartamento. Continuo pensando da mesma forma.

Com delicadeza, Marcelo segurou meu queixo e me fez olhar para ele. Nosso rosto ficou a um palmo de distância. Que olhos lindos! Como Deus foi generoso com aquela criatura! Deixei-me mergulhar neles.

Tudo indica que Marcelo notou minha mudança de atitude, isto é, percebeu que baixei a guarda ao me embevecer pelo azul de seus olhos, pois foi nesse momento que ele me beijou. Não digo que fui pega de surpresa. Mas, ainda assim, fiquei um pouco assustada. Eu já conhecia o toque dos lábios do Marcelo, porém não com aquela intensidade.

As mãos dele subiram até meu pescoço e me seguraram com força. Até então, eu me mantive praticamente estática. No entanto, assim que a boca dele se abriu um pouco e fez pressão sobre a minha, acabei me derretendo. Impossível resistir. A sala de cinema não estava tão cheia. Portanto, nem vergonha eu senti.

O beijo foi se tornando mais intenso, mais possessivo, e eu, bem, não fiz muita força para interromper. Entreguei-me conscientemente àquela delícia, a ponto de erguer o

descanso de braço entre nós e me aconchegar ainda mais em Marcelo.

Ele ficou pra lá de satisfeito, pois senti quando sorriu, com os lábios ainda colados nos meus.

De repente, do nada, a imagem de Bernardo surgiu — em pensamento, mas, ainda assim, muito presente. Dentro da minha cabeça, ele estava parado, de braços cruzados, reprovando minha atitude. Mesmo com cara de quem comeu e não gostou, ele era o homem mais bonito e sexy que tive a chance de conhecer (e o azar, diga-se de passagem). E

foi assim que o beijo trocado com Marcelo deixou de ser um acontecimento digno de fogos de artifício para se tornar... bom. Não bom tipo, oh, acho que não consigo viver sem. Apenas bom. Que droga! Bernardo tinha o dom de estragar tudo, até de longe.

Lentamente, uma nesga de lucidez dominou meu inconsciente. O que eu estava fazendo? A quem eu queria enganar? E a resposta para a última pergunta não era bonita. Naquele momento, beijando Marcelo como se ele fosse a razão da minha existência, eu enganava tanto a mim

quanto a ele. Porque eu gostava dele. Muito. Mas não o suficiente para iniciar um romance com tudo o que esse tipo de relacionamento tem direito. Por causa do *garoto* — e agora muito mais pelo Bernardo —, eu nunca conseguiria estar com Marcelo por inteiro. Como conseguiria explicar isso a ele?

Afastei-me do abraço de Marcelo com delicadeza. Os lábios dele estavam vermelhos e um pouco inchados, o que me deixou morta de vergonha. Com timidez, sorri para ele, que retribuiu com o maior dos sorrisos. Seu olhar brilhava de

empolgação, e sabe-se lá por que mais.

— Você é linda — Marcelo ajeitou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

E idiota. Tive vontade de completar.

— Estou feliz por ter mudado de ideia — completou ele, totalmente esquecido do filme.

O problema era que eu não tinha mudado, e agora eu me encontrava numa enrascada difícil de resolver.

— E sua prima Bianca? —

perguntei, mais por curiosidade, embora eu achasse que, na cabeça de Marcelo, ele imaginasse se tratar de ciúmes.

— O que tem a Bianca? Como você disse, é só uma prima.

— Ah.

Não para ela.

— Ei, é verdade. — Ganhei mais um beijinho (e um reforço à minha dor de consciência).

A fim de encerrar aquela cena idílica ao vivo, voltei minha atenção para o filme, do qual perdemos uma

boa parte. Passei o resto da sessão com a mão agarrada à de Marcelo, como se fôssemos um casal de namorados comum.

Entretanto, não topei esticar a noite num barzinho, nem mesmo no Café Belas Artes, uma extensão do cinema. Aleguei estar cansada e precisar levantar cedo no dia seguinte.

Sinceramente, não sei se fui muito convincente; tampouco Marcelo fez qualquer comentário. Ele dirigiu em silêncio quase o trajeto inteiro até meu prédio — um silêncio

incômodo e revelador. Na porta de casa, só ganhei um frio beijo no rosto e um “Até mais” seco. Ainda na portaria, ouvi o carro arrancar cantando pneu. Pensei: “Xiiii”.

Eu não sabia como, mas precisaria me explicar com ele. Marcelo era um cara legal; uma raridade até. Mas não fui feita para ele. Aliás, de modo bem dolorido, acabei constatando que não fui feita para ninguém.



Dom me recebeu na porta, todo

animadinho com a minha chegada. Ricardo e Augusto não davam a menor confiança para o pobrezinho, que ficava me esperando para ganhar sua cota diária de carinho.

Era tarde. Eu queria dormir antes que minha mente hiperativa tirasse meu sono. Carreguei Dom até o quarto e o acomodei em seu cafofo, aos pés da cama. Decidi extravasar as emoções antes de fazer o mesmo. Como? Colocando no papel as palavras que se acumularam ao longo do dia dentro da minha cabeça.

Estou entalada até a garganta. Sinto como se uma corda estivesse amarrada apertado no meu pescoço, sem previsão de soltar. Não gosto de estar fragilizada; não a ponto de questionar todas as minhas ações dos últimos dez anos e o sentimento das pessoas por mim. Eu gosto de confiar. Prefiro confiar. Mas não tenho tido bons motivos para isso.

Gisele, Bernardo, eu mesma... Até que ponto estamos sendo honestos?

Bem, sei que eu não fui, que não tenho sido. Agi mal com

Marcelo, dando-lhe esperanças que nunca poderei confirmar. Fui horrível, e não sei como voltar atrás.

Quero ter onze anos de novo, brincar com meus irmãos nas areias de Iriri. Não gosto das implicações da vida de adulto. É mais fácil ser criança, quando a gente se chateia só ao perder um jogo ou ao não ganhar o presente desejado.

Eu estou chateada porque perdi o jogo e não ganhei o presente que queria.

Estou infeliz porque não fui legal com os sentimentos que Marcelo tem por mim.

Estou melancólica... Com saudade do passado e de seus cheiros e da facilidade de viver.

Estou com saudade de Iriri, da casa da vovó, do garoto. Do garoto dos meus sonhos, que não me magoa, não me humilha, não me entristece, que povoa meus pensamentos de um jeito descomplicado e que pertence só a mim.

Decidido: melhor viver de uma ilusão e ser feliz do que encarar a feiúra da realidade e me estrepar.



Capítulo 18

O leitor busca no jornal impresso abordagens mais profundas e informações mais sofisticadas, o que requer do jornalista domínio cada vez maior dos assuntos sobre os quais escreve.

Nem acredito que as férias terminaram tão cedo! E olha que na PUC elas sempre são maiores do que na maioria das universidades. Estava tão bom ter um único compromisso no dia e a

despreocupação de não precisar acordar de madrugada — vulgo seis e quinze.

Bem, pelo menos era meu último semestre como estudante, e com bem menos matérias. O foco do final do curso era quase todo voltado para a finalização do projeto experimental, obrigatório para quem objetiva se formar. Além de ser um trabalho muito maçante, pois envolvia pesquisa, redação de acordo com as normas da ABNT, *et cetera* e tal, tinha que ser desenvolvido em grupo, o que dava uma dor de cabeça danada, uma vez que

tínhamos de marcar reuniões nos horários mais esquisitos do mundo para atender às necessidades de todos os membros da equipe. Resultado: virava e mexia passávamos a noite reunidos com nosso orientador e brigando uns com os outros pela total falta de sincronia.

Ah! Eu me esqueci de mencionar: Gisele fazia parte do meu grupo. Sem comentários.

Por tudo isso, na segunda-feira, primeiro dia de aula do segundo semestre, parei o carro no

estacionamento da faculdade com o ânimo de quem estava indo para a missa das sete. Eu não me sentia entusiasmada para retomar minha vida de universitária nem preparada para lidar com Gisele novamente.

Depois da viagem a dois para Lavras Novas — que não aconteceu, felizmente —, não tive mais atualizações do lance entre ela e Bernardo. Pelo menos Alice e Sofia não comentaram nada. Mesmo assim, eu ainda não queria revê-la nem retomar nossa amizade. Na minha concepção, Gisele era uma traidora oferecida, mesmo não

sabendo sobre a minha paixão pelo ficante dela — mas, antes de tudo, meu mentor.

Foi pedindo a Deus e a tudo quanto é santo que dessem um jeito de impedir meu encontro com Gisele naquela manhã que entrei na sala de aula. A turma estava quase toda lá, aproveitando que a professora ainda não tinha aparecido para colocar as fofocas das férias em dia.

Acenei para o povo, parei para conversar rapidamente com um e outro colega, mas não vi minha ex-amiga no meio deles. Ufa!

Apoiei o material no lugar de costume — terceira carteira da fileira do canto esquerdo — e puxei meu celular da bolsa. Digitei rapidamente uma mensagem para Alice e Sofia, contando sobre minha apreensão por estar prestes a reencontrar Gisele. Não recebi resposta, como já previa. As duas provavelmente já estavam na primeira aula.

Suspirei, pensando em Bernardo — o que não chegava a ser novidade, uma vez que ele raramente saía da minha cabeça. Mal ou bem, minha mente insistia em me levar a

ele várias vezes ao dia. Ainda não havíamos nos visto depois do bate-boca no carro e da troca de declarações ofensivas. Eu não sabia como agiríamos um com o outro dali pra frente. Se bem que provavelmente tudo continuaria na mesma, ou seja: ele mandando e rosnando; eu, obedecendo.

Minha mente também vagou até Marcelo. Após o final desastroso do nosso encontro, ele não ligou nem eu o procurei. Eu estava com a consciência pesada por ter lhe dado esperanças e depois recuado; não

sabia como voltar atrás e retomar nossa amizade.

Enfim, em suma, eu era um desastre ambulante em se tratando de relacionamentos. Num período bem curto, dei um jeito de explodir minha relação com Gisele, com Bernardo e com Marcelo — a segunda e a terceira meio precárias, mas, ainda assim, detonadas por mim.

Pelo menos com Dom eu estava me dando bem. Vai ver nasci para ser como aquelas pessoas solitárias que só têm os animais como

companhia.

Parei de sentir pena de mim mesma assim que ouvi uma voz bastante conhecida cortar o clima tranquilo da sala. Não precisei olhar para saber que Gisele entrava com pose de pop star e atitude de herdeira fútil de rede hoteleira, vulgo Paris Hilton. Os saltos dela ecoavam pelo piso enquanto ela caminhava entre as filas de carteiras, parando de tempos em tempos para cumprimentar nossos colegas com beijinhos.

Nosso reencontro era inevitável.

Passei a controlar minha respiração para parecer calma quando a hora agá chegasse.

E ela não demorou. Em poucos segundos, avistei aquela que um dia foi minha amiga plantada bem na minha frente, com um sorriso largo moldado pelos lábios coloridos com um batom vermelho carmim.

Gisele sempre gostou de se vestir de forma extravagante, por isso não me assustei com seu visual meio vampiresco daquele dia.

— Rafa! Quanto tempo, amiga! — Ela se abaixou para me dar um

abraço e foi aí que eu vi o colar.

Cravei meus olhos num pingente dourado, no formato de duas letras entrelaçadas: G e B. Devia ser novo, já que nunca a vi usando.

Gisele notou a direção do meu olhar e sorriu ao fechar o pingente com uma mão protetora.

— Gostou?

— De quem são as iniciais, Gigi? — quis saber uma colega, toda empolgada.

Ora, pensei, G de Gisele e B de Brandão, óbvio. Seu nome e

sobrenome.

— Gisele e Bernardo, ou seja, eu e meu namorado.

Engasguei. Que aquela garota era sem noção, todos sabiam. Mas daí a afirmar estar namorando um cara que poucas noites atrás deu a entender que nem sabia quem ela era, bem, era demais. Ou ela estava surtada ou queria mesmo me irritar.

No entanto, quando dei por mim, deixei escapar uma gargalhada espalhafatosa, dessas de fazer a gente se dobrar sobre o corpo. Fiquei parecendo uma doida, pois só

eu, e mais ninguém, me acabava de tanto rir.

— Está achando graça, é? Será essa a sua forma de demonstrar o tamanho da sua inveja?

Mudei do riso à ira em dois segundos. Fiquei de pé de repente, atraindo a atenção de todos — um fato até bem corriqueiro para mim nos últimos tempos.

Enganchei as mãos na cintura e fuzilei Gisele com o olhar.

— Inveja? Do seu assanhamento, da sua atitude despropositada, da

sua falta de vergonha ou de todas as alternativas anteriores?

— É inveja, sim. Você está se roendo porque o Bernardo não quis nada com você e escolheu a mim — cuspiu ela, toda posuda.

— Bem, em primeiro lugar, acho que o Bernardo não teve muita escolha, afinal seu ataque foi bastante persuasivo. — Gisele abriu a boca, mas não a deixei falar. — Em segundo lugar, não sou esse tipo de garota que se deixa levar por uma embalagem bonita sem conhecer o produto por dentro. Espero que

tenha entendido a analogia.

Gisele rosnou e partiu para cima de mim feito uma onça brava. Parou a um palmo de distância — não por sua vontade, mas porque foi segurada.

— Sua cretina! Como consegui ser sua amiga por tanto tempo? Você é uma invejosa puritana, que adora estar por cima de todos. Faz pose de boazinha, de controlada, mas é uma vaca egoísta. Não tenho vergonha de dizer que dei o primeiro passo com o Bernardo. Mas garanto que ele não ficou parado. Por que não aceita a

derrota?

— Gisele, coloca uma coisa na sua cabeça: eu não quero o Bernardo. — Descobri que sei mentir bem, mas não sem dor. — Tampouco estou com inveja de você. Mas, sim, estou P da vida com seu descaramento, porque você foi se meter no meu ambiente de trabalho, porque se envolveu com um cara que me odeia e faz gato e sapato de mim e porque está sendo cega. O Bernardo é um idiota.

Soltando-se da pegada do colega que a mantinha presa, Gisele relaxou

um pouco. Porém, o olhar dela exibia um brilho ainda mais letal.

— O problema é só meu. Não pedi sua opinião — ela declarou, pausadamente. — Quanto à minha atitude comprometedora, avisa lá na redação que você não é da minha... laia. Tenho certeza de que seus amiguinhos vão entender.

— Tudo bem. Faça como quiser. Só não apareça com esse colar ridículo na frente do Bernardo se não quiser estragar seus planos.

Eu podia ter ficado calada. Muita coisa teria sido evitada se minha

boca grande não tivesse vida própria. Assim que proferi esta última frase, Gisele literalmente voou para cima de mim, agarrando meu cabelo, numa cena típica de novela do Manoel Carlos. Perdi o equilíbrio e caí sobre uma carteira. O choque provocou uma dor lancinante nas minhas costas, que se chocaram contra o tampo da mesa.

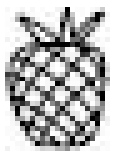
Gritei, mas não consegui me livrar das mãos desvairadas de Gisele. Quanto mais eu me debatia, mais a doida puxava meu cabelo.

Sei que as pessoas tentaram nos

separar, porque de repente ela foi arrancada de cima de mim. Em seguida, alguém me ergueu do chão. Não vi quem era, pois as lágrimas turvavam minha visão. A reação violenta de Gisele me deixou mortificada. E machucada também.

Para piorar, a sessão de luta livre feminina na sala de aula teve uma espectadora VIP. De braços cruzados no peito e com uma expressão perplexa no rosto, minha professora — aquela que encaminhou tudo na minha vida universitária, Sandra Pires — não conseguia acreditar na cena que

acabara de presenciar.



— O que deu em vocês?

Sandra analisava meu rosto, concentrada. Depois da aula, ela pediu que Gisele e eu fôssemos até a sala dela. Não entramos juntas. Minha ex-amiga foi a primeira, já que muitos colegas depuseram contra ela. Fiquei sentada do lado de fora, num banquinho gasto e cheio de rabiscos feitos provavelmente por uma geração inteira de alunos do curso de jornalismo da PUC.

A secretária da minha professora favorita me encarava de vez em quando, por cima das lentes bifocais dos óculos à Dona Benta. Eu estava me sentindo uma criminosa.

Enquanto esperava, recebi mensagens das duas melhores amigas que me restaram. Quando elas soubessem o que aconteceu, surtariam, com certeza.

As palavras das meninas eram de boa sorte no meu retorno às aulas. Bem, uma hora elas teriam de saber que estavam atrasadas. Sorte era uma palavra ausente no meu

dicionário.

Estou certa de que fiquei aguardando mais do que gostaria, desejando dar ré no tempo e começar o dia de novo.

Gisele saiu pela porta minutos depois desse meu pensamento, com a cabeça baixa e sem olhar na minha direção. Eu também não queria olhar para ela. Minhas costas eram a prova viva de que não importava o quanto tínhamos sido amigas no passado, porque, daquele dia em diante, não havia mais espaço para ela na minha vida.

Sandra me chamou de dentro da sala e fui até ela, mortinha de vergonha. Eu apertava meus dedos com força, tentando descontar meu nervosismo em algo sólido. Então ela quis saber minha versão da história. Como excelente jornalista que era, sempre procurava escutar os dois lados antes de chegar a uma conclusão.

Com um suspiro resignado, narrei todos os acontecimentos, desde a noite em que Gisele deu em cima de Bernardo até o último puxão de cabelo que ganhei naquela manhã. Sandra não interferiu na narrativa

em momento algum. Ficou atenta a todos os detalhes, movimentando a cabeça vez por outra, em sinal de compenetração.

Acho que extrapolei. Bastava contar sobre a briga e esperar o veredito dela, mas minha língua solta agiu por conta própria novamente.

— Bem, por mais que a Gisele tenha se descontrolado, você sabe que também agiu mal, não é, Rafa?

— Agi? — perguntei, com humildade. — Mas foi ela que partiu pra cima de mim que nem uma

cadela raivosa. — Senti o peso das minhas palavras e me encolhi. — Desculpe.

— Você já deve ter ouvido dizer que, quando um não quer, dois não brigam.

Não precisava ter batido boca com a menina. Sabemos que ela é imatura. Nessas horas, é importante se mostrar superior.

— Eu sei. Não sei o que deu em mim.

Sandra abriu um sorrisinho e deu um tapinha na minha mão que estava

sobre a mesa.

— Pois eu sei o que deu em você. — Só pela cara dela, percebi que não ouviria boa coisa. — Por mais que tente negar, você está morrendo de ciúmes do seu colega bonitão, preso nas garras da sua amiga.

— Não é verdade — retruquei, com o rosto pegando fogo.

— Tudo bem... — Sandra suspirou, recostando-se na cadeira de couro preto. — Eu não queria ter de lhe dizer isso, Rafa, pois você é uma aluna exemplar. Sempre foi. Mas não vai conseguir escapar de

uma suspensão.

Entrei em choque. Eu nunca recebi um castigo desses — nem quando frequentava a escola.

— Mas, Sandra... Isto aqui é uma universidade. Não podem me suspender — argumentei.

— É exatamente por ser uma universidade que precisamos tomar essa atitude, Rafa. Vocês não estão no ensino médio, onde briguinhas entre alunos são mais comuns e compreensíveis. Duas garotas se estapeando na sala de aula não é uma cena muito corriqueira na PUC.

— Eu não bati em ninguém — defendi-me, muito magoada.

— Claro que não. Mas algumas pessoas afirmam que você provocou.

Arregalei os olhos e abri a boca. Que gente ordinária!

— Sendo assim, ficam as duas em casa durante esta semana, certo?

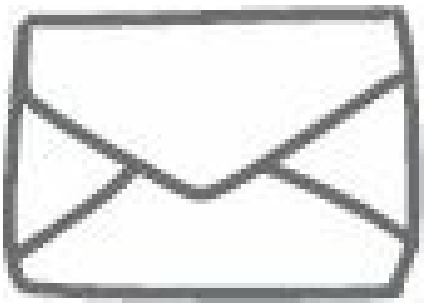
— E quanto os trabalhos? E se os professores derem alguma atividade valendo nota?

Uma expressão que exprimia "O que eu posso fazer?" emergiu dos

olhos da professora.

— Tudo bem — concordei, derrotada.

O que era mais uma humilhação na minha vida, afinal?



Capítulo 19

A exatidão é o elemento-chave da notícia, mas vários fatos descritos com exatidão podem ser justapostos de maneira tendenciosa.

Uma semana de suspensão. É brincadeira! Um motivo e tanto para meus irmãos pegarem no meu pé. Como ser suspenso constituía uma rotina na vida deles, mas não na minha, era hora de a dupla ir à forra.

Saí da faculdade meio sem rumo,

dividida entre voltar para casa e dormir mais um pouco ou ir direto para a redação e meter a cara no trabalho. Antes de decidir, fiz algumas ponderações:

Em casa, eu poderia ruminar minha mágoa e minha dor na solidão, exceto pela companhia muda de Dom. Por outro lado, ficar sozinha só potencializaria minha depressão. E eu não tenho vocação para ser masoquista.

No jornal, todos estranhariam minha presença lá tão cedo, sabendo que as

aulas tinham acabado de recomeçar. Mas eu poderia dar uma desculpa qualquer e me safar numa boa.

Escolhi a opção dois, não sem antes dar uma checada na minha aparência no espelhinho do quebra-sol do carro. Afinal, eu nem sonhava em chegar à redação com cara de choro. Sim, porque eu chorei. Assim que deixei a sala da professora Sandra, escondi-me no banheiro feminino e deixei as águas rolarem. Nos últimos tempos, era só isso o que eu sabia fazer, de qualquer forma.

Como eu previa, meus colegas se surpreenderam ao se deparar comigo antes do horário de almoço. Fernando ficou alvoroçado, soltando suas conhecidas piadinhas de duplo sentido. A Lu apareceu na porta do escritório e quis saber o motivo de eu ter aparecido ainda de manhã, quando deveria estar na faculdade.

Engasguei, mas não revelei a verdade. Eu disse que estávamos folgados nesta semana e que poderia aproveitar para chegar mais cedo ao estágio todos os dias. A desculpa colou e eu pude suspirar aliviada.

Quero dizer, mais ou menos. Eu ainda não havia encontrado Bernardo desde o fatídico dia da coletiva de imprensa, e temia imensamente a hora em que isso acontecesse.

Ocupei meu lugar, olhando de esguelha na direção da mesa dele, que, graças aos céus, estava vazia.

Mesmo tendo uns textos para revisar, encaminhados por minha editora assim que ela me viu, abri meu gerenciador de e-mails primeiro. Pensei que só haveria divulgação de sites de compras e as

atualizações do meu perfil no Facebook. Mas não. No meio de tanto lixo eletrônico, uma mensagem de Marcelo se destacava. Estranhei, pois não estávamos bem; quero dizer, bem como um casal.

Cautelosamente, cliquei nela, com medo de ler.

De: Marcelo Novais

Para: Rafaela Vilas Boas

Assunto: Segunda terceira tentativa

Oi, linda!

Ainda estou com as imagens da nossa noite especial presas na cabeça. Para mim foi incrível. Fico contente por termos conseguido dar esse primeiro passo.

Mas confesso que não te entendo. Quando acho que está interessada e desarmada, você volta a se proteger com uma armadura impenetrável, impossibilitando que eu chegue até você.

Não estou mais a fim de ser só seu amigo. Eu disse que gostaria de manter nossa amizade, apesar de

tudo, mas não. Depois da nossa ida ao cinema e de provar seu gosto maravilhoso, é claro que quero mais, que quero ir além.

Portanto, não se afaste. Vamos tentar. Por mais que você esteja resistente, tenho certeza de que temos tudo para dar certo. Que tal fazermos mais uma tentativa neste final de semana? Podemos ir devagar, se preferir assim.

Espero sua resposta, torcendo aqui para que seja positiva.

Um beijo!

Dava para a minha vida ficar mais complicada do que já estava? Será que em outra encarnação grudei Bubaloo Banana na cruz de Jesus Cristo?

Eu tinha que ser honesta com Marcelo. Embora eu tivesse forçado a barra convidando-o para sair, não desejava seguir adiante com ele. Eu só não sabia como dizer isso sem ferir os sentimentos dele.

Movimentei meus dedos no ar, à procura de palavras que

expressassem o que eu sentia de uma forma suave e amena. Com um suspiro, baixei as mãos até o teclado, decidida a resolver aquela história de uma vez por todas. Magoando Marcelo ou não, eu tinha que fazer o que era certo.

Pousei o cursor do mouse sobre o botão "responder" do Outlook e já ia apertá-lo quando fui interrompida por uma tosse forçada. Olhei por sobre o ombro para conferir a imagem do intruso e não fiquei nem um pouco surpresa ao dar de cara com Bernardo atrás de mim, de braços cruzados e encarando a tela

do meu computador.

Não sei ao certo havia quanto tempo ele estava ali e se tinha ou não lido o e-mail para lá de comprometedor enviado por Marcelo. Mas tive a certeza de uma coisa: ele parecia bravo, mais do que de costume.

Voltei a encarar o monitor, ignorando-o de propósito.

— Mensagem do namoradinho? — Bernardo se sentou sobre minha mesa, pouco se importando se faria ou não uma bagunça com os papéis que ficaram debaixo dele.

— Não é da sua conta — respondi, conferindo de relance a aparência dele. Mesmo com raiva, eu não podia perder a oportunidade.

— É, sim, se o caso estiver extrapolando os limites pessoais e interferindo no campo profissional.

— Eu não estou fazendo nada de mais... — Revirei os olhos em sinal de desdém. — Acabei de chegar e quis checar meus e-mails. Vai me dizer que não faz isso todas as manhãs?

Bernardo emitiu um som parecido com o rosnado de um gato.

— Eu pulo os que não são de trabalho.

— Ah, tá. Conta outra — provoquei.

Impossibilitada de responder a mensagem de Marcelo naquele momento, minimizei minha caixa de entrada e abri um arquivo enviado pela Lu. Entretanto, Bernardo continuou sentado do mesmo jeito, fingindo que se interessava por uns adesivos bobinhos que preguei nas divisórias da minha baia para deixá-la mais fofinha.

Ergui a cabeça e lancei a ele um

olhar fulminante, esperando transmitir por telepatia a mensagem que eu adoraria dizer em voz alta, ou seja: “Cai fora”. Porém, no instante em que Bernardo enxergou o meu rosto, teve uma reação um tanto quanto estranha. Ele segurou meu queixo e ficou virando minha cabeça de um lado para o outro, sem tirar os olhos de mim.

— Você chorou. — Não foi uma pergunta. — O que aconteceu?

Como foi que ele descobriu?

Antes de explicar, tirei um espelhinho que carregava dentro da

bolsa e procurei em meu rosto as marcas que haviam revelado para Bernardo o chororô do início daquela manhã. Eu mesma não notei nada. Ele por acaso tinha uma bola de cristal?

— De onde você tirou essa ideia? — desconversei, sem ser muito convincente.

— Não me enrole, Rafaela. Está na cara. Basta olhar para o seu nariz.

Olhei. É. Ele estava meio vermelho ainda.

— E hoje é dia de aula. O que

você está fazendo aqui a esta hora?

Danado de sujeito observador!

— Tive uns probleminhas — murmurei, morta de medo de ele querer entrar em detalhes.

— Uns probleminhas? Com quem?

Quando abri a boca para tentar me justificar de forma minimamente embaraçosa, o celular de Bernardo deu sinal de vida dentro do bolso da jeans dele. Beleza! Ganhei um tempinho para inventar uma desculpa qualquer.

Exibindo uma careta mal-humorada, formada assim que visualizou o nome da pessoa que ligava, Bernardo falou *alô* com má vontade.

Juro que eu não pretendia prestar atenção à conversa, mas foi impossível. Quem estava do outro lado da linha era Gisele! Isso. Não. Podia. Estar. Acontecendo.

Bernardo reagiu assim:

ELE (com cara de poucos amigos): Fala, Gisele.

ELE (depois de escutar o que ela tinha a dizer por uns cinco minutos ininterruptos): Fala devagar. Você está muito nervosa.

ELE (virando o rosto para mim, com os olhos esbugalhados, após mais uma sessão de falatório): Briga na sala de aula?

Tapei o rosto com as mãos. Puxa vida, a doida estava relatando tudo.

ELE (com um sorrisinho safado nascendo nos cantos da boca): Estão suspensas? O quê?! Uma semana? Entendo...

Fernando esticou a cabeça e quis saber o que ocorria na baia ao lado. Dei de ombros, fingindo não estar a par da situação. Ainda bem que ele se aquietou depois disso.

ELE (mudando a expressão: passou de divertido a irritado): Você a machucou? Como

tem coragem de me contar uma barbaridade dessas? Que ridículo, Gisele!

ELE (agora com ódio): Sim, você tem razão. Não estou do seu lado. Sua atitude não tem justificativa. Me admira muito a Rafa ter sido suspensa também.

Se eu não estava sonhando, acho que escutei Bernardo me defender. E, de repente, fez-se silêncio total.

Ele havia desligado o aparelho.

Eu movimentei os lábios com a pretensão de me adiantar a Bernardo, a fim de minimizar a barbaridade que ele havia acabado de escutar. Porém, antes disso, ele se agachou aos meus pés e colocou os olhos na altura dos meus. Além de azuis e lindos como sempre, estavam suaves também.

— Vocês duas ficaram loucas? — Embora a frase parecesse rude, soou como uma carícia.

Eu não consegui falar. A vergonha era grande demais.

— A Gisele disse que você ficou com ciúmes de um tal colar. É verdade?

Apertei os olhos com força. Parecia que minha ex-amiga almejava mesmo me aniquilar — sem querer dar pinta de dramática, mas o que mais poderia ser?

— Olhe para mim, Rafa. E me conte o que houve. Por favor.

Foi esse *por favor* pronunciado com delicadeza que me desarmou.

— Não fique convencido, Bernardo. A Gisele é exagerada. Foi

uma discussão à toa. — Tentei demonstrar despreocupação.

— O que não justifica uma suspensão. — Bernardo bagunçou o cabelo e, em seguida, se apoiou nos meus joelhos.

Ter aquelas mãos grandes e másculas sobre minhas pernas me fez perder o fio condutor da conversa. Sobre o que falávamos mesmo?

— Conta, vai — ele pressionou.

Inspirei o ar com força. Confessei o ocorrido inspirada tanto na energia

repassada a mim por aquelas mãos quanto pela atenção sincera dele.

— A gente brigou porque a Gisele não se dá conta do tamanho da falta de noção dela. Achei ridículo aquele exibicionismo e acabei extrapolando. Ela não gostou da minha reação e pulou em cima de mim.

— E você se machucou, para variar.

— O impacto foi grande.

Bernardo sorriu de modo carinhoso.

— Como era, afinal, o tal colar?

Ai, meu papaizinho. Chegara a hora da verdade.

— Era só uma correntinha de ouro simples, com um pingente. — Respirei para tomar coragem. — Um pingente com duas letras entrelaçadas: G e B.

Alguns segundos se passaram antes de Bernardo dizer alguma coisa. No entanto, durante esse tempo, ele não tirou os olhos dos meus, perfurando-me com uma intensidade quase palpável. Todos os músculos da minha barriga se

contraíram, emitindo um tremor ao mesmo tempo dolorido e angustiante.

Depois, a boca de Bernardo se alargou e ele finalmente relaxou a expressão.

— Essa possessividade é a cara da Gisele. Para ela não existe meio-termo, não é?

— Nunca — concordei, mais tranquila também.

— Eu só não entendo uma coisa: por que você se importa tanto? Jura que não é ciúme mesmo?

Franzi a testa, incomodada por Bernardo ter acertado na mosca. Porém, mais uma vez, mascarei a realidade.

— Vai sonhando.

Então, com um *timing* pra lá de perfeito, a caixinha de mensagem interna do jornal pipocou na tela do meu computador. Pensando se tratar de um comunicado geral, olhei para ela, agradecida por ter me livrado daquela saia justa. Porém, como as coisas ultimamente andavam fora dos trilhos, claro que me estrepei mais uma vez.

"Desculpa se pareço insistente, mas ainda estou esperando sua resposta. Rafa, você está atrapalhando minha concentração. Assim que começo a escrever uma matéria, lembro-me daquele filme sugestivo e da sua boca macia. Acho que meu problema tem nome: paixão. E você é o remédio. Dê sinal de vida, por favor. Beijo!"

Obviamente, Bernardo não teve a educação de se afastar para não ler a mensagem. Pelo contrário: até se aproximou mais do monitor com o objetivo de enxergar melhor.

A manhã nem tinha terminado e eu já havia passado por todo tipo de emoção. Eu começava a achar que alguém havia feito uma mandinga contra mim.

— Então é isso? Você e o imbecil do Marcelo andam se agarrando por aí... — Bernardo ficou de pé e contornou minha baia até chegar à sua mesa, a passos largos.

— Vê lá como fala comigo — ameacei, cansada de tanta confusão.

— Olha, Rafaela, a vida é sua, a consciência também. Só não acho legal você usar os recursos da

empresa para ficar de namorico com aquele idiota.

— Obrigada pelo toque. — Bufei por sobre a divisória. — Vou tentar não me esquecer disso.

De propósito, decidi ignorar todos os homens que andavam bagunçando minha vida. Não dei retorno a Marcelo nem falei mais com Bernardo. Por tabela, fui ríspida com os demais colegas da editoria pelo resto do dia. Passei a pensar seriamente na hipótese de me tornar freira, daquelas reclusas, e deixar de lado o sexo masculino

para sempre.



Capítulo 20

A maneira correta de encerrar uma polêmica é avisar as partes de que terão apenas mais uma oportunidade e igual número de linhas para se manifestar, e publicar essas manifestações lado a lado.

Dom ainda não tinha aprendido que era falta de educação acordar as pessoas antes do despertador. Tive a sensação de que minha noite de sono não durou nem dez minutos. Dormi feito uma pedra, apesar dos meus

conflitos interiores. Se não fosse meu cachorro me chamando para a vida, eu teria ficado naquele estado de inconsciência por muito mais tempo.

— Já acordei, Dom — gemi, com a voz ainda rouca.

Ele tentava escalar minha cama, dando pulinhos inúteis ao redor da colcha parcialmente caída. A baixa estatura e o tamanho da barriga dele o impediam de atingir seu objetivo.

Puxei-o com as duas mãos e o acomodei perto de mim. Eu não precisava me levantar. Ainda estava

suspensa e não pretendia chegar antes do horário ao jornal — não depois do horrível dia anterior.

Voltei a me recostar no travesseiro. Gesto inútil. Não era apenas meu cãozinho que queria me ver de pé.

Apanhei o celular na mesinha, doida para saber de quem era a mensagem enviada naquele horário. Com uma pontinha de esperança, verifiquei a tela desejando que fosse Bernardo se desculpando e afirmando, ao mesmo tempo, que estava apaixonado por mim.

Mas foi um número desconhecido que apareceu, com um recado no mínimo esquisito.

"Rafaela Vilas Boas, aqui é o Biju, do Aglomerado da Serra, lembra? Estou interessado em fazer uma revelação para a imprensa, sobre a atuação dos policiais aqui no morro. Tenho certeza de que minha declaração vai abalar as estruturas da Secretaria de Segurança do estado. Como fui com a sua cara naquele dia, pensei em lhe dar a oportunidade de ser a porta-voz da novidade. Só que, desta vez, peço que venha sozinha,

sem a companhia do seu parceiro nem a de mais ninguém. Se topar, vou deixar um 'funcionário' meu te esperando no mesmo lugar onde o presidente da associação de bairro apanhou vocês da outra vez. Mas tem que ser hoje, por volta das dez da manhã. Então, é isso: ou tudo ou nada. Só garanto que não vai se arrepender. Um abraço, Carlos Eduardo da Silva (Biju).”

Precisei fazer umas dez leituras antes de processar a mensagem embutida naquele texto. Concluí que Biju, o todo-poderoso da maior

favela de Belo Horizonte, queria que eu desse voz a sua revelação bombástica. Ele disse que foi com a minha cara, mas por quê? Até ele sabia que eu não passava de uma estagiária. Vai ver era por isso mesmo. Eu não tinha "cara" de imprensa, não era conhecida do meio. Sendo assim, não despertaria suspeitas.

Senti a adrenalina percorrer meu corpo. Que oportunidade única! Contudo, era tão arriscado! O que meus pais ou meus irmãos diriam se soubessem que fui sozinha ao Aglomerado me encontrar com o

líder do tráfico? Na certa eles me internariam numa casa de repouso, alegando incapacidade de agir com lógica, mas eles me obrigavam a ir só. Ainda assim, mesmo ciente de todos os riscos, a jornalista que residia em mim falou mais alto, e não contei para ninguém, a fim de manter o furo jornalístico. Saltei da cama num pulo, assustando Dom, que ficou de quatro sobre o edredom, em posição de ataque.

Puxei uma roupa simples do armário — calça jeans, camisa de malha tipo Hering, cinto da Forum (só para compor) —, calcei minha

sapatilha marrom com lacinho nude por cima, amarrei o cabelo num rabo de cavalo. Enfiei na bolsa meu inseparável gravador e meu bloco de notas, além de verificar se tinha canetas suficientes.

Em momento algum pensei em recuar. Eu só queria mostrar para todo mundo — entenda-se jornalistas que riram da minha cara na coletiva — que podia ser competente, sim. E que aquela garota boba e gaga havia ficado para trás.

Esses pensamentos me levaram a

Bernardo. Cheguei a digitar o número dele para avisá-lo sobre esse encontro inesperado com Biju, mas desisti antes de completar a ligação. Ele jamais permitiria que eu subisse o morro sozinha, e a presença dele estragaria tudo.

Porém, como não nasci ontem, liguei para Alice, a fim de deixar pelo menos uma pessoa a par do meu paradeiro nas próximas horas. Caso algo saísse errado, ela daria um jeito de chamar a cavalaria.

Claro que Alice ficou horrorizada com minha coragem. Pediu, ou

melhor, implorou que eu não fosse, porque era perigoso demais e blá-blá-blá. Jurei que tomaria conta de mim mesma e deixei claro que confiava nas boas intenções de Biju, pois ele havia me passado uma impressão positiva na primeira vez em que nos encontramos.

Alice tentou mais uma vez me demover daquela ideia, mas eu já tinha tomado a minha decisão. Despedimo-nos uma da outra, eu prometendo dar notícias assim que terminasse a entrevista.

Armada de coragem — que

brotou em mim de um modo que eu jamais conheci —, peguei um táxi na porta de casa, dando o endereço ao motorista, que me olhou como se faltassem parafusos em minha cabeça. Talvez faltassem mesmo. Mas, no fundo, todo jornalista é assim.

Conforme combinado, desci do táxi no ponto onde Biju disse que alguém estaria à minha espera. Nem bem o carro arrancou, um menino de uns dezessete anos se apresentou como Molusco e pediu que eu o seguisse.

À medida que eu subia as ruas íngremes e estreitas, meus batimentos cardíacos aumentavam; eu só não sabia se por causa da excitação de cobrir um furo sozinha pela primeira vez ou pelo medo de que algo ruim acabasse acontecendo. Molusco se manteve calado o tempo todo e uns passos a minha frente. O corpo magro e malvestido dele indicava que se tratava de um "soldado raso" do batalhão de Biju.

Ciente de que acabaria me atrasando para o trabalho, tirei o celular da bolsa e digitei uma justificativa para Lu. Fui muito

superficial nas explicações. Só mencionei que havia ocorrido um imprevisto e que eu, provavelmente, chegaria mais tarde ao jornal. O rapazinho que me conduzia pela favela nem percebeu meu movimento, o que me deixou arrependida por não ter sido mais explícita com minha chefe.

Nós avançávamos para o interior do Aglomerado, por um trajeto pelo qual eu não havia passado antes. Perguntei a Molusco se estávamos perdidos. Ele riu, revelando a ausência de alguns dentes, e me

assegurou de que o caminho era aquele mesmo.

Dei de ombros, mas, no íntimo, agarrei-me a Deus, o único que tinha poderes para me salvar se a situação se complicasse.

De repente, o menino parou. Diante de nós apareceram incontáveis homens fortemente armados e mascarados. Todas as células do meu frágil corpo dispararam a tremer. Notei que eles guardavam a entrada de uma casa ironicamente requintada, dada a sua localização. Só podia ser a

residência oficial de Carlos Eduardo da Silva, vulgo Biju.

Então era isso. Desta vez ele estava disposto a escancarar sua vida para a imprensa. Eu deveria me sentir lisonjeada por isso? Confesso que não sabia.

Os homens foram abrindo caminho para que Molusco me encaminhasse até o interior da mansão (sim, mansão, que nem as que vemos no Alphaville). Meu queixo quase encostou no chão. Aquele traficante semiculto morava melhor que muita gente de bem. A

fachada da casa de dois andares tinha o estilo das construções contemporâneas. Era toda branca, cheia de mármore e vidro, com um jardim caprichado em volta. Como os vizinhos — alguns à beira da miséria — conseguiam aceitar todo aquele luxo e ostentação? Estava explicado por que a mãe de Biju havia desistido de implicar com a participação dele no tráfico.

Fui recebida como convidada de honra por Biju, agora com o rosto à mostra. Achei-o simpático, se quer saber.

No território dele, o cara exalava confiança e até um quê de sofisticação. Vestido como um membro do alto escalão da máfia italiana, ele fez sua entrada triunfal, provavelmente procurando me impressionar.

— Então você veio! É mesmo uma mocinha muito corajosa. — Mocinha, não dona, como me chamou da outra vez.

— Acima de tudo, curiosa — falei, sem tirar os olhos da casa.

Biju percebeu meu interesse, pois tratou de exibir seu patrimônio.

— Gostou do meu humilde lar? — ironizou, dando voltas pela sala. — Tenho aqui 520 metros quadrados de área construída, com cinco suítes revestidas de piso de madeira perobinha, todas elas com closet. — O traficante estufou o peito. — A suíte máster, que eu adoraria dividir com uma mulher bonita e inteligente como você, tem banheira de hidromassagem e dois chuveiros. Já pensou na festinha que poderíamos fazer juntos?

Meu estômago revirou. Um sinalzinho incômodo começou a piscar no meu cérebro, insinuando

que talvez os motivos que haviam me levado até ali fossem outros, bem menos nobres.

Já Biju continuava embevecido por sua propriedade.

— A sala em que estamos contém dois ambientes com lareira a gás.

Quando, no calor de BH, ele pretendia usar aquele item?

— Tenho também uma sala com *home theater*. Sabe, eu adoro TV, principalmente as novelas e as lutas do UFC — confidenciou ele. — A cozinha tem bancada em granito,

armários de mogno e coifa. Depois te levo lá. Para me divertir com a rapaziada do morro, mandei construir lá fora um espaço *gourmet* com churrasqueira, spa e piscina. A criançada da vizinhança adora. E olha só, Rafaela, aqui na favela nós temos consciência ambiental também. O sistema de aquecimento da casa é solar, viu?

Minha cabeça rodava. Biju mais parecia um corretor de imóveis de luxo que um traficante perigoso e procurado pela polícia.

— Eu podia ter gravado essa

descrição — comentei, ainda chocada.

— Nada disso. Minha casa é minha fortaleza. Não quero ninguém lá de baixo fofocando sobre minha vida pessoal. Isso aqui é o meu mundo. O verdadeiro.

— Então por que me mostrou?

— Senta aqui.

Fui conduzida até um sofá metido a besta, igual aos das revistas de decoração da minha tia Marli. Ingênua, tirei o gravador e o bloquinho da bolsa e pousei-os

sobre meu colo.

Biju me lançou um olhar indefinido, e eu achei que era coisa de bandido que passa a vida desconfiando de tudo e de todos.

— Aceita um café?

— Eu? Eh... Hum... — Fiquei na dúvida. Minha mãe, quando eu ainda era adolescente, não se cansava de me instruir a não aceitar bebida de estranhos, por medo de que algum entorpecente tivesse sido acrescentado.

— Fatinha! — gritou meu

anfitrião. De um dos recônditos daquela enorme casa surgiu uma moça de uniforme azul e branco; uma mulata bonita, muito parecida com a Globeleza — a antiga, Valéria. — Traga um café para a nossa repórter aqui. Como prefere, Rafaela?

— Forte com pouco açúcar. — Não achei jeito de negar.

Enquanto eu me esforçava para fazer a bebida quente — servida numa fina xícara de porcelana — descer por minha garganta, Biju sentou-se diante de mim e sorriu sem

graça.

— Preciso te pedir desculpas. Acho que não fui honesto com você.

Independentemente da quantidade de café que ingeri, meu estômago doeu. Larguei a xícara sobre a mesinha de centro e o encarei com expectativa.

— Vou contar para você uma breve historinha que vai fazê-la entender por que te chamei aqui. — Biju tirou um cigarro do maço que estava no bolso da camisa e acendeu-o antes de continuar. — Há alguns meses, não sei se

acompanhou pelos jornais, um grande parceiro meu foi preso. Numa dessas emboscadas da polícia ao morro, Nem Preto acabou capturado. Hoje ele está na penitenciária de Ribeirão das Neves, cumprindo pena por um monte de crimes.

Eu me lembrava dessa história, sim. Ao contrário de Biju, o tal Nem Preto tinha cara de criminoso e era conhecido por ser muito mau. Dizem que pôs fogo em muita gente que ousou entrar no caminho dele. Portanto, estar num presídio de segurança máxima era um castigo até

bem pequeno para o sujeito.

— O problema, Rafaela, é que o Nem é o meu braço direito. Ele me ajuda demais, inclusive a controlar os ânimos de alguns novatos doidos para assumir meu posto. — Uma das sobrancelhas do chefe do tráfico se ergueu. — Se é que você me entende.

Ô se entendia. Geralmente a vida de quem incomoda um bandido do alto escalão não chega a ser longa.

— Portanto, preciso dele de volta. E é aí que você entra na história.

Levantei-me com cautela, sem conseguir tirar os olhos de Biju. A ficha ainda não tinha caído, e eu lutava para compreender o porquê da minha presença ali.

— Vou ser direto: você é minha moeda de troca.

— Como assim? — Tombei a cabeça para um lado, recusando-me a ser inteligente e matar a charada de uma vez por todas.

— Vou ligar para a polícia e dizer que você é minha refém — Biju explicou seu plano como se me contasse que o Galo era o novo

campeão brasileiro. — A condição que vou impor para devolvê-la sã e salva é que o Nem seja libertado.

Ele terminou seu cigarro e amassou o que sobrou dele num cinzeiro de cristal. Minha boca permaneceu aberta e muda, enquanto meu cérebro processava o que meus ouvidos acabaram de escutar.

— Eu fui sequestrada? — sussurrei, por fim.

— Bem, digamos que sim.

Minhas pernas resolveram agir por conta própria. Sem que eu

refletisse muito, elas me guiaram até a saída da casa, onde dei de cara com os mesmos mascarados que vi na chegada. Com as armas cruzadas no peito, eles provavam para mim que eu não tinha escolha.

— Rafaela, não vou machucar você — Biju garantiu assim que me viu chorar. Nem notei quando as lágrimas começaram a descer por meu rosto. — Sente-se de novo para eu terminar de explicar.

Eu não queria ficar perto dele outra vez. Estava assustada, com ódio de mim por ter caído naquela

armadilha. E tudo ficaria pior a partir do momento em que as pessoas descobrissem que eu mesma, por livre-arbítrio, acabei me colocando em perigo e causando um problema de nível estratosférico.

— Assim que vi você daquela outra vez, pensei: essa menina tem um coração grande. Vi que ficou sensibilizada com minha história, que não demonstrou indiferença, como a maioria faz. Eu sabia que você não recusaria meu convite.

— Por que você não sequestrou alguém, simplesmente? — indaguei,

entre soluços.

— Porque foi muito mais fácil assim. Sem violência, sem alarde, nada. Tecnicamente, você está aqui por livre e espontânea vontade, e ninguém sabe disso. — Biju analisou meu rosto manchado de lágrimas. — Ou sabe?

Ponderei se admitia ou não a verdade, mas optei por ser sincera.

— Contei para uma amiga. É a única pessoa que sabe onde estou.

O traficante deu de ombros.

— Sem problemas. Daqui a pouco

todo mundo vai estar sabendo, de qualquer forma.

— Posso usar o telefone? — arrisquei perguntar. Vai que ele deixava.

Biju estreitou o olhar, assumindo, pela primeira vez, uma expressão digna de um bandido do nível dele.

— Escuta só, Rafaela. Você, que não é boba, vai fazer tudo do jeitinho que eu mandar. Não vai usar o celular nem cometer qualquer tipo de loucura. Jurei para minha mãezinha que não encostaria num fio de cabelo seu, contanto que coopere.

No momento, ainda estou decidindo como pretendo fazer o primeiro contato com os "home". Sendo assim, é melhor ficar sentadinha aí e só falar ou se levantar quando — e se — eu permitir. Está entendido?

Balancei a cabeça para a frente e para trás, concordando.

Encolhida no sofá, pus meus olhos para trabalhar. Sequei as lágrimas e passei a escanear todos os movimentos de Biju e de alguns capangas, surgidos nem sei de onde. Eles falavam rapidamente, naquela gíria ininteligível de traficante. Por

isso, muita coisa passou batida.

Assim como quem não quer nada, esforçando-me para não levantar suspeitas, enfiei a mão na bolsa e liguei o gravador. Eu sabia que gravar com nitidez naquelas condições era meio improvável, mas não fazia mal algum arriscar.

Uma ou duas horas depois, Biju ainda não havia feito contato com a polícia, meu estômago roncava de fome e meu iPhone não dava sossego. A cada nova chamada, eu me contorcia de vontade de saber quem estava me procurando. Pelo

jeito, já tinham notado meu sumiço, pois a frequência dos toques só foi aumentando.

— Desliga isso — Biju ordenou quando a paciência dele chegou ao fim.

— Posso comer? Estou de estômago vazio. Não me alimentei de manhã — pedi, com a mão sobre a barriga para enfatizar.

— Fatinha! — O grito do meu ex-anfitrião, agora sequestrador, ecoou pelas paredes da mansão. — Traga um sanduíche para a garota aqui. Refrigerante?

— Por favor.

Já que me desesperar não era uma alternativa viável, decidi fingir que estava tudo bem e comi meu lanche devagar, desfrutando a deliciosa sensação de vencer a fome. Nesse meio-tempo, Biju finalmente tomou a iniciativa de contatar a polícia. Digitou o número de uma delegacia e colocou o telefone no viva-voz para que todos escutássemos.

— Bom dia — cumprimentou um policial. — Em que posso ajudá-lo?

— Quero comunicar um sequestro — Biju disse.

— Um sequestro — repetiu o policial, desinteressado. Provavelmente esse tipo de ligação era rotina na delegacia.

— Sim. Da jornalista Rafaela Vilas Boas, do jornal *Folha de Minas*.

— O senhor tem provas, alguma pista, algo que comprove sua denúncia?

— Sim. Eu sou o sequestrador.

A chamada ficou muda por uns instantes para logo em seguida uma profusão de sons invadir o outro

lado da linha. Parece que o atendente deu uma saidinha para chamar todos os outros policiais do departamento, que se aglomeraram em torno dele.

— O senhor disse que é o sequestrador. Com quem mesmo estou falando?

— Carlos Eduardo da Silva, o Biju, do Aglomerado da Serra.

Outro show de cacofonia.

— Precisamos de provas. — Outra voz assumiu a conversa, esta mais grave e autoritária.

— Serve uma foto?

— Qualquer coisa que comprove essa alegação.

— Quer falar com a minha refém?

Virando-se para mim, Biju fez sinal para que eu me aproximasse do aparelho e dissesse algo que comprovasse que eu era eu.

— Eh... Desculpe, seu policial, mas o Biju está dizendo a verdade. Eu sou a Rafaela Vilas Boas, estagiária da *Folha de Minas*. Estou sob o poder dele desde hoje cedo. Era para eu estar no jornal a partir

da uma da tarde, mas não vou poder ir trabalhar, porque estou aqui. — Minha voz tremeu.

— Filha, é verdade mesmo?

— Claro que sim! — Irritei-me com a desconfiança do cara. — Ligue para o jornal daqui a meia hora. Pergunte se apareci por lá.

— Puta merda! — foi só o que o homem da lei conseguiu dizer.

Biju me dispensou com um gesto. Voltei para meu canto no sofá.

— A ideia é não machucá-la. Mas temos uma condição. — Ele fez uma

pausa para criar suspense.

— E qual é?

— Queremos trocá-la pelo Nem Preto.

A gargalhada que o policial soltou deve ter sido ouvida lá em São Pedro dos Ferros. E, por falar na minha cidade, eu esperava que meus pais não passassem mal quando recebessem a notícia do meu sequestro.

— Não vamos soltar o Nem Preto.

— Então a gostosinha aqui fica

hospedada no nosso resort por tempo indeterminado.

E ele desligou.

— E agora? — gemi, enterrando o rosto nas mãos. — Eles não concordaram. Vocês vão me matar?

Biju e seus capangas acharam graça.

— Calma, menina. Isso faz parte da estratégia. Vamos deixar os canas pensando que não vai ter mais conversa. Este número aqui é confidencial. Daqui a um tempo a gente liga outra vez.

Murchei que nem uma flor arrancada do jardim. Eu queria que tudo se resolvesse logo.

— Posso só checar as mensagens do meu celular? — pedi, com humildade. — Deve ter muita gente procurando por mim e informações que podem te ajudar.

— É verdade. Mas vou ficar colado em você para não fazer a besteira de enviar um pedido de socorro para alguém.

— Eu não faria isso. — Faria, sim.

Religuei o iPhone. Eu não imaginava que tantas pessoas se preocupavam comigo. Não sei se havia mais mensagens de texto ou de voz. Ouvi todos os recados primeiro. Começaram com um de Alice, preocupada e inquieta. Em seguida, Ricardo, querendo se certificar de que eu me encontrava sãzinha da silva no nosso apartamento, pois Alice havia ligado para ele e o deixado com a pulga atrás da orelha. Instantes depois, Augusto. Gritava feito torcedor do Flamengo. A essa altura, ele sabia onde eu me encontrava e não poupou

meus ouvidos de adjetivos nada lisonjeiros.

Pelo menos eu provoquei o riso de Biju e de seu séquito, que ouviam tudo, apreciando minha desgraça como se ela fosse filme da Sessão da Tarde.

Então chegou a vez de Bernardo, cuja fala merece uma reprodução na íntegra para depois ninguém me acusar de mentirosa ou exagerada.

> *"Rafa, acabei de receber uma ligação do seu irmão Augusto e ainda estou me recusando a acreditar na história que ele*

contou. Bem, primeiro ele xingou bastante, porque pensava que o jornal estava por trás da sua loucura. Quando percebeu que não, só faltou chorar, assim como eu. O que você fez, Rafa? Como foi acreditar na conversa fiada de um traficante macaco velho como o Biju? Sua amiga Alice está se sentindo tão culpada por não ter te impedido de cometer essa loucura que não consegue parar de se lamentar. Por que não me contou, não pediu minha ajuda? Será que sou tão mau assim? Droga, Rafa! Cadê você? Estou perdendo a cabeça aqui."

Meus sentimentos ficaram muito confusos depois de ouvir Bernardo. Meu Bernardo, que tinha todos os defeitos do mundo, mas a quem eu não conseguia arrancar do coração. Eu sentia muito por estar fazendo tanta gente se preocupar.

Fiz uma súplica silenciosa a Biju. Não adiantou. Ele ordenou que eu continuasse a ouvir as mensagens.

Meus irmãos e amigas foram insistentes. Até Gisele se manifestou, para minha surpresa. Um policial — um tal de capitão Andreoli — também deixou seu

recado. Ou seja, boa parte da cidade estava mobilizada por minha causa. Do jornal, toda a editoria do investigativo me ligou, alguns colegas de outras áreas e Marcelo. Se eu morresse naquela hora, saberia que era querida. Isso me confortou um pouco.

E a última mensagem era de Bernardo novamente.

"Acabei de saber que você foi feita refém. Estamos indo para a delegacia. Está uma confusão só, todo mundo esperando o próximo contato do Biju. Espero que esteja bem.

Diga que está bem, Rafa. Que inferno! A falta de notícias está me matando. Não consigo parar de pensar que poderia ter evitado isso. Não quero que nada de mau aconteça com você. Por favor, não faça nenhuma besteira. Não tente dar uma de heroína. Faça tudo o que mandarem. Vamos tirar você daí. Beijo."

— O garanhão está apaixonado, hein? — comentou Biju. — Notou o desespero dele? Para mim não é novidade, porque vi isso quando vocês dois vieram aqui.

— Você está enganado —

retruquei, querendo mesmo poder acreditar nessa possibilidade. — Pelo contrário, Bernardo e eu não nos damos bem. Ele só está agindo como qualquer ser humano normal.

— Se você está dizendo...

Biju tomou o telefone das minhas mãos e o desligou.

— Já chega. Está mais do que na hora de fazer contato com a polícia de novo.

Desta vez a conversa foi mais intensa. Biju ainda exigia que a troca fosse feita, nos termos dele. O

capitão Andreoli ouvia tudo com atenção e primeiro tentou negociar com o criminoso, de modo que seu comparsa, Nem Preto, ficasse de fora da equação. Mas o traficante não queria nem cogitar essa hipótese, e o diálogo subiu para o nível da discussão.

Parei de prestar atenção e concentrei-me nas frases proferidas por Bernardo. Preocupado ele estava. Nervoso também. Ele disse que por pouco não chorou. Acho que disse isso, sim. Deus, ele era tão ambíguo! E tão... delicioso.

Mas não era hora de deixar minha mente vagar nessa direção, uma vez que eu corria perigo. Prometi a mim mesma e a todas as divindades que conhecia que, se me livrasse daquela enrascada com saúde, eu tentaria viver de forma mais relaxada e procuraria dar uma chance ao amor. Quero dizer, se alguém estivesse disposto a me amar.

Minhas divagações cessaram tão logo reparei que Biju falava ao telefone mais uma vez.

— Se querem ver a menina aqui

com vida, vão ter que me dar o que quero: o Nem solto e com saúde até o final do dia de hoje. Caso contrário... — Biju deu uma paradinha básica, acredito que comum em negociações de sequestro — a linda jornalista sentada a dois passos de onde estou vai ter um encontro mais à noite com a Virgem Maria.

Estremeci, mesmo depois da piscadinha camarada que Biju me lançou. Embora eu soubesse que ele blefava, não deixei de sentir um frio na barriga, que nada tinha a ver com minha paixão por Bernardo.

— Agora estamos falando a mesma língua. — Voltei a prestar atenção na negociação que se desenrolava via Embratel. — Quero que me encontre às quatro horas, num galpão abandonado em Nova Lima. Anota a localização aí.

À medida que ele ditava o endereço, pus-me a pensar em como chegaríamos lá. Só de imaginar que poderia dar um pepino e eu levar um tiro tive ânsias. Quase coloquei o sanduíche para fora.

— Vá sozinho. Não leve reforços.

— Isso serve para você também.

E não tente bancar o engraçadinho.

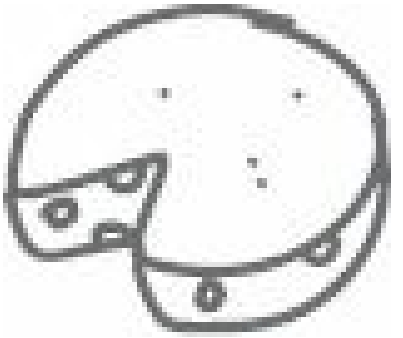
Com um "Acho que você não está em condições de fazer exigências", Biju desligou o aparelho e chamou seus parceiros de crime para uma reunião. Vi que combinavam os detalhes da troca e que a exigência feita pelo capitão Andreoli não seria atendida. Tive essa certeza no momento em que desci o morro escoltada pelos mascarados armados e entrei num carro escuro, parado numa rua mais baixa do Aglomerado.

Biju se acomodou no banco do

carona, ao lado do motorista, e eu fiquei entre dois sujeitos parrudos e mal-encarados. Meu coração disparado injetava uma torrente de adrenalina em minhas veias. Por isso a agitação me dominou.

Eu queria que aquilo tudo acabasse logo. Queria voltar para casa e me esconder sob o lençol, com Dom aconchegado a mim. E, acima de tudo, desejava não me tornar o centro das atenções quando o sequestro terminasse. Eu temia ser eternamente reconhecida como a estagiária boba e ingênua que se deixou levar pela fala mansa do

bandido.



Capítulo 21

Respeito à privacidade e direito do público à informação podem às vezes se chocar. Em princípio, o direito à informação deve prevalecer sempre que se tratar de assunto relevante e em especial quando envolver personagens públicas.

Não demorou muito para chegarmos ao ponto de encontro. O lugar parecia deserto, sem vestígios de policiais, até porque saímos uma hora e meia antes do combinado. O

veículo preto manobrou e se escondeu nos fundos do galpão abandonado. Biju me conduziu até o interior e me fez sentar numa pilha de caixotes de madeira. Provavelmente o local havia sido uma fábrica no passado.

Um carro da polícia civil do estado de Minas Gerais não tardou a aparecer. Ouvimos o barulho dos pneus sobre o cascalho antes de vê-lo. Segurei o fôlego e fiz uma oração. Eu esperava que tudo terminasse bem.

Ampliada por um megafone, uma

voz cortou o silêncio.

— Estamos aqui com seu parceiro. Solte a refém.

O que o chefe dos traficantes soltou foi uma gargalhada. Até eu queria rir. Como se fosse possível eu ser liberada antes de Biju ver a cara do tal Nem Preto e apertar a mão dele como velhos companheiros que eram.

— Vai ser difícil — meu sequestrador resmungou. Ele chegou até a frente do prédio e espiou por um vão da porta. Quis se certificar de que o capitão Andreoli apareceu

para a substituição desacompanhado. — Como eu previa. Isto aqui está apinhado de cana.

Ele olhou intensamente para mim, pedindo desculpas com o olhar, e acrescentou:

— Rafaela, eu sinto muito, mas vamos ter de encenar uma peça. Gosta de tragédias?

— Prefiro as comédias — boba, respondi.

— Vamos sair agora, juntinhos, com minha arma encostada na sua

cabeça.

— Ah, não — choraminguei.

— Não quero te machucar. Já disse. Quero ver se terão coragem de me ignorar quando virem você nessas condições. Venha comigo.

Como na cena de um filme e nas imagens exibidas pelas emissoras sensacionalistas, fui arrastada de dentro de um galpão sombrio e imundo por um bandido dos mais procurados do país com um revólver grudado na minha têmpora. Se aquilo era encenação, eu começaria a questionar todas as peças de teatro

a que fosse assistir dali em diante — caso minha vida não terminasse no final da tarde.

Com tremores dos pés à cabeça, visualizei o cenário diante de nós: muitos policiais — alguns armados e apontando para todos os lados —, carros de diversos veículos de comunicação, inclusive do meu jornal, e muitos, mas muitos jornalistas mesmo, montando, sem querer, um muro humano atrás dos homens da lei.

Vasculhei o mar de pessoas em busca de um rosto conhecido, e,

apesar da claridade intensa, encontrei meus colegas do jornal: Fernando, William, Lu e... Bernardo. Todos demonstravam estar desesperados, mas foi nítida a mudança de expressão deles no momento em que me viram. Sorriram, apesar do estresse, e eu retribuí, apesar do medo.

— Não vou matá-la, você sabe — Biju sussurrou no meu ouvido. — Mas finja que está com muito medo. Você precisa passar desespero para esse povo, e não ficar sorrindo feito uma heroína de história em quadrinhos.

Nossa, como aquele bandido sabia ser chato! Porém, quando o cano de uma arma pressiona sua cabeça, você não deve discutir. Fiz cara de choro, mas continuei de olhos grudados nos meus colegas — ou melhor, em Bernardo, que me encarava de volta.

Os capangas de Biju defendiam a retaguarda do chefe, com um armamento digno das guerras no Oriente Médio.

— Onde está o Nem? — questionou ele, com impaciência.

— Dentro de um dos carros. Solte

a refém primeiro.

— Não antes de ver meu parceiro sem algemas e do lado de cá.

Suspirei. O impasse a que chegamos ainda ia me matar.

Bernardo sinalizou para mim. Pelo que entendi, ele queria que eu ligasse meu celular. Ainda bem que, na última hora, coloquei-o no bolso de trás da calça.

Para conseguir o que eu queria, fiz uma expressão de cachorro abandonado e informei a Biju:

— Meus colegas do jornal

pediram para eu ligar o telefone. Devem saber de coisas que podem ajudar nas negociações. Tudo bem? — supliquei, fazendo biquinho a fim de demonstrar mais realismo.

O bandido apenas deu de ombros, gesto que interpretei como um sim.

Devagar, puxei o iPhone do bolso. O movimento inesperado ouriçou os policiais, que só se acalmaram quando levantei uma das mãos e fiz sinal de positivo com o polegar. Mostrei o aparelho, com o objetivo de que entendessem minha intenção, e fiz o que Bernardo

solicitou. Na mesma hora, o toque inconfundível do tema da peça *O fantasma da ópera* encheu o ar tenso de um pouco de poesia — se bem que a música, por causa da tensão que exalava, combinava bem com o momento.

Antes de dizer *alô*, a voz de Bernardo irrompeu no meu ouvido, tanto me confortando quanto ampliando ainda mais meu estado de nervosismo.

— Rafa, você está bem? Esse psicopata te machucou? Você consegue falar?

— Sim. Não. Sim — respondi simultaneamente às três perguntas desesperadas feitas por ele.

— Tudo vai dar certo, Rafa. Eu prometo. Os policiais estão tentando chegar a um acordo com esse cretino. Logo, logo você estará livre.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Por favor... — Minha fala foi interrompida por um soluço.

Biju me olhou de cara feia.

— Calma, lindinha. Não fique

desesperada. O capitão Andreoli é perito em negociação com sequestradores. Só não faça nada precipitado, certo? Seja boazinha, é só o que peço.

Balancei a cabeça, pois não consegui falar. Se estava difícil ser forte desde o momento em que me vi no poder de um bandido, tudo ficou pior depois que Bernardo começou a me tratar como uma pessoa querida, chamando-me de lindinha e tudo mais. Toda a força que eu havia tirado do fundo do meu ser para suportar aquele tormento começou a ruir.

Tive de desligar, porque Biju ordenou que eu me recompusesse. Quis saber o que meu colega tinha dito para me deixar naquele estado fragilizado e eu contei o conteúdo do nosso breve diálogo.

Impaciente, o traficante berrou a plenos pulmões:

— Se pensam que vão me vencer pelo cansaço, estão enganados. Minha paciência está se esgotando. Se em meia hora o Nem Preto não estiver aqui, do meu lado, juro que essa belezinha não vai assistir ao próximo nascer do sol.

Então ele pressionou ainda mais o cano da arma na minha cabeça, para enfatizar a ameaça.

— Solte a refém, Biju! — insistiu o capitão, dando pinta de que não ouviu uma só palavra dita pelo criminoso.

— Não. Primeiro o Nem.

Pelo jeito ficaríamos naquele pingue-pongue irritante até o fim do dia. Quero dizer, não se eu pudesse fazer alguma coisa a respeito.

— Biju, me deixa tentar.

— Tentar o quê? — Ele não

entendeu.

— Posso tentar convencer a polícia a fazer o que você quer o mais rápido possível. Prometo ser bastante persuasiva.

— Tudo bem. Não estamos chegando a lugar algum mesmo. A palavra é sua.

— Não assim, gritando. Vou usar o celular, certo? Telefono para o Bernardo e peço que passe a ligação para o capitão. Tenho sua permissão?

— Bem, não deixa de ser uma

ideia boa.

Inspirando o ar, ao mesmo tempo em que eu rogava a Deus que meu plano obtivesse sucesso, fiz a chamada para Bernardo, pensando rapidamente nas palavras que precisaria dizer.

— Rafaela?

— Bernardo, preciso falar com o capitão Andreoli. Preciso convencê-lo a fazer o que Biju exige.

— Rafa, como pretende fazer isso? A polícia está relutante. O tal Nem Preto é um criminoso barra-

pesada.

— E eu não estou nem aí! — explodi. — No momento, Deus que me perdoe, ele poderia ser o Bandido da Luz Vermelha, Jack, o Estripador, ou até coisa pior, que eu não daria a mínima. Quero sair daqui, Bernardo. Quero voltar para casa. Não nasci para ser mártir.

Senti que conquistei a confiança de Biju. Parece que ele achou meu discurso emocionado bem convincente.

— Também quero que saia daí, minha lindinha, do jeito que for. —

A voz de Bernardo era doce, e tinha certa carga de emoção. — Vou passar para o Andreoli.

Assim que o policial me deu ouvidos, descarreguei tudo o que mantive entalado desde que aquela história começou:

— Senhor capitão — comecei, confusa —, sei que o governo do Estado deve estar procurando outras alternativas para persuadir Biju a me soltar. Mas não vai adiantar. Estamos perdendo tempo. Não suporto mais tudo isso, minhas pernas doem, meus músculos estão

tensionados, sem mencionar o raio de pressão que o cano dessa arma dos infernos faz na minha cabeça. Quero ir embora. Quero a minha casa. Meu cachorro está lá sozinho, e, se eu não voltar, ninguém vai querer cuidar dele, porque meus irmãos não dão a mínima confiança para ele.

De repente, perdi a compostura. Comecei a chorar descontroladamente, feito uma criança perdida no shopping. Senti quando Biju afrouxou um pouco o aperto dos dedos dele no meu braço. Nem assim me interrompi.

— Eu não quero morrer, seu policial! Só tenho vinte e um anos, tenho uma vida inteira pela frente. Preciso fazer tanta coisa ainda... — Olhei para o céu e comecei a divagar. — Nunca fui à Europa; aliás, nunca saí do Brasil, nem para ir à Argentina. Nunca namorei sério, nem beijei um homem com paixão. Consequentemente, jamais perdi o fôlego por alguém. Quero viver isso, com todas as minhas forças!

— Senhorita...

— Não. Ainda não terminei. Doutor Andrezinho...

— É Andreoli — ele me corrigiu, com um leve traço de humor na voz.

— Doutor Andreoli, minha vida, até agora, foi tão banal! Não escrevi um livro, não tive filhos... Nunca plantei uma árvore sequer. Não peregrinei pelo caminho de Santiago de Compostela, nunca fiz penitência na quaresma e não visitei o santuário de Nossa Senhora Aparecida.

Voltei a soluçar, agora mais alto.

— Estou brigada com uma amiga por um motivo frívolo. Ainda não assisti à peça *O fantasma da ópera*, a original, em Londres. Sou a única

filha no meio de três homens, e meus pais vão ficar devastados se eu for assassinada hoje. Além disso, por mais que eu me envergonhe de confessar, eu não queria morrer sem ter feito... eh... sem ter feito... amor pelo menos uma vez. Por isso, senhor policial, eu lhe imploro: solte logo a porcaria desse tal de Nem Preto e me tire daqui.

Então, como numa explosão de fogos de artifício na noite de ano-novo, minhas lágrimas escaparam dos meus olhos numa profusão tão intensa que eu não pude mais falar. O choro fazia com que meus ombros

se sacudissem e minha visão se turvasse a ponto de eu não enxergar nada a um palmo de distância.

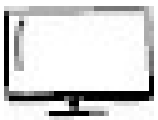
O desespero cresceu a um nível tão irracional que eu agarrei a camisa de Biju e afundei o rosto nela, tentando me amparar a qualquer custo.

Não sei o efeito que meu gesto inconsciente provocou nas pessoas. Não sei, porque não pude ver. Porém, eu soube exatamente a hora em que meu sequestrador foi rendido. Tudo indica que ele se distraiu comigo, e a polícia

aproveitou para pegá-lo. Acho que ele acabou levando um tiro no pé, pois me soltou de uma vez, como se eu fosse um pedaço de chapa quente, impossível de segurar. E eu, totalmente desequilibrada, cambaleei para a frente e caí no chão, sentada.

Continuei cega, mas foi perceptível o movimento ao meu redor. Em instantes, a gritaria dos policiais revelou que o bandido havia sido capturado; mãos e braços na minha pele me provaram que estava acompanhada, além de viva; e um cheiro bastante especial me

convenceu de que a pessoa que eu mais queria por perto estava exatamente onde eu desejava.



Tudo aconteceu muito depressa, por isso, só agora, olhando em retrospecto, posso descrever como foi. Deitada na minha cama, depois de ter sido apalpada por dezenas de pessoas querendo se certificar de que eu estava bem, consigo rever as cenas que se desenrolaram diante de mim assim que Biju não pôde mais tentar atingir seu objetivo.

Mas chegar a esse ponto foi difícil. Estou exausta. Quase tive de enxotar meus irmãos do quarto, já que eles não pretendiam me deixar sozinha nem para dormir. Com meus pais, a situação ficou mais complicada. Como eu previa, eles exigiram que eu voltasse para São Pedro dos Ferros por tempo ilimitado até superar o trauma.

Quem disse que fiquei traumatizada? Ser sequestrada não é mesmo uma coisa simples, de fácil "digestão", mas meu psicológico não estava abalado. Quero dizer, não muito. Eu só queria descansar

antes de tocar o barco para a frente, principalmente porque os últimos momentos do dia haviam sido de esgotar qualquer energia.

Biju foi preso, claro. Mas, antes de ir para a cadeia, eu soube que ele recebeu atendimento médico para retirar a bala que se alojou no seu pé direito. Alguns dos comparsas dele conseguiram escapar. Outros não tiveram essa sorte. Apesar de tudo, não me permiti ter raiva dele. Não guardei rancor. Eu estava até grata por ele ter cedido aos meus apelos — ao contrário da polícia, que ficou

enrolando e não sei se chegaria a ceder.

Quanto a Nem Preto, não conseguiu colocar o nariz do lado de fora do camburão e experimentar, mesmo que por poucos minutos, o gostinho da liberdade. Agora, pelo menos, teria a companhia do comparsa na prisão.

Assim que os homens da lei puseram as mãos nos bandidos, outras, mais ansiosas, prenderam-se em mim. Não tenho condições de me lembrar das pessoas que me cercaram tão logo me vi liberta do

sequestro. Minha memória se recorda de alguns rostos; uns conhecidos, outros, não. Tudo porque, no momento em que senti o cheiro de Bernardo, só tive olhos para ele, que me ergueu do chão com uma urgência mal disfarçada e me agarrou em seus braços como se não houvesse um só ser humano por perto.

Minha visão, ainda turvada pelas lágrimas, pousou sobre o azul daquele olhar penetrante e se deixou mergulhar neles. Mais uma vez.

Com a ponta dos dedos, Bernardo

secou minhas bochechas, ao mesmo tempo em que percorria meu rosto, demonstrando querer memorizar cada detalhe. Depois, apertou-me novamente, com muita força.

Pena que não pude desfrutar muito desse abraço caloroso, tão raro entre nós. Outras pessoas cobraram o direito de me consolar, como meus amigos do jornal. Passei, então, por vários abraços, todos quase vazios se comparados com o de Bernardo.

No entanto, foi a mão dele que agarrou a minha quando tive que acompanhar a polícia até a

delegacia para prestar depoimento. Foi o corpo dele que se aconchegou ao meu no carro do capitão Andreoli; meu parceiro de trabalho se recusou a me deixar, alegando que eu necessitava de apoio moral para conseguir seguir adiante. Foi ele também quem conversou com meus irmãos pelo celular e garantiu a eles que nada de mal havia ocorrido e que, logo, logo, ambos poderiam me ver.

Mas os dois não estavam muito a fim de esperar. Apareceram na delegacia onde eu contava toda a história aos policiais. Como

advogado, Ricardo assumiu a função de meu orientador, além do lugar de Bernardo ao meu lado. De modo inédito para mim, não apenas ele como Augusto se agarraram aos meus braços, como se, com aquele gesto, pudessem me proteger dos perigos da vida para sempre. Eles evitaram o sermão e só pronunciaram palavras de conforto e carinho.

Sensibilizada diante de tanto cuidado, acabei aos prantos mais uma vez.

O capitão Andreoli foi gentil,

embora tenha me feito narrar a história do sequestro mais de uma vez, do princípio ao fim. Tive de descrever a mansão de Biju com detalhes, o que deixou todo mundo de boca aberta. Se não fosse a companhia dos meus irmãos e de Bernardo, que não arredou o pé, eu teria desmaiado de cansaço na metade da primeira descrição.

Doida para sair da delegacia, eu me arrependi imediatamente do meu desejo assim que botei os pés do lado de fora. Ávidos por novidades, jornalistas de quase todos os veículos de comunicação esperavam

para ouvir minha versão. Por ser uma profissional da comunicação, sei como a vida é dura, mas fala sério. Eu não estava em condições de dizer mais nada.

Bernardo ficou para trás, na tentativa de sossegar os ânimos da imprensa, e eu segui em frente, escoltada por Ricardo e Augusto, como se eles fossem meus seguranças particulares. Enquanto meu irmão do meio dirigia, deitei a cabeça no colo de Ricardo e fechei os olhos. Mesmo sem conversar comigo, ele me transmitia conforto, acariciando lentamente o meu

cabelo, até que eu dormi.

Acordei no meu quarto, com Dom cochilando no tapete e Augusto falando baixinho ao telefone. Eu soube que eram meus pais do outro lado da linha assim que abri os olhos. Não tive meios de escapar da conversa com eles. Por mais que eu afirmasse que sabia cuidar de mim e que jamais me meteria numa encrenca como aquela de novo, eles insistiam que eu devia dar um tempo e passar uma temporada em minha cidade natal.

Argumentei com toda a paciência

do mundo que não seria possível, já que, prestes a me formar, eu não poderia trancar o curso e adiar a formatura, o que só atrasaria minha vida. Aos prantos, minha mãe exigia saber se eu estava mesmo bem ou se mentia para não preocupá-la. Quanto ao meu pai, ele engasgou umas oito vezes enquanto conversava e teve que sair do telefone para não fraquejar diante da caçulinha.

Lá pela meia-noite, quando o mundo voltava a entrar em foco para mim, deixei meus pensamentos vagueando na direção de Bernardo e na enormidade do sentimento que eu

nutria por ele. Embora tivéssemos passado por um momento ruim e nossa relação estivesse balançada desde a coletiva com o delegado Helvécio Nascimento, naquela tarde, amparada pelos braços dele, eu soube que não existia outro homem no mundo para mim.

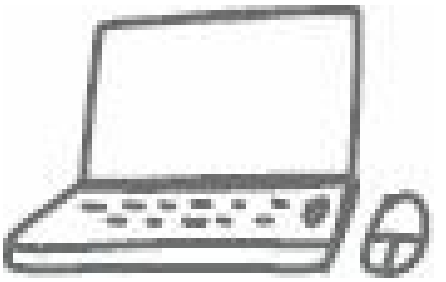
Eu o queria, com todas as minhas forças. Mais do que isso: desejava que ele gostasse pelo menos um pouco de mim. Ouvi-lo me chamar de "minha lindinha", depois me apertar nos braços e ficar ao meu lado durante todo o estressante processo de coleta de depoimentos,

foi o tiro de misericórdia. Dali em diante, *o garoto* era página virada na minha vida. Se não houvesse possibilidade de ter um romance com Bernardo — obviamente, no caso de ele não sentir o mesmo por mim —, tampouco eu nutriria uma história com um garoto imaginário só para satisfazer minhas fantasias infantis.

Acabou. E admito que foi um alívio chegar a essa conclusão. Nada mais de páginas escritas em homenagem a sua memória. Chegamos ao fim. Assim que me

sentisse menos cansada, mais revigorada, eu escreveria um texto de despedida: um ponto-final naquela fase, que persistiu por tempo demais.

Apaguei a luz do quarto e fiquei de lado na cama. Como minha janela estava aberta, reparei na beleza da lua cheia, imponente no céu, e me deixei ser levada pelo sono. Lembro que meu último pensamento da noite foi a recordação dos dedos de Bernardo entrelaçados aos meus no banco de trás do camburão da polícia civil de Minas Gerais.



Capítulo 22

Os textos e a edição no jornal devem refletir o clima de tensão da maior parte dos acontecimentos noticiados.

A constatação que eu amava Bernardo a ponto de abandonar *o garoto* não era o único motivo para eu não querer acordar na manhã seguinte e voltar a minha rotina.

Mesmo tendo recebido uma ligação amistosa da professora Sandra Pires, eu ainda estava

suspensa da faculdade durante aquela semana. Não saber como seria recebida pelos colegas da redação também não era muito estimulante. Ou seja, eu tinha três bons motivos para desejar ficar quietinha em casa, fingindo que o mundo lá fora não existia.

Contudo, esquecer-me de tudo não consistia numa possibilidade viável. À uma hora em ponto, depois de passar a primeira parte do dia assegurando aos meus pais que ficaria bem e às minhas amigas — Alice e Sofia — que eu nunca mais acreditaria nas boas intenções de um

desconhecido — especialmente de um desconhecido *e* bandido —, fui para o jornal com o coração nas mãos.

Caprichei no visual. Eu queria parecer bem disposta, relaxada e madura. Sendo assim, enfiei-me num vestido grafite, justo, mas não vulgar, numa meia-calça preta transparente, calcei um salto de bico fino e elegante e prendi o cabelo num coque impecável. Fiz uma maquiagem leve, ressaltando os olhos com lápis e delineador, e depois esfumacei tudo, para dar um ar sombrio. O resultado? Bem,

fiquei parecendo uma executiva da bolsa de valores.

Entrei no prédio da *Folha de Minas* sorridente, como se tivesse passado o dia anterior num resort do Nordeste e não sob a mira de uma arma. Eu não queria ser vista com piedade. À medida que eu avançava na redação, as pessoas me olhavam a princípio com curiosidade, mas depois adotavam uma postura mais natural, talvez espelhadas por minha própria atitude.

Ao passar pela editoria de esportes, senti meus músculos

tensionando um pouco, por puro receio de encontrar Marcelo. Por mais que ele tivesse agido de forma melosa dois dias antes, ter me calado expulsou-o de vez da minha vida. Parece que ele não me queria como amiga, pois, depois do aperto por que passei, nem assim se dispôs a falar comigo.

Eu não poderia culpá-lo, não é mesmo? Lidei com ele como uma mulher egocêntrica, que atiça os homens em sua direção e depois os corta, como se eles fossem um objeto qualquer.

Ainda bem que não nos vimos. Eu precisaria ter uma conversa esclarecedora com ele, mas não ali, nem naquele momento.

Alcancei minha mesa com o coração aos pulos. Acho que não me senti nervosa dessa forma nem quando Biju me informou que nosso encontro se tratava, na verdade, de um sequestro. Sobressaltei-me ao escutar vozes ao meu redor.

— Olha ela aí! — saudou William, chegando perto para me abraçar. — Sua presença aqui nos enche de alegria, Rafa!

— E de emoção — completou Fernando. — Já repararam como passamos a viver no limite depois que nossa mascotezinha aportou na editoria?

Rimos juntos. Eu sabia que era um diálogo ensaiado para me deixar à vontade. Mesmo assim, fiquei grata a eles.

Juntei toda a coragem que me restava e passei os olhos a minha volta, à procura de Bernardo. Por um instante, pensei que ele estivesse fora, cobrindo alguma notícia de última hora. Uma mistura de alívio e

decepção invadiu meu corpo. Por pouco tempo. Tão logo me conformei de que precisaria esperar para vê-lo, deparei-me com sua figura saindo da sala da Lu. Ele ainda não tinha me visto. Passou por entre as mesas sem tirar os olhos de uma folha que segurava numa mão, enquanto bagunçava o cabelo com a outra.

Parecia absorvido na leitura do texto impresso naquele papel — e muito apetitoso na calça jeans justa e na camisa branca, aberta até a base do pescoço. Não consegui conter minha admiração. Se Fernando e

William repararam, abstiveram-se de fazer comentários.

De repente, os olhos de Bernardo ergueram-se, encontrando os meus. Um sorriso radiante cresceu no rosto dele, cuja barba não teve, definitivamente, um encontro matinal com o aparelho de barbear. Melhor assim: ele ficava com cara de predador.

Folha de papel esquecida num canto qualquer, ele caminhou a passos largos até mim. Não disse nada. Apenas me avaliou dos pés à cabeça, com uma lentidão

deliberada.

— Aonde você pensa que vai com tanta elegância? — A voz dele soou meio rouca ou eu estaria imaginando coisas?

— Dar um jeito de fazer as coisas saírem bem na minha vida — respondi, dando uma piscada amistosa. Afinal, ele não podia saber que, por dentro, eu babava por sua aparência.

— Como o quê?

— Preciso parar de cair e de acreditar em conversa fiada. Só para

começar.

— Entendo. — Ele balançou a cabeça. — Mas você precisa se vestir como uma advogada assexuada para alcançar seu objetivo?

O sangue fugiu do meu rosto. Escutei direito? Ele usou mesmo a palavra *assexuada* para me definir?

Franzi a testa, pronta para iniciar um ataque.

— Ei. É brincadeira. De assexuada você não tem nada. Está mais para a fantasia sexual de

alguém, como aquelas enfermeiras dos filmes... Você sabe. — Bernardo devolveu a piscadela.

O sangue não só voltou ao meu rosto como o tingiu de vermelho escarlate. Eu não queria parecer nem assexuada nem motivo de fantasia para homens malucos.

— Não sei o que faço com você — admiti, entre furiosa e divertida.

— Mas eu sei. — Bernardo estendeu a mão e tocou meu queixo. — Minha lindinha.

Eu quis me jogar nos braços dele

e deixá-lo fazer mil conjecturas a respeito das minhas roupas. Mas, nesse meio-tempo, Lu apareceu, ignorando completamente a tensão que envolvia Bernardo e eu. Ela trazia novidades.

— Menina, chegou em boa hora! — Ela estreitou o olhar. — Tudo bem? Você precisa conversar? Como está lidando com tudo?

— Estou bem, Lu. Ótima mesmo. Não precisa se preocupar.

— Você é inacreditável. Qualquer um que tivesse passado pelo estresse de ontem hoje estaria

trancado em casa, escondendo-se do mundo.

— Essa não é uma alternativa ruim — confessei, com um sorriso. — Mas eu não nasci para fazer drama. Acho que o livro *Pollyana* mudou minha vida.

Eu estava fazendo piada. Ainda bem que Bernardo e Lu acharam graça.

— Fico feliz. Porque o dever nos chama. Ou melhor, clama por vocês dois.

Meu objeto de desejo e eu nos

entreolhamos. Depois, viramo-nos para Lu, ao mesmo tempo.

— Acabamos de receber uma informação quente — comentou nossa editora, com o quadril apoiado na minha mesa. — Parece que aquele médico acusado de abuso contra suas pacientes, o doutor Evaristo Vidal, lembram?...

Assentimos, já com a adrenalina esquentando nas veias.

— Pois é. Parece que ele foi visto numa cidadezinha do sul de Minas. Preciso que vão até lá. Queremos o furo.

— Nós dois? — indaguei, só para verificar se havia entendido direito.

— Claro. E é importante que saiam daqui... — Ela conferiu o relógio. — ... agora, se possível.

— Mas eu não estou vestida adequadamente. Preciso dar uma passada em casa e preparar uma bolsa. Nós vamos dormir lá?

Eu era só confusão. Principalmente depois de constatar o sorriso malicioso estampado no rosto do meu colega.

— É melhor que sim — Luciana

concordou. — Caxambu fica a uns 370 quilômetros de BH. Dá umas quatro ou cinco horas de viagem. Prefiro que pernoitem por lá. Vou pedir à secretária do Recursos Humanos para fazer as reservas. Enquanto isso, Rafa, corra até seu apartamento. Bernardo pega você daqui...

— A uma hora — completou ele, mal escondendo seu divertimento.

Imaginar coisas era uma constante no meu dia a dia. Mas acho que desta vez eu consegui captar as verdadeiras intenções de Bernardo,

pelo menos um pouco. Na minha opinião, ele estava louco para se divertir à minha custa, como se eu fosse me meter em encrenca pela enésima vez.

Dei meia-volta na redação, policiando-me para não sair correndo e demonstrar minha empolgação por viajar sozinha com Bernardo, mesmo sendo a trabalho. Ao mesmo tempo em que girava a chave na ignição do carro, mandei uma mensagem para meus pais, irmãos e amigas, dando-lhes satisfação dos meus próximos passos. Eu não pretendia deixar

ninguém preocupado comigo. Nunca mais.

Em casa, com a porta do armário aberta, demorei a me decidir sobre o que deveria levar. Acabei apanhando duas calças — uma jeans e outra de sarja laranja, com *stretch*, caso resolvêssemos dar uma volta à noite —, duas camisas — uma básica, esverdeada, e outra para usar com a calça transada —, um par de sandálias de plataforma, pijama, chinelos e kit de higiene pessoal. Ainda bem que tudo coube perfeitamente na bolsa de viagem pequena que ganhei da minha tia

Luciene no último Natal.

Troquei de roupa, arrancando os apetrechos que me fizeram parecer tanto assexuada quanto motivo de fantasia. E preferi calçar uma sapatilha, optando por um *look* básico.

Diante de toda a agitação, Dom ficava me encarando, com a testa ainda mais franzida do que já era. Coitadinho. Eu teria de deixá-lo por um dia inteiro. A menos que...

Resolvida, mandei uma mensagem rápida para Bernardo, perguntando se podia levar meu cachorro, já que

não havia ninguém para cuidar dele — ninguém com responsabilidade, pois meus irmãos seriam bem capazes de esquecer que o pobrezinho existia.

Primeiro ele foi contra, sem nem argumentar, para, em seguida, enviar-me outra mensagem, mudando de ideia.

Sorri para meu bichinho mal-humorado e apertei-o com força nos braços, feliz por tê-lo como companhia.

Desci apressada assim que o porteiro avisou sobre a chegada de

Bernardo. Mesmo convivendo com ele há algumas semanas quase diariamente, eu não me cansava de olhar e apreciar sua lindeza. Marcelo era incrível, não posso negar. Mas Bernardo, além da estampa, tinha uma presença marcante, além de um charme fora do comum. Não era fácil encontrar homens como ele.

Ignorei os gritos dos meus hormônios para adotar uma postura natural. Entrei no carro como se a existência do meu colega não me afetasse. Fui recebida com uma gargalhada demoníaca. Cria de

Satanás.

— Então esse é o seu cachorro? O famoso Dom?

— Sim. Por quê? — fechei a cara.

— Nada. — Ele deu de ombros. Ele não quis dizer, mas deve ter pensado um monte de besteira.

— Liga não, meu bebezinho. Esse moço mau não está rindo de você, viu?

Como resposta, Dom resmungou e foi se acomodar no banco de trás, onde dormiu em poucos minutos.

— Trocou de roupa?

— Hum, hum. — Tentei parecer indiferente, jogando o cabelo para o lado, sem olhar para Bernardo.

Abstendo-se de dizer mais palavras, ele ligou o som do carro, e a voz suave de Maria Gadú dominou o ambiente. Relaxei total. Até me permiti fechar os olhos e me concentrar na letra da canção. Acho que caí no sono. Sonhei que estava indo para Caxambu, num outro contexto. Bernardo e eu escolhemos aquela aconchegante cidade para passar nosso primeiro final de

semana juntos como namorados. Embora eu jamais tenha estado lá, visualizei com nitidez nós dois de mãos dadas, no Parque das Águas, apreciando a natureza e nos beijando nos intervalos.

Acordei com um sorriso bobo na boca. Mas, quando notei onde me encontrava e com quem, fiquei toda séria, com medo de ter falado bobagem enquanto dormia.

— Onde estamos? — eu quis saber, olhando pela janela e só enxergando asfalto e árvores.

— Perto de Perdões. — Bernardo

me olhou de esguelha. — Quer parar para esticar as pernas?

Fiz que sim com a cabeça.

— Na próxima lanchonete, certo?

— Ótimo — concordei.

Eu me virei para trás e verifiquei o estado de Dom. Que cachorro preguiçoso! Ele continuava apagado, mesmo com as curvas e a movimentação intensa na estrada.

— Eu também tenho um cachorro. Um weimaraner de olhos tristes.

Por distração total, eu nunca havia

parado para refletir que não sabia nada sobre a vida pessoal de Bernardo. O fato de ele confessar que tinha um animal de estimação era apenas um detalhe no meio de tanta informação que eu simplesmente desconhecia. Por outro lado, minha história sempre esteve acessível. Como eu podia gostar de um cara quase desconhecido?

Convicta de que precisava aproveitar a oportunidade e tentar descobrir tudo, fui encorajada a prosseguir com aquele último tópico colocado na nossa pauta de

discussão.

— Sério? Ele vive sozinho com você?

— Sim. Somos só nós dois. Eu e o Cid.

Enruguei a testa, de certa forma incentivando-o a explicar aquele nome.

Bernardo compreendeu meu apelo mudo.

— Cid, em homenagem ao Cid Moreira.

Caí na gargalhada. Meu cão tinha

nome de personagem de livro clássico; o dele, de um jornalista jurássico.

— Você ri? Não acha o nome do seu meio estranho também? — Apesar do tom incisivo, Bernardo lutava para manter a carranca.

— Um pouco, mas não tenho culpa. Quem o batizou foi meu irmão, com a namorada dele. — Dei de ombros, louca para prosseguir com minha pesquisa de campo. — Por que você mora sozinho? De onde é sua família?

Eu podia estar sendo invasiva,

mas a curiosidade falou mais alto.

— De Belo Horizonte mesmo. — Bernardo pareceu não se importar em responder. — Você não acha que já estou meio grandinho para viver sob o mesmo teto de papai e mamãe?

— Vocês não se dão bem?

— Muito. Acontece que aprecio minha privacidade e até minha desorganização. Tenho duas irmãs mais novas, e elas, além da minha mãe, adoram reclamar que sou muito bagunceiro. Então, assim que pude, tratei de arranjar um canto só pra

mim, apesar de adorar filar a comida da dona Inês aos domingos.

Se eu esperava uma confissão constrangedora, tipo seus pais o abandonaram quando criança e ele foi maltratado em todos os lares onde morou antes da maioridade, fiquei a ver navios. Ainda bem. Pela primeira vez vi que Bernardo era normal, como qualquer pessoa comum.

— O que suas irmãs fazem?

— A Maria estuda psicologia e a Pri, a caçula, ainda está no ensino médio.

Tivemos que interromper o assunto, pois avistamos uma lanchonete e eu precisava muito fazer xixi.

Necessidades feitas, comprei um pacote de Doritos, jogando às favas a imagem de garota preocupada com a aparência. Até porque eu estava morta de fome, e não resisto a esse tipo de porcaria em especial. Também não costumo comer frituras em paradas de beira de estrada, pois, quando criança, passei um mal danado uma vez, depois de me empanturrar com um pastel de angu apimentado.

Ao contrário de mim, Bernardo pediu um pão com linguiça feita na chapa, que me deu água na boca, mas o qual recusei por medo de fazer bagunça. É que as coisas tendem a despencar da minha mão sempre que fico diante de um cara bonito.

— Esse cheiro de Doritos me deixa enjoado — Bernardo frisou, já de volta ao carro.

Parei a mastigação no meio do caminho.

— Estou com fome — aleguei,

com a boca cheia.

— Pensei que você só comesse coisa light.

— Algum dia dei essa impressão?

Bernardo me lançou um olhar de predador, como os que o 007, James Bond, dá a suas vítimas.

— O tempo todo — admitiu ele, como se fosse algo muito óbvio.

— Hã?

Até o Dom ergueu a cabeça, interessado na explicação tanto quanto eu.

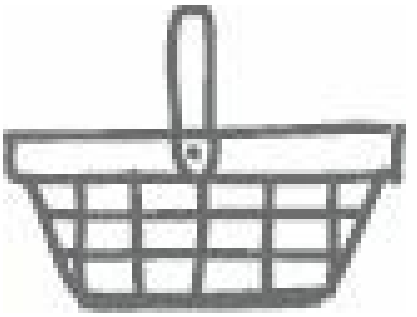
— Ora, deixe disso, Rafa! Você por acaso não se olha no espelho?

Com essa indagação de caráter duvidoso, Bernardo se calou. Nada nesta vida me irrita mais do que frases enigmáticas.

Com a pulga atrás da orelha, voltei a me concentrar nas letras das músicas que ouvíamos. Já não era mais Maria Gadú; não reconheci a nova voz.

De repente, a sensação de que o ar dentro do carro havia ficado mais denso me deixou introspectiva. Preferi discutir com meus próprios

pensamentos daquele ponto em diante. Bem mais seguro.



Capítulo 23

A Constituição de 1988 diz que é "livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença" (artigo 5º, inciso IX).

Deixamos Dom no hotel — ainda bem que o gerente permitiu — e seguimos até o endereço que Lu nos passou. Como não queríamos chamar a atenção, recorremos ao bom e velho GPS para nos guiar

pelos arredores desconhecidos de Caxambu.

Eu me sentia como Julia Roberts no filme *Adoro problemas*, uma repórter com pinta de detetive que não corria dos desafios. Do jeito que minha vida andava, já, já, eu seria chamada para autorizar a adaptação da minha história como roteiro de uma produção cinematográfica bem eletrizante. Eu permitiria que a Julia Roberts me interpretasse. Ou será que ela já estava meio velha para encarnar uma garota de vinte e um anos?

Paramos diante de um sobrado de estilo colonial, pintado de branco, com janelas e porta azuis e um pitoresco jardim na frente. Batia com a descrição feita pela fonte. Tocamos a campainha, na ilusão de que o doutor Abusado — apelido dado por mim e Bernardo enquanto discutíamos o caso durante a viagem — fosse nos atender pessoalmente.

Claro que nos enganamos. No lugar dele, apareceu uma senhora gorducha e baixinha, com cabelo grisalho curtinho, enxugando as mãos num avental de cozinha. De modo simpático, ela quis saber o

que queríamos. Quando mencionamos o médico Evaristo Vidal, ela mudou de expressão e quase fechou a porta na nossa cara.

Insistimos em saber onde ele estava. No entanto, a senhora alegou não conhecer ninguém com esse nome e pediu licença, porque precisava terminar de confeitar um bolo.

Não acreditamos nem por um instante na mulher. Decidimos, portanto, ficar à espreita, como quem não quer nada, até que acontecesse algum movimento

suspeito. Estacionamos o carro a poucos metros da casa e nos sentamos num dos bancos da pequena praça do bairro. Como fazia um pouco de frio, nem nos incomodamos com o sol.

Bernardo e eu mantivemos uma conversa superficial, abordando assuntos genéricos, como o clima, a economia mundial e as próximas eleições presidenciais. Não posso garantir por ele, mas eu queria ficar o mais distante possível de diálogos comprometedores. Numa dessas, eu acabaria entregando o ouro e fazendo papel de boba.

Quase acreditamos que nossa ida a Caxambu havia sido em vão. Quando decidimos esquecer a investigação e voltar para o hotel, um carro branco, desses grandões que estão na moda, manobrou em frente ao sobrado. Ficamos alertas.

Dele saiu um homem de meia-idade, alto e parrudo. Embora não pudéssemos enxergá-lo com muita nitidez, sabíamos que se tratava do nosso médico.

Antes que ele se desse conta da nossa presença, corremos feito loucos, abordando-o ainda na

calçada. O doutor Abusado primeiro ficou assustado, para, em seguida, tentar fugir. Impossível. Éramos dois contra um.

Apresentamo-nos e fomos direto ao ponto: queríamos uma entrevista exclusiva com ele ou não nos preocuparíamos em divulgar seu paradeiro assim que virássemos as costas. A chantagem fez o homem ferver de indignação. Ele até ameaçou nos processar. Porém, lembramos a ele que, para fazer isso, ele precisaria sair do anonimato, e tínhamos certeza de que o homem não possuía tal

intenção.

Muito a contragosto, ele topou conversar conosco, contanto que não gravássemos a entrevista nem divulgássemos o local onde se escondia. Concordamos com as condições impostas, mas meus dedos se mantiveram cruzados nas minhas costas. Como eu, em sã consciência, permitiria que um monstro permanecesse solto por aí depois de ter abusado de inúmeras pacientes? Problema dele se acreditou em nós.

Bernardo sugeriu que a entrevista

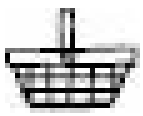
fosse realizada num lugar neutro. Mais tarde ele me explicou que teve receio de que o médico guardasse uma arma dentro de casa e resolvesse usá-la contra nós. Era isso que o diferenciava de mim. Minha ingenuidade não me permitia prever as possibilidades.

O médico concordou em nos acompanhar até o hotel, onde a conversa ocorreu a portas fechadas, graças à generosidade do gerente, que nos cedeu o salão de convenções pelo tempo de que precisássemos.

Eu quase não falei. Enquanto Bernardo extraía o máximo de informações daquele ser inescrupuloso, mantive a boca fechada, ao contrário da minha mão direita, que trabalhou muito transcrevendo para o papel boa parte das falas proferidas.

Por fim, após ouvir tanta atrocidade, meu estômago pesava feito uma barra de concreto. O médico voltou para a casa dele — até que a polícia o pegasse — e eu precisei dar um pulo no quarto para um banho. Tinha muita sujeira a ser lavada.

Bernardo avisou que passaria o início da noite digitando a matéria com a intenção de encaminhá-la à redação o mais rápido possível. Em seguida, perguntou se eu não gostaria de dar uma caminhada mais tarde, jantar ou qualquer outra coisa que nos fizesse distrair um pouco. Aceitei, com o coração dando saltos mortais idênticos aos de Diego Hypólito.



Passava das nove da noite quando nos encontramos no hall do hotel.

Vestida com a roupa que imaginei usar caso resolvêssemos curtir um pouco a cidade, acompanhei Bernardo pelas ruas de Caxambu — ele lindo e cheiroso num traje despojado, o que o deixava com cara de menino, e não do homem aborrecido que costumava ser.

Caminhamos sem pressa, lado a lado, de vez em quando esbarrando um no outro, sei lá se de modo casual ou totalmente intencional. Íamos até a Praça XVI de Setembro, conforme a indicação do porteiro do hotel. Segundo ele, por causa das comemorações antecipadas do

aniversário da cidade, o lugar era a melhor pedida daquela noite.

Constatamos isso ao chegar lá. Barraquinhas de comidas típicas e de artesanato dominavam o ambiente. Num palco posicionado de maneira estratégica, um grupo de dança exibia passos de congado. As pessoas riam e se divertiam, inspiradas pela profusão de estrelas que enchiam o céu de poesia. Por mais que eu estivesse cansada — foram muitas emoções em tão pouco tempo —, não conseguia parar de sorrir.

— Está feliz? — Bernardo quis saber, com uma das sobrancelhas arqueada.

— Estou me sentindo como se estivesse de férias. Até que foi uma boa, depois do horror que vivi ontem, vir parar aqui hoje. Este lugar é mágico.

Bernardo concordou e apontou para um carrinho de cachorro-quente.

— Não sei você, mas eu estou faminto.

— Somos dois.

Comemos como uma dupla de operários, e ainda sobrou espaço para um pé de moleque. O tempo passava e eu não queria que a noite acabasse. Assim que voltássemos para o hotel, a magia também iria embora. No dia seguinte, a realidade nos esperava.

A certa altura, o grupo de congado foi substituído por uma banda bem ao estilo dos adolescentes. Tocava de tudo, principalmente os hits da moda. Em poucos segundos, boa parte dos frequentadores da festa caiu na dança.

— Quer dançar também? — Bernardo perguntou, mas não esperou pela resposta: saiu me puxando para o meio do povo.

— Ei! Espera. Não sou boa nisso. Esqueceu que tenho dois pés esquerdos? — tentei argumentar para escapar de um provável vexame.

Meu colega não quis nem saber. De repente, sacudíamos juntos ao som estridente da banda, extravasando toda a tensão acumulada nos últimos dias. Assim que o ritmo mudou para forró,

Bernardo me enganchou nos braços, guiando-me pela pista improvisada, como se eu fosse uma boneca de pano cheia de gingado.

Confesso que sentir os músculos dele tanto com meus dedos quanto com o peito me fez ver mais estrelas que o céu era capaz de exibir. Bernardo era todo duro e desejável.

Ele me rodopiava de um lado para o outro, fazendo-me tropeçar nos meus próprios pés.

— Desculpa — gemi, quando pisei no dele. — Ai, eu disse que isso não ia dar certo.

Para provar que eu estava errada, ele segurou uma das minhas mãos e me girou. Fiz uma volta em torno de mim mesma. Não sei como tudo acabou acontecendo. Num minuto eu rodava; no outro, senti uma fisgada no tornozelo esquerdo que me levou ao chão. Outra vez.



Adivinhem onde fui parar? Lógico que no pronto-socorro. Tomei um tombo digno de um Oscar — se existisse premiação para a queda mais constrangedora. Todo mundo

parou de dançar para me ouvir gemer de dor. De novo Bernardo precisou me carregar, e um nativo da cidade nos deu uma carona até o *PS*. Desastre deveria ser o meu nome do meio.

Ainda bem que não quebrei nada. Foi só o tendão que sofreu uma entorse mediana. O médico enfaixou o local só para garantir que ficasse imobilizado por um ou dois dias e me receitou um analgésico e um anti-inflamatório.

Enquanto eu queimava de vergonha, voltamos para o hotel de

táxi, que fiz questão de pagar, apesar de Bernardo ter recusado veementemente. Eu fiz a noite dele terminar mais cedo e ainda dei prejuízo. Bem típico de mim.

Mas o pior ainda estava por vir. Mal saí do carro, fui carregada no colo pelos braços fortes e viris de Bernardo, de uma forma tão protetora que não consegui escapar. Eu não precisava daquilo. Tentei fazê-lo entender. Eu só mancaria um pouquinho caso fosse andando. Porém, com Bernardo não adiantava discutir. Pelo jeito como fomos admirados pelas pessoas com quem

trombamos nos corredores do hotel, todos devem ter pensado que formávamos um feliz casal de namorados.

Seguimos assim até a porta do meu quarto. Ainda sem me soltar, ele pegou o cartão magnético da porta e a destrancou para mim.

— Prontinho — disse, ao me colocar no chão. — Está entregue, inteirinha. — Ele deu uma boa olhada no meu tornozelo e completou: — Ou melhor, quase.

— Obrigada. Não tenho palavras para justificar minha

descoordenação. Eu sempre acabo estragando tudo no final — desabafei, depressiva.

— Não estragou nada. Estar com você é garantia de diversão, Rafa. Não temos um só momento de tédio.

Sorri em sinal de agradecimento por ele estar sendo tão legal — e potencializando ainda mais minha paixão. Eu gostaria que Bernardo voltasse a ser mau para que eu pudesse ter motivos para odiá-lo e esquecê-lo de vez. Quando eu estava prestes a me despedir, subitamente ele segurou meu braço e questionou,

à queima-roupa:

— Rafa, o que há entre você e o Marcelo? Por acaso vocês estão juntos?

Minha barriga gelou. Eu jamais esperaria que Bernardo me fizesse aquele tipo de pergunta. Com que motivo, afinal?

Lembrei-me daquela vez em que os meninos da redação ficaram brincando sobre eu estar namorando meu colega da editoria de esportes e optei por ser evasiva. Achei que pareceria charmoso.

— Acredito que não tenho por que discutir isso com você.

Pela cara que Bernardo fez, deu para sentir o quanto me enganei. Minha resposta não foi charmosa. Se quer mesmo saber, soou bem mal-educada.

Com o encanto da noite quebrado, ele se despediu com um aceno seco e foi embora. Nem um tchau, um beijinho inocente, um "durma com Deus".

Fiquei tão indignada comigo mesma que arranquei a roupa e a joguei de qualquer jeito em cima da

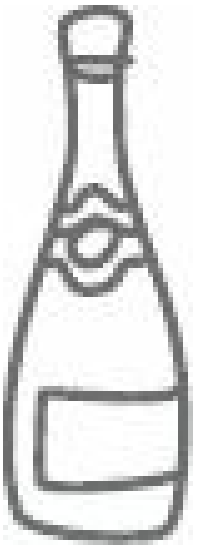
cama. Coloquei o pijama, tirei a maquiagem e liguei a televisão, com a esperança de me distrair com um programa qualquer. Mas até a TV parecia me reprovar. A primeira cena que surgiu diante dos meus olhos foi a de uma garota se decepcionando porque viu o cara de quem gostava abraçado a outra.

Rapidamente fiz uma analogia com minha própria vida. Em tese, acabei dispensando Bernardo de forma bastante indelicada. A julgar pelo teor da pergunta que me fez minutos antes, ele demonstrava querer que o nosso relacionamento

subisse um degrau. Pode ser que ele não sentisse nada por mim, mas quem sabe cogitava uma aproximação ou coisa do tipo? Se amanhã ou depois eu o visse nos braços de uma mulher qualquer — como aconteceu com Gisele —, só me restaria lamentar e me chamar de burra.

Por isso eu me levantei da cama decidida a eliminar qualquer tipo de dúvida. Por isso resolvi fazer algo para permitir que minha vida saísse, pelo menos um pouco, da teoria. Por isso nem me preocupei em tirar o pijama e a vestir algo decente. E

ainda por isso saí do meu quarto pisando firme — está certo que mancando também — e fui bater na porta de Bernardo, com uma determinação que eu desconhecia.



Capítulo 24

Dispense modismos ou chavões que vulgarizam o texto jornalístico.

— O que houve? Você está bem? Seu tornozelo está doendo?

Perdi a voz. Se foi difícil encontrar coragem para dizer o que eu sentia, dar de cara com Bernardo só de calça de moletom caída na cintura, como se pretendesse revelar seu principal tesouro, sem camisa e com o cabelo molhado, parado

diante de mim, não adiantou muito. Óbvio que ele havia acabado de sair do banho. Senti o cheiro do sabonete impessoal do hotel. Engoli em seco, mas não desisti.

— Posso entrar? — Todos os músculos do meu corpo resolveram tremer, só que eu já havia chegado até ali. Agora precisaria seguir adiante e completar minha missão.

Bernardo abriu espaço para eu passar, o que não foi muito fácil, graças ao desconforto provocado pela torção no tornozelo. Uma vez dentro do quarto, não havia meios de

eu recuar. Olhei ao redor, ciente de que os olhos de Bernardo não se desgrudavam de mim.

Inspirei fundo uma, duas, três vezes. Então eu disse:

— A resposta é não.

Sei que soei completamente incoerente, mas não consegui começar de outra forma. Bernardo franziu a testa e se aproximou um pouco, com a cabeça meio de lado.

— Para qual pergunta? — ele estava confuso.

— Para a que deixei sem resposta

mais cedo. — Meu tornozelo latejou. Mudei de posição. — Não, o Marcelo e eu não estamos juntos. Tentamos ultrapassar os limites da amizade, mas não deu certo.

— Sério? — Bernardo deu mais um passo em minha direção, com um minúsculo sorriso se insinuando no rosto másculo. — Isso quer dizer que *nós* podemos atravessar a linha do relacionamento estritamente profissional?

— S-sim — hesitei. Eu não sabia que rumo aquela conversa estava tomando e se conseguiria concluir

minha missão.

Mais um passo. Estávamos a menos de um metro de distância, e eu já podia enxergar com nitidez os escassos pelos claros no peito de Bernardo.

— Pergunta número três. — O metal das argolas de seus dedos médios reluziu com o reflexo da lâmpada do teto. — Nós vamos ficar estagnados no nível da amizade?

Preciso confessar: foi um choque tão intenso escutar aquilo que senti uma onda, ou melhor, um tsunami de adrenalina percorrer meu corpo

inteiro.

Bernardo arqueou uma das sobrancelhas, à espera de uma resposta. Era a minha deixa.

— Espero que não.

Isso foi o suficiente para ele. O espaço entre nós num instante foi reduzido a nada, e em poucos segundos os braços de Bernardo enrodilharam minha cintura e os lábios dele se prenderam aos meus. No início foi apenas um toque leve, de reconhecimento, porém o suficiente para incendiar o meu ser. Nossas respirações ficaram

duelando, entrecortadas; nossos olhos, queimando uns nos outros. Então eu resolvi acabar com a tortura e passei minhas mãos em torno do pescoço de Bernardo. Estimulado por meu gesto ousado, ele agarrou meu cabelo e aprofundou o beijo, possessivo, dominador, apaixonante.

Fui arrebatada como nunca antes, capaz de sentir todas as terminações nervosas do meu corpo. Era como se uma corrente elétrica estivesse me consumindo de dentro para fora. Uma loucura. Nunca um beijo significou tanto.

Tudo indicava que Bernardo não estava indiferente a toda aquela reação química. Eu sabia disso porque podia sentir os batimentos cardíacos dele contra meu peito. Suas mãos subiam e desciam nas minhas costas, deixando uma trilha entorpecida por onde passavam; as minhas exploravam os músculos duros de seus braços e do tórax.

Não conseguíamos nos soltar. Por conta disso, os beijos foram ficando mais e mais intensos, exigentes, fazendo-nos desejar outras coisas, se é que me entendem.

Só me dei conta de que Bernardo me conduzia pelo interior do quarto quando meu tornozelo reclamou.

— Ai! — arfei, ao sentir uma fisgada no tendão machucado.

Bernardo imediatamente desgrudou os lábios dos meus e olhou para mim, preocupado. Mas nem assim conseguiu apagar a expressão de tigre predador. Muito sexy ele era, isso, sim.

— Rafa, o que foi? Machuquei você?

— Não. — Sacudi a cabeça para

enfatizar minha resposta. — É o meu pé.

Com um misto de alívio e preocupação, Bernardo me pegou no colo, como se eu fosse uma donzela em apuros, e me levou até a cama, onde me ajeitou com cuidado. Depois, apoiou minha perna num travesseiro e levantou a barra da calça do pijama para avaliar a situação.

Parece que, por medo de me ferir, os dedos dele pousaram como plumas sobre a faixa, mas o suficiente para eu voltar a sentir

calor. É. Eu corria mesmo perigo.

— Quer tomar um analgésico? — A voz dele soou toda profissional. Ele parecia o plantonista do pronto-socorro.

— Já tomei. Vai fazer efeito daqui a pouco, espero.

Acho que o tranquilizei com essa resposta, já que seus dedos impossíveis subiram uns centímetros, pousando em minha panturrilha. Senti fincadas de expectativa dentro do estômago.

Bernardo não falou uma só

palavra. Seus lindos e penetrantes olhos azuis, cheios de algo indefinido, mas hipnotizante, fuzilaram os meus. As carícias na minha perna limitaram-se a pequenos círculos feitos com os polegares. Uma delícia, mesmo assim.

Encarávamo-nos no maior silêncio, só incomodado pelo barulho das nossas respirações.

— Está certo. Eu começo — rendi-me. Não dava para evitar uma conversa para sempre.

Mas Bernardo passou na frente.

— Você deve estar se perguntando como chegamos a este ponto. — Ele riu gostoso, revelando seus dentes brancos, levemente tortos. — Eu me pergunto *por que* demoramos tanto a chegar a ele.

Levantei uma sobrancelha, estimulando-o a continuar.

— Porque era só nisso que pensava de uns tempos para cá — confessou ele, sem nenhuma timidez. — Achei que eu jamais conseguiria te dobrar, uma vez que você criou uma resistência tamanho família contra mim.

— Me dobrar, é? — Fingi indignação.

— Você entendeu o que eu quis dizer.

— Sim, mas preciso esclarecer que você não me dobrou, Bernardo.

— Não? — A expressão dele era de perplexidade. — Então o que você veio fazer aqui? E o que foi... isso entre nós?

Suspirei. Eu não tinha problemas em usar as palavras, mas com Bernardo tudo ficava diferente.

— Quando você quis saber sobre

o Marcelo, eu fui rude ao responder daquela forma. Fiquei com remorso, até porque já não nos tratávamos como dois lutadores de vale-tudo. — Ajeitei-me na cama.

— Remorso? Então...

— Espera. Deixa eu terminar. — Espalmei as mãos, fazendo-o se calar. — A verdade é que, por mais que eu tenha tentado me apaixonar pelo Marcelo, que, ao contrário do que você pensa, é um cara superlegal, eu nunca consegui. Nunca, Bernardo, porque... porque... — Travei.

— Porque... — Eu não sabia como terminar, ainda que Bernardo estivesse se esforçando para ajudar. Porém, posicionar-se a três palmos de distância do meu rosto não foi de grande auxílio.

— Porque ele não é... você. — Pronto. Falei. E, em seguida, tapei a boca com as mãos, esperando poder engolir aquelas palavras.

A sensação de que eu havia feito a maior besteira do mundo ao confessar minha paixão passou depressa, pois Bernardo, em câmera lenta, afastou minhas mãos e as

substituiu pelas dele, que envolveram meu rosto com uma delicadeza reverente.

— Sabe, Rafa — disse ele, com a voz rouca —, você não imagina de quantos modos eu quis matar o Marcelo. Pensar que vocês poderiam estar juntos, puxa, me enlouqueceu.

— Eu não entendo. Juro que não. Afinal, você me detestou desde a primeira vez que me viu.

— Sim. — Agora os dedos ásperos dele torturavam os contornos dos meus lábios. Gente,

eu estava prestes a subir pelas paredes, com ou sem tornozelo torcido. — Não nego. Detestei ter que virar babá de estagiária. Detestei admitir que seu texto é excelente. Odiei seus saltos por deixarem você gostosa, suas roupas bonitas, o fato de todos gostarem de você.

Essa confissão minou minha empolgação. Tentei me afastar, mas Bernardo não deixou, segurando-me firme.

— Porque você tinha razão — prosseguiu ele. — Eu sou um idiota

metido a besta que não sabe trabalhar em equipe. Ou não sabia. Porque você me transformou, Rafa. Cheguei ao ponto de só querer estar do seu lado, de desejar passar todo o tempo do mundo com você, trabalhando ou não.

Fechei os olhos, absorvendo aquela declaração. Será que Bernardo estava assumindo que gostava de mim?

— Para você ter uma ideia, eu percebi que sentia algo por você quando me peguei sentado na sua baia, passando os dedos no seu

teclado, tentando sentir sua presença. Loucura, né?

— Quer dizer que...

— Quero dizer, Rafa — Bernardo recolocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha —, que não sei ao certo quando, embora compreenda bem o porquê, mas estou louco por você. Não louco de raiva. Louco... por você.



A vida é engraçada e gosta de nos pregar peças. Passei anos

fantasiando com *o garoto*, desejando que ele se materializasse diante de mim como num passe de mágica. Acabei apaixonada por um cara de carne e osso — e olhos azuis penetrantes —, o qual pensei que jamais fosse retribuir meu sentimento. E então, bum! Acontece. E é muito melhor do que todas as fantasias que eu criei.

Passamos a noite nos braços um do outro. Mas espere. Não é o que vocês estão pensando. Não aconteceu nada. Quero dizer, nada que eu não possa reproduzir em palavras. Só dormimos juntos,

literalmente, porque uma coisa levou à outra. Eu não queria voltar para meu quarto. Bernardo não pretendia me deixar escapar. Logo, ele me pediu para ficar, o que recusei a princípio.

Argumentei que não estava preparada para dar um passo maior, toda tímida, consciente de que fazia papel de boba. No entanto, Bernardo me fez olhar para ele e segurou meu queixo. Deixou claro que não criou nenhum subterfúgio para me seduzir, nem criaria, e que só necessitava da minha companhia, mais nada.

Fiquei grata, de verdade. Eu sonhava ser dele de todas as formas possíveis, mas no futuro. Não naquela noite, quando o que eu mais queria era conversar e ouvi-lo confirmar o que já tinha dito antes: que era louco por mim. Nada poderia ter me emocionado mais do que essa confissão.

Resolvida a questão da cama onde eu dormiria, aconcheguei-me no peito dele, mal acreditando na minha sorte. Aquele homem maravilhoso agora pertencia a mim. Bem, não ao pé da letra, claro, mas me queria tanto quanto eu a ele.

Passamos horas entre beijos e conversas, relatos da vida e risadas, e mais beijos, muitos deles, dos mais variados tipos. Estou segura em afirmar que eu nem imaginava que pudessem existir tantas modalidades. Trocamos beijos comportados, lentos, molhados, de boca aberta, apertados, ofegantes. Teve beijo no pescoço, no rosto, na orelha, beijo de todo jeito. E também muitas mãos a explorar o que antes ficava só na vontade.

Quando notamos que, se continuássemos assim,

ultrapassaríamos a tal barreira que ergui para me proteger, demos um jeito de esfriar as coisas, afastando-nos um pouco e iniciando mais um tópico de conversa.

— Por que temos de ir embora amanhã? — Bernardo questionou, enquanto brincava com uma mecha do meu cabelo.

— Porque é quinta-feira, dia de trabalho?

— Podemos inventar uma desculpa. Dizer que precisamos investigar mais uma história.

Apoiei meu queixo no tórax de Bernardo e o encarei.

— Acha mesmo que a Lu iria cair nessa?

— Não. — Ele apertou minha cintura e ajeitou meu corpo parcialmente sobre o dele. — Eu só queria ficar mais tempo com você, sozinho.

— E a Gisele? — não consegui deixar de perguntar. A história daqueles dois ainda era uma incógnita e me fazia gritar de ciúmes.

Bernardo se ajeitou sob mim.

— Rafa, não existe nada entre nós. Quer saber mesmo por que fiquei com ela daquela vez?

Será que eu queria ouvir?

— Para te afetar, ver se você sentia ciúme. A Gisele não significa nada para mim. Sei que pareço um cafajeste, mas é isso. O que eu posso fazer?

— Vocês só ficaram uma vez? Ela disse que foi ao seu apartamento e que... vocês fizeram coisas.

Bernardo pareceu incomodado e

mudou de posição. Ele se sentou e me colocou diante dele, para que ficássemos no mesmo nível. Foi honesto:

— Sim, fomos para a minha casa, e sim, rolou. Não ficamos apenas uma vez, mas muito do que Gisele diz por aí é viagem da cabeça dela. Nunca combinei ir com ela para Lavras Novas, nem a encorajei a comprar o pingente atiçador da briga entre vocês. — Ele riu, revelando saber mais do que demonstrava. Um dia Gisele ainda me pagaria pela língua solta. — Mas, Rafa, acredite, tudo o que aconteceu não chega nem

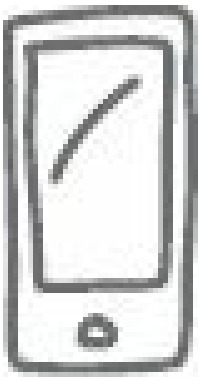
aos pés do que desejo ter com você. Percebe a diferença?

Eu percebia, sim. Não que estivesse me gabando.

— O que você deseja ter comigo? — arrisquei, com ousadia.

— Tudo.

Então mergulhamos em outra sessão de beijos quentes antes de, finalmente, cair no sono. Nem me lembrei de que deixei Dom sozinho, imperando soberano num quarto de hotel.



Capítulo 25

O trabalho jornalístico tem de ser feito buscando-se isenção, correção e agilidade. Porque só tem valor a informação jornalística que seja isenta, correta e prestada com rapidez, os seus três atributos de qualidade.[12]

A viagem de volta para Belo Horizonte passou bem mais depressa, apesar de não desejarmos isso. Bernardo dirigia devagar, com uma mão no volante e outra

segurando a minha, ou apoiada na minha perna, ou fazendo carinho na minha nuca.

Paramos mais vezes para andar com os dedos entrelaçados e tirar fotos quando a paisagem era convidativa. Quem demonstrava não estar apreciando muito o chamego entre Bernardo e mim era Dom. Várias vezes o peguei rosnando baixinho, de cara feia para meu novo namorado. Sim, namorado. Eu não sabia do que chamá-lo até que ele esclareceu, na hora do café da manhã, no momento em que o garçom quis saber se ele e sua amiga

— no caso, eu — gostaríamos de um pouco mais de ovos mexidos.

— Namorada — Bernardo corrigiu. Um brilho malicioso brotou nos olhos do garçom. Quanto a mim, corei dos pés à cabeça.

Incrível como uma palavra pode alterar todo um contexto.

Ao longo do trajeto, falamos de tudo, inclusive sobre meu desabafo com o capitão Andreoli, quando cheguei a pensar que Biju realmente me mataria caso a polícia não fizesse o que o traficante exigia.

— Você escutou aquilo? — gritei. Minha dignidade acabava de ser reduzida a pó. Eu não me lembrava de tudo, porque o pânico bloqueou minha memória, mas sabia que tinha dito muita besteira, como o fato de ainda ser virgem.

— Bom, ele deixou o celular no viva-voz.

— Mate-me — murmurei, com a humilhação elevada à quinta potência.

— Que nada! Foi bonitinho o jeito como você listou suas prioridades.

Encabulada, escondi o rosto com as mãos. Se ouviu tudo, Bernardo agora me conhecia melhor que qualquer outra pessoa.

— Aposto que ontem, na delegacia, meu nome não saiu da boca dos policiais. Devem estar rindo de mim até hoje. Biju bem que podia ter me matado.

Bernardo riu gostoso, puxando-me para o colo dele com o carro em movimento. Que doido. Fiz de tudo para me afastar, mas ele me manteve presa enquanto apertava os lábios no meu pescoço.

— Seu louco, nós vamos bater!

Ainda bem que *O fantasma da ópera* resolveu o problema. Com a distração promovida pelo toque incomum do meu celular, foi fácil me livrar dos braços de Bernardo.

— Você não mudou esse toque até hoje? — murmurou ele, frustrado.

— Ricardo?

— Tudo bem? — Meu irmão parecia preocupado. — Você não deu notícias.

Depois do susto com o sequestro, Ricardo e Augusto andavam mais

carinhosos e protetores.

— Estamos voltando. Daqui a pouco estou aí.

— Li a *Folha de Minas* hoje — ele comentou. — Você e o Bernardo conseguiram mais um furo, hein? Que dupla!

— Você nem imagina! — Revirei os olhos.

— Como assim?

— Nada.

— Rafa...

— Ricardo, conta mais sobre a

matéria. Deu muita repercussão?

Meu irmão mordeu a isca e falou por alguns minutos sobre a entrevista com o doutor Abusado.

— Todo mundo está comentando. Inclusive a polícia, que quer todos os detalhes da localização do médico.

Assim que desligamos, deixei Bernardo a par dos acontecimentos. Ele ficou bastante satisfeito com o resultado do nosso trabalho.

De volta a Belo Horizonte, fui direto para casa, onde permaneci o

resto do dia, e meu namorado correu para a redação. Acabei sendo dispensada do trabalho porque Lu resolveu me dar uma folguinha de presente, motivada por um espírito de caridade resultante da semana estressante que ela acha que tive. Bem, nem tudo foi um horror.

Eu queria aproveitar a folga para colocar Alice e Sofia a par das últimas novidades, porque elas, mais do que ninguém, não só tinham o direito de saber, como anteciparam meus sentimentos por Bernardo.

Decidi enviar um e-mail, porque não pretendia ficar agarrada ao telefone o dia todo, nem pendurada no Facebook. Então escrevi:

De: Rafaela Vilas Boas

Para: Alice Guimarães; Sofia Andrade

Assunto: Não me matem, por favor.

Queridas amigas,

Se opto por narrar esta história usando o bom e velho e-mail é porque estou com vergonha de

contar pessoalmente, por saber que vocês vão cair matando em cima de mim. Portanto, desconsiderem minha relutância inicial quando vocês me deram abertura para confessar, pois eu não podia admitir nem para mim mesma.

Vocês estavam certas. Eu gosto mesmo do Bernardo. E sei disso há um bom tempo. Só não esperava que fosse dar o braço a torcer algum dia, por motivos óbvios:

Ele costumava ser um pé no saco e não perdia a chance de me espezinhar.

Estava saindo com nossa "amiga" Gisele (eu disse estava*, no passado).*

Nunca demonstrou sentir o mesmo por mim.

Portanto, nada melhor que o silêncio para abafar as emoções. Porém, algo surreal aconteceu. Ele me notou.Vocês vão dizer: "Deixa disso. Valorize-se. Por que Bernardo não gostaria de você?", blá-blá-blá. Acontece que eu jamais imaginei que isso fosse possível. Mas é.

Meninas, ontem, em Caxambu,

tudo mudou. Ele confessou que é louco por mim e então nos beijamos e dormimos juntos! E passeamos de mãos dadas. Own... morri e fui para o céu. Vocês são as primeiras a saber.

Prometo contar mais detalhes em outra hora. Estou cansada e quero cochilar um pouco.

Beijos!

Rafa — a apaixonada

Obs.: Nós literalmente dormimos. Não aconteceu nada, viu? :P

Eu sabia que não conseguiria escapar da inquisição das meninas mais tarde. Mas ainda tinha um último compromisso. Este, comigo mesma. Como tudo nesta vida tem um fim, decidi redigir o último capítulo da imaginária história do *garoto*. Passei anos escrevendo para ele. Precisava ser justa e me despedir direito. Depois eu esqueceria tudo e receberia meu novo amor de braços abertos.

Meu querido garoto,

Como você foi importante na minha vida! Quantos sonhos

projetei para nós! Em quantos olhos azuis vi você refletido. Hoje percebo que nada foi em vão. Extraí forças dessa ilusão, que de certa forma me moveu.

Sei que devo parecer uma louca por mantê-lo preso dentro de mim por tanto tempo. Nunca falei sobre você para ninguém. E, agora que decidi colocar um ponto final em tudo, sei que sua memória estará guardada nas páginas do livro que passei quase dez anos redigindo.

Tudo não passou de um devaneio infantil, substituído por uma

história real que começo a viver hoje. Então, preciso dizer adeus. Obrigada pela companhia. Obrigada por habitar meu imaginário. Descobri que tenho necessidade de calor, de toque, de aconchego. Eu preciso de alguém feito de carne, osso e alma. E penso que o achei.

Por mais que meu novo amor não seja você, o sujeito perfeito que inventei, ele existe e pode ser que me faça feliz — ou não, mas estou disposta a arriscar.

Um grande abraço, garoto. *E fique*

bem.
Rafaela Vilas Boas

Encerrei a carta. Concluí uma fase. Agora só me restavam as lembranças.

Eu deixaria para imprimir o último texto depois que tomasse um banho e descansasse. Como fiz com todos eles, após serem impressos, guardei-os numa pasta, em ordem cronológica, cuja primeira página ostentava o título *O garoto da mochila xadrez* em letras trabalhadas e chamativas.



Uma semana. Eu não podia evitar: contava cada segundo desde que Bernardo e eu nos entendemos. As pessoas meio que ficaram sabendo, isto é, o assunto foi andando de boca em boca até se espalhar. Na faculdade, meus colegas não conseguiam esconder os comentários, mais fortes e mais frequentes até mesmo que a história do meu sequestro. Quem não gostou nem um pouco foi Gisele. Só não caímos num quebra-pau outra vez porque decidi ignorá-la, assim como

fiz com as fofocas maldosas dela.

Acredita que ela chegou a espalhar que eu me meti no namoro dela e de Bernardo e acabei roubando-o dela? Muitos acreditaram, por mais que eu negasse. Mas, por fim, deixei para lá. Que falassem! Eu sabia a verdade, como todo mundo que realmente me importava.

No jornal, a conversa era outra. Bernardo e eu combinamos não revelar nosso relacionamento enquanto durasse meu estágio, exceto para Luciana, a quem

devíamos satisfações. Mas a danada ficou tão empolgada com a notícia que saiu espalhando. Resultado: em menos de um dia, metade da redação estava por dentro da minha vida pessoal, inclusive Marcelo. E, nossa! Como ele recebeu mal a informação. Num primeiro momento, ele duvidou. Muito. Com um texto para lá de desequilibrado, Marcelo pedia que eu negasse, que desmentisse os boatos.

Ao responder que não seria possível, porque, sim, era tudo verdade, ele me atacou. Chamar-me de louca foi o menor dos desaforos

dele. Ele prognosticou minha infelicidade num futuro breve, agourou meu relacionamento, profetizou que eu seria magoada, quem sabe até traída. Tudo isso pelo fato de acreditar na canalhice de Bernardo, assegurando-me que eu ainda lhe daria razão.

Depois de ler todos aqueles impropérios, bati na madeira três vezes para isolar a cafifa. Cruz-credo! Minha história com Bernardo podia muito bem ser chamada de saga. Não seriam as más línguas que a estragariam, por favor. Não depois de tanta confusão.

Por outro lado, sempre existem os otimistas natos, como meu amigo Fernando. Não contente em nos parabenizar uma porção de vezes, ele ficou me mandando coraçõezinhos pulsantes via serviço de comunicação interna, além de dar uns suspiros altos e exagerados enquanto revirava os olhos. Tudo teatro, a fim de me irritar. Não conseguiu, porque minha felicidade era inabalável.

Apesar de procurarmos nos manter distantes um do outro, exibindo uma postura profissional,

Bernardo e eu vivíamos arranjando um jeito de escapar dos olhares curiosos para dar uns amassos e matar a saudade. Descobrimos que a antiga sala de revelação fotográfica atendia perfeitamente aos nossos interesses, e não era incomum "passearmos" por lá pelo menos uma vez por dia.

— Rafa, pode ver se o Xavier liberou as fotos do caso da professora assassinada? — Fernando me pediu. Supus que estivesse muito ocupado, pois normalmente ele evitava me pedir favores tão básicos.

— Claro — respondi, já salvando o arquivo que revisava para terminar depois.

Para chegar à sala do fotógrafo era preciso atravessar metade da redação. Inocente, nem me preocupei em saber por onde andava Bernardo. Por isso levei um enorme susto ao ser puxada por uma mão sem dono para dentro de um cômodo escuro. Só não gritei com todo o fôlego que possuía porque minha boca foi tapada por outra mão — do mesmo dono, eu acreditava.

Com a escuridão, não enxerguei

nada. Só senti quando meu corpo foi empurrado contra a porta e pressionado por um peito duro e divinamente esculpido. Bernardo.

— Você está louco? — protestei, meio rindo, meio brava, ao mesmo tempo em que meus lábios eram capturados de modo sedutor.

— Totalmente — Bernardo sussurrou dentro da minha boca, pois não desgrudou seus lábios dos meus enquanto respondia.

Foi o suficiente para eu amolecer feito manteiga derretida. Ser agarrada no horário do expediente

por um homem como o meu não era para qualquer uma. Travamos uma batalha de bocas, línguas e mãos que me desestruturou todinha. Fazia calor dentro da sala, e a temperatura se elevou ainda mais depois que Bernardo me ergueu pela cintura e me fez contornar o quadril dele com minhas pernas.

Eu nunca havia estado naquela posição antes e confesso, por mais devassa que possa parecer, que foi uma descoberta e tanto. Um achado. Nós ainda não havíamos dado *aquele* passo, mas me enrodilhar nele daquela forma representava um

avanço, dos grandes. E, quer saber? Recomendo demais. A posição, quero dizer. Mas só para as maiores de idade, pelo amor de Deus.

Beijamo-nos como se o mundo estivesse prestes a acabar, com tanta paixão que chegava a doer. E, por mais que nossa boca não se desgrudasse, ainda assim Bernardo conseguia sussurrar umas frases sensuais, animando-me cada vez mais.

— Hum, Rafa, até quando eu vou aguentar isso? — Veja bem.

— Nossa, você é tão linda e

hum... Deliciosa. — Own...

— Ai, minha lindinha, você quer me matar? — Ops.

Melhor parar tudo. Se continuasse daquele jeito, não sairíamos vestidos dali. Com um esforço tremendo, afastei-me de Bernardo e pedi:

— Chega.

Onde eu estava com a cabeça? Se fôssemos pegos, eu nem queria imaginar o que aconteceria conosco. Demissão? Justa causa? Viraríamos notícia? Deus me livre!

— Mas, Rafa...

— Estamos trabalhando, Bernardo. E a porta nem está trancada. Não é o lugar certo — argumentei, lutando para recuperar o fôlego.

— E qual é o lugar certo? Ou melhor, quando?

Baixei o olhar. Eu gostaria de ser mais experiente para saber lidar melhor com esse tipo de situação. Se fosse mais descolada, provavelmente daria uma resposta charmosa. Como não era, optei pelo silêncio, e que Bernardo

interpretasse do jeito que quisesse.

Então ele segurou meu queixo e me fez encará-lo.

— Não importa. Fui movido pelo calor do momento. Nossa hora chegará.

Concordei, com um sorriso despontando em meus lábios inchados.

E assim nasceu nosso esconderijo secreto. Ao longo destas duas primeiras semanas de namoro, nós o visitamos muitas vezes. Em cada uma delas subíamos mais um degrau

em direção àquele momento tão almejado.



Capítulo 26

Sem isenção, a informação fica enviesada, viciada, perde qualidade.

— Rafa, você está se cuidando? — Olha a pergunta que o Ricardo me fez dois minutos antes de Bernardo subir e me pegar para irmos jantar.

Revirei os olhos para ele e suspirei de modo afetado, a fim de enfatizar minha impaciência. Por que meu irmão achava que eu iria discutir esse tipo de assunto com

ele? Jamais — nem se ele fosse meu único parente vivo.

— Não, porque, você sabe... — insistiu ele. — Garotas inexperientes correm muito mais riscos. São moles de cair na lábia de caras espertinhos. Não vai sair da linha justo agora.

— Obrigada pelo conselho, mas não precisava. Acredito que sei cuidar de mim mesma.

— Ah, sabe... Se soubesse, não teria ido na conversa daquele traficante. Toda vez que me lembro disso tenho vontade de torcer o seu

pescoço.

— Ricardo, eu não quero voltar a esse assunto, certo? O Bernardo está para chegar. Então, eu imploro, não estrague o clima.

De cara amarrada, ele pegou a carteira sobre o aparador da sala, enfiou-a no bolso traseiro da calça e completou, antes de sair:

— Você pode não acreditar, mas é a garota mais importante da nossa vida, quero dizer, da minha, do Augusto e do Gustavo. Sei que a gente às vezes não facilita, mas é porque te amamos muito.

Fiquei sem palavras. Foi a deixa que dei a Ricardo para ele voltar uns passos em minha direção e me dar um beijo na testa.

— Cuide-se.

E eu pensando que meu trio de irmãos fosse previsível como a programação da Globo.

Ainda surpresa com o ataque de ternura, permiti que Bernardo subisse quando o porteiro avisou sobre sua chegada. Depois que começamos a namorar, era a primeira vez que ele entrava no meu apartamento.

Como sempre acontecia nos momentos em que ficávamos sozinhos, primeiro Bernardo admirou minha aparência. Deu-me uma boa olhada dos pés à cabeça, abrindo um sorriso gradativo, conforme erguia o olhar. Ele sabia o efeito que esse gesto me causava. Além de me deixar um pouco tímida, fazia meu sangue esquentar.

— Oi, minha lindinha — cumprimentou-me sussurrando em meu ouvido e um beijo embaixo da orelha.

Se eu era lindinha, e ele, então?

Mesmo vestido com uma camisa polo preta e calça jeans básica, era o homem mais bonito e gostoso que eu conhecia.

— Oi — respondi, dengosa. Puxei-o para dentro e tranquei a porta. — Estou quase pronta. Você espera?

— Claro que sim.

Com um sorriso que havia dias não abandonava meu rosto, arrastei-o até meu quarto, onde Dom reinava absoluto sobre o tapete, local preferido dele.

— Esse cachorro precisa descobrir novas fontes de prazer — comentou Bernardo, enquanto afagava as orelhas do meu animalzinho. — Vai acabar ficando obeso de tanto dormir.

— Ele é preguiçoso como a dona. — Discordo — Bernardo retrucou, com a voz mais grave que o normal. Aprendi a reconhecer aquele tom. Bernardo só o usava quando estava a fim de me seduzir, ou seja, quase sempre. — O Dom tem uma dona muito motivada. — Ele parou para abaixar a manga da minha camisa. Seus dedos passaram a desenhar

círculos no meu ombro recém-descoberto. Fechei os olhos por instinto. — E responsável. — Mordiscou minha pele, deixando-me toda arrepiada. — Além de competente. Uma parceira e tanto.

Meus joelhos fraquejaram. Ficar sozinha com Bernardo era uma tortura, ainda mais dentro do meu quarto.

— Porém, acima de tudo isso, o Dom é um felizardo, porque dorme todos os dias com uma garota muito sexy e linda. — Ele usou a língua para provocar arrepios desde a base

do meu pescoço até por baixo da orelha. — E eu quase morro de inveja dele por causa disso.

Pensei: pronto, agora vai. Eu não tinha resistência suficiente para impedi-lo de continuar. Contudo, quando achei que atingiríamos finalmente o último degrau do nosso relacionamento, Bernardo se afastou. Custei a entender o que acontecia. Demorou até eu perceber que ele estava me dando o poder de decidir. Nas entrelinhas, Bernardo dizia: “A decisão é sua”.

Deixei passar. Tínhamos um

programa para fazer, um jantar num lugar bacana e a noite inteira pela frente. Tudo podia acontecer. O *frisson* da expectativa me impeliu a ignorar o desejo pulsante que me dominou. Depois...

— Dom, seja um garoto bonzinho e faça companhia para o Bernardo. Vou terminar de me arrumar no banheiro.

Com um beijinho leve, despedi-me dele, embora meu coração ribombasse num ritmo frenético.

Refugiada no banheiro, recostei na porta fechada, sugando o ar com

força. Bernardo e eu podíamos ter nos entendido, mas isso não impedia que ele continuasse a ser a Cria de Satanás que tanto me torturava, só que agora de um modo diferente.

Tirei a roupa velha e coloquei meu vestido novo, comprado com o irrisório salário de estagiária. A aquisição zerou minhas finanças do mês, mas valeu a pena, porque ele era muito lindo: branco, justo a partir do quadril e soltinho no peito, com um decote profundo nas costas. Não exagerei na maquiagem: eu não pretendia parecer uma manequim embonecada. Calcei um salto alto —

claro —, até porque Bernardo possuía uns bons trinta centímetros a mais que eu. Para finalizar, coloquei um pouco de perfume nos pulsos, no pescoço e atrás das orelhas. Eu queria ficar irresistível. Acredito que consegui. Bernardo que se segurasse, pois eu não estava para brincadeira.

Saí do banheiro com a adrenalina a mil. Eu esperava que ele me achasse maravilhosa e que demonstrasse o efeito da minha produção com palavras e com o olhar.

— Estou pronta — eu disse, fazendo pose.

Mas não vi Bernardo no quarto. Imaginei que estivesse em outro cômodo, talvez na cozinha, e saí à procura dele. Nada. Achei estranho, apesar de saber que só podia ser uma brincadeira. Provavelmente meu namorado havia se escondido de mim em algum canto do apartamento.

— Ei, apareça — chamei. — Venha ver se estou bonita.

Sem retorno. Ou Bernardo estava a fim de me pregar uma boa peça, ou

não queria ser encontrado. Comecei a me preocupar. Teria acontecido alguma coisa que me passou batido?

Continuei chamando, sem resposta. Até que tive certeza. Ao investigar com mais atenção a sala, reparei que a porta havia ficado aberta. Eu não a deixei, com toda a certeza. Então ele saiu sem me avisar.

Várias coisas passaram por minha cabeça: uma emergência no jornal — mas isso ele teria me avisado, claro; antes de tudo éramos parceiros de trabalho; algo com a

família, mas ele me deixaria a par, não é?

Liguei no celular dele. Só deu caixa postal. Gente, pelo amor de Deus! Comecei a pirar. A essa altura, estava claro que eu não gostaria nada da repercussão desse sumiço.

Interfonei para o porteiro, que me confirmou a saída de Bernardo. E ele deu um detalhe a mais: passou batido e não parou nem para responder à pergunta que Almir, o porteiro, lhe fez.

Desolada, eu me joguei sobre o

sofá e insisti com o celular. Agora, em vez de dar caixa postal, uma voz mecânica avisou que o telefone estava desligado ou fora da área de cobertura. Obviamente, meu namorado não tinha a menor intenção de falar comigo.

O que eu havia feito de errado para merecer isso?

No meu quarto, tirei o vestido comprado especialmente para a ocasião e fiz um montinho com ele aos meus pés. De calcinha e sutiã — um lindo conjunto novinho, preto, de renda —, sentei-me na cama, com o

olhar perdido. Meus neurônios trabalhavam arduamente para tentar resolver o mistério do sumiço de Bernardo.

Dom, muito provavelmente influenciado pelo meu desespero, disparou a bater as patinhas em minhas pernas, acho que me consolando. O instinto animal dele sinalizava a chegada de um vento forte vindo do norte.

Caí de costas no colchão, abraçada ao meu cachorro, que não aprovou o gesto. Ao fazer força para escapar dos meus braços, ele

desenterrou um objeto duro de debaixo das almofadas que decoravam minha cama.

Então minha ficha caiu. Porque, assim que eu me deparei com o livro intitulado *O garoto da mochila xadrez* e entendi direitinho a pilha de Bernardo. Ele descobriu sobre *o garoto*, da pior maneira possível.

Nunca existirá alguém como você.

Sonho encontrar você quase todas as noites.

Procuro você em todos os caras

de olhos azuis que vejo.

Posso viver mil anos, mas nunca vou esquecê-lo.

Fragmentos do meu diário piscavam em meu cérebro como letreiros luminosos de néon. Bernardo tinha lido tudo. E entendido errado. Até porque o último texto, aquele que escrevi para encerrar definitivamente a década que dediquei a esperar *o garoto*, não fazia parte da coletânea. Ou seja, Bernardo tomou conhecimento da minha obsessão sem saber que ela estava superada por causa dele.

Ah, não! Tanto esforço... Tudo em vão! Dez anos de fixação doentia cobravam seu preço agora. Perdi Bernardo para um fantasma.



Depois de esgotar todo o meu estoque de lágrimas e de assustar Dom com meus soluços, telefonei para Sofia e supliquei que ela fosse se encontrar comigo. Dois minutos depois, ela entrava feito um foguete, desesperada para saber sobre o ocorrido. Gastei a meia hora seguinte relatando meu azar da

mesma forma que faria caso estivesse sendo questionada por investigadores criminais.

De vez em quando Sofia abria a boca e permanecia assim por um bom tempo. Ela não imaginava que eu tivesse vivido parte da minha existência obcecada por um garoto de quem nem ao menos o nome eu conhecia.

Mostrei o diário para minha amiga, pouco me importando com o que ela pensaria a respeito. Afinal de contas, agora não fazia mais a menor diferença.

— Pode me chamar de louca — choraminguei.

— Não sei o que dizer — admitiu Sofia. — Porque eu não imagino o motivo de você nunca ter nos contado a respeito desse menino de Iriri. Como você conseguiu guardar essa história só para si?

— Sei lá. — Funguei. — Eu tinha vergonha de assumir.

— Até para mim e para a Alice, Rafa?

É sério, Sofia não estava ajudando muito com seus questiona-

mentos de amiga traída. Só me deixava ainda mais arrasada. Pedi que ela procurasse me entender e que esquecesse o que eu fiz — ou o que deixei de fazer, na verdade. Ela queria respostas, que eu não possuía. E, se as tivesse, eu gostaria de ter a oportunidade de dá-las a Bernardo, que correu sem ao menos exigir explicação.

— Desculpe. Não estou agindo como uma boa amiga. — Sofia passou o braço sobre meus ombros para me consolar. — Claro que você tinha o direito de guardar esse segredo. Mas procure entender

Bernardo. Imagine se fosse o contrário. Já pensou se você chegasse na casa dele e encontrasse um caderno onde seu namorado declarava altos sentimentos por uma menina, alegando, inclusive, que jamais haveria alguém como ela? Você levaria a situação numa boa?

— Não. Claro que não — admiti.

Entretanto, eu não conseguia compreender por que Bernardo não quis me ouvir. Questionador como ele só, essa postura não combinava com seu jeito.

— Ele vai esfriar a cabeça. Não

se preocupe. Apesar de conhecê-lo pouco, dá para ver que ele está completamente apaixonado.

Foi a essa declaração que me apeguei para conseguir sobreviver no fim de semana, durante o qual não tive notícias de Bernardo. Tentei ser discreta ao procurá-lo no jornal, mas, como ele não estava de plantão, ninguém sabia dele.

O que me restou, portanto, foi me conformar. Embora pouco experiente em relacionamentos reais, eu sabia que correr demais atrás de um cara não pegava bem.

Sendo assim, gastei meu sábado e meu domingo organizando o apartamento e dando voltinhas com Dom pela pracinha do Gutierrez, a fim de evitar que meu cachorro levasse uma vida sedentária. Procurei não pensar em Bernardo. Essa parte foi bastante difícil, mas acabei contando com uma mãozinha das minhas amigas, que, por solidariedade, até me ajudaram na faxina.

Percebi que elas combinaram não me aborrecer, pois evitaram tocar no nome de Bernardo deliberadamente. Por outro lado, encheram minhas

horas vazias com o nome do doutor Daniel, o médico gato que me atendeu na ocasião da pancada na cabeça. Pelo jeito as duas disputavam quem teria coragem de ligar para ele e convidá-lo para um programinha de casal. Conhecendo aquela dupla como ninguém, eu sabia que nenhuma delas tomaria a iniciativa de chamar um cara para sair, mesmo em se tratando de um tipão daquela categoria.

Gastamos um bom tempo fuçando no perfil dele no Facebook, e isso me distraiu muito. Na noite de domingo eu estava para lá de

agradecida às meninas pela companhia, e até me sentia um pouco mais leve. Bernardo podia fugir o quanto quisesse de meus telefonemas, mas não da minha pessoa em carne e osso no dia seguinte.

Nunca desejei tanto que uma segunda-feira chegasse logo, mesmo tendo de encarar horas na faculdade antes de ir para a redação. Gisele passou a manhã me fuzilando com o olhar, atitude nada tranquilizadora. Se, no final das contas, meu relacionamento com Bernardo

naufragasse de vez, seria insuportável conviver com as piadinhas maldosas dela.

À uma em ponto cheguei ao jornal. Sem demonstrar a agitação que me dominava, caminhei normalmente até a editoria de investigativo, onde tudo parecia normal. Parecia. Porque, de perto, muitas coisas estavam estranhas, como os olhares de esguelha em minha direção, os cumprimentos sem graça de meus colegas e o chamado de Lu para que eu a acompanhasse até a sala dela.

Gelei. Boa coisa não seria. Antes de fechar a porta atrás de mim, olhei na direção de Fernando, buscando uma explicação muda. Tudo o que ele fez foi dar uma piscadinha, acho que com o objetivo de me mandar energia positiva.

Diante da mesa de minha editora, comecei a sentir o mundo se fechando ao meu redor. Era certo que eu não receberia boas notícias. Meus neurônios ansiosos puseram-se a criar mil alternativas para justificar o climão:

Bernardo havia sofrido um

acidente e estava em coma.

Ele tinha sido demitido por ter se envolvido comigo — embora, tecnicamente, isso não constituísse um problema para o jornal, uma vez que eu não era menor de idade e a coordenadora de Recursos Humanos, na época da contratação, não falou nada sobre a empresa proibir o namoro entre funcionários.

Não tive tempo de imaginar mais nada, pois Lu iniciou seu relato.

— Rafa, por favor, sente-se.

Quando mandam a gente se sentar,

é porque lá vem paulada. Consciente disso, obedeci.

— Você sabe o quanto eu gosto de você, não é? — começou ela, pelas beiradas. Outra coisa que aprendi é que normalmente se elogia primeiro antes de lançar a bomba. — Sou mestra em avaliar caráter, e não fugi à regra com você. Só tive a ousadia de propor o que propus quando você chegou aqui porque me passou uma boa impressão. Ou melhor, superou minhas expectativas. Pouco tempo depois, vejo que não errei ao lhe dar a oportunidade de ser mais que uma

estagiária para o jornal.

— Obrigada — foi só o que consegui pronunciar, por causa da dormência na língua.

— Espero que fique conosco assim que se formar.

Pisquei duas vezes antes de compreender o que minha chefe dizia.

— Isso não cabe a mim decidir — aleguei, um pouco confusa.

— Eu sei. Mas é um desejo do jornal, que partiu do nosso editor-chefe.

Uau!

— Nossa! Não sei o que dizer.

— Incrível, não é?

Concordei, feliz demais com a notícia, embora atordoada por não conseguir juntar as pontas soltas daquela conversa.

— E é bom que fique sabendo desde já das intenções da *Folha de Minas* em relação a você para que comece a se preparar.

— Me preparar? — indaguei, cada vez mais confusa.

— Sim. Porque daqui pra frente queremos ver você agir por si só.

Opa, opa, opa. Vejam bem para onde aquele papo estava caminhando.

Minha barriga gelou, e uma bola de cristal bem transparente se acendeu no meu cérebro. Adivinhei o restante da história, mas fui obrigada a escutá-la assim mesmo.

— Não é segredo para ninguém que você e o Bernardo estavam juntos.

Estavam. No passado. Não deixei

de notar.

— Desculpe tocar nesse assunto, mas ele me procurou no sábado e me fez um pedido que me pegou de surpresa.

Fechei os olhos, como se assim pudesse bloquear as palavras que estavam por vir. De certa forma, passei uma mensagem a Lu, que segurou minhas mãos antes de prosseguir.

— Rafa, não sei o que de fato houve entre vocês nos últimos dias, juro que não. Porém, como não sou burra, claro que deduzi que a

decisão dele está totalmente ligada a esse relacionamento.

Ela fez uma pausa. Se tencionava amenizar o choque, deixo registrado que não funcionou. Todos aqueles verbos no pretérito mais a palavra *decisão* geraram um esclarecimento imediato: Bernardo havia partido e não guardou lugar para mim.

— Decisão? — balbuciei, a voz num fiapo.

Inspirando lentamente, Lu parecia planejar a maneira ideal de me dar a notícia.

— Você se lembra de quando mencionei que perderíamos o Bernardo mais cedo ou mais tarde, que ele era bom demais para ficar preso em Minas por muito tempo? — Disse ela, com a testa enrugada.

Só balancei a cabeça, confirmando, incapaz de interrompê-la.

— Bem, há um mês mais ou menos, um de nossos correspondentes na Europa pediu transferência de volta para cá. A vaga foi oferecida imediatamente ao Bernardo que, apesar de ter gostado

da proposta, recusou. Todo mundo tentou convencê-lo, inclusive o Maurício Gusmão, mas foi inútil. Ele alegou que, por motivos pessoais, preferiria ficar aqui. Rafa, embora ele não tenha esclarecido esses motivos, acredito que tenha ficado por sua causa.

— Impossível — retruquei, com a boca seca. — Não estávamos juntos nessa época.

— Sim, mas é claro que já havia o interesse, você não acha?

Provavelmente. Um mês atrás não era tanto tempo assim.

Eu não sabia o que pensar. Bernardo tinha aberto mão de crescer na carreira por causa de um sentimento que ele nem imaginava ser correspondido. Isso era muito sério. Sempre tive medo de atitudes extremas. No futuro, ele acabaria se arrependendo. E, pelo andar da carruagem, esse futuro já tinha chegado.

— Nesses trinta dias desde então — Lu prosseguiu —, o jornal não conseguiu recrutar um profissional para realizar a substituição, até porque não havia pressa, já que o outro ainda está lá. Sabendo disso,

no sábado Bernardo decidiu mudar de ideia e aceitou a transferência.

Cravei meus olhos no quadro que exibia a Cria de Satanás *e* Destruidor de Corações posando para o fotógrafo com o prêmio de melhor jornalista investigativo. Nunca senti tanta raiva de uma pessoa como naquele momento, além de mágoa e decepção por ter sido preterida tão ostensivamente. Nem uma palavra; nem mesmo uma desculpa. Bernardo só precisou de um motivo besta — no caso, minha história com *o garoto* — para se

mandar sem dizer adeus.

De repente, compreendi tudo. Para uns amassos descompromissados eu era a figura ideal: toda boba, disponível e apaixonadinha. Enquanto representei um desafio, valeu a pena o esforço, até mesmo recusar uma proposta tão tentadora. Entretanto, depois de conquistada, não fiz jus às expectativas dele, ficando fácil para Bernardo voltar atrás.

Covarde.

— Ele não te avisou, não é? — O tom foi de pergunta, mas Lu fez uma

afirmação.

— Não. — Senti um gosto salgado ao abrir a boca para responder. Só então notei que chorava.

— Quer falar sobre o que ocorreu?

Ponderei um pouco antes de me decidir. Acabei agindo movida por minha fragilidade e revelei tudo a ela, sem cortes nem edições. Lu me escutou com atenção e só interrompeu algumas vezes para se certificar de que havia ouvido direito.

— Não sei o que dizer para te consolar — admitiu minha chefe.

— Acho que só uma cama e um travesseiro macio vão ser capazes disso. Tudo bem se eu for embora? — pedi. — Não vou ajudar muito hoje. Não assim.

— Eu ia fazer essa sugestão. Vá para casa. Digo aos outros que você está doente.

Sorri sem demonstrar felicidade. Assim como existem choros de alegria, meu sorriso era de tristeza. São os paradoxos da vida.

— Essa desculpa não vai colar por muito tempo. O pessoal aqui é bom de interpretação, afinal são os melhores investigadores do Estado.

— Tem razão. Mas a gente pensa em outra coisa quando você se sentir melhor.

Agradeci a Luciana e me levantei para sair. No entanto, antes de passar pela porta, eu quis saber uma última coisa:

— Quando ele vai?

— Já foi. Ele viajou hoje de manhã.

Com os sonhos desfeitos e a vida revirada de cabeça para baixo, fui embora, de rosto seco. Engoli a vontade de chorar e escondi meu orgulho ferido a fim de não armar um drama. Como Vinicius de Moraes escreveu um dia, eu sabia que sofreria. Porém, ao contrário do poeta, ninguém além de mim precisaria tomar conhecimento disso.


CB

Capítulo 27

Todo esforço deve ser feito para que o público possa diferenciar o que é publicado como comentário, como opinião, do que é publicado como notícia, como informação.

— Tem lugar para mim no seu apê?

Não posso ser acusada de tomar decisões precipitadas, uma vez que demorei quinze dias para finalmente ligar para Gustavo e lhe dizer o que havia planejado para um futuro próximo.

— Oba! Vai passar o final de semana com a gente?

Da minha família, ninguém conhecia meus novos planos. Só Alice e Sofia foram colocadas a par, mas a reação delas não saiu como eu esperava.

— Na verdade, irmãozinho, estou, sim, pensando em dar um pulinho aí, mas por um período um pouquinho maior que um único fim de semana — expliquei, pisando em ovos.

O fato é que decidi investir em minha carreira fora do Estado, mais especificamente em São Paulo, onde

o mercado para jornalistas é mais propício. Claro que eu precisaria me formar antes e convencer meus pais de que a distância não seria um empecilho se olhássemos com benevolência e se estivéssemos dispostos a bancar passagens aéreas de vez em quando.

Meu irmão não entendeu de primeira, o que me levou a ser mais específica.

— Gustavo, eu quero morar aí.

— Rafa... — ele engasgou.

— Não. Antes que tente me

convencer a desistir, preciso esclarecer que não vou mudar de ideia. — Essa era eu, versão diva. — Tampouco pretendo atrapalhar você e a Clarissa, por isso estou pedindo uma guarida provisória, até que eu consiga arranjar outro lugar para morar.

— Ei, calminha aí, onça-pintada. Acho que não tentei convencer você de nada ainda. Por enquanto, só quero entender o que te levou a tomar essa decisão assim, tão de repente. Pelo que me consta, seu trabalho aí em Belo Horizonte anda muito bem, obrigado.

— Mas eu quero mais — despistei. Eu jamais assumiria para Gustavo que fugir para São Paulo tinha tudo a ver com a decepção por que passei. Aliás, não confessaria essa verdade a ninguém, exceto para as meninas. — Sou nova ainda e gostaria de incrementar meus estudos, além de correr atrás de um emprego num veículo de maior circulação, o que tem aos montes por aí.

— Meio repentina sua decisão, não acha?

— Mas não precipitada — rebati.

— Gu, por que você está tão resistente? Quero muito fazer isso e pensei que você me apoiaria. Prometo não atrapalhar. Dou a minha palavra.

— Entre a gente não existe isso de atrapalhar, maninha. Só estou preocupado com o seu bem. E, se já resolveu mesmo, beleza. A Clarissa e eu ficaremos superfelizes. Ainda mais se for trazer o Dom.

Pois é. Dom. Perceberam que não joguei o nome do meu cachorro na conversa para não parecer que estava forçando a barra? De intrusa

bastava eu. Porém, como o próprio Gustavo se lembrou dele, não pude deixar de aproveitar a deixa.

— Sem problemas, então? Até mesmo para o Dom?

— Não dá para deixá-lo com os dois desligados que moram com você, concorda?

Ainda bem que Gustavo facilitou as coisas para mim. Com o apoio dele e um lugar para morar, eu não temeria deixar BH para trás e começar tudo de novo em São Paulo. Por mais que a *Folha de Minas* tivesse garantido meu emprego para

depois da formatura, eu não daria conta de conviver com o fantasma de Bernardo zanzando pelos cantos da redação. Eu sempre enxergaria o espaço na minha frente como reduto dele. Nas reuniões de pauta, olharia com saudosismo para a cadeira onde ele costumava se sentar, todo despojado, com sua costumeira cara de poucos amigos. Até a convivência com os meninos sairia prejudicada, pois a impressão de que faltava uma peça no grupo jamais me abandonaria.

Assim que informei Lu sobre minha decisão, ela pareceu não

acreditar. Com vergonha, deixei para lhe avisar já nas vésperas da formatura. Mesmo procurando me justificar da melhor maneira possível, ela demorou a aceitar, mais até do que meus pais.

Desde pequena, comigo é assim: resolução tomada, nada de voltar atrás.

Passei os meses que antecedem o Natal tratando de ajeitar minha carreira. Participei de vários processos seletivos, editei meu currículo e enviei-o a incontáveis veículos. Paralelamente, viajei a

São Paulo duas ou três vezes, com o intuito de conhecer melhor a cidade e providenciar minha mudança. Gustavo e Clarissa pareciam animados, o que contribuiu demais para o aumento de minhas esperanças de que tudo daria certo. Afinal, uma vida nova me esperava de braços abertos — apesar de eu ainda não ter um emprego.

Nesse meio-tempo, procurei não pensar em Bernardo. Mergulhei de cabeça no trabalho, aproveitando todas as oportunidades para aprimorar meu texto e as demais técnicas jornalísticas. Andei

bastante sozinha, encarando entrevistas com figurões e me manifestando espontaneamente em coletivas de imprensa cheias de colegas experientes.

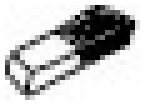
Eu apenas não me permitia parar. A partir do momento em que descansava minha cabeça no travesseiro, automaticamente meu cérebro me levava a Bernardo e a tudo o que vivemos juntos, fossem fatos bons ou não. De modo irônico, o destino tratou de substituir a imagem do *garoto* pela dele, o que era infinitamente pior, pois o menino do passado era como o personagem

de uma história marcante. Por outro lado, manter a lembrança de Bernardo, alguém que conheci, com quem convivi e até pude experimentar, doía muito mais.

Se fosse possível ignorar a existência dele, talvez isso facilitasse, para mim, esquecê-lo. Só que, toda semana, ao abrir o caderno internacional da *Folha*, lá estava o nome dele, assinando uma matéria sobre a crise econômica na Grécia, a revolta do Irã com a reeleição presidencial nos Estados Unidos ou o projeto de lei francês que permita

o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Ou seja, por mais que eu quisesse escapar, as palavras dele vinham até mim e me faziam sofrer pelo abandono pela enésima vez.

Uma coisa era certa: só se é canalha comigo uma vez na vida. Bernardo teve a cota dele. Sofrendo ou não, desejando-o de volta ou pouco me importando com a existência dele, eu nunca mais lhe daria uma nova chance. Nunca mais deixaria o coração governar meus passos. Eu agi assim duas vezes. E quebrei a cara em ambos os casos.



Fatos que ocorreram comigo nos meus últimos dias como moradora de Belo Horizonte:

Eu me despedi de todos os lugares que costumava frequentar — dos que mais gostava, claro: assisti a um filme cult no Cine Belas Artes; tomei um *cappuccino* cremoso no Kahlúa Café; passeei pelo Parque Municipal numa manhã de domingo e andei de pedalinho; entrei no Palácio das Artes e prestigiei a apresentação de uma companhia

amadora de dança; caminhei na Avenida Bandeirantes e tomei sorvete no Parque das Mangabeiras; tomei chope gelado no Parrilla do Mercado Distrital do Cruzeiro; andei pelos corredores abarrotados do Mercado Municipal e comprei uma cesta de vime para colocar roupa suja; na Praça da Liberdade, entrei em todos os museus e curti um pouco de história, uma de minhas maiores paixões — depois da família, do jornalismo, de Dom, das minhas amigas e de Ber... Deixa pra lá. Fui ao BH Shopping e passei horas na Fnac, depois experimentei

vários lançamentos na Animale e ainda comprei uma promoção de Big Mac e devorei até a última batata — não que eu fosse me mudar para o Afeganistão ou coisa parecida. Por fim, pedalei em torno da Lagoa da Pampulha e andei na roda-gigante do Parque Guanabara. Ah! E assisti a um jogo do Cruzeiro — só que não no Mineirão, por causa das obras para a Copa. A cada lugar a que fui, sempre estive acompanhada. Alice e Sofia fizeram questão de percorrer comigo a via sacra. Como eu sentiria falta delas!

Maurício Gusmão em pessoa me recebeu em sua luxuosa sala no prédio do jornal para tentar me fazer mudar de ideia quanto a deixar a *Folha de Minas* e partir para São Paulo. Sei que vai pensar: "Nossa, que garota que se acha". É mesmo estranho um editor-chefe se importar com uma estagiária. Mas acredito que a motivação dele tenha muito mais a ver com as vendas do jornal do que com minha pessoa de fato. A ideia de me unir a Bernardo — profissionalmente — gerou bons frutos, e é óbvio que aquele grande profissional não pretendia perder a

bocada. Contudo, foi inútil. Mesmo servida com um café de primeira numa xícara de porcelana fina e aparentemente cara, não fui convencida a voltar atrás. Então, só restou a ele se despedir e me desejar boa sorte — desconfio que isso ele fez com muita má vontade.

Então eu me formei, com direito a missa, colação de grau e baile. A comissão de formatura caprichou no evento, o que propiciou a nós, formandos, três dias de sonho. Minha família se deslocou em peso de São Pedro dos Ferros para Belo

Horizonte, e meu apartamento foi só um dos abrigos para tanta gente. Fiz uma leitura na missa, fui a oradora da turma na colação de grau e chorei nos dois momentos. Dancei durante o baile inteiro e, lá pelas tantas, lembro-me vagamente de ter subido na mesa e feito a coreografia de "Festa no Apê", com aquele ritmo que Deus me deu. Escutei meu pai me xingar, mas a ira dele definhou assim que meu trio de irmãos subiu para me acompanhar. Não sei como a mesa não desabou. Alice, Sofia e eu voltamos para casa de manhã, descalças, descabeladas e com a

maquiagem escorrida. De perto, parecíamos figurantes do *Thriller*, do Michael Jackson, e não elegantes garotas de classe média vestidas em seus longos exuberantes — e usáveis apenas uma vez na vida. Fui prestigiada por todos os amigos do jornal, incluindo Marcelo, que não só apareceu na celebração religiosa como aguentou firme a prolongada e cansativa cerimônia de colação. O melhor de tudo, aliás, um crédito enorme conquistado por ele: Marcelo em momento algum pronunciou a frase batida: “Eu avisei”.

Gisele e eu fizemos as pazes. Quero dizer, mais ou menos. Não posso afirmar que voltamos a ser amigas, daquelas que contam tudo uma para a outra e são inseparáveis. Na verdade, de forma alguma posso dizer que retomamos nosso relacionamento, mesmo que superficialmente. O que ocorreu foi um pedido de desculpas de ambos os lados e um aperto de mãos para selar a paz entre nós. Porém, como palavras proferidas não têm retorno, não dava para esquecer o que dissemos e seguir adiante como se nada tivesse acontecido. Ficaram

muitas mágoas pesadas, difíceis de ser digeridas. Portanto, como adultas que nos tornamos, assim que recebemos o diploma escolhemos deixar a picuinha de lado — eu porque não queria ir embora estando de mal com alguém; ela, a fim de se mostrar superior. Então, com um suspiro aliviado, eu finalmente conseguiria ir embora sem largar pendências para trás.

Sem notícias concretas de Bernardo — eu sabia apenas que ele havia adotado uma vida errante na Europa, indo aonde o jornal mandasse —, longe da *Folha de*

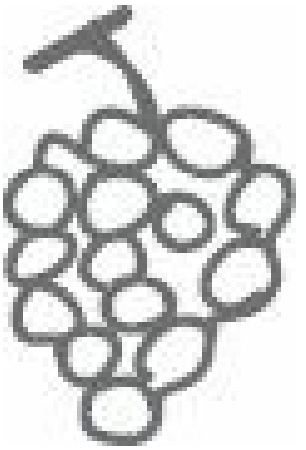
Minas em decorrência do término do contrato, tendo os assuntos encerrados com a faculdade — apresentação do projeto experimental feita e aprovada — e de malas prontas, concluí que minha hora havia chegado.

Uma entrevista de emprego, ajeitada pela Lu, dona de infinitos contatos, aguardava-me em São Paulo, mas só para depois do Natal — ou seja, ainda faltavam três semanas. Como eu não queria ficar à toa em BH, pensei seriamente em dar uma passeada em São Pedro dos Ferros e esticar por lá até o feriado.

Acontece que desisti dessa ideia da noite para o dia. Fazia um tempão que eu não ia à praia, e a casa da minha avó em Iriri estava lá, bonitinha e vazia. Eu não ligaria de passar uns dias sozinha, de barriga para cima, relaxando enquanto pudesse. Mesmo que quisesse companhia, ninguém poderia me acompanhar, já que todas as pessoas que eu gostaria de ter ao meu lado não conseguiriam escapar do trabalho.

Ainda bem que Dom existia. Com meu cachorro devidamente ajeitado

no banco de trás e bagagem para uma temporada no litoral, dirigi com a cara e a coragem rumo ao pequeno distrito capixaba onde passei momentos incríveis na infância.



Capítulo 28

Correção é aquilo que dá credibilidade ao trabalho jornalístico: nada mais danoso para a reputação de um veículo do que uma reportagem errada ou uma análise feita a partir de dados equivocados.

Dois dias depois de chegar a Iriri, antes de sair para fazer uma caminhada na praia, recebi uma correspondência sem remetente, surgida, do nada, no chão da garagem da casa de férias de minha

avó. Era um envelope simples, endereçado a mim. Muito estranho, pois pouquíssimas pessoas conheciam meu paradeiro. A não ser que eu tivesse deixado escapar algo em minha linha do tempo no Facebook. Eu precisava verificar isso mais tarde.

Em vez de voltar para dentro de casa, preferi conferir o conteúdo do envelope na varanda. Além da curiosidade, eu também sentia certo temor. Cartas anônimas sempre assustam, principalmente quando você está sozinha numa cidade que não é a sua e não há nenhum parente

ou amigo por perto para te socorrer, se necessário.

Com cuidado, e sob o olhar atento de Dom, rasguei uma das extremidades do envelope e retirei de lá uma folha de caderno. Estava toda preenchida por uma letra cursiva aparentemente masculina, mas caprichada, que não identifiquei. Poderia ser de qualquer um.

Tremendo, primeiro chequei se o texto havia sido assinado. Nada. Nenhuma assinatura que me levasse ao autor. Então, fui vencida pela

ânsia de conhecer o conteúdo.

Rafaela,

Anos atrás, conheci uma menina. Ou melhor, conheci, não. Para conhecer é preciso primeiro dizer "olá", depois "muito prazer", e "eu me chamo 'fulano de tal'". Então, não a conheci exatamente. Só a vi, várias vezes. E, apesar de tê-la achado bonitinha — assim, no diminutivo, pois não passava de uma criança —, foram seus olhos que mais me chamaram atenção. Não porque tivessem um tom raro. Fiquei encantado pelos seus olhos porque eles brilhavam.

Imediatamente pensei: "Por que os olhos dessa garota estão molhados?". Então, com o passar dos dias, percebi que eles não estavam molhados. Eles eram. Sempre.

Nunca tive a oportunidade de falar com a Menina dos Olhos Molhados. Ela vivia acompanhada, às vezes, por alguns garotos um pouco mais velhos que ela; outras, por uma senhora simpática. Mesmo quando a via pendurada na janela, sozinha, sentia que seus pensamentos estavam perdidos. E eu, por ser novo e bobo, jamais tive coragem de abordá-la, perguntar seu nome, fazer

amizade.

Passei parte das férias me dando motivos para falar com ela. A outra metade gastei me repreendendo por ser covarde. Coisa de garotos, sempre intimidados diante de uma menina bonita.

A última vez que a vi foi o pior dia da minha vida até então. Minha tia, com quem viajei naquele verão, acordou-me com uma carta na mão. Eu não sabia o que estava escrito nela, mas previ que não deveria ser coisa boa, pois o olhar da tia Cris dizia tudo. Era da minha mãe, que havia

ficado em nossa casa porque não conseguiu folga no trabalho. As palavras dela foram o primeiro choque de realidade com o qual fui obrigado a conviver. Depois vieram outros, claro. Quanto mais velhos ficamos, maiores e mais constantes se tornam as decepções.

Por meio da da carta, eu soube que meus pais tinham resolvido se separar. Na verdade, fiquei sabendo que meu pai decidiu se separar e até já havia arranjado um lugar novo para morar, deixando todos nós para trás.

Apesar dos meus quatorze anos, nunca percebi que eles viviam mal. Sempre imaginei que cresceria com meus dois pais dentro de casa, brigando às vezes, mas juntos. Não consegui chorar naquele dia. Tampouco quis conversar com minha tia e permitir ser consolado. Enfiei a carta na mochila e parti para a Praia dos Namorados, a mais isolada de Iriri.

Passei horas sentado na areia, olhando para o mar e digerindo a notícia que abalou meu mundo. Nem notei quando uma chuvinha fina começou a cair. A raiva tem o poder de nos

cegar, o que é bom, eu acho.

Então foi assim, cego de tudo, que de repente me levantei e mergulhei nas ondas. Lembro-me de estar com a carta na mão e também de soltá-la, permitindo que as águas acabassem com ela. Como se, assim, acabassem também com minha dor.

Não que tenha funcionado totalmente. Saí do mar com frio, cansado, triste. Até que vi a menina. E nossos olhos se cruzaram por um instante, pela primeira e última vez.

Fiquei anos sem me recordar dessas férias. A separação dos

meus pais deixou de ser importante. Minha mãe se casou de novo, com um cara legal. Toquei minha vida sem neuras ou traumas. Confesso que também me esqueci da menina. As mulheres acusam os homens de ter memória curta, e elas estão certas, pelo menos no que se refere a mim.

Só recentemente comecei a ter lampejos da imagem de seus olhos molhados. Eles apareciam para mim em sonhos, às vezes enquanto eu trabalhava, até quando eu assistia ao futebol nas quartas-feiras. Engraçado isso, afinal passou tanto tempo.

Porém, a maior surpresa ainda estava por vir. Porque uma coisa é a memória se manifestar do nada. Outra completamente diferente é se deparar com o objeto do seu passado em carne e osso e constatar que ele não só é real como pode estar empenhado em interferir na sua trajetória. Isso mesmo, Rafa, o destino colocou a Menina dos Olhos Molhados no meu caminho, e eu custei a constatar que era ela bem na minha frente.

Pensei que estivesse louco, assim como você deve estar se sentindo agora, enquanto lê essas palavras nada sem

sentido, tenho certeza.

Por isso, preciso ver você, falar com você. Caso esteja se questionando como isso seria possível, bem, estarei lá, na Praia dos Namorados, sentado naquele mesmo lugar, esperando por você.

Espero que apareça, minha Menina dos Olhos Molhados.

A carta terminou assim. Dizer que fiquei apavorada era até eufemismo. Eu estava histérica. *O garoto* apareceu, justo depois que resolvi esquecê-lo. E mais: a gente se conhecia. Ou pelo menos *ele* me

conhecia. Tantas pessoas passaram por minha cabeça e ninguém ao mesmo tempo, porque a história da separação não me pareceu familiar, assim como aquela letra na folha de caderno. Não consegui ligar a caligrafia a ninguém.

Encarei Dom e desejei que ele pudesse me dar um conselho, já que eu não sabia como agir. Claro que eu queria muito ir até a praia e desvendar o mistério de uma década, mas o receio de cair numa cilada de novo mantinha-me com os pés fincados no chão. Afinal, ser uma vez enganada já é suficiente. Eu

não podia deixar outro Biju me passar a perna.

Eu quis ligar para as meninas. Elas bem que poderiam me dar uma luz. E se Alice e Sofia me obrigassem a jogar as malas no carro e correr dali sem olhar para trás? Acho que eu me arrependeria pelo resto da vida por ter sido covarde.

Andando de um lado para o outro, lendo e relendo a carta com o objetivo de localizar uma pista, eu analisava os prós e contras de ir ao encontro do *garoto*. Pedi um sinal

aos céus e prometi a mim mesma que só sairia dali se Deus me iluminasse. Depois, percebi o absurdo da condição que me impus e retirei o que disse.

Até um trovão ressoar, fazendo com que as paredes da casa tremessem. Julguei que fui agraciada com o tal sinal solicitado. Então, sem pensar nem mais um minuto, corri até o quarto, calcei um tênis, coloquei uma coleira em Dom e saímos. Preciso mencionar que meu coração parecia querer saltar do peito?



À medida que eu me aproximava da Praia dos Namorados, minhas pernas começaram a travar. Precisei me apoiar num muro e respirar profundamente antes de prosseguir.

Um raio cortou o céu, anunciando a chegada da chuva, que não demoraria a cair. Dom se encolheu, deixando claro que não estava nada satisfeito de sair de casa com aquele tempo carregado. Se desistisse de encontrar *o garoto*, eu evitaria ficar com as roupas encharcadas e ainda alegraria o pobre coitado do meu

cachorro.

Acontece que minha curiosidade sempre falou mais alto. A bem da verdade, naquele instante ela gritava para me impedir de desistir. Portanto, fui obrigada a tolerar o mau humor de Dom, porque não dei meia-volta. Pelo contrário. Mantive a marcha na direção da resolução do enigma.

Quem já foi a Iriri sabe que a Praia dos Namorados é curta. É possível enxergar toda a sua extensão a partir do início. Sabendo que me depararia com *o garoto* no

segundo em que transpusesse o limite entre a rua e a areia, caminhei devagar, preparando-me para o momento.

Alguns passos adiante, várias batidas de coração depois e as primeiras gotas de chuva me atingindo por todos os lados, pude vê-lo finalmente. Ele estava sentado, olhando para o mar, como da outra vez. Ainda não tinha notado minha presença.

Ao constatar quem era *o garoto*, eu quis fugir antes que ele me visse.

Tantos meses e nenhum sinal.

Virei as costas para partir. Nem se tivesse sido avisada antes eu me sentiria preparada para ver Bernardo novamente, principalmente porque era ele o menino que povoou meus sonhos por tanto tempo.

Com os olhos ardendo de vontade de chorar e o rosto molhado não sei bem se pelas lágrimas ou pela chuva, tentei correr sem ser vista. Mas Dom empacou na areia e não saía nem com muitos puxões.

— Vamos! — implorei, com desespero.

E foi durante o embate com meu

cachorro que acabei revelando minha presença. Pior que Dom, ao notar Bernardo a poucos metros de distância, soltou-se de mim e partiu ao encontro dele, como se fossem velhos amigos.

Sem desviar o olhar de meus olhos, *o garoto*, agora com nome e CPF, afagou as orelhas de Dom. Embora ficasse difícil enxergar direito debaixo de tanta água — lágrima + chuva —, acredito ter percebido um leve rubor no rosto dele. Desejei ter fugido enquanto podia, porque estar diante de Bernardo, mesmo após

circunstâncias que me fizeram jurar nunca mais querer vê-lo, levava-me a quebrar muitas promessas.

Mas eu vou ser forte.

Não fugi, mas tampouco encurtei nossa distância. Isso quem fez foi ele. Observando-o caminhar, absorvi alguns detalhes da aparência dele, como os cabelos um pouco mais compridos e desgrenhados, a barba por fazer há dias, a camisa ligeiramente solta no peito e a ausência de seus inseparáveis anéis prateados. Era certo que eu o odiava. Mas ele continuava lindo,

uma falta de educação com os desprovidos de beleza.

Bernardo parou a dois passos de mim, e Dom estacionou ao lado dele. Cachorro traidor.

— Oi — ele disse, tímido.

Não respondi. Motivos eu tinha de sobra para optar por ficar calada, concorda?

— Rafa, desculpe. — Ele mexeu no cabelo, desconcertado. — Sou um idiota.

— Por que você voltou para me atormentar? Acha que, depois de

tudo, um pedido de desculpas é suficiente para apagar sua atitude ridícula? — Não sei como pronunciei tantas palavras sem gaguejar. — Você acredita que me contar que é o Garoto da Mochila Xadrez vai mudar alguma coisa entre nós? Pois saiba que não me comoveu, Bernardo. Se o por garoto fosse qualquer outra pessoa, eu estaria feliz em finalmente poder conhecê-lo.

Ele franziu a testa, a mesma expressão que fazia quando se chateava comigo no jornal, antes de nos envolvermos.

— Se não te comovi, por que você está chorando?

— Não estou! — Passei as mãos com força no rosto para secar as lágrimas.

— Rafa, por favor, só me deixe explicar. Não vire as costas para mim sem ouvir o que tenho a dizer. — Bernardo usou um tom menos incisivo.

— Não me lembro de você ter me dado a oportunidade de me justificar — rebati. — Por que eu deveria fazer o mesmo?

— Porque você é mais generosa do que eu — ele assumiu, suplicante.

Essa declaração me desarmou um pouco, mas, não o suficiente para me impedir de dar meia-volta e ameaçar uma retirada digna. Preparado, Bernardo se adiantou a mim e segurou meu braço. Parecíamos dois malucos debaixo daquela chuva, encharcados, mas muito mais preocupados com nossos problemas do que com roupas e cabelos molhados.

— Não faz assim, Rafa. Só quero

que me escute. Depois, se ainda assim for impossível me perdoar, não vou te segurar, prometo.

— Está chovendo — murmurei. — Estou com frio. Não vou ficar parada debaixo desse aguaceiro. Não pretendo pegar uma gripe.

— Vamos para outro lugar, então? — sugeriu ele, todo esperançoso.

— Bernardo, numa boa, você não imagina como estou me sentindo. Primeiro eu recebo sua carta, o que já foi um choque de mil megawatts. Depois vem você querendo se justificar. Acho que não consigo

digerir tudo isso de uma vez. Portanto, não me peça para ouvi-lo agora. Nem aqui nem em qualquer outro lugar.

Mesmo apaixonada — ainda, não posso negar —, eu não me envergaria. Não que eu fosse birrenta e gostasse de joguinhos de sedução. De forma alguma. Que fique aqui registrado que o único motivo para minha fuga era não ser capaz de suportar uma sessão de justificativas pelos erros passados; não naquela hora.

— Pelo menos você vai me dar

uma chance? Mais tarde, quem sabe? — insistiu ele, sem me soltar.

— Sim, preciso entender o que houve, pelo menos para seguir em frente sem pensar nessa história. Se quiser conversar, apareça no final da tarde na casa da minha avó. Pode ser?

— Claro. — Um primeiro sorriso se insinuou nos lábios de Bernardo. Desviei o olhar para não me permitir ser afetada por ele.

— Venha, Dom.

Não fiz uma saída triunfal. Com

as emoções em conflito, era difícil agir com superioridade. Apenas me virei e fui embora, ciente de que não havia dado grandes esperanças a Bernardo além da oportunidade de deixá-lo se explicar. Ele tinha razão. Eu era mesmo mais generosa.



A casa da minha avó em Iriri é uma dessas construções antigas e pitorescas, construída num único plano, sem escadas nem degraus. O que mais me agrada nela é a varanda que contorna sua fachada, a alguns metros da calçada. É tudo bem

rústico e adequado para o ambiente calmo do distrito — exceto no Carnaval, época em que o bicho pega de verdade.

Decidi receber Bernardo lá. Assim eu não precisaria abrir as portas para ele literalmente, o que poderia muito bem ser interpretado no sentido figurado, como se eu estivesse abrindo outras entradas e dando-lhe livre acesso.

Mesmo após refletir muito e ter tempo para me acalmar do susto de reencontrá-lo, eu continuava firme na decisão de jamais ceder a ele

novamente. A fim de não ser chamada de cabeça-dura, eu estava disposta a ouvi-lo. E só. Não lhe ofereceria um cafezinho, nem ao menos um copo d'água. Depois das explicações, era tchau e bênção e cada um seguindo seu caminho: Bernardo rumo à Europa; eu, direto para São Paulo.

Para não dar a entender que pretendia agradar, vesti uma roupa de ficar em casa, ou seja, toda desconjuntada — calça velha de moletom e camisa solta de malha. Fiz um rabo de cavalo e calcei minhas havaianas sem o menor

remorso.

Mesmo com o instinto de jornalista me impelindo a ficar de butuca atrás da porta, obriguei-me a prestar atenção na televisão até que a campainha soasse. Mas, cá pra nós, nem sei qual programa passava, tamanha a minha ansiedade.

Bernardo não demorou a aparecer. Eram quase seis horas quando ele gritou meu nome em vez de usar o interfone. Suguei o ar profundamente, com o propósito de controlar a tensão que emanava pelos poros do meu corpo. Que

situação mais chata! Eu daria um dente para não precisar passar por nada daquilo.

Destravei o portão e permiti que ele se sentasse num dos bancos de madeira da varanda. Procurei outro para mim, bem longe dele.

— Agora que estou aqui, nem sei como começar — confessou ele, exalando perfume de colônia masculina pós-banho. Ao contrário de mim, Bernardo se preocupou com a aparência; estava vestido como se tivesse uma festa para ir mais tarde. Quero dizer, não um evento social,

mas uma festa descolada, numa boate da moda, por exemplo.

— Como já passou um bom tempo, não faço questão de preencher as lacunas deixadas por seu sumiço. — Fui sincera. — Mas, já que você está aqui, por que não começa contando o que passou na sua cabeça quando me largou feito uma idiota, toda arrumada, na noite em que íamos jantar fora? Porque, Bernardo, apesar de eu ter me culpado por ter sido descuidada com o diário que escrevia sobre *o garoto*... — Fiz o sinal universal das aspas no ar. — ... de cabeça fria,

ficou muito claro para mim que não fiz nada de errado. Nunca fui desonesta com você, a ponto de merecer ser magoada daquela forma.

Acuado por minhas duras palavras, Bernardo mais parecia um menininho. Nem de longe lembrava o sujeito cheio de si com quem convivi durante tantas semanas.

— Eu sei disso.

— Bem que o Marcelo tentou me avisar. Se tivesse sido esperta, eu jamais teria caído na sua lábia.

A pose de menino não durou

muito. Ao escutar o nome de Marcelo, Bernardo reassumiu sua postura felina e por pouco não avançou para cima de mim.

— O Marcelo não sabe de nada! — rosnou ele. Sua ira chegava a ser palpável. — O tempo todo ele quis você, por isso ficou fazendo intriga. E não usei lábia nenhuma para te convencer a ficar comigo. Pelo amor de Deus, Rafa, será que você não escutou nada do que eu disse?

— Escutei, sim. E foi por ouvir demais que eu me ferrei. — Parei para tomar fôlego. — Bernardo,

você não se importou em me comunicar que estava de partida para a Europa. Tem noção de como foi saber disso pela boca dos outros? Aguentei olhares de pena do pessoal do jornal por sua culpa. Portanto, não queira minimizar a minha raiva.

Ele se levantou e pôs-se a caminhar de um lado para o outro.

— Não li seu diário por maldade. Quando passei os olhos no primeiro texto, senti uma familiaridade com a história. Continuei por curiosidade. Então as peças foram se encaixando,

até que tive certeza de que o seu garoto era eu. E foi horrível, Rafa. Acho que, naquela hora, eu soube como o Clark Kent se sente em relação ao Superman. Por mais que sejam a mesma pessoa, a Lois Lane não sabe disso. Você também não sabia. Eu não quis ser o estepe de um sonho seu. Eu só conseguia pensar que nunca seria capaz de substituir a imagem que você criou. Preferi me retirar.

Ri, sem necessariamente achar graça.

— Foi um erro. Não demorou nem

uma semana para eu me arrepender. — Novamente sentado, Bernardo tocou a base do dedo médio, mexendo num anel imaginário, provavelmente acostumado com o gesto. — Eu quis voltar atrás, mas achei que você não me ouviria por telefone. E tanto a Lu quanto o Fernando me convenceram a dar um tempo.

— Foi um tempo longo demais — sussurrei.

— Foi, sim. Agora eu estou aqui, morrendo de medo de que seja tarde.

Suspirei. Por alguns minutos,

ninguém disse mais nada. Para mim, tudo era ainda muito duvidoso.

— Eu não estou mais na *Folha de Minas*.

— Eu sei.

— Vou embora para São Paulo.

— Sim.

— Você está na Europa.

— Londres. No momento estou morando em Londres.

— Então, não há muito o que fazer — concluí, mais deprimida do que nunca com a triste constatação de

que Bernardo e eu jamais teríamos um futuro juntos. — Aceito suas desculpas, até entendo seus motivos, embora não concorde muito com sua forma de sofrer.

Estendi minha mão direita, num ato de paz.

Bernardo franziu a testa e ficou olhando, mas não retribuiu o gesto.

— Não entendi. Você está me perdoando e se despedindo?

— Ué. Vamos em direções opostas. É educado dizer adeus.

— Nossa, Rafaela, tantas

pancadas deixaram seus miolos moles. — A velha impaciência estava de volta. — Estou desculpado?

— Sim.

— Você não me odeia mais?

— Claro que odeio. Você partiu meu coração! — gritei, mal contendo as lágrimas que teimavam em descer. — Eu odeio você, Bernardo, com todas as minhas forças. Odeio por você ter partido e odeio porque vai partir de novo.

Fiquei de pé e me afastei o

máximo que consegui, apoiando-me na mureta, enquanto constatava que havia revelado demais meus sentimentos, outra vez.

Senti o corpo de Bernardo colado ao meu antes de vê-lo se aproximar. Ele chegou por trás, de mansinho, e me prendeu entre si e a mureta de madeira. As mãos dele se fecharam na minha cintura, e sua boca baixou ao nível de um dos meus ouvidos. Fiquei paradinha, com medo de me mover e revelar minha empolgação.

— Eu não vou partir outra vez — murmurou ele, soprando um ar

quente e sedutor na pele abaixo da minha orelha. Todos os pelos do meu corpo se arrepiaram.

— Vai, sim. — Teimei, referindo-me ao fato de que, mais cedo ou mais tarde, Bernardo colocaria o Oceano Atlântico entre nós.

— Vou nada. — Ele afastou o cabelo do meu pescoço e massageou-o com as pontas dos dedos. — Prometo deixar seu coração inteiro daqui para a frente.

Com as pernas bambas, não sei como consegui continuar retrucando:

— Mas vai partir daqui, voltar para a Inglaterra. Não temos futuro.

Abafei um grito de excitação quando ele me puxou de encontro ao seu corpo e afundou os lábios no meu cabelo.

— Eu não vou voltar.

— Mas você não pode...

— Não posso o caramba! — explodiu ele, virando-me de frente para me beijar tão desesperadamente quanto antes, na antiga sala de fotografia do jornal. Mesmo que a razão me dissesse para

ser cautelosa, correspondi com o mesmo ímpeto.

Meu corpo estremeceu assim que as mãos de Bernardo desceram do rosto para minhas costas, e só naquele momento me dei conta de que vestia uma roupa horrorosa, nada atraente, e que, mesmo assim, Bernardo demonstrava me querer mais do que qualquer outra coisa no mundo. E eu correspondia como se jamais tivesse sido magoada.

— Bernardo... — ofeguei, relutando em interromper o beijo. — Não podemos...

— Rafa, eu quero você, sou louco por você, acho até que te amo — ele declarou, sem hesitação. — Isso não é suficiente para ficarmos juntos? Finalmente juntos? Depois de tudo...

— Como? — perguntei, precisando desvendar aquela complicada equação e ainda enfeitiçada com o "Acho até que te amo". — Agora que eu vou me mudar e você é um correspondente internacional?

Os olhos azuis daquele homem lindo brilharam de expectativa. Antes de responder, Bernardo

segurou meu rosto e fez carinho nele com os polegares, apoiados suavemente em minhas bochechas.

— Temos três opções. Você não precisa se mudar, mas, se quiser fazer isso, posso ir também. E, caso você prefira ter uma experiência diferente, vou adorar levá-la comigo para Londres.

— Você não está falando sério! O que eu decidir está bom?

— Você tem crédito — brincou ele.

Sorrindo de orelha a orelha,

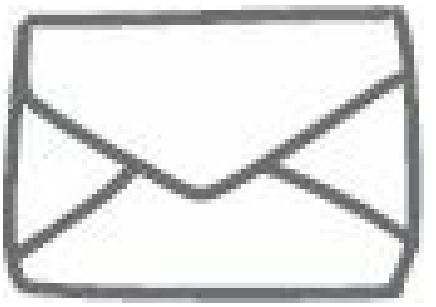
joguei meus braços em torno do pescoço de Bernardo e tracei as feições dele com a ponta do nariz, esquecendo todas as promessas que fiz de jamais me deixar levar por ele novamente.

— Que bom! Porque, no momento, a única coisa que eu quero decidir é... — cochichei no ouvido dele, ousada, com o rosto da cor do esmalte Tomate, da Impala (só quem já usou sabe do que estou falando).

Rindo como um bobo, Bernardo me fez contornar o quadril dele com as pernas — nossa posição favorita

até então — e me levou para dentro de casa.

Saímos trombando pelos batentes e quinas, tropeçando nos móveis, quase pisando em cima de Dom, coitadinho. E ríamos feito crianças. A coisa toda só ficou séria quando alcançamos meu quarto. Daí em diante, as gargalhadas deram espaço para suspiros. Vários. A noite inteira.



Epílogo

Não me lembro de ter sido tão feliz antes. Não como estou agora. Fiz minhas escolhas e não me arrependo de nada. Claro que nem todas agradaram as pessoas que me importam, como meus pais, por exemplo. Mas, como fiz questão de frisar, sou adulta e consigo me guiar com meus próprios passos.

O encontro com Bernardo em Iriri significou, ao mesmo tempo, um retorno ao passado e um recomeço. Voltei ao ponto de partida para

prosseguir de modo completamente diferente, sem fantasias ou expectativas inalcançáveis. Não que eu tenha parado de sonhar. Só mudei o jeito, procurando estabelecer limites possíveis.

Passamos alguns dias perfeitos no Espírito Santo, sem nenhuma preocupação. Tiramos um tempo para nós, pois tínhamos consciência de que o mundo que nos esperava lá fora cobraria algumas explicações.

Bernardo falou mais abertamente sobre a separação dos pais e revelou que perdeu o contato com o

pai biológico quando este se casou de novo. Mas a questão estava superada, principalmente graças à força da mãe e ao apoio do padrasto, sempre muito presente na vida dele e na das irmãs.

Conversamos sobre tudo, inclusive a respeito de minhas barreiras em relação ao sexo, por conta de minha inexperiência no assunto. Com paciência e carinho, Bernardo me ajudou a superar os medos, o que contribuiu muito para a vida que levamos hoje.

Pois é. Estamos juntos. Para ser

precisa, hoje completamos seis meses de namoro, contados a partir da reconciliação. Bernardo conheceu minha família e eu, a dele. Prefiro acreditar que causamos uma simpatia mútua, embora meu pai ainda insista em fechar a cara todas as vezes que nos encontra. O oposto da atitude de minha sogra, que me trata com muita consideração.

E o melhor de tudo: não existe monotonia em nossa relação. Se não estamos trabalhando, sempre encontramos uma forma de preencher nosso tempo, seja fazendo nada juntos, seja curtindo algum

programa de casal ou entre amigos. Como hoje.

— Anda logo, Rafa. Vamos nos atrasar.

— Ei, você sabe que não consigo me arrumar com pressa. Só mais um minuto.

— Um minuto, né? Até parece.

Já experimentei quase todas as roupas do armário e não consigo me decidir quanto ao que usar. É uma data especial, e não posso aparecer de qualquer jeito.

— Ai! Não sei o que vou vestir

— choramingo, com o rosto enfiado no armário.

Bernardo, que já me esperava na sala, volta ao quarto e me analisa de cima a baixo.

— Para mim você está ótima.

— Bobo. — Jogo um sapato nele. Porque ele está brincando. Não estou vestida, exceto pelo conjunto de lingerie branco.

Então meu namorado me empurra para o lado e assume meu lugar na frente do armário. Passa a mão pelas roupas penduradas nos cabides e

retira um vestido.

— Por que não usa este? — sugere.

Por incrível que pareça, é o mesmo que comprei para aquele jantar que jamais aconteceu. Nunca consegui vesti-lo outra vez.

— Tem certeza? — titubeio.

— Total. — E ele se senta sobre a cama para me observar.

Coloco o vestido e o ajeito no corpo antes de lançar um olhar inquisidor a Bernardo, o meu *garoto*.

— Está linda — elogia ele, puxando-me para seu colo e beijando meu pescoço. — Por mim, ficaríamos aqui e curtiríamos uma noite íntima. Por que não desistimos da festa?

Dou um tapa na mão dele, que começava um trajeto perigoso por minhas pernas.

— Porque é aniversário da minha amiga querida, e ela finalmente vai apresentar o novo namorado para todo mundo.

— Como se você não soubesse quem é.

Claro que eu sei. Minha doce e querida amiga Alice está de namoro sério com o gatíssimo doutor Daniel. No final das contas, ela tomou coragem.

— Então vamos. — Fico de pé. — Hoje estou a fim de me acabar.

— Mas guarde um pouquinho de energia para quando a gente voltar. — Bernardo aperta meu bumbum e pisca para mim. Quase desisto mesmo de sair.

Apesar da intimidade, não moramos juntos. Decidimos permanecer em Belo Horizonte e

voltamos ao nosso posto no jornal. Ainda bem que Maurício Gusmão permitiu meu retorno.

Continuo com meus irmãos em nosso apartamento, e Bernardo vive sozinho com Cid, o cachorro dele. Entretanto, costumamos passar os fins de semana sob o mesmo teto, em minha casa — quando meus irmãos não estão — ou na dele.

No carro, coloco o cinto de segurança e ligo o aparelho de som. Meu ídolo, Paula Fernandes, apodera-se do ambiente com sua voz macia. Sorrio.

Eu já sonhei com a vida

Agora vivo um sonho

Mas viver ou sonhar com você

Tanto faz

— Ninguém merece — Bernardo reclama.

Faço beicinho.

— Não implica. Você sabe que eu amo a Paula.

— E eu amo você, minha lindinha.



Agradecimentos

A meu marido, Rogério Rocha, por estar a meu lado há tantos anos e por ser meu apoio inquestionável, além de pai de meus filhos, Hugo e João. Um obrigada especial por serem meus maiores companheiros de jornada, extremamente pacientes com minhas ausências mentais.

A meus pais, irmã e demais familiares, que não apenas vibram com cada pequena vitória que conquisto como me incentivam a ir cada vez mais adiante.

A minha grande amiga Glauciane Faria, por se manter firme a meu lado ao longo desta árdua jornada literária que resolvi trilhar, boa parte por incentivo dela.

À equipe Novo Conceito, amigos, alunos queridos, leitores, blogueiros e escolas, que participaram de minha estreia como escritora e me fizeram acreditar que poderia continuar.

Faço um agradecimento especial às primeiras leitoras desta história: Ana Luísa Campos Rocha, Izabela Carvalho e Luma Coimbra.

Obrigada, Deus!

Marina Carvalho

Notas

[1]. Todos os trechos de abertura dos parágrafos 1 a 24 foram extraídos do Manual de Redação da *Folha de S.Paulo*.

[2]. Expressão que significa sair, ir embora.

[3]. Policiais.

[4]. Mata.

[5]. Jece Valadão foi um ator que construiu uma

imagem de homem rude e machão. Associou-se voluntariamente à palavra "cafajeste" no plano pessoal.

[6]. Rainha da beleza de apenas 18 anos/Não se aceitava muito bem.

[7]. Eu viajei muitos quilômetros/E vim parar na sua porta/Eu tive você tantas vezes/Mas, por algum motivo, eu quero mais.

[8]. Procure a garota do sorriso partido/E pergunte

se ela quer ficar um pouco/E ela será amada.

[9]. Relativo a São Pedro dos Ferros/MG.

[10]. Música "Sinal fechado", de Chico Buarque, extraída do site www.vagalume.com.br/chico-buarque/sinal-fechado.

[11]. E agora eu lhe digo abertamente / Você tem o meu coração, para não me machucar [então, não me machuque] / Você é o que eu não poderia encontrar

(fonte: http://www.kboing.com.br/the-cranberries/1-44648/).

[12]. Todos os trechos de abertura dos parágrafos 25 a 28 foram extraídos do *Manual de Redação* do jornal *O Globo*.